



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Márcia Cristina do Carmo

As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista

São José do Rio Preto
2013

Márcia Cristina do Carmo

As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto
2013

Carmo, Márcia Cristina do.

As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista /
Márcia Cristina do Carmo. -- São José do Rio Preto, 2013
249 f. : il.

Orientador: Luciani Ester Tenani

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Vogais. 4. Fonética. 5. Língua
portuguesa – Variação. 6. Língua portuguesa – Fonologia. 7. Língua
portuguesa - Português falado - São Paulo (Estado) I. Tenani, Luciani
Ester. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 41:301

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Campus de São José do Rio Preto

Márcia Cristina do Carmo

As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer
UCPel – Universidade Católica de Pelotas

Prof^a. Dr^a. Flaviane Romani Fernandes-Svartman
USP – Universidade de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari
UNESP – Araraquara

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães
UFU – Universidade Federal de Uberlândia

São José do Rio Preto
5 de agosto de 2013

*Aos meus pais e irmãos,
dedico este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me abençoar e iluminar meus passos;

Aos meus pais, Dorcilio e Alice, pela dedicação incondicional;

Aos meus irmãos e exemplos, Evandro e Cássio, pelo companheirismo;

Aos demais familiares, em especial àqueles que não puderam presenciar a conclusão deste trabalho e de quem não pude me despedir devido a compromissos acadêmicos: avó Brazalina, tia Amélia, tio João e Natalina (*in memoriam*);

Ao Grigoris, pelo companheirismo, paciência e apoio;

À minha eterna orientadora, Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani (IBILCE/UNESP), por nortear meus estudos com dedicação e profissionalismo desde meus anos de graduação;

Aos demais professores dos Departamentos de Estudos Linguísticos e Literários, de Letras Modernas e de Educação do IBILCE/UNESP, por contribuírem com minha formação;

Aos funcionários do IBILCE/UNESP, por auxiliarem, de diferentes modos, os meus estudos nesses dez anos como discente do instituto;

Aos colegas discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do IBILCE/UNESP, pelo apoio e companhia durante a realização deste trabalho;

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Processo 2009/09133-8), pela bolsa concedida, que possibilitou minha dedicação exclusiva ao Doutorado junto ao PPGEL;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Processo 2563-11-8), pela bolsa de Estágio no Exterior (PDDE), que permitiu a ampliação dos meus conhecimentos sobre Fonologia;

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (IBILCE/UNESP), que contribuiu com meu crescimento acadêmico desde o início do Projeto ALIP, pelas sugestões oferecidas durante a Qualificação desta pesquisa;

À Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (UCPel), por sua colaboração generosa antes mesmo do início da condução deste trabalho e por sua participação nos exames de Qualificação e Defesa;

Aos Professores Doutores Flaviane Romani Fernandes Svartman (USP), Gladis Massini-Cagliari (FLAr/UNESP) e José Sueli de Magalhães (UFU), por gentilmente contribuírem com este trabalho no âmbito da Defesa desta tese;

Ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho (IBILCE/UNESP), pelas sugestões fornecidas em disciplinas e por aceitar o convite para ser membro suplente da Banca de Defesa desta tese;

Ao Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (PUC/MG), também membro suplente da Banca avaliadora deste trabalho, por me receber como aluna especial na PUC/MG em 2009, pelos ensinamentos regados de bom humor e pelas contribuições no III SELIN;

Aos Professores Doutores Seung-Hwa Lee (UFMG) e Thaís Cristófaró Silva (UFMG), pelos ensinamentos valiosos no semestre em que frequentei a FALE/UFMG, em 2009;

Ao Prof. Dr. John McCarthy (University of Massachusetts), por ser sempre solícito ao se deparar com minhas dúvidas via *email*;

Ao Prof. Dr. S. J. Hannahs (Newcastle University), por me orientar durante o Estágio no Exterior, pelas discussões acerca desta pesquisa e por suas lições sobre Fonologia e Teoria da Otimalidade;

À comunidade brasileira em Newcastle, em especial à Andréa Laurentino e à Glau Zambonini, por me fazerem sentir em casa no nordeste inglês;

A Christina Pernientaki, Ibrahim Haruna, Jaehyeok Choi, Katerina Kharchenko, Mufleh Salem, Mushfig Ismayilov, Nicho Lee, Odett Popovici, Samir Taghiyev e Tamader Hwaidi, pela amizade que permanece, apesar da distância;

A Adelaide Camilo, Adriana Ramos, Adriano Mello, Aline Brocco, Ana Luisa Terzian, Anielle Gonçalves, Anita Rodrigues, Evilázia Martins, Fernando Morais, Jesuelem Ferreira, Lilian Viudes, Lorena Baito, Marília Valsechi, Rafaela Sanches e Roberta Vieira, pela amizade e compreensão nos meus momentos de ausência;

Aos informantes do Projeto ALIP, por compartilharem suas histórias e fornecerem amostras de fala essenciais para a realização desta pesquisa;

E a todos que estiveram presentes em minha vida nos últimos anos e que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho,

meus sinceros agradecimentos.

“O importante é nunca parar de questionar.”

Albert Einstein

RESUMO

Esta pesquisa analisa o comportamento fonológico das vogais médias pretônicas na variedade do interior do Estado de São Paulo, mais especificamente no dialeto falado no noroeste paulista. Nessa variedade, identifica-se o fenômeno variável denominado *alçamento vocálico*, em que as vogais médias-altas /e/ e /o/ são pronunciadas como, respectivamente, as altas [i] e [u], como em *p[i]queno* e *c[u]sturando*. Dois processos podem acarretar a aplicação do alçamento: (i) *harmonização vocálica*, em que se verifica a influência de uma vogal alta na sílaba subsequente à da pretônica-alvo, como em *an[i]mia* e *gas[u]lina*; e (ii) *redução vocálica*, geralmente relacionada ao ponto de articulação de consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo, como em *s[i]nhora* e *c[u]meçamos*. O corpus deste estudo é constituído por amostras de fala espontânea de trinta e oito inqueritos do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6). Para a análise dos dados, segue-se a *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (LABOV, 1991 [1972]), com a utilização do pacote estatístico Goldvarb X. Como resultado geral, destaca-se a atuação da *harmonização vocálica* para a aplicação do alçamento vocálico, indicada pela seleção da *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* como a variável mais relevante para o alçamento de /e/ e /o/, independentemente da classe gramatical. Em razão da ausência do *abaixamento vocálico* em contexto de vogal média pretônica, a variedade do interior paulista pode ser agrupada com os dialetos falados no Sul do Brasil. A partir das ocorrências levantadas, também são testadas duas abordagens não-clássicas da *Teoria da Otimidade* (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993): *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006). De modo geral, evidencia-se que ambas as propostas não elucidam de forma completamente satisfatória a variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista.

Palavras-chave: Variação linguística. Sociolinguística. Fonologia. Vogais médias pretônicas. Alçamento vocálico.

ABSTRACT

This work analyses the phonological behaviour of the pretonic mid-vowels in a dialect of Brazilian Portuguese in the northwest of São Paulo state. In this variety, the variable phenomenon named vowel raising can be found. Through this phenomenon, the pretonic mid-vowels /e/ and /o/ are pronounced, respectively, as the high vowels [i] and [u], e.g. “p[i]queno” (“small”/“little”) and “c[u]sturando” (“sewing”). Two processes can result in the application of vowel raising: (i) vowel harmony, through which there is an influence of a high vowel in the subsequent syllable, e.g. “an[i]mia” (“anemia”) and “gas[u]lina” (“gasoline”); and (ii) vowel reduction, generally related to the influence of the place of articulation of the adjacent consonant(s), e.g. “s[i]nhora” (“lady”) and “c[u]meçamos” (“we start/started”). The corpus of this study consists of spontaneous speech samples of thirty-eight interviews taken from the IBORUNA database, a result of the ALIP Project (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6). This work follows the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 1991 [1972]) and utilises the statistical package Goldvarb X for the analysis of the data. The general results highlight the relevance of vowel harmony to the application of vowel raising, as indicated by the selection of the “height of the vowel in the subsequent syllable” as the most important variable for the vowel raising of /e/ and /o/, regardless of grammatical class. Given the absence of vowel lowering in the context of pretonic mid-vowels, this variety can be grouped within the dialects spoken in southern Brazil. This work also tests two non-classical approaches of Optimality Theory (Prince; Smolensky, 1993; McCarthy; Prince, 1993): the Partial Ordering Theory (Anttila, 1997; Anttila; Cho, 1998) and the Rank-Ordering Model of EVAL (Coetzee, 2004, 2006). It is demonstrated that both perspectives cannot fully account for the behaviour of the pretonic mid-vowels in northwestern São Paulo state.

Keywords: Linguistic variation. Sociolinguistics. Phonology. Pretonic mid-vowels. Vowel raising.

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Vogais tônicas no PB	24
Diagrama 2 – Vogais pretônicas no PB	25
Diagrama 3 – Organização hierárquica das vogais segundo a Geometria de Traços	33
Diagrama 4 – Representação da harmonização vocálica, segundo a Teoria Autossegmental e a Geometria de Traços	34
Diagrama 5 – Representação da redução vocálica, segundo a Teoria Autossegmental e a Geometria de Traços	35
Diagrama 6 – Representação de estruturas silábicas	131
Diagrama 7 – Vogais cardinais	149

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Regra de redundância	36
Figura 2 – Ranqueamento dos candidatos segundo a OT clássica	54
Figura 3 – Ranqueamento ordenado dos candidatos por EVAL	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagens de abaixamento em diferentes variedades do PB	110
Gráfico 2 – Razão de sexos no Estado de São Paulo, na região administrativa de São José do Rio Preto e em seu município-sede	120
Gráfico 3 – Índice de envelhecimento no Estado de São Paulo, na região administrativa de São José do Rio Preto e em seu município-sede	121
Gráfico 4 – Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais no Estado de São Paulo, na região administrativa de São José do Rio Preto e no município-sede	122
Gráfico 5 – População de 18 a 24 anos com Ensino Médio completo no Estado de São Paulo, na região administrativa de São José do Rio Preto e no município-sede	123
Gráfico 6 – Peso relativo de acordo com a faixa etária	179
Gráfico 7 – Peso relativo de acordo com a escolaridade	181
Gráfico 8 – Porcentagens de alçamento em diferentes variedades do PB	190

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Divisão dos falares brasileiros segundo Nascentes (1953 [1922])	61
Mapa 2 – Localização da região administrativa de São José do Rio Preto	117
Mapa 3 – Região administrativa de São José do Rio Preto e classificação dos municípios segundo o IPRS	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura interna dos nomes	21
Quadro 2 – Estrutura interna dos verbos.....	22
Quadro 3 – Alternância vocálica nas raízes verbais.....	23
Quadro 4 – Padrões de interação de regras nas raízes verbais.....	27
Quadro 5 – Padrão de interação de regras nas raízes verbais: vogais nasais	27
Quadro 6 – Especificação das vogais em termos de traços de abertura.....	34
Quadro 7 – Porcentagens de abaixamento em diferentes variedades do PB.....	109
Quadro 8 – Quadro comparativo entre diferentes variedades do PB: informações gerais e variáveis extralinguísticas.....	112
Quadro 9 – Quadro comparativo entre diferentes variedades do PB: variáveis linguísticas	113
Quadro 10 – Seleção de variáveis pelo programa estatístico	145
Quadro 11 – Ocorrências de alçamento de /e/ com vogal alta posterior na sílaba seguinte .	148
Quadro 12 – Ocorrências de alçamento de /o/ com vogal alta posterior na sílaba seguinte .	151
Quadro 13 – Ocorrências de alçamento de /o/ com vogal média-alta na sílaba seguinte	152
Quadro 14 – Ocorrências de vogais pretônicas que distam uma sílaba em relação à sílaba da vogal alta	161
Quadro 15 – Ocorrências de alçamento de /e/ que não podem ser explicadas por harmonização vocálica	171
Quadro 16 – Ocorrências de alçamento de /o/ que não podem ser explicadas por harmonização vocálica	172
Quadro 17 – Quadro comparativo entre variedade do interior paulista e outras variedades do PB: informações gerais e variáveis extralinguísticas	186
Quadro 18 – Quadro comparativo entre variedade do interior paulista e outras variedades do PB: variáveis linguísticas	187

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aplicação geral do alçamento.....	141
Tabela 2 – Aplicação do alçamento em relação à <i>vogal pretônica-alvo</i>	142
Tabela 3 – Aplicação do alçamento em relação à <i>vogal pretônica-alvo</i> e à <i>classe gramatical</i>	144
Tabela 4 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação à <i>altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	147
Tabela 5 – Alçamento de /o/ em nomes e verbos em relação à <i>altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	150
Tabela 6 – Alçamento de /e/ em nomes em relação à <i>tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	154
Tabela 7 – Alçamento de /o/ em nomes em relação à <i>tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	154
Tabela 8 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação ao cruzamento das variáveis <i>altura e tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	156
Tabela 9 – Alçamento de /o/ em nomes e verbos em relação ao cruzamento das variáveis <i>altura e tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	157
Tabela 10 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação à <i>distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i>	159
Tabela 11 – Alçamento de /o/ em verbos em relação à <i>distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i>	160
Tabela 12 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação ao <i>grau de atonicidade da pretônica-alvo</i>	163
Tabela 13 – Alçamento de /o/ em nomes em relação ao <i>grau de atonicidade da pretônica-alvo</i>	164
Tabela 14 – Alçamento de /e/ em verbos em relação à <i>conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre</i>	165
Tabela 15 – Alçamento de /o/ em verbos em relação à <i>conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre</i>	166
Tabela 16 – Alçamento de /o/ em nomes e verbos em relação ao <i>ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i>	167
Tabela 17 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação ao <i>ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo</i>	168
Tabela 18 – Alçamento de /o/ em verbos em relação ao <i>ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo</i>	169
Tabela 19 – Alçamento de /e/ em verbos em relação à <i>estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i>	175
Tabela 20 – Alçamento de /o/ em verbos em relação à <i>estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i>	176
Tabela 21 – Alçamento de /o/ em verbos em relação ao <i>sexo/gênero</i>	177
Tabela 22 – Alçamento de /e/ em verbos em verbos em relação à <i>faixa etária</i>	178
Tabela 23 – Alçamento de /e/ em verbos em relação à <i>escolaridade do informante</i>	180

LISTA DE TABLEAUX

Tableau 1 – Exemplo de estrutura de um <i>tableau</i> segundo a OT clássica.....	47
Tableau 2 – Exemplo de estrutura de um <i>tableau</i> com dois candidatos ótimos	49
Tableau 3 – <i>Output</i> ótimo = candidato 2, segundo o Ordenamento parcial de restrições	52
Tableau 4 – <i>Output</i> ótimo = candidato 1, segundo o Ordenamento parcial de restrições	52
Tableau 5 – Exemplo de <i>tableau</i> segundo a proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL	56
Tableau 6 – Mapeamento fiel: vogal média-alta.....	84
Tableau 7 – Mapeamento infiel: harmonização vocálica – vogal média-baixa.....	84
Tableau 8 – Mapeamento infiel: harmonização vocálica – vogal alta.....	84
Tableau 9 – Mapeamento infiel: redução vocálica	85
Tableau 10 – Variação entre a vogal média-alta e a vogal média-baixa, segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL	86
Tableau 11 – Variação entre a vogal média-alta e a vogal alta, segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL	87
Tableau 12 – Mapeamento infiel: redução vocálica	89
Tableau 13 – Mapeamento fiel: vogal média-alta.....	89
Tableau 14 – Variação entre as vogais, segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL	90
Tableau 15 – Variação entre as vogais, segundo a proposta da Variação linguística alocada na gramática da percepção	91
Tableau 16 – Não-ocorrência de alçamento IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID.....	199
Tableau 17 – Alçamento por harmonização vocálica AGREE[Ab] >> IDENT[Ab] >> *MID	199
Tableau 18 – Não-ocorrência de alçamento IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID.....	200
Tableau 19 – Alçamento por redução vocálica *MID >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab]	200
Tableau 20 – Aplicação ou não do alçamento, por harmonização vocálica *[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID	204
Tableau 21 – Aplicação ou não do alçamento, por redução vocálica *[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> *MID, AGREE[Ab].....	204

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALIP	Amostra Linguística do Interior Paulista
ALIPA	Atlas Geossociolinguístico do Pará
CON	Conjunto universal de restrições
EVAL	Avaliador
GEN	Gerador
GU	Gramática Universal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPRS	Índice Paulista de Responsabilidade Social
NORPORFOR	Norma Oral do Português Popular de Fortaleza
NURC	Norma Linguística Urbana Culta
OT	Teoria da Otimalidade
PB	Português Brasileiro
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
POBH	Projeto Português de Belo Horizonte
PPE	Princípio de Preservação da Estrutura
PR	Peso relativo
PROBRAVO	Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil)
R	Radical
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
SF	Sufixo flexional
SMT	Sufixo modo-temporal
SNP	Sufixo número-pessoal
T	Tema verbal
VALPB	Varição Linguística no Estado da Paraíba
VARSUL	Varição Linguística na Região Sul do Brasil
VT	Vogal temática

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 Diferenças morfofonológicas entre nomes e verbos no PB.....	20
1.2 Caracterização do fenômeno de <i>alçamento vocálico</i>	28
1.3 Harmonização e redução vocálica segundo a Teoria Autossegmental e a Geometria de Traços	31
1.4 Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	37
1.5 Teoria da Otimalidade	45
1.5.1 Ordenamento parcial de restrições	50
1.5.2 Ranqueamento ordenado por EVAL	54
1.6 Resumo	59
2 CARACTERIZAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	60
2.1 Descrições gerais das vogais médias pretônicas no PB.....	60
2.2 Região Sul	65
2.2.1 Estado do Rio Grande do Sul	65
2.2.2 Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR).....	72
2.3 Região Sudeste	74
2.3.1 Interior do Estado de São Paulo	75
2.3.2 Estado de Minas Gerais	78
2.3.3 Nova Venécia (ES)	91
2.4 Região Centro-Oeste.....	93
2.4.1 Dourados (MS)	93
2.4.2 Brasília (DF).....	94
2.4.3 Formosa (GO).....	96
2.5 Região Nordeste	99
2.5.1 Salvador (BA).....	99
2.5.2 João Pessoa (PB)	102
2.5.3 Fortaleza (CE).....	103
2.6 Região Norte.....	106
2.6.1 Estado do Pará	106
2.7 As vogais médias pretônicas no PB: um primeiro olhar comparativo	109
2.8 Resumo	114
3 CÓRPUS E METODOLOGIA	116
3.1 Comunidade de fala	116
3.2 Córpus de pesquisa	124
3.3 Variáveis	125
3.3.1 Variáveis independentes linguísticas.....	126
3.3.1.1 <i>Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	126
3.3.1.2 <i>Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	126
3.3.1.3 <i>Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i>	126
3.3.1.4 <i>Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre</i>	127
3.3.1.5 <i>Grau de atonicidade da pretônica-alvo</i>	127
3.3.1.6 <i>Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i>	128
3.3.1.7 <i>Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo</i>	130

3.3.1.8 <i>Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i>	130
3.3.1.9 <i>Classe gramatical</i>	131
3.3.1.10 <i>Vogal pretônica-alvo</i>	132
3.3.2 Variáveis independentes sociais	132
3.3.2.1 <i>Sexo/gênero</i>	133
3.3.2.2 <i>Faixa etária</i>	134
3.3.2.3 <i>Escolaridade</i>	134
3.4 Passos metodológicos	135
3.4.1 Contextos excluídos	135
3.4.1.1 <i>Início de vocábulo</i>	135
3.4.1.2 <i>Ditongo</i>	136
3.4.1.3 <i>Hiato</i>	136
3.4.1.4 <i>Prefixo</i>	137
3.4.2 <i>Rodadas executadas</i>	137
3.5 <i>Resumo</i>	139
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	141
4.1 <i>Análise segundo a Teoria da Variação e Mudança Linguística</i>	141
4.1.1 <i>Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	146
4.1.2 <i>Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	153
4.1.3 <i>Cruzamento entre altura e tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	155
4.1.4 <i>Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i>	158
4.1.5 <i>Grau de atonicidade da pretônica-alvo</i>	162
4.1.6 <i>Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre</i>	164
4.1.7 <i>Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i>	167
4.1.8 <i>Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo</i>	168
4.1.9 <i>Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i>	174
4.1.10 <i>Sexo/gênero</i>	177
4.1.11 <i>Faixa etária</i>	178
4.1.12 <i>Escolaridade</i>	180
4.1.13 <i>Considerações: as vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista segundo a Teoria da Variação e Mudança Linguística</i>	181
4.2 <i>As vogais médias pretônicas no PB</i>	185
4.3 <i>Análise segundo a Teoria da Otimalidade</i>	196
4.3.1 <i>Análise segundo o Ordenamento parcial de restrições</i>	197
4.3.2 <i>Análise segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL</i>	202
4.4 <i>Resumo</i>	207
CONCLUSÕES	212
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	218
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	225
ANEXOS	227
ANEXO A – <i>Ocorrências de vogais pretônicas /e/ e /o/</i>	227
ANEXO B – <i>Classificação das ocorrências de redução vocálica em grupos ou palavras isoladas</i>	245

INTRODUÇÃO

O presente trabalho¹ trata do comportamento fonológico das vogais médias pretônicas /e, o/ na variedade do interior paulista, mais precisamente da região noroeste do Estado, onde está situado o município de São José do Rio Preto.

O ponto de partida para este estudo são as descrições de vogais médias pretônicas em *nomes* – isto é, substantivos e adjetivos – (SILVEIRA, 2008) e em *verbos* (CARMO, 2009) feitas para a mesma variedade aqui analisada. Verificou-se, inicialmente, a necessidade de um trabalho que considerasse as mesmas variáveis e os mesmos fatores, a fim de se realizar uma comparação sistemática entre as vogais médias pretônicas dessas classes gramaticais. Além disso, este trabalho investiga o papel das variáveis sociais *sexo/gênero* e *escolaridade* no funcionamento das vogais médias pretônicas, as quais não foram analisadas nos estudos anteriores acerca dessa variedade.

Nessas vogais, ocorre o fenômeno fonológico variável denominado *alçamento vocálico*, por meio do qual as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u], como em *m[i]nino* e *c[u]nserir*. O alçamento vocálico é resultado, sobretudo, de dois processos: (i) *harmonização vocálica* (CÂMARA JR., 2007 [1970]; BISOL, 1981),² em que a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo funciona como gatilho à aplicação do alçamento, como em *inv[i]sti* e *s[u]frido*; e (ii) *redução vocálica* (ABAURRE-GNERRE, 1981), em que, geralmente, pode-se verificar a influência do ponto de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo para a realização do fenômeno, como em *p[ik]eno* e *al[mu]çar*. Segundo Bisol (2009), a harmonização e a redução vocálica são formalmente diferentes, pois enquanto aquela consiste em um caso de *assimilação*, esta corresponde a um processo de *neutralização*.

A harmonização e a redução vocálica têm sido investigadas pelo fato de os comportamentos fonético-fonológicos das vogais médias pretônicas marcarem variação dialetal. Há mais de três décadas, vêm sendo realizados estudos sobre essas vogais em

¹ Financiado pela FAPESP (Proc. 2009/09133-8) e pela CAPES/PDEE (Proc. 2563-11-8).

² Também denominada *harmonia vocálica*. Cabe ressaltar, no entanto, que esse processo não corresponde à harmonia vocálica nas raízes verbais. A harmonização/harmonia analisada nesta pesquisa em relação ao fenômeno do alçamento vocálico consiste em uma regra variável. Neste trabalho, denomina-se o processo variável como *harmonização vocálica*, a fim de facilitar sua distinção em relação à regra categórica da *harmonia* presente na raiz verbal.

diversas variedades do Português Brasileiro (doravante, PB). Podem ser citados, por exemplo, os trabalhos de Bisol (1981), sobre o dialeto gaúcho; Viegas (1987, 2001), acerca da variedade de Belo Horizonte (MG); Bortoni, Gomes e Malvar (1992), sobre a variedade falada em Brasília (DF); Celia (2004), sobre a variedade de Nova Venécia (ES), dentre outros.³

Cabe ressaltar, porém, que estudos sobre vogais médias pretônicas em variedades faladas no Estado paulista são relativamente recentes. Dessa maneira, o presente trabalho objetiva descrever e analisar essas vogais na variedade do interior paulista, contribuindo, de modo mais abrangente, no âmbito de um Projeto maior ao qual está vinculado: Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil) (PROBRAVO), coordenado pelos professores doutores Seung-Hwa Lee (FALE/UFMG) e Marco Antônio de Oliveira (PUC/MG), que objetiva conduzir investigações sócio-históricas e linguísticas sobre as realizações fonéticas das vogais em diversas variedades do PB.

Em relação ao *cópus* utilizado nesta pesquisa, foram levantados dados de trinta e oito entrevistas do banco de dados IBORUNA, resultante do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP – FAPESP 03/08058-6), desenvolvido no IBILCE/UNESP, que armazena amostras do PB falado na região do noroeste paulista. Para a análise quantitativa dos dados levantados, utilizou-se o pacote estatístico Goldvarb X.

Na presente pesquisa, a análise dos dados foi realizada à luz de duas teorias: (i) *Teoria da Variação e Mudança linguística* (LABOV, 1991 [1972]), que concebe a língua como heterogênea por ser também heterogênea a sociedade em que ela se manifesta e, conseqüentemente, trata das relações entre elementos linguísticos e sociais, e (ii) *Teoria da Otimidade* (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993), que, conforme Battisti (2010), apresenta grande potencial para a explicação de fenômenos fonológicos variáveis por partir de formas foneticamente realizadas, ou *outputs*, os quais são avaliados por restrições universais violáveis. No entanto, o *princípio de dominação estrita* da OT prevê a existência de apenas um candidato ótimo para cada hierarquia de restrições (enquanto casos de variação correspondem a mais de um candidato ótimo), o que faz com que sua abordagem clássica não consiga explicar fenômenos variáveis. Por isso, este trabalho examina especificamente dois modelos *não-clássicos* da teoria: (i) *Ordenamento parcial de restrições*

³ Alguns estudos sobre vogais médias pretônicas em diferentes variedades do PB são resumidos na seção 2 do presente trabalho.

(ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e (ii) *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006), que lidam, de formas distintas, com a variação linguística.

O presente trabalho está estruturado do seguinte modo: na seção 1, apresenta-se o arcabouço teórico acerca dos processos relacionados ao açamento vocálico, da *Teoria da Variação e Mudança Linguística* e da *Teoria da Otimidade* (bem como de suas abordagens não-clássicas mencionadas). Na seção 2, são resumidas pesquisas sobre vogais médias pretônicas em diferentes dialetos do PB. Na seção 3, descrevem-se o córpus e os passos metodológicos efetuados durante a realização desta pesquisa. Na seção 4, são descritos os resultados sob a perspectiva variacionista e segundo as abordagens não-clássicas da *Teoria da Otimidade*, sendo também comparadas as vogais médias pretônicas no dialeto do interior paulista com as vogais presentes nesse contexto em outras variedades do PB. Finalmente, são apresentadas as conclusões, seguidas pelas referências bibliográficas.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na presente seção, são apresentadas informações presentes na literatura acerca das vogais médias pretônicas e dos processos fonológicos que afetam essas vogais, bem como do arcabouço teórico que fundamenta esta pesquisa.

Inicialmente, são elencadas algumas diferenças entre nomes e verbos no PB (subseção 1.1), com destaque ao processo de harmonia vocálica presente na raiz de algumas formas de terceira conjugação. Em seguida, são caracterizados o alçamento vocálico e os processos que atuam na realização desse fenômeno (subseção 1.2), posteriormente discutidos de acordo com os pressupostos da Teoria Autossegmental, representados pela Geometria de Traços (subseção 1.3). Em seguida, são apresentados os arcabouços dos modelos teóricos que fundamentam esta pesquisa: a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1991 [1972], subseção 1.4) e a Teoria da Otimalidade (doravante, OT – subseção 1.5).⁴ Em relação à OT, são expostas também duas de suas abordagens não-clássicas: o *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998 – subseção 1.5.1) e o *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006 – subseção 1.5.2), que visam explicar casos de variação linguística, não elucidados pela proposta clássica da teoria.

1.1 Diferenças morfofonológicas entre nomes e verbos no PB

Nesta subseção, discorre-se sobre algumas diferenças morfofonológicas existentes entre nomes e verbos no PB, a fim de se embasar a hipótese inicial de comportamentos distintos dessas classes gramaticais em relação ao alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, como observado por Silveira (2008) e Carmo (2009). Segundo Silveira (2008), o alçamento vocálico em *nomes* nessa variedade resulta principalmente do processo de redução e, de acordo com Carmo (2009), esse fenômeno em *verbos* é resultado sobretudo da harmonização vocálica, resultado justificado pela autora, dentre outros motivos,

⁴ Neste trabalho, opta-se pela abreviatura OT, de *Optimality Theory*, e não TO, como aparece em alguns trabalhos publicados no Brasil. Também se opta pela tradução *Teoria da Otimalidade* – como encontrado, por exemplo, nos trabalhos de Alves (2011a, 2011b) e de Guimarães (2006) –, em detrimento de *Teoria da Otimidade* – presente, por exemplo, na obra de Bisol e Schwindt (2010).

pelo processo categórico de harmonia vocálica na raiz verbal de certas formas de terceira conjugação.

Antes da elucidação desse processo, vale tratar das diferenças morfológicas entre nomes e verbos. Câmara Jr. (2007 [1970]) representa a estrutura interna dos nomes (substantivos e adjetivos) da seguinte forma:

Quadro 1 – Estrutura interna dos nomes

Radical	+	(vogal temática)
<i>pesad</i>		<i>o</i>
<i>grand</i>		<i>e</i>
<i>leal</i>		∅
<i>pessoa</i>		∅

Fonte: Elaboração própria.

A essa estrutura podem ser acrescentados sufixos flexionais de gênero (*pesado/pesada*) e/ou de número (*pessoa/pessoas*). De acordo com o autor, o masculino e o singular são geralmente assinalados por um morfema gramatical zero (∅), ou seja, podem ser definidos pela ausência de marcas de feminino (desinência –a) e de plural (desinência /S/), respectivamente. Além dos sufixos flexionais, podem ser acrescentados à estrutura interna dos nomes os afixos derivacionais (em prefixos: *desleal* e/ou em sufixos: *lealdade*).

Quanto aos verbos, Câmara Jr. (2007 [1970], p. 104) destaca sua complexidade morfológica, ao afirmar que “o verbo é em português o vocábulo flexional, por excelência, dada a complexidade e a multiplicidade das suas flexões”. Segundo o autor, as noções gramaticais dos verbos abrangem os sufixos modo-temporal (SMT) e número-pessoal (SNP), que compõem o sufixo flexional (SF). Esse sufixo flexional liga-se ao tema verbal (T), que, por sua vez, é composto pelo radical (R), parte invariável que fornece a significação lexical do verbo, e pela vogal temática (VT), dependente da conjugação a que o verbo pertence. Desse modo, a estrutura interna dos verbos em Português pode ser assim representada:

Quadro 2 – Estrutura interna dos verbos

	T	SF	
R	VT	SMT	SNP
<i>conform</i>	Ø	Ø	<i>o</i>
<i>começ</i>	<i>a</i>	Ø	<i>mos</i>
<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>va</i>	Ø
<i>com</i>	<i>e</i>	Ø	Ø

Fonte: Elaboração própria.

A classe gramatical dos verbos engloba, em sua estrutura, os seguintes morfemas: lexical, classificatório de conjugação, de tempo verbal e de pessoa gramatical. Especificamente sobre a vogal temática, de acordo com a gramática tradicional, Lee (1995) afirma que define a conjugação verbal e, nos nomes, corresponde ao marcador de gênero.

As diferenças entre nomes e verbos transpassam o campo da morfologia. Lee (1995) aponta quatro diferenças morfofonológicas existentes entre nomes e verbos, a saber:

- i. O acento distingue nomes e verbos em alguns vocábulos, como em *fórmula* (nome) e *formúla* (verbo) e *cálculo* (nome) e *calcúlo* (verbo);
- ii. Os nomes, ao contrário dos verbos, estão sujeitos às regras de *abaixamento datílico*, como em *fon[ɔ]logo*, e *abaixamento espondeu*, como em *m[ɔ]vel*;
- iii. Os sufixos flexionais do nome não afetam a aplicação da regra de acento, como em *gáto* – *gátos*, ao passo que os sufixos flexionais do verbo podem mudar o acento primário, como em *fálam* – *falávam*; e
- iv. Nos vocábulos em que o verbo termina em sílaba pesada, o acento tende a não cair na última sílaba, como em *fálam*, com exceção do infinitivo, como em *falár*. Nos nomes, a atribuição do acento na última sílaba pesada corresponde ao caso não-marcado, como em *rapáz*.

Especificamente sobre a classe gramatical dos verbos, pode ocorrer o processo de harmonia vocálica na raiz verbal, regra categórica aplicada em algumas formas de terceira conjugação. Como já mencionado, Carmo (2009) analisa as vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista e obtém resultado distinto do estudo de Silveira (2008), sobre vogais médias pretônicas em nomes. Nos verbos dessa variedade, a harmonização vocálica é o processo mais atuante em prol do alçamento vocálico, ao passo que, nos nomes, a redução vocálica é o processo que mais engatilha a aplicação desse fenômeno. Carmo (2009) justifica esse resultado com base na existência da vogal temática /i/

na terceira conjugação verbal, de sufixos verbais com vogal alta e, finalmente, de harmonia vocálica na raiz de certos verbos de terceira conjugação, processo que agora passa a ser descrito. Para um melhor entendimento dessa regra categórica, outros processos envolvidos no padrão de alternância vocálica na raiz verbal do PB também são elucidados.

Segundo Harris (1974), em razão da existência desse padrão de alternância, as formas verbais do Português se diferenciam das formas verbais das demais línguas românicas. Esse padrão pode ser visualizado por meio do quadro a seguir (HARRIS, 1974, p. 62):

Quadro 3 – Alternância vocálica nas raízes verbais

1ª conjugação		2ª conjugação		3ª conjugação	
a. Presente do Indicativo					
<i>m[ɔ]ro</i>	<i>m[o]ramos</i>	<i>m[o]vo</i>	<i>m[o]vemos</i>	<i>s[i]rvo</i>	<i>s[e]rvimos</i>
<i>m[ɔ]ras</i>	<i>m[o]rais</i>	<i>m[ɔ]ves</i>	<i>m[o]veis</i>	<i>s[ɛ]rves</i>	<i>s[e]rvís</i>
<i>m[ɔ]ra</i>	<i>m[ɔ]ram</i>	<i>m[ɔ]ve</i>	<i>m[ɔ]ve</i>	<i>s[ɛ]rve</i>	<i>s[ɛ]rvem</i>
b. Presente do Subjuntivo					
<i>m[ɔ]re</i>	<i>m[o]remos</i>	<i>m[o]va</i>	<i>m[o]vamos</i>	<i>s[i]rva</i>	<i>s[i]rvamos</i>
<i>m[ɔ]res</i>	<i>m[o]reis</i>	<i>m[o]vas</i>	<i>m[o]vais</i>	<i>s[i]rvas</i>	<i>s[i]rvais</i>
<i>m[ɔ]re</i>	<i>m[ɔ]rem</i>	<i>m[o]va</i>	<i>m[o]vam</i>	<i>s[i]rva</i>	<i>s[i]rvam</i>
c. Imperativo					
<i>m[ɔ]ra</i>	<i>m[o]rai</i>	<i>m[ɔ]ve</i>	<i>m[o]vei</i>	<i>s[ɛ]rve</i>	<i>s[e]rví</i>

Fonte: Harris (1974, p. 62).

Segundo Harris (1974), três padrões podem ser observados:

- 1) **Vogal subjacente da raiz é mantida na superfície** (com exceção da neutralização do contraste fonêmico entre vogais médias-altas e médias-baixas): na primeira e segunda pessoa do plural do presente do indicativo nas formas de imperativo plural de todas as conjugações e na primeira e segunda pessoas do plural do presente do subjuntivo da primeira conjugação;
- 2) **Harmonia vocálica entre a vogal da raiz e a vogal temática**: na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as formas do presente do subjuntivo de segunda e terceira conjugações;
- 3) **Vogais baixas nas representações de superfície**: nas formas restantes.

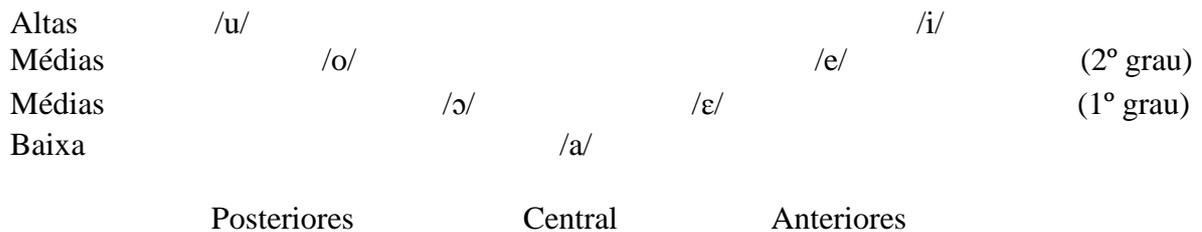
Harris (1974) e Quicoli (1990) apresentam uma série de processos cujas atuações governam essas alternâncias vocálicas: *truncamento*, *atribuição de acento*, *neutralização*, *harmonia* e *abaixamento*.

A regra do *truncamento* ocorre quando a vogal temática é apagada ao ser seguida imediatamente por uma vogal desinencial.⁵

A regra de *atribuição do acento* coloca o acento regularmente na penúltima vogal nos paradigmas do presente do indicativo, presente do subjuntivo e imperativos. Segundo o autor, a atribuição do acento deve se aplicada depois do truncamento, pois as sílabas tônicas de vocábulos como *páссо* e *páссes* são penúltimas apenas depois da aplicação dessa regra.

Sobre a *neutralização* das vogais átonas, devem ser citadas as considerações de Câmara Jr. (2007 [1970], p. 41) a partir de suas observações sobre a variedade do Rio de Janeiro. O autor afirma haver sete vogais orais em posição tônica no PB, sendo elas:

Diagrama 1 – Vogais tônicas no PB



Fonte: Câmara Jr. (2007 [1970], p. 41).

Nascentes (1953 [1922], p. 31) destaca a posição átona, por ser suscetível às “mais arbitrárias transformações, que variam do enfraquecimento até a supressão”. Segundo Câmara Jr. (2007 [1970]), na posição pretônica, há uma redução para cinco fonemas vocálicos, por meio do processo de neutralização. Desaparece a oposição entre 1° e 2° graus (conforme a denominação do autor), ou seja, entre as vogais médias-baixas e as vogais médias-altas, prevalecendo as vogais médias de 2° grau, as vogais médias-altas. Desse modo, conforme Câmara Jr. (2007 [1970], p. 44), as vogais pretônicas podem ser representadas da seguinte maneira:

⁵ O fato de a regra de truncamento não ocorrer em formas como *demor+a+is*, segundo Harris (1974), é justificado pela representação subjacente do morfema de segunda pessoal do plural começar com *d*, o que bloqueia o truncamento, já que a vogal temática não é seguida por uma vogal desinencial, mas sim por uma consoante. Conforme afirma o autor, depois do truncamento, uma regra apaga o /d/ subsequente a uma vogal, como em *demora(d)is*.

Diagrama 2 – Vogais pretônicas no PB

Altas	/u/			/i/
Médias		/o/		/e/
Baixa			/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2007 [1970], p. 44).

Segundo Quicoli (1990), a neutralização converte as vogais átonas [ɛ, ɔ] em [e, o]. A neutralização na raiz verbal é exemplificada por Harris (1974) a partir do vocábulo *dem[o]rar*. Para a identificação da vogal subjacente, Harris (1974) e Quicoli (1990) assumem ser aquela presente nas formas nominais. Portanto, a vogal subjacente em *dem[o]rar* é a média-baixa /ɔ/, tendo em vista o substantivo *dem[ɔ]ra*. Em formas como *dem[o]ramos* e *dem[o]rais*, encontra-se, foneticamente, a vogal média-alta posterior [o]. Nesses casos, a vogal subjacente da raiz é alçada para média-alta pela regra de neutralização. Por ocorrer especificamente em contexto de vogal átona, a neutralização deve ser aplicada necessariamente após a regra de acentuação.

Por meio da *harmonia vocálica*, a vogal na última sílaba da raiz harmoniza em altura com a vogal temática subjacente em certas formas verbais, como em *m[o]vo* e *s[i]rvo*. Para que ocorra a harmonia, a vogal temática deve ser seguida por outra vogal, correspondente ao morfema de primeira pessoa do singular /o/ nas formas do presente do indicativo ou ao morfema modo-temporal /a/ nas formas do presente do subjuntivo de segunda e terceira conjugações. Nas formas que não apresentam harmonia, a vogal temática é seguida por uma consoante ou por um morfema número-pessoal fonologicamente nulo.

Necessariamente, a harmonia deve ocorrer antes do truncamento, pois este remove a vogal temática com a qual a última vogal da raiz harmoniza em termos de altura.

Segundo a proposta de Harris (1974), a harmonia só ocorre em verbos de segunda e terceira conjugações. Já que a vogal temática da primeira conjugação é /a/, a regra da harmonia produziria, nessa conjugação, vogais baixas, assim como a regra de abaixamento. A vogal baixa produzida, segundo o autor, é decorrente do abaixamento.

Quicoli (1990), por sua vez, estende a regra de harmonia vocálica às três conjugações, avançando, nesse sentido, em relação à proposta de Harris (1974). Para isso, Quicoli (1990) assume a proposta de Kiparsky (1985) de que a regra de harmonia do Português é uma regra lexical e, portanto, sujeita ao *Princípio de Preservação da Estrutura* (doravante, PPE).

Segundo esse princípio, regras lexicais não podem criar formas que contêm segmentos que não fazem parte do inventário subjacente. Dessa maneira, a harmonia vocálica não pode ser aplicada à vogal subjacente /a/ (de primeira conjugação), pois criaria formas como *[Λ], que não consiste em uma das sete vogais subjacentes possíveis e, conseqüentemente, não é permitida pelo PPE.

Sobre o *abaixamento vocálico*, algumas formas verbais com vogais médias-baixas em suas representações fonéticas, como *ap[e]lla* e *esc[ɔ]va*, originam-se de formas contendo vogais médias-altas, como *ap[e]lo* e *esc[o]va*. Segundo Harris (1974), as vogais médias-baixas na raiz aparecem apenas nas formas de superfície de vocábulos com o acento tônico na raiz e que não sofrem harmonia. Sendo assim, o abaixamento aplica-se depois da regra de atribuição do acento (e, conseqüentemente, depois da harmonia). Segundo Quicoli (1990), a formulação do abaixamento de Harris (1974) levaria a um resultado paradoxal na segunda conjugação, pois o abaixamento, aplicado depois da regra de harmonia, incorretamente abaixaria a vogal que sofrera harmonia, produzindo formas como **d[ɛ]vo* e **m[ɔ]vo*. Harris (1974) resolve essa questão assumindo o *Elsewhere condition* (KIPARSKY, 1973), condição que bloqueia a aplicação do abaixamento nos casos de realização da harmonia vocálica.

Quicoli (1990) diverge dessa proposta, defendendo que o abaixamento corresponde a uma regra condicionada morfologicamente, pois, em substantivos como *ap[e]lo* e *esc[o]va*, as vogais são médias-altas, mesmo sendo tônicas. Propõe uma regra diferente daquela puramente *fonológica* condicionada pelo acento, proposta por Harris (1974). Defende a existência de uma regra *morfológica* (M) de abaixamento, que se aplica antes da harmonia, portanto não interferindo nos resultados deste processo. Do mesmo modo, conforme afirma Quicoli (1990), a interação entre as regras de M-abaixamento e de neutralização assegura resultados corretos em formas onde a harmonia não se aplica. Segundo o autor, o princípio do *Elsewhere Condition* não desempenha nenhum papel na alternância vocálica do PB.

Por meio da interação das regras apresentadas, com base nos trabalhos de Harris (1974) e Quicoli (1990), atingem-se os padrões ilustrados no quadro 4, considerando-se a terceira conjugação do presente do indicativo:

Quadro 4 – Padrões de interação de regras nas raízes verbais

Harris (1974)			Quicoli (1990)		
/fug+i+o/	/fug+i/		/serv+i+o/	/serv+i/	
fug i o	---	Harmonia	---	---	Abaixamento-m
fuj o		Truncamento	i	---	Harmonia
fújo	fúgi	Acento	∅		Truncamento
bloqueado	fɔ'gi	Abaixamento	í	é	Acento
['fu]jo	['fɔ]ge		---	---	Neutralização
			---	---	Nasalização
			---	---	Alçamento de vogal nasal
			['sirvo]	['servi]	

Fonte: Harris (1974, p. 78) e Quicoli (1990, p. 328).

Como pode ser observado, Quicoli (1990) inclui as regras de *nasalização* e *alçamento de vogal nasal*. A interação dessas regras com as demais explica casos como *m[i]nto* e *m[e]nte*:

Quadro 5 – Padrão de interação de regras nas raízes verbais: vogais nasais

/ment + i + o/	/ment+i/	
ε	ε	Abaixamento-m
i	---	Harmonia
∅	---	Truncamento
í	é	Acento
---	---	Neutralização
ĩ'	ẽ'	Nasalização
---	ẽ'	Alçamento de vogal nasal
['mĩnto]	['mẽnti]	

Fonte: Quicoli (1990, p. 328).

Nessas formas, a vogal subjacente é a média-alta /e/, dada a forma nominal *m/e/ntira*. No vocábulo *mintto*, a vogal da raiz é inicialmente abaixada. Posteriormente, é alçada para /i/ pelo processo de harmonia, recebe o acento e, por fim, sofre o processo de nasalização.

Em *mente*, assim como em *mintto*, a vogal é inicialmente abaixada a [ε] por meio do abaixamento-m e, depois da nasalização, é alçada a média-alta novamente, pela regra de alçamento de vogal nasal.

Assim, Quicoli (1990) elucida os contrastes entre as vogais orais e nasais em final de raiz a partir de uma interação complexa entre os processos de nasalização, alçamento de vogal nasal, abaixamento-m e harmonia. Finalmente, conclui que as regras de harmonia e neutralização são mais bem formuladas quando consideradas regras lexicais e, dessa forma, sujeitas ao PPE.

A presente pesquisa investiga a existência de possíveis efeitos do processo categórico de harmonia vocálica sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Após a exposição da harmonia vocálica, bem como dos processos com os quais essa regra interage na raiz verbal, caracteriza-se, na subseção seguinte, o fenômeno do alçamento vocálico.

1.2 Caracterização do fenômeno de *alçamento vocálico*

Como mostrado na subseção anterior, as sete vogais tônicas do PB são reduzidas a cinco em posição pretônica, por meio do processo de neutralização vocálica. Os fonemas referentes às vogais médias-altas /e/ e /o/ podem ser realizados foneticamente como vogais médias-altas ([e] e [o]), vogais altas ([i] e [u]) ou, ainda, em determinadas regiões do Brasil, como vogais médias-baixas ([ɛ] e [ɔ]). De acordo com Câmara Jr. (2007 [1970], p. 35), isso ocorre por conta de “uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha”.

Segundo Bisol (1981), essa variação das vogais médias pretônicas teve origem ainda no latim, no século IV d.C. Dentre as línguas neolatinas, o italiano é o maior portador de vogais altas na posição pretônica, ao passo que o espanhol apresenta vogais médias com maior frequência. O Português, por sua vez, conforme afirma a autora, manteve a variação, a qual chegou a ser documentada em textos escritos em Português Arcaico e foi sistematizada ortograficamente no Português Clássico.

De acordo com Naro (1973), a prática ortográfica é a única fonte de evidência acerca das vogais do Português antes do século XVI. O período anterior ao século XIV apresentou algumas ocorrências de <i> e <u> onde se esperariam <e> e <o>, como em *pri<u>reza* (*prioreza*), até mesmo em sílaba tônica, como em *f<u>ram* (*foram*) e *am<u>r* (*amor*). Isso pode ser explicado, segundo o autor, pela influência da língua latina e/ou pela semelhança fonética entre as vogais médias e altas. No período posterior à metade do século XIV, encontram-se as formas esperadas. No século XVI, por sua vez, na língua portuguesa não-

padrão, havia uma regra variável de alçamento das vogais médias diante de vogal alta tônica (harmonização), como em *s[u]mir ~ s[o]mir*, ou de ditongo com semivogal alta. Essa regra, segundo o autor, passou a ser mais geral a partir do século XVII, atuando, por exemplo, em todo o paradigma verbal. Já nos séculos XVII e XVIII, certos gramáticos distinguiram as vogais *anteriores* do Português em relação à *altura* da língua e as vogais *posteriores* apenas no que diz respeito ao seu *arredondamento*. De acordo com Naro (1973, p. 14): “[...] então o *o* distinguir-se-ia do *u* mais pelo arredondamento do que pela altura da língua, e, por conseguinte, seria natural esperar que os gramáticos se fixassem no primeiro – como eles de fato o fizeram”, concluindo que as vogais médias e altas eram muito semelhantes foneticamente.

Atualmente, no que diz respeito às vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, como já mencionado, pode-se observar o fenômeno fonológico denominado *alçamento vocálico*, por meio do qual as vogais médias /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como as altas [i] e [u], como em *p[i]dido* e *c[u]ntinua*. Nessa variedade, nota-se também a ausência do *abaixamento vocálico*, em que as vogais médias-altas pretônicas /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como as médias-baixas [ɛ] e [ɔ], como em *p[ɛ]r[ɛ]reca* e *c[ɔ]lega*. Esse fenômeno é característico, sobretudo, do Norte e do Nordeste do Brasil, mas também pode ser identificado em determinadas variedades do Centro-Oeste e do Sudeste do país.

Em relação ao fenômeno de *alçamento vocálico*, dois processos podem acarretar a sua aplicação: (i) a *harmonização vocálica* (CÂMARA JR., 2007 [1970]; BISOL, 1981), por meio da qual há a influência de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *pr[i]cisava* e *op[u]rtunidade*; e (ii) a *redução vocálica* (ABAURRE-GNERRE, 1981), em que, geralmente, pode ser observada a influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo, como em *p[ik]eno* e *al[mu]çar*.

Como relatado na subseção 1.1, para as vogais médias pretônicas dos *nomes* na variedade do interior paulista, Silveira (2008) observou que o processo de *redução vocálica* é o mais relevante para a aplicação do alçamento. Para as pretônicas presentes em *verbos* na mesma variedade, Carmo (2009) identificou a *harmonização vocálica* como o processo mais atuante. Esta autora justifica essa diferença com base em certas informações morfofonológicas relacionadas à presença de vogal alta em verbos, como a presença de sufixos de segunda e de terceira conjugação /-i/ e /-ia/ e a ocorrência de *harmonia vocálica* na raiz de certas formas verbais de terceira conjugação, em que a vogal da raiz harmoniza seus

traços de altura com a vogal temática subjacente /i/, como em *sentir – sinto* e *dormir – durmo*, como descrito na subseção 1.1 deste trabalho. Realizar uma comparação mais sistemática – considerando, por exemplo, as mesmas variáveis e, dentre elas, a *classe gramatical* – entre nomes e verbos no que tange ao alçamento vocálico foi uma das motivações para a realização do presente estudo. Desse modo, um dos objetivos desta pesquisa é verificar o papel da classe gramatical no funcionamento das vogais médias pretônicas na variedade estudada.

No que diz respeito a aspectos articulatórios envolvidos no processo de *harmonização vocálica*, Bisol (1981) afirma que a articulação alta de uma vogal presente na sílaba subsequente faz com que a língua, de antemão, prepare-se a ela, por economia de espaço articulatório, o que altera a pronúncia da pretônica.

Câmara Jr. (2007 [1970]) constata que a harmonização vocálica se dá quando a vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é *tônica*. Afirma que, na variedade do Rio de Janeiro, quando a vogal média é seguida de vogal tônica alta, a vogal é pronunciada como alta, havendo poucas exceções: “vocábulos inusitados na linguagem coloquial e por isso não contradições num registro informal, como *fremir*” (CÂMARA JR., 2007, p. 45).

Nascentes (1953 [1922], p. 67), ao descrever o falar do Rio de Janeiro, afirma que o caso mais relevante de assimilação de vogal por vogal é o do /i/ tônico: “todo *e* anterior a ele escurece o timbre até chegar a confundir-se com *i*: *esqueci–isquici*, *devia–divia* [...]”. No entanto, o autor destaca também a influência – menos frequente – do [i] átono para a assimilação, como em *v[i]stimenta* e *r[i]tirar*.

Bisol (1981), em seu estudo sobre a harmonização vocálica no dialeto gaúcho, afirma que a tonicidade é importante, mas não determinante no que diz respeito à aplicação da regra. A autora destaca a *adjacência* da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo, ao afirmar que “a contiguidade é um traço obrigatório do condicionador da regra da harmonização vocálica. E [...] a tonicidade da vogal alta imediata é traço variável, embora mais atuante que a contraparte átona” (BISOL, 1981, p. 65).

Em relação aos aspectos articulatórios envolvidos no processo de *redução vocálica* – o qual, segundo Abaurre-Gnerre (1981), caracteriza enunciados de ritmo mais acentual –, os segmentos tornam-se mais semelhantes entre si pela diminuição de diferença articulatória da vogal em relação à(s) consoante(s), diminuindo o grau de sonoridade da pretônica. Tal processo pode ser associado ao estilo coloquial e à velocidade de fala, a qual consiste no “fator [...] desencadeador dos processos fonológicos que determinam os padrões rítmicos de tendência mais silábica ou mais acentual” (ABAURRE-GNERRE, 1981, p. 34). Nesse sentido, Viegas (1987), ao constatar o favorecimento do alçamento da vogal /o/ por parte de

consoantes obstruintes (cf. subseção 2.3.2 deste trabalho), por exemplo, justifica o alçamento com base no fato de as vogais médias tenderem a ser menos sonoras, ou seja, mais altas, por “assimilação articulatória da obstrução à passagem do ar dos segmentos consonantais adjacentes” (VIEGAS, 1987, p. 104).

Para o tratamento da relação entre a vogal média pretônica e a consoante adjacente, deve-se considerar, também, o trabalho de Hutcherson (1973), que, ao analisar processos de assimilação completa entre consoantes em línguas como o inglês, o finlandês e o árabe, afirma que a assimilação geralmente ocorre entre segmentos que já apresentam muitas características semelhantes no que diz respeito à composição de traços. O autor aponta ainda que, em determinados casos de assimilação, o processo, se estendido, obedece a uma espécie de linha hierárquica de similaridade, incluindo, primeiramente, os segmentos mais próximos. A esse princípio, o autor denominou *Princípio de Similaridade*. McCarthy (2012),⁶ com base nesse princípio, afirma que o processo de assimilação entre vogal e consoante que resulta no alçamento vocálico se dá da seguinte forma: a vogal e a consoante adjacente compartilham um mesmo traço de ponto e, nesse caso, a vogal assimila parcialmente a estrutura da consoante. Consoantes são mais altas do que vogais e, para uma vogal média assimilar a estrutura de uma consoante, permanecendo vogal, deve tornar-se alta.

Explicações acerca dos processos de harmonização e de redução vocálica também bastante recorrentes na literatura são as relativas à Teoria Autossegmental, representada pela Geometria de Traços. Esse tema é abordado na subseção a seguir.

1.3 Harmonização e redução vocálica segundo a Teoria Autossegmental e a Geometria de Traços

A Teoria Autossegmental, um dos modelos não-lineares em Fonologia, opera com autossegmentos, permitindo, segundo Hernandorena (1999, p. 45), “a segmentação independente de partes dos sons das línguas”. De acordo com a autora, a Fonologia Autossegmental descarta uma relação *bijectiva* (de um-para-um) entre o segmento e os traços que o caracterizam. Conforme afirma a autora, há duas consequências importantes: (i) os traços podem se estender além ou aquém de um segmento e (ii) o apagamento de determinado segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

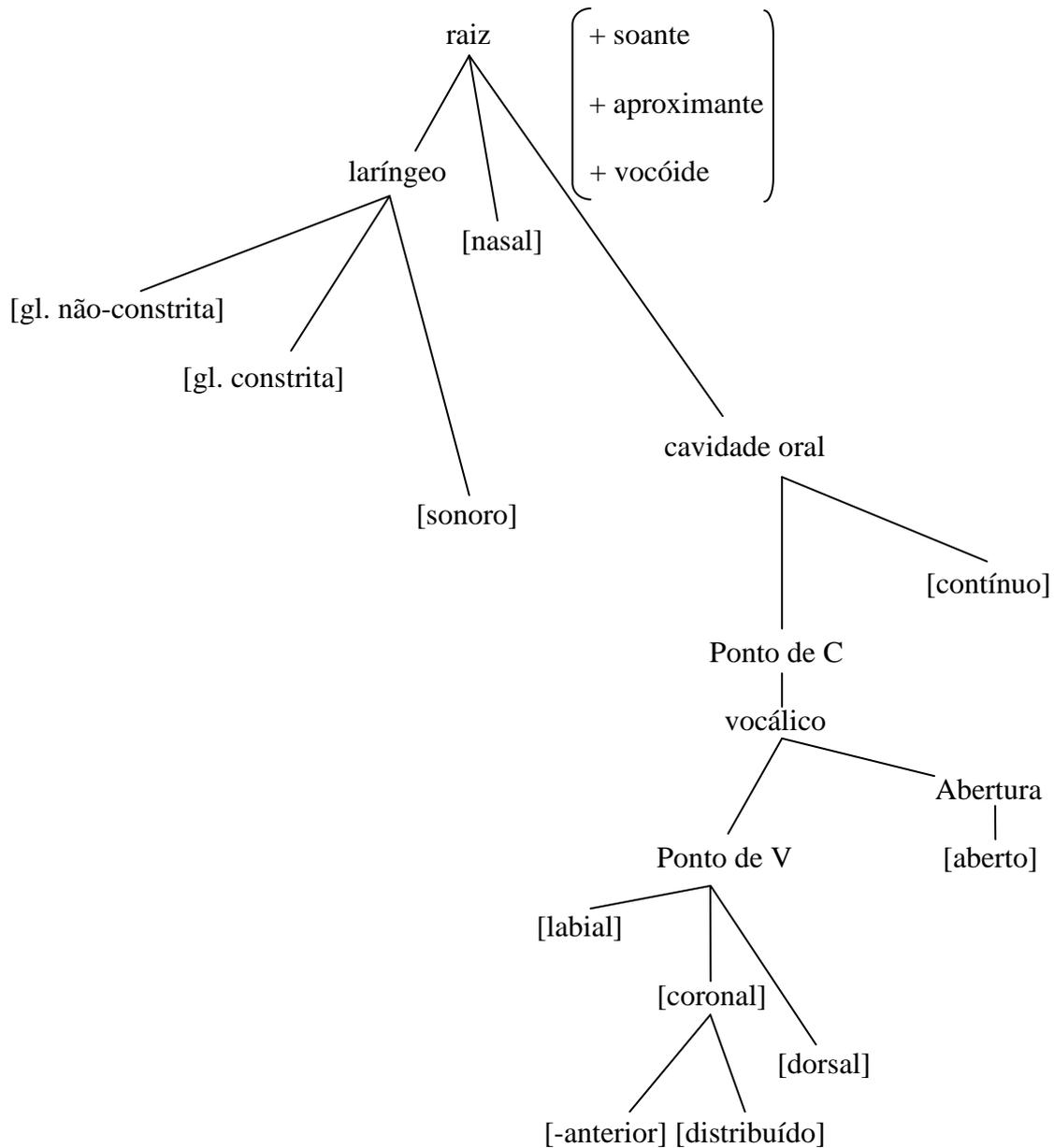
⁶ Em comunicação via *email* com a autora deste trabalho.

Essa teoria também defende a existência de estrutura interna do segmento, havendo, portanto, uma hierarquia entre os traços, os quais são dispostos em camadas ou *tiers*. Segundo Hernandorena (1999), essa concepção tem como consequência uma nova representação formal dos traços que compõem o segmento e a exigência de que essa representação mostre quais traços podem funcionar isoladamente ou em conjunto nas regras fonológicas.

Essa hierarquia pode ser representada pela Geometria de traços (CLEMENTS, 1985; CLEMENTS; HUME, 1995), por meio de uma configuração de nós organizados hierarquicamente, sendo que, segundo Hernandorena (1999), os nós terminais constituem traços fonológicos e nós intermediários, as classes de traços.

Com base em Clements e Hume (1995), Hernandorena (1999, p. 49) apresenta a seguinte representação da organização hierárquica das vogais:

Diagrama 3 – Organização hierárquica das vogais segundo a Geometria de Traços



Fonte: Hernandorena (1999, p. 49).

Hernandorena (1999) aponta que alguns dos traços dispostos na hierarquia são binários, ou seja, representados em relação à sua presença ou ausência, e outros são monovalentes, representados apenas em termos de presença. Os traços binários podem ser exemplificados pelos traços de Abertura e os traços monovalentes, pelos traços de Ponto.

Deve-se destacar o nó *vocálico*, que domina os traços de *Ponto de V* e de *abertura*. Segundo Hernandorena (1999), esse nó está presente nas vogais e em articulações secundárias de consoantes complexas, como, por exemplo, /tʰ/.

Para os processos relacionados ao alçamento vocálico, destaca-se o nó *abertura*, que domina os traços de altura da vogal. O sistema de quatro alturas vocálicas, como no PB, é representado por Wetzels (1991, p. 30) e Hernandorena (1999, p. 59) por meio da utilização de três traços de abertura, como pode ser observado a seguir:

Quadro 6 – Especificação das vogais em termos de traços de abertura

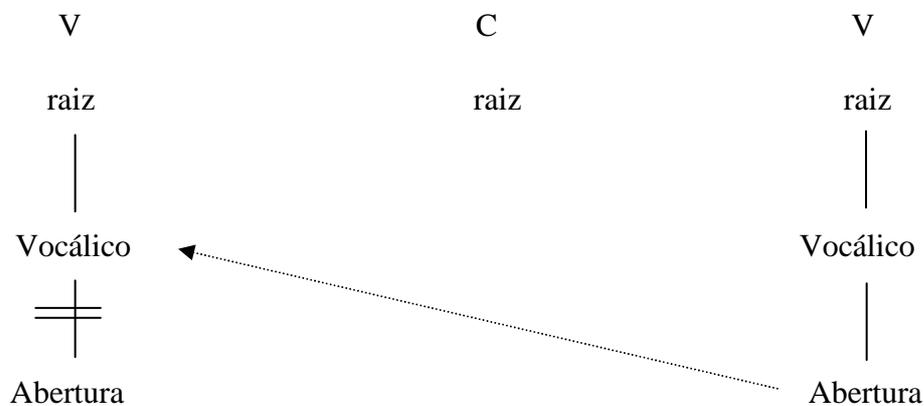
	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
Aberto ₁	-	-	-	+
Aberto ₂	-	+	+	+
Aberto ₃	-	-	+	+

Fonte: Wetzels (1991, p. 30).

As vogais médias-altas distinguem-se das altas, portanto, no que diz respeito ao traço [aberto₂]. Os diferentes traços de abertura encontram-se dispostos em um único nó *abertura*, pois, segundo Hernandorena (1999, p. 59), “todos os graus de abertura podem espriar juntos, como uma unidade”.

Desse modo, a *harmonização vocálica* é expressa por Hernandorena (1999, p. 60) como mostra o diagrama seguir:

Diagrama 4 – Representação da harmonização vocálica, segundo a *Teoria Autossegmental* e a *Geometria de Traços*

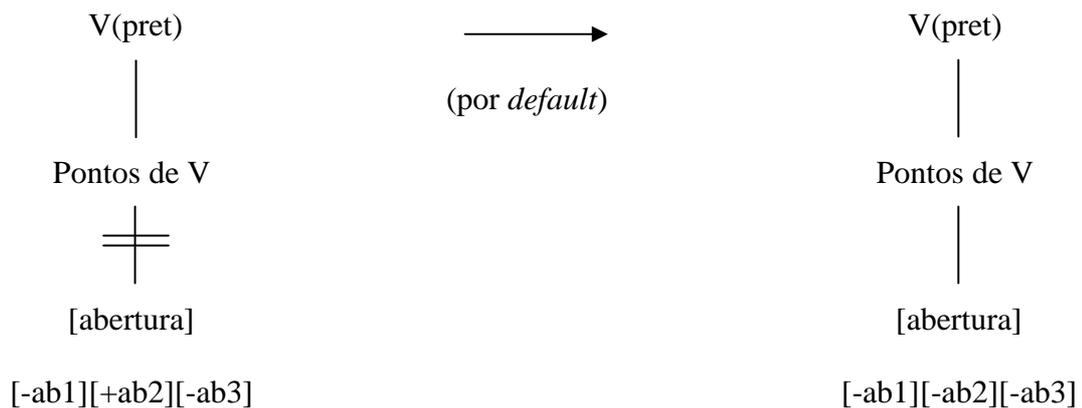


Fonte: Hernandorena (1999, p. 60).

Como pode ser observado, a vogal pretônica assimila a altura, ou seja, o nó *abertura* da vogal seguinte e, dessa maneira, é realizada como vogal alta. Deve-se destacar que, conforme afirma Hernandorena (1999), o traço de Abertura (bem como o de Ponto de V) pode espriar livremente através de consoante simples,⁷ devido à ausência do nó vocálico nesse segmento, o qual, se existisse, bloquearia o espriamento por ferir o *Princípio de não-cruzamento de linhas de associação*.⁸

Em relação à *redução vocálica*, Bisol (2009) afirma consistir em uma regra *neutralizadora*, que busca a diminuição do número de vogais no subsistema.⁹ De acordo com a Geometria de Traços e a Teoria Autossegmental, a redução vocálica pode ser assim esquematizada (BISOL, 2009, p. 79):

Diagrama 5 – Representação da redução vocálica, segundo a *Teoria Autossegmental* e a *Geometria de Traços*



Fonte: Bisol (2009, p. 79).

⁷ Matzenauer (1999, p. 61) define o *segmento simples* como “aquele que apresenta somente um nó de raiz e é caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral”, como, por exemplo, a consoante labial [p]. Diferencia-se, dessa forma, do *segmento complexo* (o qual também apresenta um nó de raiz, mas é caracterizado por dois ou mais traços de articulação oral, como a lateral velarizada [ɬ]) e do *segmento de contorno* (que apresenta efeito de borda, sequências de diferentes traços que se opõem em termos de +/-, como as consoantes africadas).

⁸ Por meio do *Princípio de não-cruzamento de linhas de associação*, um dos princípios básicos da Fonologia Autossegmental, regras de assimilação do nó de ponto, por exemplo, são restritas a consoantes imediatamente adjacentes. A existência de um segmento entre essas consoantes bloquearia a assimilação, pois o espriamento cruzaria linhas no mesmo plano, o que é proibido por esse princípio.

⁹ Além de a harmonização e a redução se diferenciarem pelo fato de a primeira consistir em um processo de assimilação, enquanto a segunda corresponde a um processo de neutralização, a harmonização vai ao encontro da hipótese neogramática, ao passo que a redução corresponde a um processo difusionista (BISOL, 2009), como será apresentado na próxima subseção deste trabalho.

Observa-se que, na redução vocálica, os traços de abertura da vogal pretônica são desligados e preenchidos pelos traços de uma vogal alta. Nos processos de neutralização de vogais médias átonas,¹⁰ Battisti e Vieira (1999, p. 171) afirmam ocorrer também uma regra de redundância, que, de acordo com as autoras, “substitui o valor do traço desassociado pelo seu oposto”. Com base na proposta de Wetzels (1992), as autoras representam a regra da seguinte forma:

Figura 1 – Regra de redundância

$$[\emptyset\text{aberto}_x] \longrightarrow [-\text{aberto}_x]$$

Fonte: Battisti e Vieira (1999, p. 171).

Nessa regra, \emptyset representa desassociação e x corresponde a qualquer traço. No caso do alçamento das vogais médias pretônicas por meio do processo de redução vocálica, o traço em jogo é o [aberto2], como já citado.

Os modelos lineares e não-lineares em Fonologia (dentre estes, a Teoria Autossegmental) baseiam-se em regras fonológicas, como $A \rightarrow B/C_D$, em que A representa o *input*, B corresponde ao *output* e C e D, ao contexto. Segundo McCarthy (2008), as regras fonológicas podem descrever vários processos fonológicos, mas não explicam como os sistemas fonológicos estão interligados. Na busca por soluções para esse problema, surge, no ano de 1993, a OT, à luz da qual são analisadas, neste trabalho, as vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista.

Antes da apresentação dessa teoria, discorre-se sobre outra teoria que também embasa o presente estudo: a *Teoria da Variação e Mudança Linguística*.

¹⁰ No tangente às vogais médias pretônicas, a autora trata especialmente da neutralização das vogais médias-baixas e médias-altas, que reduz de sete para cinco as vogais em posição pretônica, destacando, portanto, o traço [aberto3].

1.4 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A presente pesquisa é teoricamente fundamentada na *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (LABOV, 1991 [1972]), também denominada *Sociolinguística quantitativa*, por operar com números e tratamento estatístico dos dados. Segundo essa teoria, as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas obedecem a um padrão sistemático regulado pelas *regras variáveis*, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

Como afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), cada variável é definida de acordo com funções de variáveis independentes linguísticas (estruturais) e/ou extralinguísticas (sociais). Algumas das variáveis sociais frequentemente consideradas em pesquisas sociolinguísticas são *classe social*, *sexo/gênero*, *escolaridade* e *faixa etária*. Para vários fenômenos linguísticos, essas variáveis têm se mostrado importantes na identificação de motivações sociais para o comportamento variável de estruturas linguísticas. Na seção 3, essas variáveis sociais, assim como as variáveis linguísticas analisadas neste trabalho, são apresentadas mais detalhadamente.

A *Teoria da Variação e Mudança Linguística* tem como alicerce o rompimento da identificação do estrutural com o homogêneo. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), essa associação é uma das origens de antigos paradoxos nos estudos sobre a mudança linguística. Dessa forma, os autores concebem a língua como um objeto constituído por uma diferenciação ordenada ou, em outras palavras, por uma *heterogeneidade estruturada*. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 36), “numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional”.

Conforme afirma Faraco (2005), é dessa realidade heterogênea e variável da língua que emerge a mudança. Assim, para que exista mudança, é necessário que tenha havido variação. Nesse caso, a realização de uma variante se sobrepôs totalmente à da variante com a qual competia. Conforme afirma Labov (1991 [1972]), a mudança tende a se completar em algum momento, e os processos variáveis tornam-se invariantes. No entanto, não necessariamente a variação acarreta mudança, já que as variantes podem se encontrar em variação estável, como ocorre com o morfema *-ing* em inglês, cuja realização se alterna entre a velar [ŋ] e dental [n]. Segundo Naro (2004), esse caso de variação estável é atestado há vários séculos nas gramáticas de língua inglesa.

Labov (2003) afirma que um dos princípios fundamentais da investigação sociolinguística é a inexistência de falantes que dominam um único estilo. O grau de formalidade em que o falante está inserido pode acarretar alguma variação em determinadas regras fonológicas e sintáticas. De acordo com o autor, essas trocas estilísticas são determinadas:

- a) pelas relações do falante, do interlocutor, do público e, principalmente, das relações de poder entre eles;
- b) pelo contexto social mais amplo, como, por exemplo, escola, trabalho e casa;
- c) pelo assunto abordado.

Desse modo, pode-se afirmar que a troca estilística é correlacionada com o tanto de atenção prestada àquilo que se fala. O estilo mais formal relaciona-se ao momento em que maior atenção é prestada à fala, ao passo que o estilo menos formal está vinculado ao uso casual e espontâneo da língua.

Labov (2003) atesta que cada grupo tem como padrão de estilo formal o comportamento linguístico do grupo superior a ele (ou, ainda, do grupo superior a ambos) na escala social. Dessa forma, a estratificação social da língua pode variar de acordo com a mobilidade social. Há uma tendência de as formas inovadoras serem adotadas primeiramente por determinado grupo social e, gradualmente, espalharem-se para outros. O valor social dado a essas formas depende dos valores relativos aos grupos que primeiro as introduziram. Quando a mudança é completada, esse valor social desaparece.

Ao buscar as origens sociais da mudança sonora, Labov (1980) investiga o grupo de falantes responsável pela mudança e o modo pelo qual a influência desses falantes se espalha pela comunidade de fala. Segundo o autor, os casos de variação estável estão muitas vezes relacionados a uma hierarquia socioeconômica, de tal forma que a classe social mais baixa usa a variante estigmatizada mais frequentemente, ao passo que a classe social mais alta realiza essa variante com menor frequência. No entanto, quando as distribuições por faixa etária indicam haver mudança em progresso, há um padrão curvilíneo de distribuição social, em que os grupos inovadores estão localizados na posição intermediária dessa hierarquia (LABOV, 1980). Correspondem, desse modo, à faixa mais alta da classe operária e à classe média-baixa.¹¹ Dentro de cada grupo social, os falantes mais atuantes na mudança linguística são aqueles que têm o *status* mais elevado, com maior número de contatos dentro e fora de sua

¹¹ Labov (1980) destaca também o fato de, geralmente, serem as mulheres as precursoras da mudança linguística.

comunidade linguística. São os indivíduos prestigiados em seu grupo social e, ao mesmo tempo, sensíveis à forma de prestígio do grupo social superior.

Como motivadora da mudança sonora, Labov (1980) destaca a imigração de grupos étnicos e raciais na comunidade. O autor afirma que a imigração faz surgir uma tentativa de reafirmação dos direitos e privilégios por parte dos grupos que anteriormente os detinham, os quais também resistem à pressão dos imigrantes pela aquisição de empregos e moradias.¹²

A teoria da mudança linguística é apresentada em versões *forte* e *fraca* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Em sua forma *forte*, a teoria prevê o desenvolvimento da língua dentro de um intervalo de tempo, a partir de uma descrição da língua de determinado momento. Na versão *fraca*, a teoria da mudança linguística é capaz de afirmar apenas que toda língua sofre alterações e, com base nesse fato, formula fatores condicionantes relativos à transição da língua de um estado para outro. Além disso, a teoria *fraca* prevê que nenhuma língua assumirá uma forma que viole os princípios formais universais. Dessa maneira, a versão *fraca* da teoria da mudança linguística não prevê o que acontecerá, mas consegue afirmar que certas mudanças *não* ocorrerão. Essa discussão será retomada na subseção 1.5.1 desta tese, com a apresentação da proposta do modelo não-clássico da OT *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998), que dialoga com a versão *fraca* da teoria da mudança.

A verificação da mudança pode ocorrer de duas formas: em *tempo real* e em *tempo aparente*. Segundo Paiva e Duarte (2004), apenas o estudo da mudança em *tempo real* fornece evidências que possibilitam uma interpretação mais segura de correlações etárias significativas. A verificação da mudança em *tempo real* divide-se em dois subgrupos: a *mudança em tempo real de longa duração* e *de curta duração*.

Na *mudança em tempo real de longa duração*, observam-se, por exemplo, antigos textos escritos, que registram estágios anteriores da língua. Segundo Paiva e Duarte (2004), um dos problemas da mudança em tempo real de longa duração consiste no fato de os documentos históricos só apresentarem evidências positivas, de modo que nada se pode afirmar acerca da gramaticalidade do que *não* está contido nos textos.

Na *mudança em tempo real de curta duração*, confrontam-se amostras de fala distintas de um mesmo indivíduo, separadas por um lapso temporal (estudo do tipo *painel*). Segundo Paiva e Duarte (2004), há o recontato e a obtenção de amostras de fala de indivíduos gravados

¹² Como ocorre na Filadélfia desde a imigração dos negros provenientes do Sul dos Estados Unidos na metade do século XX (LABOV, 1980).

há um tempo de, aproximadamente, 15 a 20 anos, correspondente ao período de uma geração. Como atesta Chambers (2009 [1995]), no estudo em tempo real do tipo painel, entrevistar os mesmos informantes anos após o primeiro inquérito pode ser uma tarefa difícil. Uma segunda possibilidade, então, é a comparação de amostras distintas de indivíduos diferentes de uma mesma comunidade de fala, com estratificação dos falantes com base nos mesmos parâmetros sociais, também separadas por um intervalo de tempo (estudo do tipo *tendência*). De acordo com Paiva e Duarte (2004), o estudo do tipo *tendência* não tece afirmações sobre o comportamento linguístico do indivíduo, mas permite observar mudanças na configuração social de um grupo e seus reflexos nos processos de mudança linguística. As autoras defendem a conjugação dos estudos *painel* e *tendência* (associada, também, ao estudo em tempo aparente) para uma melhor elucidação do processo de mudança,¹³ pois, em cada um dos tipos de estudo, a relação entre estabilidade e mudança é situada em um plano diferente (PAIVA; DUARTE, 2004, p. 189):

O estudo “painel” focaliza a continuidade/descontinuidade no comportamento linguístico do indivíduo sem reflexos no sistema. O estudo “tendência”, por sua vez, focaliza a continuidade/descontinuidade na própria língua, que pode, em graus diferentes, se refletir no comportamento do indivíduo.¹⁴

A segunda forma de verificação da mudança se dá em *tempo aparente*, realizada, principalmente, por meio da consideração simultânea de informantes pertencentes a diferentes *faixas etárias*.¹⁵ No que diz respeito ao processo de aquisição da linguagem, Naro (2004) afirma que alguns estudos defendem que o sistema linguístico do falante muda ao longo do tempo, havendo um aumento do uso da variante padrão quando o indivíduo ingressa no mercado de trabalho e uma diminuição no momento de sua aposentadoria, quando as pressões sociais e do mercado deixam de agir. Outras pesquisas afirmam que o falante muda sua língua

¹³ Paiva e Duarte (2004) afirmam que a conjugação desses estudos fornece subsídios para a discussão de duas questões propostas por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]): a *implementação* e o *encaixamento* da mudança, a serem apresentados adiante.

¹⁴ No Brasil, deve-se destacar a atuação pioneira do grupo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL – UFRJ). No início da década de 1980, esse grupo desenvolveu o projeto Censo da Variação Linguística, constituindo a Amostra Censo. Nos anos de 1999 e 2000, para possibilitar a verificação da mudança em tempo real de curta duração por meio de estudos do tipo painel e do tipo *tendência*, foram constituídas duas novas amostras. Parte desse banco de dados está disponível em: <www.letas.ufrj.br/peul/>. Acesso em: 19 abr. 2013.

¹⁵ Para as considerações referentes à *faixa etária*, cabe ressaltar que os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que a criança não adquire a língua a partir da fala de seus pais, e sim de seu grupo de colegas/pares (*peers*), o que determina o padrão de fala de sua geração (LABOV, 2003).

com o tempo, mas não atinge a mesma fala dos indivíduos mais velhos, tendendo a exceder essa marca e a implementar a mudança linguística. No entanto, a posição teórica mais aceita entre os linguistas postula que o processo de aquisição da linguagem se encerra aproximadamente no início da puberdade do falante, quando sua língua se torna estável. De acordo com essa corrente teórica, as normas adquiridas a partir de então são apenas esporádicas e nunca alcançam uma regularidade automática (LABOV, 2003). Segundo Naro (2004), pode ocorrer, por exemplo, uma alteração da pronúncia de determinado vocábulo.

Desse modo, o estado da língua de um falante adulto reflete o estado da língua de quando tinha 15 anos de idade, ou seja, para um falante que atualmente tem 65 anos, sua fala representa o estado da língua de 50 anos atrás.

Com a investigação das faixas etárias, alcançam-se os estados da língua adquiridos em diferentes momentos do passado. Segundo Naro (2004), o *congelamento* da língua do falante em sua puberdade permite uma visão simultânea das várias etapas do processo de mudança, retratando, portanto, a mudança linguística em progresso. Desse modo, “o processo de mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias” (NARO, 2004, p. 46).

Se, por exemplo, certa variante for mais utilizada entre os jovens e se o emprego dessa variante for menor à medida que aumentam as faixas etárias dos informantes, pode-se dizer que há indícios de *mudança em progresso*, representada graficamente por um padrão que tende a ser linear. Em caso de *variação estável*, jovens e velhos apresentam um mesmo comportamento e divergem das pessoas de meia-idade, o que resulta em um padrão curvilíneo.

Paiva e Duarte (2004, p. 181) defendem a conjugação de evidências obtidas por estudo da mudança em tempo aparente e em tempo real, afirmando que “essas duas formas de estudo, complementando-se, fornecem evidências mais seguras acerca do estatuto dos padrões de variação em um dado recorte sincrônico”. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) declaram, no entanto, que a verificação da mudança depende de toda a estrutura sociolinguística, e não somente da distribuição no tempo aparente ou real.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apontam cinco problemas com os quais os estudos sobre variação e mudança linguística têm de lidar: (i) *fatores condicionantes*; (ii) *transição*; (iii) *encaixamento*; (iv) *avaliação*; e (v) *implementação*,¹⁶ os quais são explicitados a seguir:

¹⁶ Segundo os autores, esses problemas estão ordenados parcialmente, pois a solução para o problema dos *fatores condicionantes*, por exemplo, pode suscitar o surgimento de outro(s) problema(s).

➤ **O problema dos fatores condicionantes:** Os trabalhos em Sociolinguística devem avaliar as condições possíveis para que a mudança ocorra, bem como investigar quais mudanças são possíveis. Um exemplo dado pelos autores diz respeito ao contato de dois sistemas linguísticos, um com dois fonemas e outro com um fonema fundido. Nesse caso, a direção da mudança costuma ser em prol do sistema com um único fonema. Na presente pesquisa, avaliam-se diferentes grupos de fatores (linguísticos e extralinguísticos), apresentados na subseção 3.3, a fim de se determinar os possíveis condicionadores do fenômeno do alçamento vocálico nas vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Em caso de mudança linguística, as variáveis sociais consideradas auxiliam na caracterização da mudança.

➤ **O problema da transição:** Os estudos sociolinguísticos devem averiguar os estágios intermediários de transição entre duas formas linguísticas de uma comunidade de fala. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 122), “a teoria da mudança linguística pode aprender mais com os assim chamados dialetos transicionais do que com os dialetos ‘nucleares’ [...]. De fato, ganha-se mais considerando-se todo dialeto como transicional”. A mudança linguística geralmente apresenta transições contínuas nas frequências e nos valores modais das formas e a transferência ocorre entre faixas etárias levemente diferentes. Labov (1991 [1972]) aponta três estágios no decorrer da mudança linguística: (i) em sua *origem*, é uma das inúmeras variações usadas por algumas pessoas; (ii) em sua *propagação*, é adotada por muitos falantes, contrastando com a forma mais antiga; e (iii) em seu *fim*, a mudança alcança regularidade por meio da eliminação da(s) outra(s) variante(s), que se torna(m) obsoleta(s). De acordo com o autor, durante esse curso, a dinâmica de interação dos grupos sociais desempenha um papel crucial.¹⁷ Desse modo, para a abordagem do problema da transição, é essencial a análise de variáveis sociais, como a *faixa etária*. Por meio da observação da mudança em *tempo real* e em *tempo aparente*, pode-se constatar o *status* do fenômeno estudado como variação estável ou mudança em progresso. Nesta pesquisa sobre vogais médias pretônicas, o problema da transição é abordado por meio da consideração da variável social *faixa etária*, que propicia o estudo do *status* da mudança em tempo aparente. Além dessa variável, destaca-se a *escolaridade* como possível indicadora de perfis sociais iniciadores do processo de mudança. Isso porque, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), os falantes dos diferentes níveis de escolaridade podem apresentar

¹⁷ O autor enfatiza os comportamentos de *hipercorreção* e de *hipersensibilidade* exercidos pela classe média-baixa, relacionando-os a um alto nível de *insegurança linguística*.

certa diferenciação estilística entre formas arcaicas e inovadoras. Os falantes menos escolarizados costumam exibir pouca consciência de sua fala e, portanto, pouca correção nos estilos mais formais, ao passo que falantes mais escolarizados polícionam mais a própria fala, especialmente em situações formais de interação e, desse modo, tendem a usar formas mais prestigiadas.

➤ **O problema do encaixamento:** Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a mudança está encaixada em uma matriz linguística e social. A mudança não costuma ser um movimento de um sistema completo para outro, mas sim a alteração de um conjunto de variáveis em um sistema. De acordo com os autores, o controle da variação no uso linguístico faz parte da competência dos falantes e, dessa maneira, não é externo ao sistema. Como a estrutura linguística está encaixada na comunidade de fala, variações sociais e geográficas são também elementos intrínsecos da estrutura. Durante a mudança, as estruturas linguísticas estão encaixadas de forma desigual na estrutura social e, nos estágios iniciais e finais da mudança, pode haver pouca correlação com fatores sociais. Sendo assim, deve-se determinar a correlação social e seu peso sobre o sistema linguístico.

➤ **O problema da avaliação:** Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propõem a verificação empírica da avaliação das variáveis linguísticas em uma estrutura heterogênea. Segundo os autores, a investigação dessas percepções sociais é importante para a obtenção de dados sobre estágios recentes da mudança. Segundo os autores, os correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos pelo lugar que as variáveis ocupam na estrutura linguística e o nível de consciência social é uma propriedade relevante da mudança. De modo geral, as mulheres são mais sensíveis à correção social e usam mais frequentemente formas padrão do que os homens. Labov (2003) ressalta que esse fato também está intimamente ligado à classe social, por serem as mulheres da *segunda classe social mais elevada* (classe média-alta) as mais sensíveis a esse tipo de informação, seguidas pelas mulheres de classe alta.¹⁸ Segundo o autor, em comparação com os homens, essas mulheres são mais inclinadas a estigmatizar o uso não-padrão e acabam por criar um padrão de hipercorreção. Na presente pesquisa sobre vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, não são realizados testes de avaliação social das variantes linguísticas. No entanto, os grupos de fatores sociais analisados (*sexo/gênero, escolaridade e faixa etária*) podem funcionar como indicadores indiretos para o problema da avaliação, pois são capazes de indiciar eventuais estigmas por parte dos falantes. Isso ocorre por meio da investigação de algumas hipóteses clássicas nos

¹⁸ No entanto, parece haver menos consciência das normas sociolinguísticas entre mulheres da classe baixa.

estudos sociolinguísticos que, de certo modo, relacionam-se ao problema da avaliação. Por exemplo, a hipótese de que indivíduos do sexo feminino e/ou mais escolarizados tendem a preservar a forma padrão, assim como o falante de maior faixa etária tende a evitar a utilização de formas inovadoras.

➤ **O problema da implementação:** Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o problema da implementação é o verdadeiro cerne da questão da mudança. Busca explicar o porquê de as mudanças ocorrerem em certa língua em determinada época, mas não em outras línguas ou na mesma língua em outras épocas. Como evidenciado, a mudança pode ser favorecida ou desfavorecida por fatores linguísticos e sociais. Desse modo, vários fatores podem atuar na mudança linguística. Segundo os autores, o processo de mudança se inicia quando um dos traços da variação se difunde por um grupo específico da comunidade de fala. A partir de então, esse traço linguístico assume determinada significação social de acordo com os valores sociais associados a esse grupo. Uma vez que a mudança está encaixada na estrutura linguística, é generalizada a outros elementos do sistema. Segundo os autores, a mudança na estrutura social da comunidade de fala geralmente intervém antes do encerramento da mudança. Novos grupos entram na comunidade de fala e uma das mudanças secundárias se torna primária. Essas alternâncias da mudança linguística e social resultam na complexidade das estruturas sociolinguísticas. A mudança avança em direção à sua completude acompanhada de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social. Por fim, perde-se o significado social do traço, completando-se a mudança.

* * * * *

Ainda sobre a literatura acerca de mudança linguística, esse processo é descrito e explicado sobretudo segundo duas abordagens/hipóteses: a *difusão lexical* e a *neogramática*. De acordo com a concepção *difusionista*, cada vocábulo apresenta sua própria história. Seguindo-se essa teoria, as mudanças, implementadas a partir do léxico, são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Já a hipótese *neogramática* propõe que todas as palavras sejam atingidas indistintamente pela mudança linguística (mudanças lexicalmente abruptas e foneticamente graduais) e que as eventuais exceções à regra possam ser explicadas por analogia.

Segundo Bisol (2009), a harmonização vocálica – assim como o alçamento da pretônica /e/ inicial antecedendo N ou S – pode ser explicada de acordo com a perspectiva neogramática. A autora afirma ser a harmonização,

inegavelmente, uma regra neogramática, dependente do sistema, favorecida por certos contextos, o que não a impede de ser aplicada em contextos menos favorecedores, em virtude de seu caráter variável, sempre, porém, sob a égide de seu condicionador fonético, a vogal alta seguinte (BISOL, 2009, p. 87).

Por sua vez, a redução vocálica, por não ter um condicionador fonético específico e por contar com propriedades do próprio fonema (a vogal média é naturalmente a mais suscetível à mudança sonora), é passível de explicação, conforme a autora, segundo a hipótese difusionista.

De acordo com Battisti (2010), mesmo com a vigência da pesquisa sociolinguística quantitativa, a variação fonológica não conseguia ser formalizada teoricamente de modo completo. Segundo a autora, como mencionado anteriormente, o princípio da OT referente à violabilidade das restrições universais, as quais avaliam os *outputs*, faz com que essa teoria apresente grande potencial para a explicação de casos de variação fonológica. Mais detalhes sobre essa teoria são descritos na próxima subseção.

1.5 Teoria da Otimalidade

A OT consiste em uma teoria gramatical surgida no início da década de 90, com os trabalhos de Prince e Smolensky (1993) e de McCarthy e Prince (1993). Inova em relação aos modelos não-lineares em fonologia ao se distanciar do conceito de *regras fonológicas* e se orientar a partir dos *outputs*, e não dos *inputs*. Considera-se como *output* o dado fonético, realizável ou não na língua falada. Já o *input*, segundo Cagliari (2002, p. 133), consiste em uma forma de base, “representando a estrutura morfológica das palavras com seus elementos fonológicos (ou de outro nível)”.

De acordo com Prince e Smolensky (1993), a Gramática Universal (GU, doravante) contém um *conjunto de restrições violáveis* (CON), que consistem em descrições estruturais de boa formação. Segundo McCarthy (2008), a noção de *restrições* em fonologia já existia antes do advento da OT. O que essa teoria trouxe como colaboração foi a concepção de que essas restrições são passíveis de violação, podendo, dessa maneira, ser ranqueadas umas em relação às outras. Há dois tipos mais comuns de restrições: (i) *de fidelidade*; e (ii) *de*

marcação. Conforme afirma Kager (1999), as restrições de fidelidade requerem que *outputs* preservem as propriedades de suas formas lexicais de base, exigindo certa similaridade entre o *output* e o *input*, como, por exemplo, a restrição *MAX-IO*, que expressa que todo elemento do *input* (*I*) deve ter um correspondente no *output* (*O*). Já as restrições de *marcação*, diferentemente das restrições de fidelidade, não levam em consideração o *input*, e predizem que formas de *output* devem satisfazer algum critério de boa formação estrutural, como, por exemplo, a restrição *NOCODA*, que afirma que a posição de coda silábica não deve ser preenchida.

Segundo Prince e Smolensky (1993), qualquer teoria comprometida com a GU deve confiar fortemente em restrições de boa-formação. Dessa maneira, afirmam que seu objetivo com a proposta da OT é desenvolver uma teoria do modo pelo qual a boa-formação representacional determina a atribuição da estrutura gramatical.

Na perspectiva da OT, a gramática avalia um conjunto infinito de formas de *output*. Desse grupo, seleciona o *output* ótimo, aquele que sofre as violações menos severas, ou seja, menos custosas¹⁹ de um conjunto de restrições hierarquicamente organizadas, o que prevê, segundo Kager (1999), a propriedade de *economia* dos processos gramaticais.

A mediação dessa relação entre *input* e *outputs* é feita por duas funções da gramática: (i) o *gerador* (*GEN*); e (ii) o *avaliador* (*EVAL*). *GEN* cria os possíveis *outputs* e indica suas relações de correspondência com o *input*. *EVAL*, por sua vez, analisa os *outputs*, avalia a boa-formação de cada um dos candidatos e verifica qual pode ser considerado *ótimo* – por ser aquele que menos viola a hierarquia de restrições – e qual não é admissível na língua – por violar uma ou mais restrições de modo fatal. Além disso, *EVAL* também cria um ranqueamento entre as restrições, “de acordo com o poder que cada uma delas tem de agir, permitindo ou não violações e, desta forma, fazendo as devidas seleções entre os candidatos do *output*” (CAGLIARI, 2002, p. 134). *EVAL* usa as restrições em *CON* (que, como citado anteriormente, correspondem às restrições que compõem a GU) para comparar os candidatos gerados por *GEN* a fim de determinar o *output*. Portanto, conforme afirma Coetzee (2004), *EVAL* pode ser considerado o centro da gramática da OT, pois é quem determina o *output* a partir de um conjunto de candidatos e de restrições.

Segundo Prince e Smolensky (1993), há interações entre as restrições de tal forma que a satisfação de uma restrição pode ser prioritária em relação à satisfação de outra. Os modos

¹⁹ Conforme afirma Kager (1999), o *output* ótimo pode ser definido como a forma *melhor possível*, e não como a forma *perfeita*, tendo em vista que todo *output* viola ao menos alguma restrição.

pelos quais uma gramática resolve conflitos se dão pelo ranqueamento das restrições em uma hierarquia de *dominação estrita*, princípio que postula prioridade absoluta de cada restrição em relação às restrições mais baixas na hierarquia. De acordo com Archangeli (1997), a violação a uma restrição é tolerada apenas a fim de satisfazer outra restrição que, no ranqueamento, é mais relevante.

De acordo com Prince e Smolensky (1993), a OT muda a responsabilidade da teoria de operações (GEN) para a teoria de boa-formação (EVAL), atingindo os objetivos da gramática gerativa. Segundo os autores, a OT abandona duas pressuposições-chave de estudos anteriores:

- (i) que é possível, para uma gramática, especificar meticulosamente a descrição estrutural e a mudança estrutural das regras; no lugar disso, há GEN, que gera, para qualquer *input*, um grande espaço de análises de candidatos exercitando livremente os recursos estruturais básicos da teoria representacional, sendo o sistema de restrição da gramática forte o suficiente para selecionar o *output* ótimo; e
- (ii) que as restrições são declarações de línguas particulares de verdades fonotáticas; ao invés disso, há a afirmação de que as restrições são universais, simples e gerais, e a gramática particular consiste em um ranqueamento dessas restrições, que resolve qualquer conflito em favor da restrição com ranqueamento mais alto. Dessa forma, diferenças interlinguísticas surgem de permutações da hierarquia de restrições.

O ranqueamento das restrições e as avaliações entre o *input* e os candidatos são mostrados em um *tableau*, onde o candidato ótimo é comparado a seu(s) competidor(es) em relação às restrições consideradas. Um exemplo de estrutura de *tableau* é apresentado a seguir (KAGER, 1999, p. 13):

Tableau 1 – Exemplo de estrutura de um *tableau* segundo a OT clássica

	C ₁	C ₂
a. ↗ candidato a		*
b. candidato b	*!	

Fonte: Kager (1999, p. 13).

As restrições consideradas (no exemplo, C_1 e C_2 , do inglês *constraints*) são apresentadas na primeira linha do *tableau*, em um ordenamento decrescente da esquerda para a direita. Já a primeira coluna contém os diferentes candidatos, sendo um deles o ótimo (indicado pelo símbolo “☞”). O cruzamento das linhas com as colunas origina diferentes células individuais, que, por meio da presença ou ausência do símbolo “*”, mostram, respectivamente, a violação ou não-violação de cada candidato a cada restrição. Quando seguida do símbolo “!”, a marca de violação indica uma violação fatal, aquela que elimina completamente o candidato. O sombreamento de uma célula – como em todas referentes à restrição C_2 no *tableau* apresentado – indica sua irrelevância na seleção do candidato ótimo.

Restrições e seus ranqueamentos são de extrema importância para a OT, pois, como atesta Cagliari (2002), definem as estruturas fonológicas das línguas em geral e o caráter particular de estruturas encontradas apenas em determinadas línguas. Segundo Archangeli (1997), as restrições têm caráter universal, tendo em vista que todas as diferentes línguas têm acesso a um conjunto universal de restrições (*CON*). De acordo com Prince e Smolensky (1993), as línguas particulares diferem-se na resolução dos conflitos entre restrições universais: o modo pelo qual as línguas particulares ranqueiam as restrições universais em hierarquias de *dominação estrita* determina as circunstâncias pelas quais as restrições são violadas. Assim, o que diferencia uma língua da outra é o fato de uma língua violar um subconjunto específico de restrições, enquanto outra viola outro subconjunto. Dessa forma, Archangeli (1997) aponta que, na OT, a *variação interdialeto* é concebida como resultado de diferenças nas hierarquias de restrições selecionadas por línguas particulares diferentes. Desse modo, a GU fornece não apenas os mecanismos formais para construir gramáticas particulares, mas também a substância das quais as gramáticas são construídas.

Quanto aos casos de *variação intradialeto*, os princípios clássicos da OT não conseguem explicá-los, pois considerar as formas em variação significaria ferir alguns princípios básicos da OT, como o de *dominação estrita*, que, como citado no presente estudo, prevê a existência de apenas um candidato ótimo para cada hierarquia de restrições, enquanto formas em variação correspondem a dois ou mais candidatos ótimos. Apesar disso, segundo Battisti (2010), em comparação aos modelos fonológicos gerativos anteriores, a OT apresenta potencial para explicar os casos de variação, tendo em vista a noção de possibilidade de violação a restrições universais, as quais avaliam os *outputs*, não havendo, segundo a autora, imposição de condições estruturais aos *inputs*.

A variação e a mudança linguística nunca estiveram entre os focos não só da OT em sua abordagem clássica, mas também da linguística gerativa como um todo. Segundo Anttila

(1997) e Anttila e Cho (1998), a variação é um problema para a teoria gerativa, pois reflete interações entre a competência e outros sistemas cognitivos, como os sistemas sociais e, além disso, raramente é livre: o contexto, ao mesmo tempo em que não determina uma variante categoricamente, origina uma informação estatística. A fonologia deve assumir a tarefa de lidar com essas questões e explicar o porquê de a variação ocorrer onde ocorre.

Segundo Anttila (1997), uma forma inicial de lidar com o problema seria afirmar que a variação surge quando a gramática é incapaz de decidir entre mais de um candidato, o que o autor denomina como *gramática inativa no conjunto de candidatos*. No *tableau*, isso seria representado por dois ou mais candidatos apontados como ótimos, violando exatamente a(s) mesma(s) restrição(ões) (ANTTILA, 1997, p. 25):

Tableau 2 – Exemplo de estrutura de um *tableau* com dois candidatos ótimos

	A	B	C
a. ☞ <i>cand</i> ₁	*		
b. ☞ <i>cand</i> ₂	*		

Fonte: Anttila (1997, p. 25).

No *tableau 2*, ambos os candidatos violam a mesma restrição (A)²⁰ e não violam as demais (B e C). A gramática, então, torna-se incapaz de decidir entre os candidatos, sendo ambos apontados como ótimos. A partir desse empate inicial entre os candidatos, restrições ranqueadas abaixo de A, B e C são potencialmente ativas nesse conjunto. Anttila (1997) afirma que, nessa abordagem inicial, os candidatos são igualmente harmônicos e, portanto, não há como modelar os efeitos de frequência induzidos pela fonologia.

Os autores defendem que as gramáticas impõem restrições estruturais na variação e na mudança linguística. Por isso, faz-se necessária uma teoria que, formalmente, englobe fenômenos invariáveis e variáveis, bem como sincronia e diacronia. Surgem, então, diferentes propostas que buscam explicar a variação a partir de abordagens não-clássicas da OT.

Segundo Anttila (1997), um dos primeiros estudos de variação segundo a perspectiva da OT é o de Reynolds (1994), que propõe que, em adição às restrições com ranqueamento fixo, existam restrições flutuantes, restritas a certo domínio na gramática. Anttila (1997) critica essa abordagem ao afirmar que suas vantagens não são claras. Constata, também, que

²⁰ Nesse *tableau* de Anttila (1997), nota-se, também, certa incoerência ao serem apontados como ótimos dois candidatos que violam a restrição em posição superior na hierarquia.

sua proposta sobre o *Ordenamento parcial de restrições*, que será apresentada a seguir, faz com que as distinções entre restrições fixas e flutuantes sejam eliminadas.

No presente trabalho, são testadas as propostas do *Ordenamento parcial de restrições*, de Anttila (1997) e Anttila e Cho (1998), e do *Ranqueamento ordenado por EVAL*, de Coetzee (2004, 2006). A escolha pela consideração desses modelos não-clássicos da OT se dá pelo fato de essas abordagens: (i) serem frequentemente referidas na literatura (BATTISTI, 2010); (ii) serem consideradas em estudos sobre vogais médias pretônicas em determinadas variedades do PB (ALVES, 2011a, 2011b; GUIMARÃES, 2006); e, principalmente, (iii) atrelarem variação à produção linguística, posto que, neste trabalho, objetiva-se analisar a variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista em relação à produção dessas vogais.²¹

Segundo Battisti (2010), as propostas do *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e do *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006) diferenciam-se entre si por operar de modos diferentes com os ordenamentos de restrições. A abordagem de Anttila (1997), defendida também no artigo de Anttila e Cho (1998), prega, como será visto adiante, a utilização de ranqueamentos parciais para dar conta da variação, resultando em mais de um *tableau*. A proposta de Coetzee (2004, 2006) postula que o ranqueamento seja ordenado por EVAL, defendendo a necessidade de uma única hierarquia de restrições e uma maior função a esse mecanismo da gramática, que passa a comparar a boa formação de todo o grupo de candidatos. Nas subseções seguintes, tais propostas são mais detalhadamente apresentadas.

1.5.1 Ordenamento parcial de restrições

Anttila (1997), ao analisar o genitivo plural do finlandês, observa que os contextos de variação são previsíveis fonologicamente e que as preferências estatísticas são governadas pela fonologia. O autor opta por não embasar sua análise no arcabouço teórico da Sociolinguística Quantitativa, pelo fato de esse modelo teórico não explicar certas características da variação. Segundo o autor, essa teoria não explica preferências estatísticas nem elucida o porquê de o fenômeno ser categórico em certos contextos e variável em outros.

²¹ A investigação da variação das vogais médias pretônicas no falar paulista à luz de modelos não-clássicos da OT que consideram a *percepção linguística*, como a abordagem da *Variação linguística alocada na gramática da percepção* (LEE; OLIVEIRA, 2006a, 2006b), é deixada para estudos futuros.

Dessa forma, Anttila (1997) fundamenta sua pesquisa nos princípios teóricos da OT e propõe o *Ordenamento parcial de restrições*, fornecendo soluções a essas questões e às decorrentes da dificuldade de a OT clássica lidar com a variação, como visto na subseção anterior. A proposta do Ordenamento parcial, que define a gramática como um ranqueamento parcial em um conjunto de restrições, não concebe diferenças cruciais entre fenômenos invariáveis e variáveis, pois ambos compartilham uma mesma gramática. Além disso, segundo Anttila (1997), esse modelo teórico apresenta maior potencial explicativo, pois é capaz de justificar o porquê de o mesmo fenômeno ser categórico em alguns contextos e variável em outros, fazendo, também, previsões estatísticas baseadas na interação entre princípios gramaticais.

Além disso, o modelo do Ordenamento parcial fornece uma explicação para a origem da variação. Anttila (1997) aponta para a possibilidade de, no início da aquisição da linguagem, as restrições não serem ranqueadas e, durante o processo de aquisição, os ordenamentos serem agrupados a partir de evidência positiva. No entanto, essa tarefa não necessariamente é completada, o que acarretaria variação.

Na proposta do Ordenamento parcial de restrições, Anttila (1997) e Anttila e Cho (1998) defendem que as gramáticas de línguas naturais não são conectadas, ou seja, não apresentam a propriedade de *Conectividade*, que afirma que cada restrição é ranqueada em relação a toda outra restrição. Nesse sentido, na proposta do Ordenamento parcial, ao menos uma restrição não é ranqueada em relação a outra. Tendo-se, como exemplo, as restrições A, B e C, pode-se propor que B e C não sejam ranqueadas uma relação à outra, como pode ser observado a seguir:

- a) Ordenamento 1: $A \gg B$
- b) Ordenamento 2: $A \gg C$

Se uma restrição domina outra ($A \gg B$ ou $A \gg C$), de acordo com Battisti (2010, p. 280), “mesmo perante rearranjos de outras restrições, a relação hierárquica do par de restrições relevantes sempre se mantém”.

Esses ordenamentos, existentes em uma mesma gramática, resultam na existência de mais de um *tableau* ordenado totalmente, sendo um para cada candidato ótimo, como exemplifica Anttila (1997, p. 25-26):

Tableau 3 – Output ótimo = candidato 2, segundo o Ordenamento parcial de restrições

	A	B	C
a. $_{\text{cand}_1}$	*	*!	*
b. $_{\text{cand}_2}$	*		

Fonte: Anttila (1997, p. 25).

Tableau 4 – Output ótimo = candidato 1, segundo o Ordenamento parcial de restrições

	A	C	B
a. $_{\text{cand}_1}$	*		*
b. $_{\text{cand}_2}$	*	*!	

Fonte: Anttila (1997, p. 26).

Nesses exemplos, tanto o candidato 1 quanto o 2 são possíveis na língua, ou seja, trata-se de um caso de variação. Em relação ao comportamento variável das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, por exemplo, há dois candidatos ótimos: um com a vogal alçada (alta), outro com a vogal média-alta. Desse modo, segundo o modelo do Ordenamento parcial de restrições, deve haver dois *tableaux* (por processo fonológico): um que indica o candidato com vogal *alta* como ótimo e o outro que seleciona o candidato com vogal *média-alta* como ótimo.

Por meio dos *tableaux* 3 e 4, constata-se que a restrição C não é ranqueada em relação a B. Trata-se de uma única gramática com duas hierarquias, com dois *outputs* e que, desse modo, prevê a variação. Segundo McCarthy (2002), a teoria do Ordenamento parcial prevê não apenas variação, mas também a frequência das variantes, dialogando, portanto, com alguns pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa. Essa abordagem permite que se modelem os fenômenos variáveis e invariáveis em uma mesma estrutura, permitindo também derivar previsões estatísticas, já que, de acordo com essa proposta, um candidato é previsível pela gramática se vence em algum *tableau*, e vencendo em n *tableaux* (sendo t o número total de *tableaux*), a probabilidade de sua ocorrência é de n/t . Um candidato vence o outro apenas quantitativamente, vencendo em um número maior de *tableaux*. Assim, como aponta Battisti (2010), a frequência dos *outputs* rivais é diretamente proporcional ao número de ordenamentos.

Segundo Anttila (1997) e Anttila e Cho (1998), o Ordenamento parcial também combina a variação com uma teoria *fraca* da mudança linguística (WEINREICH; LABOV;

HERZOG, 2006 [1968]), a qual, como já apresentado na subseção 1.4 deste trabalho, afirma que toda língua constantemente se submete a alterações e formula fatores condicionantes na transição de um estado da língua ao estado imediatamente sucessor. A teoria *forte* de mudança linguística, por sua vez, prevê o curso de desenvolvimento pelo qual essa língua passa em determinado intervalo de tempo. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) concluem que nenhum tipo – *fraco* ou *forte* – de teoria é possível, tendo em vista a gramática gerativa da época, pois a língua tem a propriedade de heterogeneidade ordenada que a gramática gerativa da época não poderia capturar, e é exatamente essa a propriedade que desempenha um papel crucial na mudança. A teoria de Ordenamento parcial pode ser concebida como um avanço, identificando-se, segundo Anttila (1997), a uma teoria *fraca* de mudança linguística, tendo em vista que a GU, nessa abordagem, define um conjunto de estados possíveis (alguns invariantes, outros variáveis) e as transições entre esses estados. Além disso, essa abordagem da OT permite que se incorpore variação sincrônica, mudança diacrônica, estatísticas de uso e regularidades categóricas em um modelo formal homogêneo.

Anttila e Cho (1998) constatam, por fim, que a hipótese de que as gramáticas são ordenamentos parciais apresenta duas consequências teóricas importantes:

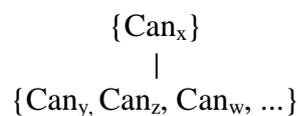
- (i) o conjunto de gramáticas possíveis inclui sistemas invariáveis e variáveis. A diferença entre fenômenos categóricos e variáveis é meramente quantitativa: gramáticas variáveis têm menos informações de ranqueamento; e
- (ii) a teoria do Ordenamento parcial engloba julgamentos categóricos e preferências, sem eliminar a distinção entre gramaticalidade *versus* agramaticalidade. Uma mesma gramática pode predizer regularidades categóricas e preferências estatísticas.

Battisti (2010, p. 280) concebe a proposta como satisfatória, afirmando que “apresenta-se como proposta viável para lidar com processos variáveis na linha da OT”. Essa proposta é utilizada nesta análise do comportamento variável das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Outro modelo não-clássico da OT utilizado na análise dessas vogais é o *Ranqueamento ordenado por EVAL*, abordado na subseção que se inicia.

1.5.2 Ranqueamento ordenado por EVAL

Outra proposta para tratar da variação linguística é feita por Coetzee (2004, 2006). Esse autor propõe o modelo do Ranqueamento ordenado por EVAL, dando uma função maior a esse mecanismo da gramática. Na OT clássica, EVAL apenas distingue o melhor candidato dos perdedores (ordenamento em dois níveis), os quais são aglomerados em um mesmo conjunto, como mostra a figura a seguir (COETZEE, 2004, p. 4):

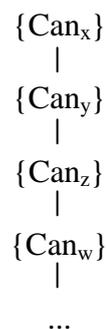
Figura 2 – Ranqueamento dos candidatos segundo a OT clássica



Fonte: Coetzee (2004, p. 4).

De acordo com Coetzee (2004), na OT clássica, os candidatos não-vencedores são agrupados em um mesmo conjunto, não havendo diferença, por exemplo, entre um possível segundo melhor candidato e o pior candidato do conjunto. Na proposta de Coetzee (2004, 2006), EVAL passa a impor um ranqueamento ordenado harmônico no conjunto completo de candidatos (ordenamento em multiníveis), de tal forma que também os perdedores são ordenados uns em relação aos outros, permitindo a classificação de um candidato perdedor como *melhor* ou *pior*. O autor aponta que, se o candidato ótimo for removido de um conjunto de candidatos, e apenas o conjunto de perdedores for submetido a EVAL, este pode sucessivamente identificar o perdedor que é melhor do que os outros, como mostra a figura seguinte (COETZEE, 2004, p. 4):

Figura 3 – Ranqueamento ordenado dos candidatos por EVAL



Fonte: Coetzee (2004, p. 4).

Desse modo, evidencia-se que EVAL passa a ter o poder de fazer distinções mais detalhadas no conjunto de candidatos. Conforme relata Battisti (2010), nessa proposta, a variação não resulta do próprio ranqueamento, mas da atuação de EVAL sobre os candidatos. Além disso, segundo Coetzee (2004), os poderes comparativos de EVAL são expandidos, pois essa função da gramática passa a poder comparar qualquer conjunto de candidatos, até mesmo aqueles que não são relacionados entre si pela existência de um mesmo *input* (*variação intercontextual*, na nomenclatura do autor).

O fato de os usuários da língua poderem acessar mais do que apenas o melhor candidato (o candidato ótimo) faz com que essa abordagem não-clássica da OT, segundo Coetzee (2004), seja capaz de elucidar fenômenos não-categóricos, como a variação. De acordo com o autor, a variação é possível porque os usuários da língua podem acessar os candidatos não-ótimos e, dessa forma, outro(s) candidato(s) pode(m) ser observado(s) como *output*.

No entanto, nem todos os candidatos são acessíveis igualmente, o que explica a frequência relativa das diferentes variantes. Quanto mais alto um candidato é ranqueado, mais frequentemente ele será selecionado como *output*. O melhor candidato é, então, a variante mais frequente, o segundo melhor candidato é a segunda variante mais frequente, etc. Quanto à formalização da frequência, Battisti (2010) critica a proposta, pois, segundo a autora, o ordenamento realizado por EVAL é informado sobre frequências, e não exatamente as prevê e/ou as informa.

Coetzee (2004) observa que há dois aspectos da variação que são abordados pelo modelo:

- (i) a *variação intercontextual*, por meio de observação de contextos diferentes (em termos de compartilhamento de um único *input*) e verificação do(s) contexto(s) em que o processo ocorre com frequência maior. Para elucidar esses casos, em que diferentes contextos mostram diferentes padrões de variação, usa-se a habilidade de EVAL de avaliar conjuntos de comparação não-gerados. EVAL compara os candidatos não-relacionados diretamente por meio de um *input* compartilhado e, dessa maneira, compara a não-aplicação de candidatos de *inputs diferentes*, explicando a frequência relativa com a qual um processo variável se aplica em contextos distintos; e
- (ii) a *variação intracontextual*, por meio da elucidação, *para um mesmo input*, da ocorrência mais frequente de uma das variantes em relação a outra(s): o candidato que ocupa o maior lugar na hierarquia é o mais acessível e o mais

provável de ser selecionado como *output*. Consequentemente, será a variante observada mais frequentemente. O candidato que ocupa o segundo lugar no ranqueamento é o segundo mais acessível e a segunda variante mais frequente, e assim sucessivamente.

Em relação à *variação intracontextual*, em que se situa a variação das vogais médias pretônicas, o usuário da língua, de acordo com Coetzee (2004), não acessará o ordenamento a uma profundidade arbitrária. Há certas restrições que uma língua viola, mas também há restrições que uma língua tende a não violar, a menos que seja extremamente necessário. Para resolver esse problema, o autor propõe a existência do *ponto de corte* na hierarquia de restrições, que divide as restrições em: (i) aquelas que uma língua viola; e (ii) aquelas que a língua tende a não violar. Um candidato desfavorecido por uma restrição ranqueada acima do ponto de corte não será acessado como *output* caso haja ao menos um candidato disponível que não é desfavorecido por restrição ranqueada acima do ponto de corte. Segundo o autor, isso restringe, nos casos de variação, o número de variantes para cada *input* e explica o fato de alguns fenômenos serem categóricos, posto que os candidatos que violam restrições ranqueadas acima do ponto de corte são agramaticais. Conforme afirma Coetzee (2004), apenas na ausência de outras opções o falante acessará os candidatos eliminados por restrições ranqueadas acima do ponto de corte.

No exemplo de *tableau* apresentado a seguir, o qual segue o modelo do Ranqueamento ordenado por EVAL, o ponto de corte é representado pela linha mais grossa, que separa as colunas referentes às restrições A e B.

Tableau 5 – Exemplo de *tableau* segundo a proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL

	A	B	C	D
1 Candidato x				*
2 Candidato y		*		
Candidato z	*!			

Fonte: Elaboração própria.

Nesse exemplo, o candidato z é agramatical, pois viola a restrição A, posicionada acima do ponto de corte na hierarquia de restrições. Para a variedade do interior paulista, por exemplo, não há vogal média-baixa em posição pretônica, devido à ausência do fenômeno de abaixamento vocálico. Desse modo, o candidato com vogal média-baixa deve ser considerado agramatical e violar uma restrição que esteja acima do ponto de corte. No *tableau 5*, os

candidatos x e y são gramaticais, sendo x mais frequente do que y, o que pode ser observado pelos números 1 e 2, que indicam, respectivamente, a maior e menor frequência de cada candidato. Para a variedade do interior paulista, as formas gramaticais são aquelas com vogal média-alta e vogal alta, e a frequência de cada candidato é dependente do item lexical, mas, se tomada de modo geral, prevalece a variante média-alta, como será observado na seção 4.

No modelo do Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006), há uma gramática e um único ranqueamento de restrições. Essa abordagem se diferencia do Ordenamento parcial de restrições (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) pois, neste, a variação está situada dentro da gramática e, na proposta de Coetzee (2004), fora da gramática, que apenas especifica os limites dentro dos quais a variação será observada, a partir da existência do ponto de corte.

Coetzee (2004) destaca mais uma diferença entre as duas abordagens: o Ordenamento parcial de restrições (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) elucida frequências *absolutas* de cada variante, ao passo que o Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006) explica frequências *relativas*. Segundo o autor, embora a indicação de frequências absolutas pareça, a princípio, ser uma vantagem da primeira abordagem, na verdade gera dois problemas conceituais²² e um problema prático que são evitados pela segunda proposta. O primeiro problema conceitual diz respeito à improbabilidade de todos os indivíduos de uma comunidade de fala terem o mesmo padrão de variação que a média de sua comunidade de fala. Segundo o autor, todos os falantes tendem a mostrar um mesmo padrão de variação *relativo*, uma preferência *relativa* por determinada variante, o que vai ao encontro da proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006).

O segundo problema conceitual da abordagem do Ordenamento parcial de restrições (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) relaciona-se à questão de somente a gramática ser responsável pelo padrão de variação, o que acarreta a ausência de espaço para fatores extragramaticais, como *classe social*, *sexo/gênero*, *faixa etária*, *nível de escolaridade*, entre outros. Na proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006), esses fatores são os responsáveis por determinar a frequência de cada variante. A gramática, como já apresentado, apenas molda os limites dentro dos quais os fatores extragramaticais podem interagir a fim de determinar os padrões da variação. Consequentemente, observa-se que o Ranqueamento ordenado por EVAL, quando comparado à proposta do Ordenamento parcial

²² Denominados pelo autor como *which-frequency* e *grammar alone*, respectivamente.

de restrições, apresenta um maior diálogo com a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1991 [1972]).

O problema prático do Ordenamento parcial de restrições (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) apontado por Coetzee (2004) é a necessidade de utilização de muitas restrições para modelar as frequências das variantes. Essas frequências costumam variar de acordo com o dialeto, podendo acontecer, inclusive, de uma variante ser a mais frequente em uma variedade, e outra ser a mais frequente em uma variedade distinta. Como essa abordagem concebe a variação situada dentro da gramática, o conjunto de restrições não-ranqueadas deve ser diferente para cada dialeto. A crítica do autor é a de que essas restrições não seriam bem motivadas e teriam um caráter *ad hoc*. Ademais, nos casos de frequências diferentes de um processo em dialetos de uma mesma língua, os fatores gramaticais que influenciam essas (diferentes) frequências de aplicação do processo são os mesmos. Utilizando-se de restrições distintas, não capturam o fato de que se trata de um mesmo processo e de uma mesma língua. Segundo o autor, o Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006) evita esse problema, pois considera as mesmas restrições. As diferentes frequências de acordo com as variedades são resultado da interação da gramática com fatores extralinguísticos, pois, como citado, a variação situa-se fora da gramática.

Coetzee (2004) defende ainda as vantagens de a proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL (i) conceber uma única hierarquia de restrições e (ii) não requerer qualquer mudança formal da arquitetura de EVAL em relação à gramática da OT clássica, já que apenas aponta funções de EVAL que não foram apreciadas anteriormente. Essa segunda abordagem não-clássica da OT também é utilizada na análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, buscando-se avaliar seu teor explicativo em relação à variação ocorrida nessas vogais.

* * * * *

As abordagens não-clássicas da OT apresentadas têm em comum a proposta de mecanismos para tratar da variação fonológica. Enquanto a variação é formalizada, no modelo de Anttila (1997) e de Anttila e Cho (1998), por meio do ranqueamento parcial das restrições, na proposta de Coetzee (2004, 2006), é formalizada por meio da maior atuação de EVAL sobre os candidatos.

No presente trabalho, busca-se, a partir da análise dos dados, verificar se determinado modelo oferece explicações mais adequadas ao caso de variação segmental estudado, isto é, o

comportamento variável das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Conforme aponta Battisti (2010, p. 289):

para o pesquisador de variação fonológica, a superioridade de uma proposta em relação à outra deve ser apontada por seus pressupostos e pelo modo como, integradamente, respondem a questões de estrutura fonológica e de mudança linguística.

Na seção seguinte, são resumidos alguns trabalhos acerca de vogais médias pretônicas em diferentes variedades do PB que se baseiam nos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e/ou da OT, apresentados nesta seção.

1.6 Resumo

Inicialmente (subseção 1.1), foram exibidas algumas informações morfofonológicas que distinguem as classes gramaticais dos nomes e verbos, com ênfase ao processo categórico na raiz verbal denominado *harmonia vocálica*.

Em seguida (subseção 1.2), foi apresentado o fenômeno do *alçamento vocálico*, bem como dois processos com o qual está relacionado: a *harmonização vocálica* e a *redução vocálica*. Esses processos também foram abordados à luz da Teoria Autossegmental, representada pela Geometria de Traços (subseção 1.3), em que foram ilustradas a estrutura hierárquica das vogais e as especificações de cada vogal em relação a três traços de abertura. Em relação à *harmonização vocálica* (HERNANDORENA, 1999), verificou-se o espraçamento do nó *abertura* da vogal alta para a vogal pretônica-alvo. Quanto à *redução vocálica* (BISOL, 2009), observou-se o desligamento do nó *abertura* da vogal pretônica, preenchido pelo nó *abertura* da vogal alta.

Posteriormente, discorreu-se acerca dos modelos teóricos que embasam a presente pesquisa: a *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (LABOV, 1991 [1972], subseção 1.4) e a OT (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993, subseção 1.5). Pelo fato de a abordagem clássica da OT não conseguir lidar com a variação linguística, levam-se em consideração, mais precisamente, dois de seus modelos não-clássicos: *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006) (subseções 1.5.1 e 1.5.2, respectivamente).

Apresentada a fundamentação teórica da presente pesquisa, passa-se à caracterização das vogais médias pretônicas em diferentes variedades do PB.

2 CARACTERIZAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, são expostos alguns estudos acerca das vogais médias pretônicas no PB. Pesquisas sobre essas vogais vêm sendo conduzidas há mais de três décadas, com maior intensidade desde 2005, ano da criação do Projeto PROBRAVO, que investiga as realizações fonéticas das vogais do PB. Dado o grande número de estudos sobre vogais médias pretônicas na literatura, ressalta-se que se fez necessária uma seleção prévia desses trabalhos para a apresentação nesta seção, já que o levantamento e a exposição de todas as pesquisas existentes tornaria inexecutável o cumprimento do objetivo principal deste trabalho: a análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Para a seleção dos trabalhos a serem apresentados nesta seção, buscou-se contemplar as cinco regiões brasileiras: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte, com o intuito de se realizar uma comparação com os resultados acerca da variedade do interior paulista e, posteriormente, de se elaborar um mapeamento das vogais médias pretônicas do PB.

Antes da listagem desses trabalhos, cabe realizar uma breve apresentação de descrições gerais elaboradas por Nascentes (1953 [1922]) e Cardoso (1999), que, de modos distintos, tratam das variedades do PB com alusão ao comportamento das vogais médias em contexto pretônico.

2.1 Descrições gerais das vogais médias pretônicas no PB

Em seu estudo dialetológico, Nascentes (1953 [1922]) elabora uma divisão geolinguística do falar brasileiro em seis subfalares, reunidos em dois grandes grupos (*norte e sul*). Segundo o autor, uma das diferenças principais entre esses dois grupos é a existência do *abaixamento vocálico*, ou seja, a realização de vogais pretônicas médias-baixas em determinados vocábulos (NASCENTES, 1953 [1922], p. 19-20):

De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão: norte e sul; norte, até a Baía e sul, daí para baixo. No sul não há vogais pretônicas abertas antes do acento (salvo determinados casos de derivação) e a cadência é diferente da do norte.

É palpável a diferença entre a fala *cantada* do nortista e a fala *descansada* do sulista. No lexico são grandes as diferenças que se notam entre os diversos Estados do Brasil.

Segundo o autor, fazem parte do grupo *sul* os subfalares *sulista*, *mineiro*, *fluminense* e *baiano*. O grupo *norte*, por sua vez, consiste nos subfalares *amazônico* e *nordestino*. Essa divisão pode ser verificada a partir do mapa a seguir (NASCENTES, 1953 [1922], p. 19):

Mapa 1 – Divisão dos falares brasileiros segundo Nascentes (1953 [1922])



Fonte: Nascentes (1953 [1922], p. 19).

Leite e Callou (2004 [2002]) afirmam que uma das dificuldades no estabelecimento de limites divisórios entre as variedades brasileiras consiste no fato de os limites administrativos raramente coincidirem com limites linguísticos. Dessa maneira, Nascentes (1953 [1922]) organiza os subfalares sem obedecer estritamente às divisões estaduais vigentes em 1953 (ano de publicação da segunda edição de seu livro), como pode ser verificado no mapa 1 e na lista de variedades apresentada a seguir:

Grupo *sul*:

- (i) *Sulista*: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais (sul e Triângulo Mineiro), Goiás (sul) e Mato Grosso;
- (ii) *Mineiro*: Minas Gerais (centro, oeste e parte do leste);
- (iii) *Fluminense*: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal (Rio de Janeiro), Minas Gerais (Mata e parte do leste); e
- (iv) *Baiano*: Sergipe, Bahia, Minas Gerais (norte, nordeste e noroeste) e parte de Goiás.

Grupo *norte*:

- (i) *Amazônico*: Acre, Amazonas, Pará e parte de Goiás; e
- (ii) *Nordestino*: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte de Goiás.

Há, também, um subfalar classificado pelo autor como *incharacterístico*, o qual compreende uma região que, na época, era relativamente despovoada: a fronteira brasileira com a Bolívia e a fronteira do Mato Grosso com Amazonas e Pará.

Silva (1989), ao tratar das vogais médias pretônicas na variedade baiana de Salvador, ressalta que o subfalar baiano deveria ser agrupado ao grupo *norte*, e não ao *sul*, devido à frequência alta de vogais médias-baixas em posição pretônica. Como a própria autora salienta, Nascentes (1953 [1922]), em outro ponto de seu texto, estabelece uma linha imaginária que separa os grupos *norte* e *sul* em uma posição relativamente equidistante dos extremos norte e sul do Brasil, surgindo da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até o Mato Grosso. De acordo com essa linha divisória, o subfalar baiano passa a pertencer ao grupo *norte*, e não

ao *sul*. De qualquer modo, pode-se perceber o caráter intermediário desse subfalar, definido por Nascentes (1953 [1922]) e destacado por Silva (1989).²³

Leite e Callou (2004 [2002]) afirmam que estudos sistemáticos de determinados fenômenos nas variedades cultas de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, resultantes do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC), não observaram uma coincidência entre o comportamento linguístico dessas variedades e as áreas geográficas às quais pertencem segundo a proposta de Nascentes (1953 [1922]). As autoras exemplificam essa constatação com a variedade carioca, a princípio incluída pelo autor no grupo *sul*, mas que apresenta o *s chiante* e o *r aspirado*, característicos de algumas variedades do grupo *norte*. Leite e Callou (2004 [2002], p. 26) atestam que:

[...] a escalaridade de ocorrência de cada fenômeno não se sobrepõe *pari passu* a uma continuidade geográfica. Ao menos, no que se refere a alguns aspectos fonéticos e morfossintáticos, não se pode traçar um feixe de isoglossas que determine áreas dialetais nítidas. Antes parece que cada dialeto tem uma combinação própria de atualização de regras, o que permitiria dizer que cada dialeto tem a sua “norma”.

Apesar disso, as autoras corroboram a classificação das variedades brasileiras em grupos *norte* e *sul* proposta por Nascentes (1953 [1922]). Ao observarem amostras de fala de informantes de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, obtiveram os seguintes índices percentuais de abaixamento vocálico para cada capital, respectivamente: 0%, 0%, 5%, 60% e 47%. A partir desse resultado, afirmam que as vogais médias pretônicas estabelecem a linha divisória entre o falar sulista, que geralmente opta pela realização fechada da vogal, ou seja, pela pronúncia da vogal como média-alta ou alta, e o falar nortista, em que há frequência maior de vogais médias-baixas.

De modo geral, a divisão proposta por Nascentes (1953 [1922]) das variedades do PB conforme grupos norte e sul é bem aceita na literatura sobre vogais médias pretônicas, podendo haver algum impasse, como citado, em relação aos falares intermediários, como o baiano. Na classificação do estudioso, a variedade do noroeste paulista, assim como de todo o Estado de São Paulo, consiste em uma variedade do subfalar *sulista*, do grupo *sul*.

Além da descrição geral elaborada por Nascentes (1953 [1922]), vale a pena retomar o trabalho de Cardoso (1999), que sintetiza, a partir de uma perspectiva diatópica, os resultados

²³ Devido à existência de variedades com esse caráter intermediário, apresentam-se, nesta seção, as variedades do PB de acordo com as cinco regiões geopolíticas brasileiras (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte). Deve-se ressaltar, todavia, que não há um comportamento homogêneo em cada região no que diz respeito ao comportamento das vogais médias pretônicas, como poderá ser observado nas subseções seguintes (2.2 – 2.6).

de pesquisas conduzidas por diferentes autores até o fim da década de 90 sobre vogais médias pretônicas em determinadas variedades do PB.

De modo geral, a partir da comparação de diferentes estudos com essa temática, Cardoso (1999) observa uma predominância das vogais médias-baixas nos Estados nordestinos (RN, PB, PE, AL, SE e BA), distinguindo-se o Ceará, no qual o comportamento da vogal média pretônica depende da altura da vogal tônica seguinte.

A região Norte, segundo a autora, apresenta um comportamento menos homogêneo: o Pará com a predominância de vogais médias-altas, ao passo que, no Acre, são mais recorrentes as vogais médias-baixas, assim como ocorre com o falar de Manaus (AM). Os caboclos amazonenses, no entanto, privilegiam as formas altas [i] e [u].

Outro grupo que utiliza mais frequentemente as formas alçadas é o dos pantaneiros do Mato Grosso do Sul, único Estado representativo da região Centro-Oeste no trabalho da autora.

Quanto à região Sudeste, o Norte de Minas Gerais apresenta maior ocorrência de vogais médias-baixas, ao passo que, no Sul e na região central do mesmo Estado, são mais recorrentes as vogais médias-altas. A predominância das médias-altas é constatada também no Estado do Rio de Janeiro. Sobre São Paulo, a autora destaca a ausência de estudos sistemáticos acerca do comportamento das vogais médias pretônicas.²⁴

Por fim, quanto ao Sul brasileiro, a autora assinala a predominância de vogais médias-altas no Paraná e no Rio Grande do Sul.

Essa breve apresentação do comportamento das vogais sob a perspectiva diatópica de Cardoso (1999) tece o esboço do quadro comparativo que o presente trabalho objetiva fazer sobre as vogais médias pretônicas do PB.

Dos resultados arrolados pela autora, deve-se destacar a menção à ausência de estudos sistemáticos sobre vogais médias pretônicas no Estado de São Paulo. Apenas recentemente o Estado paulista começou a ganhar espaço na literatura sobre variação linguística e, mais especificamente, sobre variação fonológica. Eram relativamente escassos os trabalhos descritivos sobre a variedade paulista que se embasavam nos fundamentos da *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (LABOV, 1991 [1972]), dos quais pode ser citado, por exemplo, o estudo de Guiotti (2002) sobre a variante retroflexa em coda silábica na variedade de São José do Rio Preto.

²⁴ Cardoso (1999) cita o estudo de Rodrigues (1974) sobre o falar caipira na região de Piracicaba, município localizado no interior paulista, a 164 quilômetros da capital do Estado. Nesse trabalho, a autora atesta a presença do abaixamento vocálico na variedade piracicabana, como em [ɛ]l[ɛ]fante e n[ɔ]vembro.

Nesse cenário, a execução do Projeto ALIP (IBILCE/UNESP) e a constituição do banco de dados IBORUNA, finalizado no ano de 2007, possibilitaram a condução simultânea de diversos trabalhos variacionistas sobre o dialeto do interior paulista, dada a formação de um banco de dados único, passível de exploração exaustiva por diferentes autores. Em relação à variação das vogais médias pretônicas nessa comunidade de fala, surgem as dissertações de Mestrado de Silveira (2008) e Carmo (2009), que servem como ponto de partida à presente pesquisa.

Passa-se, a seguir, à descrição de alguns estudos sobre as vogais médias pretônicas em determinadas variedades do PB, organizada por regiões geopolíticas. Cabe destacar, porém, que os resultados exibidos são, sobretudo, aqueles que foram apontados como significativos nas pesquisas e que são, de alguma forma, comparáveis com os resultados a serem apresentados acerca da variedade do interior paulista. Excluem-se desta exposição, por exemplo, os resultados de variáveis que não foram selecionadas pelo pacote estatístico em determinadas pesquisas e resultados detalhados referentes ao *abaixamento vocálico*, fenômeno que não ocorre na variedade do interior do Estado de São Paulo.

2.2 Região Sul

Neste trabalho, representam a região Sul as pesquisas de Bisol (1981), Schwindt (2002) e Klunck (2007) especificamente sobre variedades do Estado do Rio Grande do Sul (subseção 2.2.1) e o estudo de Schwindt (1995) sobre o falar das capitais dos três Estados sulistas (item 2.2.2).

2.2.1 Estado do Rio Grande do Sul

Para a variedade gaúcha do PB, o marco dos estudos é o trabalho de Bisol (1981), que analisa o processo de harmonização vocálica das vogais médias pretônicas nas variedades dos municípios de **Porto Alegre, Taquara, Veranópolis/Monte Bérico e Santana do Livramento**.

Nesse trabalho, são analisadas amostras de fala provenientes de entrevistas com duração de cerca de 60 minutos por indivíduo. A amostra principal é formada por entrevistas de 8 informantes por município, sendo que esses informantes possuem grau de escolaridade *Primário incompleto*. A amostra suplementar, por sua vez, contém dados de 12 indivíduos de Porto Alegre com curso Superior, obtidos por meio do Projeto NURC. Determinados

contextos linguísticos são excluídos do estudo, sendo eles: (i) *vogal inicial*; (ii) *hiato*; e (iii) *prefixo*.

Como variáveis linguísticas independentes, a autora considera: (i) *nasalidade*; (ii) *tonicidade* (observada em relação à *acentuação* e à *contiguidade*); (iii) *distância*; (iv) *paradigma*; (v) *atonicidade*; (vi) *sufixação*; (vii) *contexto fonológico precedente*; e (viii) *contexto fonológico seguinte*. As variáveis extralinguísticas investigadas pela autora são: (i) *etnia* (grupos dos metropolitanos – considerados pela autora como fala *popular* –, dos italianos, dos alemães e dos fronteiriços); (ii) *sexo/gênero*; (iii) *situação (teste x fala espontânea)*; e (iv) *idade*. A análise quantitativa dos dados se dá por meio do pacote estatístico VARBRUL. Dos resultados relatados nessa tese, retomam-se, a seguir, aqueles que permitirão tecer relações com a variedade paulista em estudo.

No que concerne à fala popular, os índices de alçamento são 22% para /e/ e 32% para /o/. Já na fala culta, 21% para /e/ e 22% para /o/. Com base nesses resultados, a autora avalia que o falante tem maior consciência da regra de elevação da vogal /o/, já que a porcentagem de alçamento dessa vogal na fala popular é maior do que a porcentagem presente na fala culta.

O fator *nasalidade* mostra-se favorecedor do alçamento de /e/, com peso relativo (doravante, PR) de 0.63 a 0.72,²⁵ mas desfavorecedor do de /o/, com PRs de 0.29 a 0.45. Segundo a autora, isso se deve ao fato de (i) quando a vogal /e/ é nasalizada, haver um aumento das frequências dos formantes²⁶ altos, o que favorece o alçamento; e (ii) quando a vogal /o/ é nasalizada, o aumento das frequências dos formantes 2 e 3 faz com que a vogal vá à direção oposta, aproximando-se das vogais baixas.

Em relação à *tonicidade*, os resultados encontrados apontam que é a vogal /i/ que favorece a harmonização vocálica de /e/ (PRs de 0.72 a 0.86), tendo /u/ um fraco poder assimilatório para o alçamento dessa vogal (PRs de 0.16 a 0.56). Quanto ao alçamento de /o/, ambas as vogais altas favorecem o processo (PRs de 0.61 a 0.66 em relação à vogal /i/ e PRs de 0.61 a 0.65 em relação à vogal /u/). Os resultados indicam que a vogal alta *átona* também favorece o alçamento de /e/ (PRs de 0.72 a 0.82) e de /o/ (PRs de 0.60 a 0.67), o que evidencia

²⁵ São apresentados, neste trabalho, o menor e o maior PRs para cada fator investigado por Bisol (1981). A autora chega a apresentar cinco PRs para cada fator considerado, por tratar da fala de metropolitanos, italianos, alemães, fronteiriços e fala culta.

²⁶ Segundo Kent e Read (1992), os formantes, em conjunto, constituem a função de transferência do trato vocal. De acordo com os autores, para cada vogal, há um número infinito de formantes. Os dois primeiros formantes, por exemplo, relacionam-se às diferentes vogais do seguinte modo: (i) a frequência de F1 é inversamente relacionada à altura da língua dentro da cavidade oral, ou seja, vogais altas têm valores de F1 baixos, enquanto vogais baixas têm valores de F1 altos; e (ii) a frequência de F2 é relacionada à posição ântero-posterior da língua, aumentando quando a língua se move para frente e diminuindo conforme se move para trás, de forma que vogais anteriores têm valores de F2 altos, enquanto vogais posteriores têm valores de F2 baixos.

que o gatilho da aplicação do processo de harmonização vocálica não precisa ser, necessariamente, uma vogal alta *tônica*. Já a contiguidade à sílaba da vogal-gatilho é um traço obrigatório para a aplicação do processo, dados os PRs obtidos para os fatores *tônica alta imediata* (0.74 para /e/ e 0.70 para /o/) e *pretônica não-alta e tônica alta* (0.13 e 0.21 para /e/ e /o/, respectivamente).

Em relação ao *paradigma*, observa-se que há probabilidade maior de a harmonização ocorrer em vocábulos de base variável (PRs de 0.56 a 0.74 para /e/ e de 0.56 a 0.77 para /o/). Quanto à *atonicidade*, a autora constata que as vogais permanentemente átonas são as que apresentam o alçamento com maior probabilidade (PRs de 0.70 a 0.79 para /e/ e de 0.65 a 0.75 para /o/), seguidas pelas vogais sem *status* definido (variável) (PRs de 0.66 a 0.79 para /e/ e de 0.48 a 0.87 para /o/). Esse resultado vai ao encontro da hipótese da autora de ser a vogal permanentemente átona aquela que constitui um ambiente mais propício para a aplicação do alçamento.

Em relação à *sufixação*, os sufixos *-inho(a)*, *-zinho(a)* e *-mente* tendem a inibir a harmonização vocálica (PRs de 0.0 a 0.38 para /e/ e de 0.0 a 0.49 para /o/), especialmente na fala culta, em que não houve nenhuma ocorrência do processo em vocábulos com esses sufixos. Vocábulos sem sufixo, por sua vez, favorecem a aplicação da harmonização vocálica (PRs de 0.53 a 0.81 para /e/ e de 0.53 a 0.73 para /o/). Além disso, a autora destaca a tendência de os sufixos verbais propiciarem a aplicação da harmonização (PRs de 0.44 a 0.75 para /e/ e de 0.50 a 0.72 para /o/), de os sufixos nominais serem neutros (PRs de 0.31 a 0.52 para /e/ e de 0.46 a 0.58 para /o/) e de os adjetivais reterem o processo (PRs de 0.10 a 0.48 para /e/ e de 0.21 a 0.58 para /o/).²⁷ De acordo com Bisol (1981, p. 73), “isso parece apontar para o fato de que o processo morfológico que subjaz na conjugação verbal é de ordem diferente do que comanda os outros fatores desta variável”, ou seja, a flexão verbal e a derivação são processos de natureza distinta e lidam com a harmonização vocálica de modos também distintos.

Em relação ao *contexto fonológico precedente* à vogal pretônica /e/, destaca-se o comportamento favorecedor por parte da consoante velar (PRs de 0.65 a 0.92). Já para /o/, as consoantes labial e velar favorecem o alçamento (PRs de 0.58 a 0.75 e de 0.56 a 0.77, respectivamente). Para o *contexto fonológico seguinte*, há um favorecimento alto por parte da consoante palatal (PRs de 0.50 a 0.64 para /e/ e de 0.58 a 0.73 para /o/). A consoante velar destaca-se como favorecedora do alçamento de /e/ (PRs de 0.64 a 0.85), ao passo que a

²⁷ Com exceção dos alemães, único grupo que apresenta PR alto para os sufixos adjetivais (0.75 para /e/).

consoante labial favorece o alçamento de /o/ (PRs de 0.53 a 0.68). Bisol (1981, p. 93) explica esses comportamentos das consoantes velar e palatal pelo ponto de articulação alto que apresentam:

as vogais altas [...] são produzidas pelo levantamento do corpo da língua [...]. Então, presume-se que as consoantes produzidas por articulação semelhante venham a favorecer o processo assimilatório em pauta, tanto a velar, articulada com o dorso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com todo o corpo da língua levantado.

O favorecimento do alçamento de /o/ por parte da consoante labial é justificado pela autora pela comunhão do traço [labial], sendo que [u] é mais labializado do que [o]. Os casos em que há a influência da consoante adjacente, havendo uma vogal alta na sílaba seguinte, são classificados pela autora como harmonização vocálica (também influenciada pela similaridade *consoante – vogal*). Quanto aos casos em que se verifica o alçamento mesmo sem a presença de vogal alta, estando o processo condicionado apenas à presença de consoantes favorecedoras, Bisol (1981, p. 97) explica-os como ocorrências de um “ajustamento entre consoante e vogal na busca da articulação menos trabalhosa” e “ajustamento mais fácil de articulações por razões fonéticas”.

No tangente às variáveis extralinguísticas, o alçamento vocálico é mais recorrente na fala de metropolitanos (fala popular) (28% de alçamento de /e/ e 39% de /o/, PRs 0.61 e 0.60, respectivamente) e menos na fala dos fronteirões (17% de alçamento de /e/ e 22% de /o/, PRs 0.39 e 0.36, respectivamente). Em posições intermediárias, encontram-se as falas de italianos, alemães e metropolitanos (fala culta). No que diz respeito à *situação*, a fala espontânea favorece a harmonização vocálica de /e/ (PRs de 0.55 a 0.65), ao passo que a fala-teste, mais formal, desfavorece a aplicação do processo (PRs de 0.35 a 0.45 para /e/). A autora atesta que o falante tem consciência da regra de alçamento de /e/, mas não de /o/, que, de modo geral, apresenta PRs próximos ao ponto neutro (PR 0.5). Em relação à idade do informante, a *faixa etária* é pouco relevante à aplicação do alçamento, mas, de qualquer modo, os resultados constatarem que os mais jovens (de 25 a 35 anos) são os que menos aplicam a regra (PRs 0.37 para /e/ e 0.40 para /o/), ao passo que as faixas etárias mais velhas (mais do que 55 anos e de 46 a 55 anos) são as que mais favorecem a harmonização, respectivamente, de /e/ (PR 0.59) e de /o/ (PR 0.57). De acordo com a autora, esse resultado indica que o processo pode estar em vias de regressão.

Após duas décadas do estudo de Bisol (1981), Schwindt (2002) retoma a pesquisa da *harmonização vocálica* em variedades gaúchas, a partir da análise de dados do Projeto

Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VAR SUL). O autor analisa dados de fala de 64 informantes, sendo 16 provenientes de cada um dos seguintes municípios: **Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Porto Alegre**.

Diferentemente de Bisol (1981), Schwindt (2002) analisa apenas o contexto de vogais médias pretônicas seguidas por vogal alta, contexto propício para a harmonização vocálica.

Além das vogais médias pretônicas que não são seguidas por vogal alta na sílaba seguinte, são excluídos os contextos de: (i) /e/ inicial seguido de /N/ ou /S/; (ii) ditongo; (iii) hiato; (iv) prefixo; (v) vogal alta-gatilho em ditongo; (vi) vogal alta-gatilho em hiato; (vii) vogal alta-gatilho em *-zinho*; e (viii) palavras compostas com vogal média pretônica no primeiro vocábulo e vogal gatilho no segundo vocábulo (como, por exemplo, *t[e]l[e]visão*).

Como variáveis linguísticas, o autor considera: (i) *contiguidade da vogal alta*; (ii) *homorganicidade*; (iii) *nasalidade*; (iv) *contexto fonológico precedente*; (v) *contexto fonológico seguinte*; (vi) *tonicidade da vogal alta*; (vii) *localização morfológica*. As variáveis sociais investigadas pelo autor são: (i) *escolaridade*; (ii) *sexo/gênero*; (iii) *faixa etária*; e (iv) *região*. Para a análise estatística dos dados, utilizou o pacote VARBRUL. Devido à grande quantidade de células, o autor optou por efetuar rodadas diferentes para as variáveis linguísticas e para as extralinguísticas.

Ao retomar os resultados de Bisol (1981), o autor observa que, no período de cerca de 20 anos, o uso da harmonização vocálica aumentou. Delimitando os dados de Bisol (1981) às vogais médias pretônicas seguidas por vogal alta, os índices de harmonização na variedade gaúcha correspondentes à década de 80 eram de 24% para /e/ e 36% para /o/. Após cerca de 20 anos, os resultados obtidos por Schwindt (2002) foram de 36% para /e/ e 42% para /o/. Apesar do aumento dos índices de harmonização vocálica, que mostram que “em termos de uso, no RS, não estamos diante de uma regra *estagnada*” (SCHWINDT, 2002, p. 169), o autor afirma que o processo se trata de variação estável, pois o uso continua reduzido e não é motivado por fatores sociais, como será observado mais adiante.

Quanto à *contiguidade da vogal alta em relação à pretônica-alvo*, a posição imediatamente seguinte favorece a harmonização, com PRs 0.55 para /e/ e 0.56 para /o/. Essa variável é selecionada como mais relevante do que a tonicidade da vogal alta para ambas as vogais. A variável *tonicidade da vogal alta*, por sua vez, aponta que o fato de a vogal-gatilho ser tônica é favorecedor da harmonização de /e/ (PR 0.54) e de /o/ (PR 0.63). Já a vogal alta átona mostra-se desfavorecedora da harmonização de /e/ (PR 0.40) e de /o/ (PR 0.35).

A *homorganicidade* foi selecionada apenas para /e/. O contexto homorgânico é levemente favorecedor de harmonização vocálica (PR 0.54), ao passo que o não-homorgânico

é desfavorecedor (PR 0.31). O autor, porém, defende que o que está em jogo é a altura maior da vogal /i/ do que a da vogal /u/, como já apontado por Bisol (1981).

Selecionada apenas para a vogal /o/, a *nasalidade da pretônica-alvo* mostra-se desfavorecedora da harmonização dessa vogal (PR 0.26), ao passo que o caráter oral da vogal pretônica-alvo favorece a harmonização (PR 0.58).

Quanto à influência das consoantes adjacentes, as *consoantes precedentes* velar (PRs 0.73 para /e/ e 0.60 para /o/) e labial (PRs 0.56 para /e/ e 0.58 para /o/) favorecem a harmonização de /e/ e de /o/. Especificamente em relação à harmonização de /e/, favorecem a aplicação do processo a consoante alveolar sibilante (PR 0.60) – resultado justificado pelo autor pela proximidade fonética dessa consoante com a vogal alta anterior – e o contexto de pausa (início de vocábulo) (PR 0.59).

Quanto à *consoante seguinte*, a velar (PRs 0.80 para /e/ e 0.56 para /o/) e a alveolar sibilante (PRs 0.61 e 0.58 para /e/ e /o/, respectivamente) favorecem a harmonização de /e/ e de /o/. Para a harmonização de /o/, é favorecedora também a consoante labial, com PR 0.54.

Em relação à *localização morfológica*, a aplicação da harmonização no âmbito da raiz favorece a harmonização de /e/ (PR 0.59) e de /o/ (PR 0.54). Outro contexto favorecedor da harmonização vocálica é o sufixo verbal (PRs 0.59 e 0.54 para /e/ e /o/, respectivamente), resultado justificado com base em Bisol (1981), que aponta (i) a abundância de condicionadores na flexão verbal, que cria vogais altas e as espalha pelo paradigma, e (ii) a influência da harmonia vocálica na raiz verbal.

Quanto à *escolaridade*, o autor observa favorecimento maior da harmonização vocálica por parte de falantes com ensino primário (menos escolarizados), com PRs 0.53 para /e/ e 0.56 para /o/. Já o segundo grau (mais escolarizados) desfavorece levemente a harmonização, com PRs 0.47 e 0.44 para /e/ e /o/, respectivamente. O autor aponta a influência da ortografia, argumentando que “indivíduos que tiveram maior acesso à escrita tendem a aproximar mais sua fala dessa modalidade, ao contrário dos que se expuseram menos a ela” (SCHWINDT, 2002, p. 178).

No que diz respeito ao *sexo/gênero*, selecionado para a pretônica /e/, os PRs próximos ao ponto neutro (PRs 0.53 para as mulheres e 0.48 para os homens) mostram que essa variável, na realidade, não exerce grande influência na aplicação da harmonização vocálica.

Quanto à variável *faixa etária*, resultado semelhante foi encontrado: a variável foi selecionada apenas para a pretônica /e/, mas os PRs são muito próximos ao ponto neutro (0.47 para menores do que 50 anos e 0.52 para maiores do que 50 anos), indiciando que a harmonização vocálica na variedade gaúcha consiste em um processo em variação estável.

Por fim, os resultados referentes à variável *região* não apresentam diferenças significativas em relação à harmonização vocálica em diferentes variedades gaúchas.

Outro estudo sobre as vogais na variedade gaúcha que vale ser retomado é o de Klunck (2007), que analisa os casos de *redução vocálica* das vogais médias pretônicas na variedade de **Porto Alegre**, ou seja, exclui as ocorrências em que há vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, gatilho para a aplicação da harmonização vocálica.

Essa pesquisa utiliza 24 entrevistas provenientes do banco de dados do Projeto VARSUL e exclui os dados que apresentam: (i) *vogal alta na sílaba seguinte*; (ii) *-em, -es e prefixo -des em início de vocábulo*; (iii) *ditongo*; e (iv) *hiato*. Como variáveis linguísticas, a autora considera: (i) *distância da tônica*; (ii) *tipo de sílaba*; (iii) *altura da vogal da sílaba precedente*; (iv) *altura da vogal da sílaba seguinte*; (v) *posição da pretônica*; (vi) *contexto fonológico precedente*; (vii) *contexto fonológico seguinte*; e (viii) *nasalidade*. Como variáveis sociais, considera: (i) *sexo/gênero*; (ii) *faixa etária*; e (iii) *grau de escolaridade*.

Tendo o objetivo de comparar os resultados da autora com os que serão discutidos na presente pesquisa apenas em relação ao processo de redução vocálica, são aqui resumidos os resultados referentes aos pontos de articulação das consoantes adjacentes.

De modo geral, a redução vocálica ocorre com frequência baixa, especialmente no que diz respeito à vogal pretônica /e/, correspondendo, para essa vogal, a uma regra semicategórica (4%). A porcentagem de aplicação do processo da vogal /o/, por sua vez, consiste em 12%.

Quanto ao *contexto fonológico precedente*, a consoante dorsal é favorecedora da aplicação do alçamento de /o/, com PR 0.67. Em relação à consoante palatal, os três casos de alçamento observados pela autora se dão em palavras com o mesmo radical: *ch[u]vendo*, *ch[u]ver* e *ch[u]veu*. Para /e/, não há nenhum caso de alçamento de vogal pretônica antecedida por consoante dorsal ou palatal. A consoante labial, por sua vez, mostra-se levemente favorecedora do alçamento de /e/ (PR 0.54) e neutra para o alçamento de /o/ (PR 0.47). A consoante coronal mostra-se neutra à aplicação do alçamento de /e/ (PR 0.51) e desfavorecedora do alçamento de /o/ (PR 0.24).

Em relação ao *contexto fonológico seguinte*, a palatal nasal é altamente favorecedora da aplicação do alçamento tanto de /e/ (PR 1.00) quanto de /o/ (PR 0.95). No entanto, a autora destaca que, dos 34 casos de alçamento de /e/ nesse contexto, 31 correspondem a vocábulos do mesmo paradigma (*s[i]nhor*, *s[i]nhora* e *s[i]nhoria*). Quanto à consoante dorsal, favorece o alçamento de /e/ (PR 0.90), mas desfavorece o de /o/ (PR 0.31). Porém, no caso da pretônica /e/, a autora ressalva que o alçamento ocorre sempre nas mesmas palavras: *p[i]queno(a)(s)*. A

consoante labial apresenta um comportamento favorecedor do alçamento de /e/ (PR 0.73) e levemente favorecedor do fenômeno para /o/ (PR 0.55). Por fim, a consoante coronal mostra-se desfavorecedora da aplicação do processo (PRs 0.29 e 0.42 para /e/ e /o/, respectivamente).

A autora, em sua análise, separa os vocábulos com pretônicas alçadas em *grupos de palavras* e *palavras isoladas* e observa que o alçamento de /e/ ocorre esporadicamente, ao passo que o de /o/ envolve palavras do mesmo paradigma, indiciando, portanto, difusão lexical. A autora atesta a possibilidade de o alçamento por redução vocálica ocorrer por analogia ao alçamento por harmonização vocálica.

As baixas porcentagens de redução vocálica obtidas na pesquisa e o fato de, segundo a autora, não haver variável que condicione expressivamente a aplicação do processo (ocorrendo a redução vocálica, sobretudo, em vocábulos que compartilham um mesmo radical) fazem com que a autora defenda a difusão lexical para a redução vocálica, ao passo que a harmonização vocálica deva ser categorizada como uma regra neogramática.

2.2.2 Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR)

Schwindt (1995) investiga, de acordo com os princípios da Teoria da Variação, a harmonização vocálica nas três capitais da região Sul do Brasil: **Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba**. Por estudar a harmonização vocálica, delimita seu objeto ao comportamento da vogal média pretônica com vogal alta em sílaba seguinte.

Os dados, analisados quantitativamente por meio do pacote estatístico VARBRUL, são provenientes do Projeto VARSUL. Foram analisadas entrevistas de 36 informantes, sendo 12 provenientes de cada município. Cada entrevista, com cerca de 60 minutos, foi realizada em contexto informal e tratou do cotidiano do informante.

São excluídos os seguintes contextos: vogal pretônica-alvo ou vogal gatilho presente em ditongo, prefixo, palavras compostas e vogal pretônica /e/ seguida por /N/ ou /S/.

As variáveis investigadas pelo autor são: (i) *homorganicidade das vogais*; (ii) *relação de vizinhança*; (iii) *nasalidade da vogal candidata à regra*; (iv) *atonicidade da vogal candidata à regra*; (v) *contexto fonológico precedente*; (vi) *contexto fonológico seguinte*; (vii) *vogal alta em terminações*; (viii) *variedade geográfica*; (ix) *sexo/gênero*; (x) *faixa etária*; e (xi) *escolaridade*.

Em relação à *homorganicidade das vogais*, observam-se PRs muito próximos ao ponto neutro. De qualquer modo, o autor destaca os maiores PRs para o contexto homorgânico para a pretônica /e/ (PR 0.51) e não-homorgânico para /o/ (PR 0.52), que mostram uma maior

atuação da vogal alta /i/. O autor justifica esse resultado com base no fato de essa vogal ser emitida com a língua em uma posição mais alta do que a posição da língua durante a emissão de /u/ (BISOL, 1981).

Quanto à *vizinhança*, variável relacionada à tonicidade e à contiguidade, o fato de a vogal alta ser tônica e estar na sílaba imediatamente seguinte à da pretônica-alvo é o contexto mais favorecedor da harmonização, com PRs 0.65 para /e/ e 0.79 para /o/.

Em relação à *nasalidade da vogal candidata à regra*, o fator *pretônica-alvo oral* favorece a harmonização (PRs 0.52 para /e/ e 0.63 para /o/), ao passo que *pretônica-alvo nasal* desfavorece a aplicação do processo, especialmente para /o/ (PRs 0.12 para essa vogal e 0.42 para /e/).

No que diz respeito à *atonicidade da vogal candidata à regra*, as vogais com *status* indefinido (isto é, que podem se tornar vogais tônicas altas em outras formas do paradigma, como *querer – quis*) são as mais favorecedoras da harmonização (PRs 0.60 e 0.56, para /e/ e /o/, respectivamente). Em seguida, favorecem levemente a harmonização vocálica as vogais permanentemente átonas (PRs 0.51 para /e/ e 0.53 para /o/). Já as átonas casuais são desfavorecedoras do processo (PRs 0.21 e 0.15 para, respectivamente, /e/ e /o/).

Quanto ao *contexto fonológico precedente*, o fato de a vogal pretônica estar em início de vocábulo é favorecedor da harmonização vocálica de /e/ (PR 0.72). As consoantes velar e labial são favorecedoras da aplicação do processo tanto para /e/ (PRs 0.57 para a velar e 0.55 para a labial) quanto para /o/ (PRs 0.65 para a velar e 0.57 para a labial). A presença de uma consoante palatal precedente é apontada como favorecedora da harmonização de /o/ (PR 0.67), porém o autor destaca que, dos 7 casos de alçamento presentes nesse contexto, 6 correspondem a um mesmo vocábulo: *ch[u]via*.

Já em posição seguinte à da pretônica-alvo, destaca-se o comportamento da consoante alveolar não-líquida, que favorece a harmonização de /e/ (PR 0.61) e de /o/ (PR 0.64). A consoante velar favorece a aplicação do processo da vogal /e/ (PR 0.84) e as consoantes palatal e labial favorecem levemente a harmonização de /o/, mas com PRs próximos ao ponto neutro (0.58 e 0.52, respectivamente).

Quanto à variável *vogal alta em terminações*, selecionada apenas para a pretônica /o/, a presença de vogal alta em sufixo verbal é favorecedora da harmonização (PR 0.63), ao passo que o fato de a vogal alta estar em sufixo nominal é desfavorecedor (PR 0.22).

No que tange às variáveis sociais, o *sexo/gênero* não foi selecionado como relevante para a harmonização vocálica de /e/ nem de /o/. Do mesmo modo, a *faixa etária* parece não desempenhar papel relevante na aplicação da harmonização vocálica, pois não foi selecionada

para /e/ e, para /o/, os PRs são muito próximos ao ponto neutro: 0.53 para a faixa etária mais velha (com mais de 50 anos) e 0.47 para a faixa etária mais jovem (de 25 a 50 anos). Esses resultados, segundo o autor, mostram que a harmonização vocálica nas capitais do Sul do país parece ser um processo em variação estável.

Os resultados referentes à *escolaridade* evidenciam que, quanto maior a escolaridade do falante, menor a aplicação da harmonização. O fator correspondente à maior escolaridade, o 2º grau, desfavorece o processo, com os menores PRs (0.41 para /e/ e 0.36 para /o/). O nível intermediário, o *Ginásio*, tem seus PRs próximos ao ponto neutro (PRs 0.54 e 0.53, para, respectivamente, /e/ e /o/). Por fim, o fator *Ensino Primário*, menor escolaridade considerada na pesquisa, favorece o alçamento, apresentando os maiores PRs (0.56 e 0.61 para /e/ e /o/, respectivamente).

Em relação à *variedade geográfica*, o autor constata que a harmonização é mais presente na fala de informantes de Curitiba (PRs 0.58 para /e/ e 0.65 para /o/). Em seguida, são os falantes de Florianópolis os que mais apresentam o processo (PRs 0.49 e 0.45 para /e/ e /o/, respectivamente). A variedade de Porto Alegre, por sua vez, é aquela em que o processo tem menor probabilidade de ocorrência (PRs 0.43 e 0.39, para, respectivamente, /e/ e /o/). Schwindt (1995, p. 66-67), ao destacar o fato de os resultados apresentarem uma espécie de padrão ascendente, visto que os índices crescem na medida em que se afasta do extremo sul brasileiro, conclui que “deve haver, na composição dos grupos étnicos dessas variedades, influência dos idiomas que constituem esses dialetos”.

2.3 Região Sudeste

A região Sudeste é representada nesta seção pelos trabalhos de Silveira (2008) e de Carmo (2009) sobre a variedade do interior paulista (subseção 2.3.1), Viegas (1987), Felice (2012), Borges (2008), Alves (2008, 2011a, 2011b) e Guimarães (2006) acerca de diferentes dialetos mineiros (item 2.3.2) e Célia (2004) sobre o falar do município capixaba de Nova Venécia (subseção 2.3.3).

2.3.1 Interior do Estado de São Paulo

Como mencionado nesta seção, a conclusão do banco de dados IBORUNA em 2007 propiciou a condução simultânea de muitas pesquisas sobre a variedade do interior paulista. No que diz respeito à variação fonológica, o precursor desses estudos é o trabalho de Silveira (2008), que descreve o comportamento das vogais médias pretônicas dos *nomes* na variedade falada na região de **São José do Rio Preto**.

Os contextos descartados pela autora são as vogais médias pretônicas em: (i) *início de palavra*; (ii) *hiato*; e (iii) *prefixo*.

A autora analisa 16 entrevistas com amostras de fala espontânea do banco de dados IBORUNA, observando uma possível influência das seguintes variáveis: (i) *vogal da sílaba tônica*; (ii) *posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica*; (iii) *vogal átona seguinte*; (iv) *segmento precedente*; (v) *segmento seguinte*; (vi) *tipo de sílaba*; (vii) *nasalidade*; (viii) *grau de atonicidade da vogal pretônica*; e (ix) *faixa etária*.

As taxas de alçamento obtidas por meio da utilização do pacote estatístico VARBRUL são de 13% para /e/ e 14% para /o/. Em relação à variável *vogal da sílaba tônica*, a vogal alta anterior favorece fortemente o alçamento de /e/ (PR 0.98) e de /o/ (PR 0.91). A alta posterior, por sua vez, favorece o alçamento apenas da média-alta posterior (PR 0.85).

Por meio da variável *posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica*, constata-se que a contiguidade da sílaba da vogal tônica em relação à da pretônica-alvo é o contexto favorecedor do alçamento, com PRs 0.73 e 0.74 para /e/ e /o/, respectivamente.

Quanto à *vogal átona seguinte*, observam-se resultados semelhantes aos referentes à vogal tônica: a vogal alta anterior favorece o alçamento de ambas as pretônicas /e/ e /o/ (PRs 0.83 e 0.92, respectivamente) e a vogal alta posterior favorece o alçamento de /o/ unicamente (PR 0.62). Segundo Silveira (2008, p. 95), assim como a tonicidade, a contiguidade da vogal alta não determina o alçamento, o que permite a afirmação de que:

a regra de harmonização vocálica, na fala culta da variedade aqui considerada, tem como requisito a tonicidade e a contigüidade das vogais altas /i/ e /u/. Assim, entendemos que nem um, nem outro fator se caracteriza como mais importante, mas, igualmente necessários para a implementação da regra neste dialeto.

Em relação ao processo de redução vocálica, favorecem o alçamento da vogal pretônica /o/ as consoantes labial (PR 0.63) e velar (PR 0.64) em posição precedente. Em

posição seguinte à da pretônica-alvo, favorecem o alçamento de /o/ a palatal (PR 0.70) e a labial (PR 0.59). No que tange ao alçamento de /e/, destaca-se a atuação da consoante seguinte velar (PR 0.99).

O *tipo silábico* que favorece o alçamento tanto de /e/ (PR 0.57) quanto de /o/ (PR 0.69) é a estrutura CV. A sílaba CVC, ou seja, travada por elemento não-nasal, favorece o alçamento de /o/ (PR 0.61).

Em relação à variável *grau de atonicidade da vogal pretônica*, a autora observa que a átona permanente é favorecedora do alçamento de /e/ (PR 0.56) e de /o/ (PR 0.58).

A *faixa etária*, única variável social considerada, não influencia a aplicação do alçamento, o que indica que o alçamento das vogais médias pretônicas dos nomes na variedade do noroeste paulista se encontra em variação estável. No entanto, Silveira (2008) afirma que esse resultado pode ser justificado pelo número reduzido (16) de inquiridos e sugere que futuros trabalhos ampliem a amostra, para uma análise mais refinada desse grupo de fatores.

Por fim, a autora conclui que o alçamento das vogais médias pretônicas dos nomes na variedade do interior paulista resulta, sobretudo, do processo de redução vocálica.

Carmo (2009) investiga o comportamento das vogais médias pretônicas dos *verbos* na mesma variedade, excluindo os contextos de: (i) *hiato*; (ii) *ditongo*; (iii) *início de vocábulo*; e (iv) *prefixo*.

Como variáveis independentes, considera: (i) *altura da vogal da sílaba subsequente*; (ii) *tonicidade da vogal da sílaba subsequente*; (iii) *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*; (iv) *ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*; (v) *ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*; (vi) *modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*; (vii) *modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*; (viii) *estrutura da sílaba*; (ix) *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*; (x) *tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre*; e (xi) *faixa etária*.

Assim como Silveira (2008), Carmo (2009) vale-se, como *cópus*, de 16 inquiridos com amostras de fala espontânea do banco de dados IBORUNA. No entanto, deve-se ressaltar que essas 16 entrevistas não correspondem necessariamente às mesmas gravações utilizadas por Silveira (2008), já que o banco de dados IBORUNA apresenta mais de uma informante para cada perfil social considerado pelas autoras (*sexo/gênero* feminino, *grau de escolaridade* superior completo ou em andamento e pertencente a uma das seguintes *faixas etárias*: de 16 a 25 anos, de 25 a 36 anos, de 36 a 55 anos ou mais de 55 anos).

As ocorrências de vogal média pretônica dos verbos foi analisada quantitativamente por meio do pacote estatístico VARBRUL. As taxas de alçamento obtidas para essas vogais são de 16% para /e/ e 10% para /o/.

A *altura da vogal presente na sílaba subsequente* consiste na variável mais relevante para a aplicação do alçamento tanto de /e/ quanto de /o/, com PRs altos para os fatores *vogal alta anterior* (0.93 para /e/ e 0.90 para /o/) e *vogal alta posterior* (0.84 para /e/ e 0.83 para /o/). A *distância entre a sílaba da vogal alta e a da pretônica-alvo* foi selecionada apenas para a pretônica /o/, mostrando a importância da contiguidade para o alçamento dessa vogal (PR 0.65).

A *conjugação do verbo*, selecionada apenas para a pretônica /e/, indica que os verbos de 3ª conjugação são os mais propensos ao alçamento (PR 0.89). Em relação aos *sufixos verbais com vogal alta*, o sufixo modo-temporal de pretérito imperfeito /-ia/ e o sufixo número-pessoal /-i/ são favorecedores do alçamento de /e/ (PRs 0.69 e 0.59, respectivamente).

No que diz respeito ao *ponto de articulação da consoante adjacente*, a dorsal precedente favorece o alçamento de /o/ (PR 0.65) e a labial seguinte favorece ligeiramente o alçamento da mesma vogal (PR 0.55).

Os resultados que mostram o *modo de articulação das consoantes adjacentes à pretônica* como favorecedor do alçamento são enfraquecidos, segundo Carmo (2009), quando observados os dados, pois o alçamento pode ser explicado por harmonização vocálica e/ou redução vocálica motivada pelo *ponto* de articulação da consoante.

Em relação à *estrutura silábica*, a estrutura *ataque complexo + rima (núcleo)* é favorecedora do alçamento de /e/ (PR 0.90) e de /o/ (PR 0.78). Especificamente para /o/, também são favorecedoras do alçamento as estruturas *ataque (complexo ou não) + rima (núcleo + coda sem ser nasal)*, com PR 0.87, e *ataque + rima (núcleo)*, com PR 0.69.

Por fim, no que diz respeito à única variável social considerada, a *faixa etária*, selecionada apenas para a pretônica /e/, os mais jovens (de 16 a 25 anos) são os que mais apresentam o alçamento (PR 0.62), ao passo que a faixa etária mais idosa (acima de 55 anos) é a que menos aplica o fenômeno (PR 0.42). Segundo Carmo (2009), esse resultado parece apontar para um fenômeno em vias de mudança. Porém, para que isso possa ser de fato detectado, é necessária a observação de outras variáveis, como a escolaridade e a situação socioeconômica do indivíduo.

Por fim, para a variedade do interior paulista, enquanto Silveira (2008) aponta a *redução vocálica* como o processo mais atuante para o alçamento das vogais pretônicas dos

nomes, de modo distinto, Carmo (2009) afirma ser a *harmonização vocálica* a responsável pela maioria das ocorrências de alçamento nos verbos.

Cabe destacar que o presente trabalho objetiva avançar em relação a essas pesquisas sobre vogais médias pretônicas no interior paulista por meio: (i) da ampliação do corpus utilizado (de 16 para 38 entrevistas); (ii) da investigação de um mesmo conjunto de variáveis, possibilitando uma comparação sistemática entre nomes e verbos, e (iii) da consideração de variáveis sociais não contempladas nas pesquisas de Silveira (2008) e de Carmo (2009): o *sexo/gênero* e a *escolaridade*.

2.3.2 Estado de Minas Gerais

Na variedade da capital mineira **Belo Horizonte**, é possível a realização das vogais médias pretônicas como médias-altas, altas e médias-baixas. No entanto, Viegas (1987) restringe seu trabalho apenas à realização variável do *alçamento vocálico*. Dessa forma, delimita seu estudo às vogais pretônicas /e, o/ quando pronunciadas [e, o, i, u]. Descarta também as vogais médias pretônicas em contato com outra vogal, ou seja, os contextos de *ditongo* e *hiato*.

Em seu estudo, a autora analisa dois grupos sociais diferentes, contando com amostras de fala de 8 informantes de cada grupo. Essas amostras foram obtidas por meio de entrevistas baseadas em tópicos do cotidiano dos informantes, com duração de 60 minutos por inquérito. Como variáveis estruturais, esse estudo considera: (i) *modo de articulação do segmento precedente*; (ii) *ponto de articulação do segmento precedente*; (iii) *voz do segmento precedente*; (iv) *modo de articulação do segmento seguinte*; (v) *ponto de articulação do segmento seguinte*; (vi) *voz do segmento seguinte*; (vii) *estrutura da sílaba*; (viii) *distância da variável para o início da palavra*; (ix) *distância da sílaba tônica conjugada com o tipo de vogal tônica*; (x) *estrutura da palavra*; (xi) *presença e tipo de vogal átona imediata entre a vogal candidata ao alçamento e a tônica*; (xii) *atonicidade da vogal*; e (xiii) *classe da palavra*. Quanto às variáveis não-estruturais, analisa a influência do *estilo* e de variáveis sociais, sendo elas: (i) *sexo/gênero*; (ii) *idade*; e (iii) *grupo social*. A análise quantitativa dessas variáveis foi realizada por meio do pacote estatístico VARBRUL2.

Em relação à vogal /e/, a autora observa 40% de aplicação do alçamento. Quanto ao *modo da consoante seguinte*, as sonorantes favorecem o alçamento (PR 0.7). Para a *estrutura da sílaba*, a autora observa um favorecimento por parte da sílaba travada por fricativa (PR 0.77). Destaca também o favorecimento do alçamento para a sílaba inicial sem segmento

precedente (PR 0.83) e em relação à presença de vogal tônica alta na sílaba seguinte (PR 0.93). No que diz respeito às variáveis sociais, a *faixa etária* mostra-se relevante, com os mais jovens favorecendo o alçamento levemente (PR 0.54). No entanto, a autora afirma não poder detectar uma possível mudança em progresso, por não haver diferenças significativas em relação aos diferentes grupos sociais.

Quanto à vogal /o/, a autora constata 22% de alçamento. Em relação à *estrutura silábica*, as estruturas CV e CVC (travada por fricativa) mostram-se favorecedoras do alçamento (PRs 0.7 e 0.83, respectivamente). A autora destaca o comportamento desfavorecedor da sílaba travada por nasal (CVN) (PR 0.15). Para a *atonicidade da vogal*, a autora observa que a vogal sem alternância [o] ~ [ɔ] no paradigma (união dos fatores *átone permanente* e *átone casual sem alternância* [o] ~ [ɔ]) favorece o alçamento (PR 0.71). A autora verifica também, por meio dos resultados quantitativos, que o modo de articulação obstruente da consoante *precedente* é favorecedor do alçamento (PR 0.78). Justifica esse favorecimento pela tendência de as vogais médias serem menos sonoras, ou seja, mais altas, por assimilação articulatória da obstrução à passagem do ar das consoantes adjacentes. Quanto à *consoante seguinte*, tanto as obstruintes quanto as nasais são favorecedoras do alçamento (PRs 0.7 e 0.74, respectivamente). Em relação às variáveis sociais, a autora observa que o *grupo social* é relevante na aplicação do alçamento, sendo que o grupo social mais baixo o favorece levemente (PR 0.57).

Pode-se destacar, também, o fato de a *classe da palavra* não ser apontada pelo programa estatístico como relevante ao alçamento das vogais médias pretônicas na variedade de Belo Horizonte.

Com base nesses resultados, a autora conclui que o alçamento de /e/ resulta, sobretudo, de um processo de harmonização vocálica, ao passo que o alçamento de /o/ provém da assimilação articulatória entre a vogal e a(s) consoante(s) adjacente(s).

A autora constata que certo contexto não sofre restrições do léxico (o que, a princípio, vai ao encontro das concepções teóricas defendidas pelos neogramáticos): a vogal /e/ em início de vocábulo em sílaba travada por fricativa (PR 0.98) ou nasal (PR 1.0). Porém, a autora destaca que alguns itens nunca alçam, mesmo tendo ambiente favorecedor ao alçamento (por exemplo, *m[e]ninge* e *c[o]mício*), enquanto determinados itens sempre alçam, mesmo não apresentando ambiente favorecedor (por exemplo, *s[i]mestre* e *m[u]leque*), o que indica que o alçamento não se aplica a todo o léxico, ou seja, que a mudança linguística não se implementa de forma lexicalmente abrupta. Os dados encontrados são então classificados em três listas: (i) os sempre alçados; (ii) os nunca alçados; e (iii) os variavelmente alçados. Os

itens lexicais variavelmente alçados são numericamente escassos e tendem para a lista dos sempre alçados ou para o grupo dos nunca alçados. Para os vocábulos sempre alçados, como *p[i]queno* e *c[u]nversa*, a autora propõe que tenham /i/ ou /u/ como forma subjacente, os nunca alçados, como *p[e]rícia* e *c[o]nvento*, tenham formas subjacentes /e/ ou /o/, e, por fim, os variavelmente alçados, como *s[e]ria* ~ *s[i]ria* e *p[o]deria* ~ *p[u]deria*, “tendem a se resolver por uma ou outra forma” (VIEGAS, 1987, p. 106). Desse modo, a regra de alçamento não atua sobre os itens lexicais igualmente, mas sofre restrições do léxico ao ser implementada.

A autora defende a hipótese de os itens mais frequentes alçarem primeiro, quando nos ambientes determinados pela regra. Segundo a autora, na variedade estudada, as palavras mais frequentes alçam sempre, ao passo que as menos frequentes não alçam. Todavia, vocábulos com contextos semelhantes e frequências relativamente iguais têm comportamentos distintos.

Nesse sentido, a autora mostra que também o prestígio do conteúdo semântico do item lexical pode alterar a vogal pretônica, como pode ser observado por meio de itens como *P[e]ru* (país) x *p[i]ru* (animal) ou *p[u]rtuguês* (oriundo de Portugal) x *P[o]rtuguês* (disciplina escolar). Segundo a autora, as palavras com conteúdo semântico “menos prestigiado” socialmente apresentam um fenômeno também “menos prestigiado” socialmente. De acordo com Viegas (1987, p. 138), “o desprestígio é sutil mas existe”. Nesses casos, o alçamento evita uma ambiguidade que poderia ocorrer devido à homofonia dos vocábulos. Desse modo, a autora afirma parecer difícil relacionar o alçamento à frequência das palavras. Defende, portanto, a proposta da Difusão Lexical, ao concluir que “a descrição do fenômeno através de uma regra variável lexicalmente abrupta, como apregoavam os neo-gramáticos, não dá conta da complexidade do processo de alçamento das vogais médias pretônicas” (VIEGAS, 1987, p. 168).

No que diz respeito ao interior de Minas Gerais, mais precisamente à região do Triângulo Mineiro, Felice (2012) investiga o alçamento das vogais médias pretônicas em nomes em amostras de fala espontânea, obtidas por meio de entrevistas, de 24 informantes provenientes de **Uberlândia**. Para essa análise, segue os pressupostos teóricos da Sociolinguística Laboviana e descarta as vogais médias pretônicas em: (i) *ditongo*; (ii) *hiato*; (iii) *prefixo des-*; e (iv) *início de vocábulo*, quando essas vogais são seguidas por /N/ ou /S/.

A autora considera as seguintes variáveis linguísticas: (i) *altura da vogal da sílaba tônica*; (ii) *peso silábico da pretônica*; (iii) *nasalidade/oralidade da pretônica*; (iv) *distância da pretônica em relação à sílaba tônica*; (v) *posição da sílaba pretônica na palavra*; (vi) *ponto de articulação da consoante precedente*; (vii) *continuidade/não-continuidade da*

consoante precedente; (viii) *ponto de articulação da consoante seguinte*; e (ix) *continuidade/não-continuidade da consoante seguinte*. Em relação às variáveis sociais, a autora analisa: (i) *sexo/gênero*; (ii) *faixa etária*; e (iii) *escolaridade*. Essas variáveis são investigadas quantitativamente por meio do pacote estatístico Goldvarb 2001.

Como resultado, observam-se taxas de alçamento de 11,9% para /e/ e 15,8% para /o/. A variável *altura da vogal da sílaba tônica* é a mais relevante para a aplicação do alçamento de ambos /e/ e /o/, sendo o fator *vogal alta na sílaba tônica* favorecedor do alçamento, com PRs 0.88 para /e/ e 0.84 para /o/.

A presença de uma vogal tônica na sílaba imediatamente seguinte é favorecedora do alçamento de /o/ (PR 0.60). Para /e/, a variável *distância da pretônica em relação à sílaba tônica* não é selecionada como relevante para a aplicação do alçamento.

Em relação ao *ponto de articulação da consoante precedente*, a consoante labial é apontada como favorecedora do alçamento de /e/ (PR 0.66). No entanto, a autora atesta que os dados relativos a esse contexto são mais bem explicados por harmonização vocálica, dada a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte na maioria dos vocábulos. Para /o/, observa-se o favorecimento do alçamento por parte de consoante precedente dorsal (PR 0.63) e labial (PR 0.56).

No que diz respeito ao *ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*, a consoante dorsal favorece o alçamento de /e/ (PR 0.75). Para a pretônica /o/, Felice (2012) afirma que os PRs próximos a 0.50 não autorizam conclusões sobre a influência do ponto de articulação da consoante seguinte para o alçamento.

Em ambas as posições, isto é, *precedente* e *seguinte* em relação à pretônica-alvo, a presença de uma consoante não-contínua, como a maioria das velares, favorece o alçamento de /e/ (PRs 0.65 para consoante precedente e 0.76 para consoante seguinte).

No que tange à *estrutura silábica*, constata-se que o fato de a pretônica-alvo estar em uma sílaba leve favorece o alçamento tanto de /e/ quanto de /o/ (PR 0.58 para ambos os casos). Já a sílaba pesada desfavorece o alçamento (PRs 0.30 para /e/ e 0.31 para /o/).

A nasalidade da pretônica é favorecedora do alçamento apenas de /e/, com PR 0.81. Para /o/, a variável *nasalidade/oralidade da vogal pretônica* não é selecionada pelo programa estatístico.

As variáveis sociais exercem maior influência sobre o alçamento da pretônica /e/. Para essa vogal, o *sexo/gênero feminino* é favorecedor do alçamento (PR 0.58) e os falantes com *menos anos de escolaridade* (de 0 a 11 anos de estudos) têm a maior probabilidade de aplicar

o fenômeno (PR 0.58). Sobre a variável *faixa etária*, os PRs próximos ao ponto neutro indicam que o fenômeno se encontra em variação estável tanto para /e/ quanto para /o/.

Ao comparar seus resultados sobre as vogais médias pretônicas em nomes na variedade mineira de Uberlândia com os referentes às vogais médias pretônicas em nomes no dialeto do noroeste paulista (SILVEIRA, 2008), Felice (2012) afirma que o alçamento em Uberlândia está mais próximo da variedade paulista do que do falar da capital mineira Belo Horizonte (VIEGAS, 1987). No entanto, ao contrário das vogais pretônicas em nomes no dialeto do interior paulista, sobre as quais Silveira (2008) atesta ser a *redução vocálica* o processo mais importante para a aplicação do alçamento, Felice (2012) destaca a *harmonização vocálica* para o alçamento das pretônicas no falar uberlandense.

Ainda no que tange à região do Triângulo Mineiro, Borges (2008) analisa as vogais médias pretônicas na variedade de **Uberaba**. Como cópula, investiga entrevistas com amostras de fala espontânea de 18 informantes.

As variáveis consideradas pela autora são (i) *contexto precedente*; (ii) *contexto seguinte*; (iii) *presença de vogal alta seguinte*; (iv) *sexo/gênero*; (v) *faixa etária*; e (vi) *escolaridade*. Em seu artigo, a autora denomina o abaixamento como redução vocálica e, para esse fenômeno, obtém taxas de 5,95% e 11,01% para /e/ e /o/, respectivamente. Os índices percentuais de alçamento mostram-se mais expressivos: 35,04% para /e/ e 25,10% para /o/. Segundo a autora, a harmonização vocálica é bastante atuante no alçamento da vogal pretônica /e/, sendo responsável por 42,59% das ocorrências de alçamento dessa vogal. No caso da pretônica /o/, no entanto, a harmonização vocálica não é tão atuante (23,55%).

Quando observada a variável *presença de vogal alta seguinte*, a autora observa que, em todos os dados com vogal alta na sílaba seguinte, apenas 38,65% alçam, afirmando, portanto, que a atuação da harmonização vocálica não é tão frequente.

Quanto ao *contexto fonológico precedente*, Borges (2008) realça o comportamento das consoantes labial, coronal /d/ e velar /k/. Destaca também a vogal média pretônica /e/ em contexto de início de vocábulo. Para a posição subsequente à pretônica-alvo, a autora afirma serem favorecedores o /R/ retroflexo (exemplificado com a taxa de 100% de alçamento do vocábulo *p[u]rque*), a alveolar /s/ – especialmente quando a pretônica inicia vocábulo – e a nasalização. Para essas variáveis que investigam o comportamento das consoantes adjacentes, a autora não apresenta PRs nem porcentagens.

Em relação às variáveis sociais, são encontrados índices percentuais relativamente similares para o *sexo/gênero* masculino (32,37%) e feminino (29,80%). Quanto à *faixa etária*, observa-se uma aplicação homogênea do alçamento entre os grupos de 15 a 29 anos

(27,27%), de 30 a 49 anos (34%) e acima de 49 anos (32,22%). Segundo a autora, essa pequena variação das porcentagens de alçamento não fornece subsídios para afirmações sobre mudança linguística. Porcentagens próximas entre si também são obtidas em relação aos diferentes fatores da variável *escolaridade*: 30,25%, de 0 a 4 anos de estudo; 33,76%, de 5 a 11 anos de estudo; e 30,06%, acima de 11 anos de estudo. Apesar de serem consideradas apenas as porcentagens, os resultados referentes à variedade de Uberaba fazem com que a autora afirme que a escolaridade é pouco relevante para a aplicação do alçamento e que esse fenômeno não parece ser estigmatizado.

Com outro viés teórico, há os estudos sobre as vogais médias pretônicas na variedade de **Belo Horizonte** realizados por Alves (2008, 2011a), que utiliza três corpora. O primeiro, de onde provém a maioria dos dados analisados pela autora, é oriundo do Projeto Português de Belo Horizonte (POBH). A autora investiga a fala de 8 informantes com formação universitária e idade entre 25 e 35 anos. Cada gravação, com 60 minutos, apresenta um diálogo entre documentador e informante, gravado em cabine acústica. O segundo córpis, proveniente de Alves (1999 apud ALVES, 2008), corresponde a gravações da fala de 21 informantes (15 mulheres e 6 homens), com formação universitária e faixa etária de 20 a 38 anos. Os dados foram coletados por meio de leitura de frases em cabine acústica. O terceiro córpis é o único que apresenta amostras de fala espontânea, com 60 minutos de gravação da fala de 2 informantes, que, em uma sala, dialogaram sobre tópicos tangentes a estudo, religião e política. Em outro trabalho, Alves (2011b) engloba o município de **Uberlândia**, com base na existência de alçamento e de abaixamento vocálico no município.

Nesses estudos, a autora segue o arcabouço teórico da OT, mais especificamente as propostas do *Ordenamento parcial de restrições* e do *Ranqueamento ordenado por EVAL* (também consideradas na presente pesquisa, conforme descrito na subseção 1.5 deste trabalho). A partir do modelo do *Ordenamento parcial de restrições*, a autora, inicialmente, analisa os dados considerando os traços [ATR] e [alto] e utiliza-se de quatro restrições em sua análise, a saber:

- a) IDENT[alto, ATR]: os traços [alto] e [ATR] do *output* devem ser idênticos aos do *input*;
- b) *MID: vogais médias em posição pretônica devem ser evitadas;
- c) AGREE[ATR]: o traço [ATR] da vogal pretônica deve ser idêntico ao da vogal tônica ou seguinte; e
- d) AGREE[alto]: o traço [alto] da vogal pretônica deve ser idêntico ao da vogal tônica ou seguinte.

Ao seguir essa proposta, a autora considera os diferentes comportamentos das vogais médias pretônicas como uma única gramática com vários ordenamentos parciais. Cada falante ativa um ordenamento para cada caso de realização de vogal média pretônica, havendo, dessa forma, mais de uma *cofonologia*. No caso de mapeamento fiel, ou seja, quando o candidato ótimo corresponde à realização da vogal média-alta, como em *pr[o]cesso*, há a dominância da restrição de fidelidade IDENT[alto, ATR], como mostra o *tableau* a seguir:

Tableau 6 – Mapeamento fiel: vogal média-alta

pr/o/jeto	IDENT[alto, ATR]	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	*MID
☞ pr[o]jeto		*		*
pr[ɔ]jeto	*!			*
pr[u]jeto	*!	*	*	

Fonte: Alves (2011a, p. 3233).

Quando verificado o processo de *harmonização vocálica*, como em *pr[ɔ]cesso* e *m[i]dida*, as restrições dominantes são AGREE[ATR] e AGREE[alto]:

Tableau 7 – Mapeamento infiel: harmonização vocálica – vogal média-baixa

pr/o/jeto	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	IDENT[alto,ATR]	*MID
pr[o]jeto	*!			*
☞ pr[ɔ]jeto			*	*
pr[u]jeto	*!	*	*	

Fonte: Alves (2011a, p. 3233).

Tableau 8 – Mapeamento infiel: harmonização vocálica – vogal alta

p/e/squisa	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	IDENT[alto,ATR]	*MID
p[e]squisa		*!		*
p[ɛ]squisa	*!	*	*	*
☞ p[i]squisa			*	

Fonte: Alves (2011a, p. 3234).

A autora ressalta que não há dominância entre as restrições da família de AGREE, o que é indicado pela presença da linha pontilhada entre elas. No caso de alçamento vocálico

provocado por harmonização vocálica (*p[i]squisa*), a autora afirma que a violação da restrição AGREE[ATR] elimina o candidato com vogal média-baixa, ao passo que a violação de AGREE[alto] elimina o candidato com vogal média-alta. Dessa forma, segundo a autora, essas restrições atuam conjuntamente. Por fim, para a *redução vocálica*, como em *c[u]meço*, a restrição *MID é a dominante, como pode ser visto por meio do *tableau* apresentado a seguir:

Tableau 9 – Mapeamento infiel: redução vocálica

c/o/meço	*MID	IDENT[alto,ATR]	AGREE[ATR]	AGREE[alto]
c[o]meço	*!			
c[ɔ]meço	*!	*	*	
c[u]meço		*		*

Fonte: Alves (2011a, p. 3234).

Alves (2011b) analisa novamente os dados, utilizando-se de um traço diferente: [aberto]. De acordo com a autora, a abordagem pelo traço [aberto] é vantajosa por prover uma economia de informações, já que esse traço é o suficiente para diferenciar e caracterizar as vogais. Dessa forma, a autora reduz as restrições de quatro para três, sendo elas:

- a) IDENT[+aberto2]: o traço [+aberto2] do *output* deve ser idêntico ao do *input*;
- b) AGREE[aberto]: o grau de abertura da pretônica é idêntico ao da vogal tônica ou seguinte; e
- c) *MID: vogais médias em posição pretônica devem ser evitadas.

Segundo a autora, a não-ocorrência de processos fonológicos, como em *pr[o]cesso*, pode ser explicada pela dominância da restrição de fidelidade IDENT[+aberto2]. Para os casos de *harmonização vocálica*, a autora aponta que, diferentemente do que se observa quando analisados por meio dos traços [alto] e [ATR] – o que implicava a consideração de duas restrições da família de AGREE, uma para cada traço –, quando utilizado o traço de abertura, uma restrição AGREE é o suficiente (AGREE[aberto]). Quando se aplica o processo de *harmonização vocálica*, como em *pr[ɔ]cesso* e *m[i]dida*, é essa a restrição dominante. Por fim, o processo de *redução vocálica*, como em *g[u]verno*, pode ser explicado pela dominância da restrição de marcação *MID.

A autora defende, finalmente, a utilização do traço de abertura, pois, como observado, resulta na utilização de menos restrições, havendo, portanto, uma economia em termos de informações.

Para a análise segundo o *Ranqueamento ordenado por EVAL*, Alves (2008, 2011a) inclui três novas restrições, sendo elas:

- a) IDENT_{STR}(HEIGHT): que afirma que os traços de altura são preservados em posição tônica;
- b) *[+alto] : que evita vogal alta em posição pretônica; e
- c) *[-ATR]: que evita vogal com traço [-ATR] em posição pretônica.

Dessa forma, para explicar a variação entre vogal média-alta e média-baixa, a autora apresenta o seguinte *tableau*:

Tableau 10 – Variação entre a vogal média-alta e a vogal média-baixa, segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL

m/e/rcado	IDENT _{STR} (HEIGHT)	*[+alto]	IDENT[alto,ATR]	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	*MID
1. m[e]rcado				*		*
2. m[ɛ]rcado			*			*
m[i]rcado		*!	*	*	*	

Fonte: Alves (2011a, p. 3230).

As restrições IDENT_{STR}(HEIGHT) e *[+alto] encontram-se acima do ponto de corte, indicando que não são permitidas (i) variação em posição tônica e (ii) vogal alta em posição pretônica (já que o candidato *m[i]rcado* viola a restrição *[+alto], sendo, portanto, descartado como candidato ótimo).

A autora critica essa abordagem, afirmando não ser válida para todos os vocábulos que apresentam variação. Para o item lexical *colégio*, por exemplo, houve 7 ocorrências de *c[o]légio* e 26 de *c[ɔ]légio* no cópuz da autora, ou seja, o contrário do comportamento indicado pelos números apontados no *tableau*. Além disso, tais frequências variam também de acordo com o falante e, segundo a autora, essa abordagem não é capaz de mostrar esse comportamento variável também por parte do indivíduo.

Para a variação entre a vogal média-alta e a vogal alta, ou seja, aquela resultante da atuação do açamento vocálico, a autora apresenta o seguinte *tableau*:

Tableau 11 – Variação entre a vogal média-alta e a vogal alta, segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL

p/e/rdida	IDENT _{STR} (HEIGHT)	*[-ATR]	IDENT[alto,ATR]	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	*MID
1. p[e]rdida					*	*
p[ɛ]rdida		*!	*	*	*	*
2. p[i]rdida			*			

Fonte: Alves (2011a, p. 3232).

Dessa vez, acima do ponto de corte, além da restrição IDENT_{STR}(HEIGHT), encontra-se *[-ATR], que exclui o candidato com vogal média-baixa, o qual viola essa restrição.

Do mesmo modo que para os casos de variação entre vogal média-alta e vogal média-baixa, há um problema em relação a essa proposta, pois indica que o item com vogal média-alta é mais frequente do que o item com vogal alta. Segundo a autora, seu *cópus* contém palavras como *seguro*, *medida* e *serviço*, que mostram que o vocábulo mais frequente é o que contém vogal alta, ou seja, *s[i]guro*, *m[i]dida* e *s[i]rviço*. Desse modo, Alves (2011a, p. 3232) afirma que:

o ranqueamento ordenado por EVAL falha em não apresentar a frequência dos itens lexicais como eles são produzidos na língua estudada. Assim, constata-se que a variação entre as vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto estudado não pode ser explicada adequadamente pelo ranqueamento ordenado por EVAL.

Portanto, defende o *Ordenamento parcial de restrições* como a proposta mais adequada para a explanação do comportamento variável das vogais médias pretônicas nas variedades mineiras.

Outro estudo que trata de variedades do Estado de Minas Gerais segundo a OT é o de Guimarães (2006). Esse autor analisa as vogais médias pretônicas em nomes nas regiões **Norte** (municípios de **Bocaiúva**, **Montes Claros** e **Mirabela**) e **Sul** (municípios de **Bom Sucesso**, **Lavras** e **Três Corações**). No Norte de Minas Gerais, são encontrados os fenômenos variáveis *alçamento* e *abaixamento vocálico*. No Sul mineiro, todavia, não há presença significativa de abaixamento vocálico.

Como *cópus*, o autor analisa a fala de 24 informantes com o Ensino Fundamental concluído e em uma das seguintes faixas etárias: de 20 a 39 anos ou acima de 39 anos. Cada informante teve que ler dois textos, intercalados por um teste, no qual deveria dizer os nomes

das figuras exibidas. Dessa forma, foram obtidos cerca de 14 minutos de amostra da fala de cada informante.

Nesse trabalho, são excluídas as ocorrências de: (i) *vogais médias pretônicas presentes em verbos*; (ii) *pretônica /e/ em início de vocábulo e seguida por /S/ em coda silábica*; e (iii) *formas derivadas com os sufixos -mente, -inho(a), -zinho(a) e -íssimo(a)*.

Na região Norte de Minas Gerais, há uma frequência de 13,5% do fenômeno de abaixamento e, na região Sul, 1,5%. A partir da porcentagem baixa referente ao Sul mineiro, o autor desconsidera esse fenômeno da análise das vogais médias pretônicas na variedade dessa região. Quanto ao alçamento vocálico, o autor defende que as ocorrências de harmonização da região Sul também são casos de redução vocálica, ou seja, ocorrem por uma redução de proeminência da vogal média. Por esse motivo, para a variedade do Sul mineiro, descarta a utilização da restrição AGREE, que, por sua vez, está ativa na região Norte, devido às ocorrências de abaixamento vocálico engatilhadas por uma vogal média-baixa na sílaba subsequente à da pretônica-alvo.

Conforme atesta o autor, as ocorrências mais frequentes de vogais pretônicas tanto na variedade do Norte quanto na variedade do Sul de Minas Gerais são de vogais médias-altas. No entanto, ressalta que, no Norte, há preferência pela vogal média-baixa em determinados contextos.

Para a explicação das vogais médias pretônicas segundo a OT, o autor segue as abordagens não-clássicas propostas por Anttila e Cho (1998), Coetzee (2004, 2006) – ambas já apresentadas neste trabalho – e de Lee e Oliveira (2006a, 2006b), modelo a ser apresentado mais adiante.

No presente estudo, são expostos os resultados referentes à variedade falada na região Sul de Minas Gerais, em razão de o comportamento das vogais médias pretônicas nesse dialeto ser semelhante ao das pretônicas no interior paulista, pela ausência do abaixamento vocálico.

Em relação à proposta do *Ordenamento parcial de restrições*, Guimarães (2006) apresenta os seguintes *tableaux*:

Tableau 12 – Mapeamento infiel: redução vocálica

c/o/ruja	*MID	IDENT[ATR]	IDENT[HEIGHT]
c[o]ruja	*!		
c[ɔ]ruja	*!	*	
↪ c[u]ruja			*

Fonte: Guimarães (2006, p. 111).

Tableau 13 – Mapeamento fiel: vogal média-alta

c/o/ruja	IDENT[HEIGHT]	IDENT[ATR]	*MID
↪ c[o]ruja			*
c[ɔ]ruja		*!	*
c[u]ruja	*!		

Fonte: Guimarães (2006, p. 111).

Como mencionado, o autor opta pela consideração da harmonização – como ocorre, por exemplo, em *c[u]ruja* – como redução vocálica, já que, naquele processo, também há uma “redução da proeminência da vogal média” (GUIMARÃES, 2006, p. 84). Dessa maneira, quando a forma alçada corresponde ao candidato ótimo, observa-se a dominância por parte da restrição *MID. Quando não há processo fonológico, verifica-se dominância das restrições de fidelidade IDENT[HEIGHT] e IDENT[ATR].

Segundo o autor, de modo geral, a proposta de Anttila e Cho (1998) explica satisfatoriamente os dados encontrados na região Sul de Minas Gerais. No entanto, Guimarães (2006) aponta o problema da presença de apenas um candidato ótimo – vogal média-alta, como em *c[e]bola*. Nesse caso, apenas um ordenamento se aplica. Além disso, segundo o autor, essa proposta não consegue prever qual item apresenta maior frequência de ocorrência.

Ao analisar os dados de acordo com a proposta de Coetzee (2004, 2006), Guimarães (2006) exhibe o seguinte *tableau*:

Tableau 14 – Variação entre as vogais, segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL

c/o/elho	IDENT _{STR} (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	IDENT[ATR]	IDENT[HEIGHT]	*MID
1. c[o]elho				*
2. c[u]elho			*	
3. c[ɔ]elho		*!		*

Fonte: Guimarães (2006, p. 129).

Verificam-se, acima do ponto de corte, as restrições de identidade IDENT_{STR}(HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW] e IDENT[+HIGH], bem como IDENT[ATR], cuja violação por parte do candidato com vogal média-baixa o elimina. Guimarães (2006) aborda o problema de a proposta indicar *c[o]elho* como o candidato mais frequente. Em determinados itens lexicais, como em *g[u]rila*, a forma alçada é mais frequente do que a não-alçada. Conforme afirma o autor, essa teoria apresenta problemas quando há variabilidade no número de candidatos observados na produção de determinada variedade.

Por fim, o autor busca, com a proposta da *Variação linguística alocada na gramática da percepção* (LEE; OLIVEIRA, 2006a, 2006b) resolver os problemas encontrados quando utilizada a proposta do *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006).

Segundo o modelo da *Variação linguística alocada na gramática da percepção*, não há *outputs* múltiplos para as falas dos indivíduos, não havendo, portanto, regras opcionais nem regras probabilísticas. De acordo com essa abordagem, a gramática da produção – que consiste em um subconjunto da gramática da percepção – planeja as formas subjacentes a formas fonéticas, escolhendo um candidato ótimo de uma única representação subjacente. A forma da representação subjacente é selecionada pelo *indivíduo* a partir das formas fornecidas pela variação (possibilidades preditas pela gramática da percepção) e depende de *itens lexicais específicos*. Dessa maneira, cada indivíduo pode ter um *input* diferente para palavras em variação.²⁸ Os falantes aprendem os contrastes fonêmicos e os processos fonológicos dos dados linguísticos primários por meio da gramática da percepção, já que a variação é atribuída à comunidade. As diferenças fonéticas (variação encontrada na comunidade de fala) para um

²⁸ No caso de não-variação, segundo Lee e Oliveira (2006b), há uma única possibilidade para a forma de representação subjacente por meio da gramática da percepção, e a gramática da produção planeja essa forma subjacente à forma fonética.

mesmo significado linguístico são avaliadas pela gramática da percepção. Desse modo, Guimarães (2006) apresenta o seguinte *tableau*:

Tableau 15 – Variação entre as vogais, segundo a proposta da Variação linguística alocada na gramática da percepção

m/o/eda	IDENT _{STR} (HEIGHT/ATR), IDENT[αBACK], IDENT[+LOW], IDENT[+HIGH]	AGREE	IDENT[ATR]	IDENT[HEIGHT]	*MID
☞ m[ɔ]eda			*		*
☞ m[o]eda		*			*
☞ m[u]eda		*		*	

Fonte: Guimarães (2006, p. 140).

As restrições acima do ponto de corte são invioláveis e, abaixo do ponto de corte, não há dominância. Dessa forma, os três candidatos são ótimos e a forma pronunciada depende da escolha que o falante faz em relação ao *input*. De acordo com o autor, um possível problema para essa proposta seria o fato de, na região Sul, haver apenas duas possibilidades: a realização da vogal média-alta e da vogal alta. Mais uma vez, essa questão depende do próprio falante, mais precisamente da escolha que este faz acerca do *input*. Desse modo, Guimarães (2006) defende a abordagem não-clássica da OT proposta por Lee e Oliveira (2006a, 2006b) para a explicação do comportamento das vogais médias pretônicas em duas variedades distintas do Estado de Minas Gerais.

2.3.3 Nova Venécia (ES)

Celia (2004) analisa as vogais médias pretônicas na variedade capixaba de **Nova Venécia**. Para isso, considera entrevistas de 9 informantes do sexo feminino, com Ensino Superior completo. As entrevistas, com duração de aproximadamente 60 minutos por indivíduo, foram realizadas de forma que possibilitassem a observação e descrição do vernáculo do falante.

A autora exclui de sua análise certos contextos, sendo eles: (i) *posição inicial de vocábulo*; (ii) *prefixo “des-”*; (iii) *vogais nasais ou nasalizadas (especificamente na análise do abaixamento)*; e (iv) *vocábulos muito frequentes*.

A autora considera oito variáveis linguísticas: (i) *nasalidade*; (ii) *tipo de tônica*; (iii) *distância*; (iv) *pretônica seguinte*; (v) *atonicidade*; (vi) *consoante precedente*; (vii) *consoante seguinte*; e (viii) *estrutura silábica*. Em relação às variáveis extralinguísticas, analisa apenas a *faixa etária*. Para a análise quantitativa dos dados, utiliza o pacote estatístico Goldvarb 2001.

Na variedade estudada pela autora, as vogais médias pretônicas podem ser alçadas, abaixadas ou permanecerem médias-altas. As taxas de alçamento obtidas são de 14% para /e/ e 20% para /o/. O abaixamento vocálico, por sua vez, é mais frequente: 16% para /e/ e 23% para /o/.

No que tange à variável *tipo de tônica*, as vogais altas foram favorecedoras do alçamento (PRs /i/: 0.869 para /e/ e 0.711 para /o/ – /u/: 0.548 para /o/). A influência da vogal alta também pode ser verificada quando se considera a variável *pretônica seguinte*, que apresenta PRs altos para as vogais /i/ (0.799 para /e/) e /u/ (0.713 para /o/).

Quanto à *distância da pretônica em relação à tônica*, variável selecionada apenas para /o/, constata-se que, na variedade de Nova Venécia, a presença de uma vogal tônica na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é favorecedora do alçamento dessa vogal (PR 0.731).

Com base nesses resultados relativos ao processo de harmonização vocálica, a autora observa que, de modo geral, a vogal alta contígua favorece a aplicação do processo. Enquanto a contiguidade é um fator essencial à aplicação do alçamento, a tonicidade é um fator relevante, mas não determinante.

Os resultados demonstram também que a nasalidade favorece o alçamento de /e/ (PR 0.924). Para /o/, a nasalidade é levemente desfavorecedora (PR 0.452).

Outro resultado relevante encontrado pela autora aponta que a vogal átona permanente favorece tanto o alçamento de /e/ quanto de /o/ (PRs 0.598 e 0.716, respectivamente). Também favorece o alçamento especificamente de /o/ o fator *casual variável*, isto é, a vogal que, na derivação, pode ser realizada como média, média-baixa ou alta, como em *poder > pode > pude*, com PR 0.580 para a variedade capixaba.

Quanto ao *ponto de articulação da consoante precedente*, a consoante palatal é favorecedora do alçamento de /e/ (PR 0.690) e de /o/ (PR 0.564). A consoante bilabial favorece o alçamento de /e/ (PR 0.599), enquanto a consoante velar favorece o alçamento de /o/ (PR 0.671). A autora também observa que a ausência de consoante em posição precedente à da pretônica é altamente favorecedora do alçamento de /e/ (PR 0.905) e de /o/ (PR 0.832). No que diz respeito ao *ponto de articulação da consoante seguinte*, a consoante velar favorece o alçamento de /e/ (PR 0.688), ao passo que a consoante labiodental favorece o

alçamento de /o/ (PR 0.596). A ausência de consoante subsequente, assim como quando considerada a posição precedente, favorece o alçamento de /e/ (PR 0.947) e de /o/ (PR 0.950).

Quanto à *estrutura da sílaba*, a autora aponta que sílaba sem elemento em coda favorece o alçamento de /e/ (PR 0.605) e de /o/ (PR 0.619).

Em relação à única variável social considerada, a *faixa etária*, os PRs próximos ao ponto neutro mostram que essa variável não exerce papel determinante na aplicação do alçamento.

Por fim, pelo fato de o abaixamento não ser tão escasso quanto no Rio de Janeiro nem tão frequente quanto na Bahia, a autora classifica o dialeto capixaba como uma região de transição entre os falares do Norte e do Sul do Brasil no que diz respeito ao comportamento das vogais médias pretônicas.

2.4 Região Centro-Oeste

Em relação à região Centro-Oeste, são apresentados os estudos de Carvalho e Bueno (2011), sobre o dialeto do município de Dourados (MS) (subseção 2.4.1), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), acerca da capital federal Brasília (item 2.4.2), e Graebin (2008), sobre a variedade goiana de Formosa (subseção 2.4.3).

2.4.1 Dourados (MS)

Carvalho e Bueno (2011) analisam as vogais médias pretônicas em amostras de fala espontânea de 14 informantes provenientes de **Dourados**, no Estado do Mato Grosso do Sul.

Segundo os autores, nessa variedade, a forma predominante é a alçada, tanto para /e/ quanto para /o/. Apesar de não indicarem as porcentagens, os autores trazem o número de ocorrências totais (359 e 234 para /e/ e /o/, respectivamente) e o número de itens alçados (282 e 142 para /e/ e /o/, respectivamente). Fazendo-se o cálculo das porcentagens a partir dos números disponibilizados, são obtidos percentuais de alçamento de 78,5% para /e/ e 60,7% para /o/.

Em relação à *classe morfológica*, os autores afirmam que o substantivo é a classe que mais apresenta o alçamento de /e/, como em *[i]scola*, com 101 ocorrências do fenômeno, seguido dos verbos, como em *c[u]meçou*, com 62 ocorrências. Todavia, os autores não mostram a quantidade total de dados por classe morfológica, nem porcentagens ou pesos relativos. Para a pretônica /o/, verificam-se 81 casos de alçamento em vocábulos pertencentes

à classe gramatical classificada como *outros*, que exclui substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Em seguida, com 29 ocorrências de alçamento, observam-se os verbos e, com 16 aplicações do fenômeno, os substantivos.

Com relação às classes sociais *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*, os autores apresentam os resultados em termos de porcentagem. No que diz respeito ao *sexo/gênero*, os homens do município de Dourados utilizam a forma alçada com frequência maior (28,33% para /e/ e 12,48% para /o/) do que as mulheres (19,22% para /e/ e 11,46% para /o/). Quanto à *faixa etária*, quanto mais velhos, menor a aplicação do alçamento. A faixa etária mais jovem, de 17 a 25 anos, é aquela em que o alçamento ocorre com frequência maior (22,42% para /e/ e 10,62% para /o/), seguida pela faixa etária intermediária – de 26 a 50 anos (14,67% para /e/ e 6,41% para /o/) – e, por fim, pela faixa etária mais velha – acima de 50 anos (11,29% para /e/ e 4,22% para /o/). Por meio da variável *escolaridade*, verifica-se que os indivíduos alfabetizados apresentam frequências maiores de alçamento de /e/ (36,59%) e de /o/ (20,06%) do que os informantes analfabetos (10,91% e 3,87% para, respectivamente, /e/ e /o/).

A partir desses resultados, os autores constatam que, na variedade douradense, “esse fenômeno está presente na comunidade e já possui certa aceitação pelos falantes, independente do seu nível de escolaridade, dado que sua utilização não é estigmatizada” (CARVALHO; BUENO, 2011, p. 13).

2.4.2 Brasília (DF)

Bortoni, Gomes e Malvar (1992), ao pesquisarem as vogais médias pretônicas na variedade da capital federal **Brasília**, tecem considerações acerca das hipóteses neogramática e da difusão lexical para a implementação da mudança linguística.

Inicialmente, para a análise quantitativa dos dados, realizada com a utilização do pacote estatístico Goldvarb 2.0, as autoras utilizam cópulas de fala de 14 informantes brasilienses, com faixa etária de 11 a 38 anos. Consideram quatro variáveis independentes linguísticas – (i) *vogal da sílaba seguinte*; (ii) *ambiente fonológico precedente*; (iii) *ambiente fonológico seguinte*; e (iv) *tonicidade subjacente* – e três variáveis sociais – (i) *sexo/gênero*; (ii) *classe social*; e (iii) *origem dos pais*. Todavia, analisam as variáveis sociais apenas para o

fenômeno de *abaixamento vocálico*, “uma vez que a elevação é regra supra-regional” (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 23).²⁹

Em relação à *vogal presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo*, as autoras observam que as vogais altas orais e, principalmente, as nasais, favorecem o alçamento de /e/ (PRs 0.82 para /i/, 0.62 para /u/, 0.97 para /ĩ/ e 0.94 para /ũ/). Para a vogal pretônica /o/, não se verifica claramente a atuação do processo de harmonização vocálica, tendo em vista a obtenção de PRs altos não apenas para as vogais altas (PRs 0.85 para /i/, 0.80 para /u/ e 0.97 para /ĩ/) em sílaba seguinte, mas também para a presença de vogal média /e/ (PR 0.74) e de médias-baixas (PR 0.72).

Quanto ao *elemento precedente*, as autoras constatam que a posição inicial do vocábulo (PR 0.85) e consoante palatal (PR 0.86) favorecem o alçamento de /e/. As consoantes palatal (PR 0.74), velar (PR 0.71) e labial (PR 0.61) favorecem o alçamento da vogal pretônica /o/. Em posição *seguinte*, a consoante labial (PR 0.60), a consoante velar (PR 0.58), o segmento /S/ (0.87) e o hiato (PR 0.75) favorecem o alçamento de /e/. Em relação à vogal pretônica /o/, a consoante labial (PR 0.68), a consoante palatal (PR 0.74) e o hiato (PR 0.99) favorecem o fenômeno.

Por fim, no tangente à variável *tonicidade subjacente*, os resultados mostram que, tanto para /e/ quanto para /o/, o fator *atonicidade permanente* favorece o alçamento (PRs 0.57 para /e/ e 0.53 para /o/), diferentemente do fator *átônica eventual*, que desfavorece a aplicação do fenômeno (PRs 0.22 para /e/ e 0.42 para /o/).

Em um segundo momento do trabalho, as autoras analisam qualitativamente textos do período arcaico escritos em galego e na variedade do Português Europeu de Douro Litoral. Em sua análise, identificam três grupos distintos de vocábulos: (i) palavras cuja grafia apresentava alternância entre vogal média e alta e que se consolidaram, no PB Contemporâneo, como alta, como *irmão* (*germanus*) e *lugar* (*localis*); (ii) vocábulos com variação no Português Arcaico, sendo que a variação se manteve na variedade falada no PB contemporâneo, como *poderia* (*potere*) e *colher* (*cochlear*); e (iii) ausência de variação da vogal pretônica em ambos os períodos, como *herdamento* (*herdatio*) e *outorgar* (*auctoricare*).³⁰ As autoras concluem que a variação das vogais pretônicas no Português Arcaico tinha motivação fonética, mas se implementava lexicalmente. Por outro lado,

²⁹ Deve-se ressaltar que as autoras não divulgam os percentuais de alçamento e de abaixamento vocálico na variedade de Brasília.

³⁰ Atualmente, há trabalhos detalhados acerca das vogais do Português Arcaico, como os realizados por Fonte (2010a, 2010b).

mostram também evidências que favorecem uma interpretação neogramática dos dados, por meio, por exemplo, da observação da atuação da harmonização vocálica.

2.4.3 Formosa (GO)

Graebin (2008) analisa as vogais médias pretônicas no falar de **Formosa**, município localizado no Estado de Goiás, a cerca de 70 quilômetros de Brasília. Como fundamentação teórica, essa pesquisa se baseia na Sociolinguística variacionista.

O *cópus* provém de amostras de fala espontânea de 14 informantes, os quais pertencem à faixa etária de 30 a 45 anos. Além disso, outros dados dos mesmos falantes são provenientes da leitura de um texto, totalizando aproximadamente 25 minutos de gravação por indivíduo. As gravações foram realizadas, geralmente, na residência ou no local de trabalho do informante.

Como variáveis, são consideradas: (i) *zona de articulação da variável dependente*; (ii) *vogal da sílaba seguinte*; (iii) *segmento fonológico precedente*; (iv) *segmento fonológico seguinte*; (v) *acento secundário*; (vi) *controle lexical*; (vii) *sexo/gênero*; (viii) *escolaridade*; (ix) *classe socioeconômica*; (x) *contato com Brasília*; e (xi) *nível de formalidade do discurso*.

Em uma primeira rodada, realizada por meio do pacote estatístico Goldvarb X, a autora observa índices de *alçamento* de 26,4% para /e/ e 23,2% para /o/. As taxas de *abaixamento* verificadas são menores: 12,1% e 14,7% para /e/ e /o/, respectivamente.

A partir da consideração da variável *controle lexical*, que monitora itens muito frequentes, como *você* e *porque*, a autora exclui das rodadas itens lexicais categóricos ou quase categóricos, ou seja, vocábulos em que não se verifica variação.

Após essa exclusão, a autora obtém novos percentuais de *alçamento*: 13,1% para /e/ e 12,9% para /o/. Quanto ao *abaixamento* vocálico, verificam-se 20,5% e 21,5% para, respectivamente, /e/ e /o/. Observa-se, portanto, que, em relação à rodada anterior, as taxas percentuais de *alçamento* diminuem, ao passo que os índices de *abaixamento* aumentam.

Os resultados percentuais das duas rodadas iniciais fazem com que a autora afirme que o dialeto de Formosa consiste em uma variedade intermediária entre o falar de Brasília e o nordestino, pois o percentual de *abaixamento vocálico* na variedade goiana é menor do que na baiana, porém maior do que na brasiliense.

Sem os itens categóricos, a rodada aponta a variável *tipo de discurso* como a mais relevante para a aplicação do *alçamento* de /e/. Quanto a /o/, percebe-se a atuação do processo

de redução vocálica, por meio da seleção da variável *segmento precedente* como a mais importante para o alçamento.

Um dos resultados mostra que, na variedade goiana, a harmonização vocálica é mais atuante para /e/ em contexto nasal e para /o/ em contexto oral. Em relação à variável *vogal seguinte*, mostram-se favorecedoras do alçamento de /e/ as seguintes vogais: [i] (PR 0.816), [ɔ] (PR 0.611), [ĩ] (PR 0.579), [ũ] (PR 0.922) e [õ] (PR 0.819). Para /o/, as vogais orais predominam dentre as favorecedoras do alçamento: [i] (PR 0.579), [u] (PR 0.645), [e] (PR 0.717), [ɛ] (PR 0.678) e [ũ] (PR 0.705).

No que diz respeito às variáveis relacionadas ao processo de *redução vocálica*, muitos fatores são apontados como favorecedores. Para a *consoante precedente* à vogal /e/, favorecem o alçamento: a velar [k] (PR 0.888), a dental [d] (0.850), as alveolares [s] e [r] (PR 0.678), as bilabiais (PR 0.575) e a ausência de consoante (PR 0.812). Para a vogal inicial /e/, a autora destaca o contexto de vogal seguida por /N/ e /S/. Para a consoante que antecede a vogal pretônica /o/, favorecem o alçamento os seguintes fatores: bilabiais [p] e [m] (PR 0.612, sendo essas consoantes consideradas juntas) e, principalmente, [b] (PR 0.998), dental [d] (PR 0.728), alveolares [s] e [z] (PR 0.956), velares (PR 0.601) e a presença de uma vogal (PR 0.997). Quanto à *consoante seguinte*, favorecem o alçamento de /e/ as alveolares [s] e [z] (PR 0.796), as palatais (0.775), a velar [g] (PR 0.729), a coda preenchida por /S/ (PR 0.569) e por /N/ (PR 0.925) e o hiato (PR 0.867). Já para o alçamento de /o/, são favorecedoras a bilabial [m] (PR 0.747), a labiodental [v] (PR 0.704), as dentais [t, d, n] (PR 0.603), as pós-alveolares palatais [ʃ ʒ ʎ] (PR 0.709) e [ɲ] (PR 0.804), a glotal [h] (PR 0.590), a coda preenchida por /S/ (PR 0.937) e por /N/ (PR 0.609) e, por fim, o hiato (PR 0.964).

No que diz respeito ao *acento secundário*, os resultados referentes à variedade de Formosa mostram que o fato de a sílaba pretônica estar imediatamente antes da tônica é favorecedor do alçamento de /o/, com PR 0.635. Quanto à pretônica /e/, os resultados que mostram um maior favorecimento do alçamento para as maiores distâncias entre as sílabas pretônica-alvo e tônica parecem estar enviesados pelo grande número de ocorrências de pretônica /e/ com vogal alta na sílaba imediatamente seguinte ou em contexto de prefixo *des-*.

Apesar de não ter considerado a variável *classe gramatical*, a autora observa que os *verbos* são mais resistentes à realização do alçamento.

Quanto ao *tipo de discurso*, variável selecionada como a mais relevante para o alçamento de /e/, o *diálogo* (PRs 0.551 e 0.549 para /e/ e /o/, respectivamente) é mais

favorecedor do alçamento do que a *leitura* (PRs 0.328 e 0.183 para, respectivamente, /e/ e /o/).

A variável *classe socioeconômica* não é selecionada para o alçamento de /e/ nem de /o/. Já as outras variáveis extralinguísticas *nível de escolaridade*, *sexo/gênero* e *contato com Brasília* desempenham papel relevante no alçamento da vogal pretônica /e/. Quanto à *escolaridade*, verifica-se que quanto mais anos de Ensino Formal, menor a probabilidade de aplicação do alçamento de /e/ (PRs 0.659 para até 8 anos de estudo, 0.560 para de 8 a 11 anos de estudo e 0.424 para mais de 11 anos de escolaridade). Os resultados referentes à variável *sexo/gênero* mostram que a realização do alçamento de /e/ é mais provável na fala feminina (PR 0.588) do que na masculina (PR 0.413). Tomando como base o pressuposto de que as mulheres costumam preferir as formas mais prestigiadas, o resultado para a variedade de Formosa faz com que a autora anteveja a preservação da variação. O *contato com Brasília*, por sua vez, diminui a realização do alçamento. Verifica-se que o fenômeno ocorre com maior probabilidade na fala dos informantes que raramente vão a Brasília (PR 0.587), quando comparados àqueles que trabalham na capital federal (PR 0.437).

Com base em Nascentes (1953 [1922]), Graebin (2008) afirma que a presença variável dos fenômenos de alçamento e de abaixamento liga a variedade goiana de Formosa às variedades da Bahia e do Norte de Minas Gerais e separam-na das variedades faladas no sul de Goiás, onde predomina apenas o alçamento vocálico. Dessa maneira, confirma a classificação de Nascentes (1953 [1922]) que coloca a variedade dessa região no grupo do subfalar baiano.

Por fim, ao tratar da discussão acerca das concepções neogramática e difusionista, a autora afirma que a difusão lexical é recorrente para o alçamento, mas não para o abaixamento. De acordo com a autora, os dados de Formosa não sustentam que o alçamento das médias pretônicas seja explicado de acordo com a visão neogramática, nem conforme os princípios da difusão lexical. Conforme afirma Graebin (2008, p. 209), “na realidade, o que encontramos nos dados analisados foi a influência de vários níveis da língua, num constante movimento e numa contínua relação”. Assim, relaciona seus resultados à proposta do *modelo dos exemplares*, de Bybee (2002).

2.5 Região Nordeste

Sobre a região Nordeste, são exibidas neste trabalho as pesquisas de Silva (1989), sobre o falar baiano em Salvador (item 2.5.1), Pereira (2010), acerca da variedade paraibana de João Pessoa (subseção 2.5.2), e Araújo (2007), a respeito do dialeto da capital cearense Fortaleza (item 2.5.3).

2.5.1 Salvador (BA)

Silva (1989) analisa as vogais médias pretônicas na variedade da capital baiana **Salvador**, a partir da análise da fala de 24 informantes – todos com Ensino Superior Completo – do Projeto NURC. Desse cópuz, a autora analisa 8 horas totais de gravações, as quais correspondem a entrevistas com um documentador. Além desse Projeto, utiliza também dois corpora secundários: o Atlas Prévio dos Falares Baianos e o trabalho de Mota (1979) sobre o falar de Ribeirópolis (SE).

Por meio dos programas computacionais SWAMINC e VARBRUL-2, analisa quantitativamente as vogais médias pretônicas em contexto interconsonantal, excluindo, portanto, as pretônicas presentes em: (i) *início de vocábulo*; (ii) *ditongo*; e (iii) *hiato*. Esses contextos, no entanto, são discutidos pela autora em capítulo à parte, com apresentação de porcentagens. São excluídas também as vogais pretônicas: (i) *inalteradas em um mesmo item lexical com mais de 20 ocorrências*; (ii) *em palavras derivadas com sufixo de grau ou com sufixo “-mente”*; (iii) *prefixos e radicais prefixados*; (iv) *em radical “dez-” (numeral) e da sequência inicial “des-” quando seguida por consoante*; e (v) *nomes próprios e siglas*.

As variáveis linguísticas consideradas são: (i) *ponto de articulação da variável dependente (recuado x não-recuado)*; (ii) *distanciamento da variável dependente em relação à sílaba tônica*; (iii) *ponto de articulação da consoante precedente*; (iv) *ponto de articulação da consoante seguinte*; (v) *altura da vogal acentuada*; (vi) *altura da vogal inacentuada da sílaba subsequente*; (vii) *nasalidade da vogal acentuada*; (viii) *nasalidade da vogal inacentuada da sílaba subsequente*; (ix) *caráter átono da vogal da variável dependente*; (x) *faixa etária*; (xi) *sexo/gênero*; (xii) *procedência social (geração familiar a alcançar o Ensino Superior)*.

As porcentagens de alçamento encontradas são de 25% para /e/ e 24,9% para /o/. As vogais médias-baixas, no entanto, são as mais frequentes, com índices altos de abaixamento vocálico: 62% para /e/ e 57,8% para /o/.

Ao comparar as vogais médias pretônicas seguidas por vogais orais na fala culta e na fala popular (neste caso, de informantes não-escolarizados e que vivem em ambiente rural), a autora observa que, na fala popular, os índices de alçamento são maiores e os índices de abaixamento são menores do que na fala culta.

O alçamento vocálico é altamente favorecido pela presença de vogal alta na sílaba seguinte, especialmente no que diz respeito às vogais altas orais (PRs 0.93 quando há alta tônica ou alta átona na sílaba seguinte à da pretônica /e/, 0.96 quando há vogal alta tônica e 0.85 para a alta átona, ambos para a pretônica /o/). Segundo a autora, a homorganicidade não é um fator relevante para o alçamento da pretônica. De modo geral, a vogal alta posterior, seja ela oral (PRs 0.74 para /e/ e 0.69 para /o/) ou nasal (PR 0.96 para /e/),³¹ é um contexto menos favorecedor do que a vogal alta anterior, seja ela oral (PRs 0.90 para /e/ e 0.89 para /o/) ou nasal (PRs 0.98 para /e/ e 0.91 para /o/).

A presença de outra vogal átona antes da tônica é relevante para o alçamento da pretônica /e/, exclusivamente. O alçamento desta vogal é favorecido quando é seguida por vogal átona alta, seja ela oral (PR 0.75) ou nasal (PR 0.89). Outro resultado é o alçamento ser influenciado por outros fatores, já que, por exemplo, todas as 20 ocorrências de alçamento de /e/ com vogal alta tônica não-contígua apresentam também uma vogal alta ou alçada átona na sílaba seguinte. Desse modo, segundo a autora, a vogal tônica não-contígua por si só não alça a pretônica. A relevância da realização do alçamento fica por conta da contiguidade da vogal alta, seja ela tônica ou átona.

Na variedade soteropolitana, o alçamento de /e/ é favorecido pelas *consoantes precedentes* labial (PR 0.72) e alveolar não-lateral (PR 0.64). Já o alçamento de /o/ é favorecido pela consoante velar (PR 0.76) e labial, a qual tem sua atuação mais bem observada quando excluídas as ocorrências de vogal pretônica com vogal alta na sílaba seguinte, com o PR subindo de 0.54 (na primeira rodada) a 0.74 (na segunda rodada, referente unicamente à redução vocálica). O fato de as consoantes labiais terem PR próximo ao ponto neutro na primeira rodada (ou seja, naquela em que estão presentes também os contextos propícios à aplicação da harmonização vocálica), indica que, “diante de fatores tão poderosos quanto a vogal [+alt] da sílaba subsequente, torna-se de menor importância ou mesmo irrelevante a presença dessas consoantes na margem da sílaba” (SILVA, 1989, p. 165).

Quanto ao *ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*, ao comparar os resultados da rodada geral com os da rodada que exclui as vogais médias pretônicas com

³¹ Não houve alçamento em nenhuma das 27 ocorrências de pretônica /o/ diante de [ũ].

vogal alta na sílaba seguinte, a única consoante favorecedora com resultados consistentes é a labial, que favorece o alçamento de /o/ (PRs 0.62 na primeira rodada e 0.89 na segunda rodada). Já para /e/, a consoante labial apresenta um comportamento que tende à neutralidade (PRs 0.53 e 0.31 na primeira e na segunda rodadas, respectivamente).

Em relação à *atonicidade da variável dependente*, o fator *átona casual – vogal alta tônica* – é o favorecedor do alçamento de /e/ (PR 0.69) e de /o/ (PR 0.77).

No que diz respeito às variáveis sociais consideradas (*faixa etária, sexo/gênero e procedência social*), Silva (1989, p. 190) observa que as probabilidades são bastante próximas ao ponto neutro, “indicando a neutralidade desses fatores”.

A autora tece alguns comentários acerca da atuação dos sufixos que também valem a pena ser aqui citados. Os resultados percentuais referentes à variedade de Salvador mostram que os sufixos *-inho*, *-zinho* e *-mente* parecem ser desfavorecedores do alçamento. De acordo com a autora, o alçamento não atua sobre vogais átonas casuais quando ainda há fronteira de morfema e certos sufixos, como os *de grau*, os *intensificadores* e os terminados em *-mente*, preservam essa barreira. Por outro lado, outros sufixos perdem essa barreira “à medida que o derivado ganha novos contornos semânticos e se desvincula da base inicial” (SILVA, 1989, p. 211). Segundo a autora, esse processo é gradual e irregular, o que explica eventuais alternâncias na fala inclusive de um mesmo informante.

Por fim, a partir dos resultados obtidos, a autora elabora algumas regras, como a *regra categórica de elevação*, que eleva a vogal /e/ inicial seguida por /S/, e três *regras variáveis de elevação*, sendo elas:

- *Primeira regra variável de elevação*: a pretônica /o/ tem probabilidade maior de alçar quando: (i) é seguida por vogal alta oral ou nasal; (ii) varia na família lexical com uma tônica alta; (iii) é precedida por uma consoante velar ou uma labial; e/ou (iv) é seguida por uma labial.
- *Segunda regra variável de elevação*: a pretônica /e/ tem probabilidade maior de alçar quando: (i) é seguida por vogal alta oral ou nasal; (ii) varia na família lexical com uma tônica alta; e/ou (iii) é precedida por uma consoante labial ou dento-alveolar não-lateral.
- *Terceira regra variável de elevação*: a pretônica /e/ inicial seguida por /z/ alça preferencialmente quando há vogal alta na sílaba seguinte.

Silva (1989, p. 317) relata que essas regras “podem deixar de operar por interferência da morfologia, porque as barreiras morfemáticas funcionam como um fator de preservação da

vogal básica”, mas ressalva que, quando essas barreiras morfemáticas se *afrouxam*, as regras atuam sobre a pretônica.

2.5.2 João Pessoa (PB)

Em seu livro, Pereira (2010) descreve o comportamento variável das vogais médias pretônicas na variedade paraibana de **João Pessoa** de acordo com o arcabouço teórico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana. No dialeto pessoense, as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ podem ser realizadas como vogais médias-altas, médias-baixas ou altas.

Como cópula, a autora utiliza dados de fala espontânea obtidos a partir de 60 inquiridos provenientes do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). As entrevistas foram realizadas nas residências dos informantes, apresentando duração aproximada de 60 minutos por gravação. A autora delimita seus dados de pesquisa àqueles presentes em sílaba inicial de vocábulo, com padrão CV ou CVC. São excluídas vogais pretônicas presentes em: (i) *início absoluto de vocábulo*; (ii) *hiato*; (iii) *prefixo*; (iv) *vogais pretônicas nasais ou nasalizadas*; (v) *nomes próprios*; (vi) siglas; e, por fim, (vii) *vocábulos invariáveis em relação ao processo*, como *p[e]ssoa* e *pr[o]f[e]ssor*.

As variáveis linguísticas consideradas pela autora são: (i) *tipo de vogal*; (ii) *vogal da sílaba seguinte*; (iii) *distância da sílaba tônica*; (iv) *classificação morfológica da palavra*; (v) *natureza da pretônica*; (vi) *contexto fonológico precedente*; e (vii) *contexto fonológico seguinte*. Em relação às variáveis extralinguísticas, são consideradas três: *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*. A relação dessas variáveis com os dados levantados é avaliada quantitativamente pelo pacote estatístico VARBRUL.

De acordo com Pereira (2010), as formas médias-baixas são as mais frequentes no dialeto de João Pessoa (44% para /e/ e 42% para /o/), seguidas pelas formas altas (34% para /e/ e 35% para /o/). Segundo a autora, as realizações das formas altas e médias-altas estão condicionadas à presença de uma vogal com mesma altura na sílaba seguinte à da pretônica-alvo. Dessa forma, a variável selecionada como a mais relevante é a *vogal da sílaba seguinte*, seguida pelas variáveis *contexto fonológico precedente* e *contexto fonológico seguinte*, destacadas por serem as que desempenham papel crucial no condicionamento das pretônicas.

Em relação ao alçamento vocálico tanto de /e/ quanto de /o/, os fatores mais favorecedores do alçamento são as vogais altas [i] (PRs 0.65 para /e/ e 0.82 para /o/) e [ĩ] (PRs 0.97 para /e/ e 0.95 para /o/). Conforme atesta a autora, a vogal alta [ũ] também favorece o alçamento vocálico de /e/ (PR 0.83). As realizações das vogais médias-altas ocorrem,

sobretudo, quando há uma vogal média-alta na sílaba seguinte. Os resultados obtidos por Pereira (2010) apontam, portanto, a importância do processo de *harmonização vocálica* das vogais médias pretônicas na fala pessoense.

Em relação ao contexto fonológico *precedente*, os resultados encontrados pela autora mostram que a consoante labial favorece o alçamento tanto de /e/ (PR 0.53)³² quanto de /o/ (PR 0.68). Quanto ao contexto fonológico *seguinte*, a sibilante favorece o alçamento de /e/ (PR 0.52).

A autora aponta que as outras variáveis linguísticas não são determinantes em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas na variedade de João Pessoa, pois ora não são selecionadas pelo programa estatístico, ora mostram-se neutras. Da mesma forma, as variáveis sociais, de modo geral, são irrelevantes no que diz respeito ao condicionamento das pretônicas. De qualquer modo, pode-se destacar que se observa na fala pessoense que os universitários, maior grau de escolaridade considerado, são os que menos aplicam o alçamento (PRs 0.24 para /e/ e 0.23 para /o/) e os que mais apresentam vogais médias-altas (PRs 0.46 e 0.43 para /e/ e /o/, respectivamente). Os analfabetos, por exemplo, quando comparados aos universitários, apresentam índices maiores de vogais altas (PRs 0.36 para /e/ e 0.37 para /o/) e menores de vogais médias-altas (PRs 0.30 para /e/ e 0.36 para /o/).

2.5.3 Fortaleza (CE)

As vogais médias pretônicas da capital cearense, **Fortaleza**, são analisadas por Araújo (2007) segundo os princípios da Sociolinguística Quantitativa Laboviana.

Como *cópus*, utiliza 24 horas totais de gravações contendo amostras de fala espontânea de 72 informantes do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPORFOR). Essas gravações foram obtidas por meio de entrevistas entre informante e documentador.

Em seu trabalho, a autora considera apenas as vogais em posição interconsonântica, ou seja, exclui as vogais médias pretônicas presentes em: (i) *início de vocábulo*; (ii) *ditongo*; e (iii) *hiato*. Além desses contextos, exclui também: (i) *contexto nasal*; (ii) *sequência inicial “des(z)-”*; (iii) *itens categóricos com mais de 25 ocorrências*; (iv) *nomes próprios*; (v) *prefixos*; (vi) *sigla*; e (vii) *suffixos “-inho”, “-zinho”, “-mente” e “-ão”*.

³² Por haver três realizações da variável dependente (*alçamento*, *abertura/abaixamento* e *fechamento*) na pesquisa sobre a variedade de João Pessoa, o ponto neutro consiste no PR 0.30, e não 0.50.

Como variáveis linguísticas, investiga: (i) *vogal tônica*; (ii) *vogal átona seguinte*; (iii) *distância em relação à tônica*; (iv) *tipo de atonicidade*; (v) *nasalidade*; (vi) *contexto fonológico precedente*; (vii) *contexto fonológico seguinte*; (viii) *tipo de sílaba*; (ix) *estrutura morfológica*; (x) *sexo/gênero*; (xi) *faixa etária*; e (xii) *escolaridade*.

Na variedade de Fortaleza, predomina o abaixamento vocálico (58% para /e/ e 64% para /o/). Segundo a autora, esse fenômeno é regido principalmente por harmonização vocálica em relação à altura da vogal tônica, na variedade descrita. O alçamento vocálico, por sua vez, aparece com frequência bem menor do que o abaixamento (10% para /e/ e 12% para /o/).

A *natureza da vogal tônica* é a variável selecionada como a mais relevante para o alçamento de /e/ e de /o/. Tanto na rodada relativa à pretônica /e/ quanto na referente à vogal /o/, não são selecionados os grupos de fatores: *distância da vogal em relação à pretônica*, *estrutura silábica* e *sexo/gênero*.

Em relação à *natureza da vogal tônica*, a vogal alta tônica, principalmente a anterior, é o contexto mais propício para a realização do alçamento de /e/ (PRs [i]: 0.93; [ĩ]: 0.96; [u]: 0.78; e [ũ]: 0.76) e de /o/ (PRs [i]: 0.92; [ĩ]: 0.96; [u]: 0.57; e [ũ]: 0.79).

A partir do cruzamento da *contiguidade* com a *natureza da vogal tônica*, a autora constata que não se pode afirmar seguramente que a contiguidade seja relevante para o alçamento das vogais médias pretônicas, devido ao fato de terem sido registrados poucos casos de alçamento de vogal pretônica sendo a tônica não-contígua.

Quando observada a vogal *átona* contígua, na variedade de Fortaleza, o alçamento de /e/ é favorecido pela presença de vogal anterior alta oral ([i]: PR 0.86) ou nasal ([ĩ]: PR 0.70). Já o alçamento de /o/ é favorecido pela vogal anterior alta oral ([i]: PR 0.80) e pela vogal posterior alta nasal ([ũ]: PR 0.71). A autora destaca que os PRs (0.53 e 0.54 para /e/ e /o/, respectivamente) referentes à vogal alta posterior oral [u] são muito próximos do ponto neutro e, portanto, essa vogal desempenha um papel inexpressivo em relação ao alçamento das médias pretônicas. A partir desses resultados, a autora afirma que a altura da vogal seguinte é mais determinante do que sua tonicidade, pois a harmonização vocálica também ocorre quando a vogal-gatilho é átona.

Quanto à influência das *consoantes adjacentes* à aplicação do alçamento, a consoante velar em posição *precedente* favorece o alçamento de /e/ e de /o/ (PRs 0.69 e 0.59, respectivamente). A consoante precedente palatal (PR 0.96) favorece o alçamento de /e/ e a labial (PR 0.71), o alçamento de /o/. Em posição *subsequente*, a velar (PR 0.72) favorece o alçamento de /e/ e as consoantes labial (PRs 0.69 para /e/ e 0.66 para /o/) e palatal (PRs 0.67 e

0.75, para /e/ e /o/, respectivamente) favorecem o alçamento de ambas as vogais. No entanto, a autora afirma que não se pode constatar que as consoantes adjacentes sejam condicionadoras plenas do alçamento, porque a maioria das ocorrências de vogal pretônica apresenta uma vogal alta na sílaba seguinte, que serve como gatilho à harmonização vocálica.

Em relação à *atonicidade*, a autora verifica que as vogais casuais variáveis são as mais favorecedoras do alçamento (PRs 0.83 para /e/ e 0.93 para /o/), seguidas pelas vogais permanentemente átonas (PRs 0.57 e 0.74 para /e/ e /o/, respectivamente).

Quanto à *sufixação*, os sufixos verbais favorecem o alçamento (PRs 0.62 para /e/ e para /o/), resultado justificado pela autora pela abundância de vogais altas no paradigma verbal.

No que diz respeito às variáveis sociais, a *escolaridade* aponta que os indivíduos menos escolarizados (de 0 a 4 anos de estudo) têm maior probabilidade de alçarem as vogais médias pretônicas (PRs 0.58 para /e/ e 0.57 para /o/). Com PR próximo ao ponto neutro (0.53 para /e/ e /o/), encontram-se os falantes com escolaridade de 5 a 8 anos. Por fim, desfavorecendo o alçamento, são observados os falantes com maior escolaridade (de 9 a 11 anos), com PRs 0.40 e 0.41 para /e/ e /o/, respectivamente. Todavia, a autora ressalta que os PRs são todos próximos ao ponto neutro, o que motiva sua afirmação de que o alçamento não é estigmatizado socialmente na variedade de Fortaleza. Os resultados referentes à variável *idade* mostram que os falantes mais velhos (mais de 50 anos) são os que apresentam o alçamento com maior probabilidade (PRs 0.63 para /e/ e para /o/). A faixa etária intermediária (de 26 a 49 anos) apresenta-se como neutra em relação à aplicação do fenômeno (PRs 0.51 e 0.51). Por fim, a faixa etária mais jovem (de 15 a 25 anos) desfavorece o fenômeno (PRs 0.40 e 0.38), resultado justificado pela autora pelo fato de os mais jovens serem “mais sensíveis às influências do mercado de trabalho e, por isso, tendem a rejeitar as formas que não pertencem à escrita padrão” (ARAÚJO, 2007, p. 118). No entanto, a autora rejeita a hipótese de que o fenômeno esteja em vias de regressão, defendendo a hipótese de gradação etária, em que cada faixa etária repete os padrões de comportamento linguístico ao longo dos tempos. Ao cruzar a *faixa etária* com a *escolaridade*, a autora observa que, na faixa etária mais idosa, quanto maior a escolaridade, menor a frequência de alçamento das vogais médias pretônicas. Conforme afirma a autora, a partir do momento em que as pessoas estão próximas de se afastarem de suas atividades profissionais, “tornam-se menos sensíveis às formas privilegiadas pela escrita padrão” (ARAÚJO, 2007, p. 89).

2.6 Região Norte

Para a região Norte, é exposto o estudo de Razky, Lima e Oliveira (2012) sobre o falar do Estado do Pará, com destaque à variedade do município de Breves, descrito por Cassique *et al* (2009) (subseção 2.6.1).

2.6.1 Estado do Pará

Razky, Lima e Oliveira (2012) investigam o comportamento das vogais médias pretônicas na área urbana de dez municípios do Estado do Pará, sendo eles: **Abaetetuba, Altamira, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Conceição do Araguaia, Itaituba, Marabá e Santarém.**

Utilizam, como *cópus*, dados provenientes do Projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA). São analisadas amostras de fala de 40 informantes, sendo 4 de cada município e todos com grau de escolaridade Fundamental Incompleto.

A partir da análise do falar dos dez municípios paraenses listados, os autores observam que os maiores percentuais correspondem à realização da vogal média pretônica como média-alta (42% para /e/ e 51% para /o/). Em seguida, são mais frequentes as formas que sofrem o abaixamento vocálico, ou seja, as vogais médias-baixas (35% para /e/ e 26% para /o/). Por fim, com frequência menor, encontram-se as vogais alçadas [i] e [u] (23% tanto para /e/ quanto para /o/).

Os autores ressaltam que esses resultados não são válidos para o Estado como um todo, pois há uma distribuição heterogênea pelas dez cidades consideradas. Ao mostrar a distribuição dos índices de vogais médias pretônicas de acordo com cada cidade, os autores limitam-se à apresentação das formas médias-altas e médias-baixas, excluindo os casos de alçamento (formas altas), pois “parecem estar muito restritas a fatores internos ou à seleção lexical” (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012, p. 300-301).

Como variáveis, investigam os índices percentuais do abaixamento vocálico de acordo com o *sexo/gênero* e a *faixa etária do informante*. Observam que as frequências maiores, independentemente dessas variáveis, correspondem à manutenção da vogal média-alta. Em relação ao alçamento vocálico, comentam que as taxas de alçamento, especialmente de /e/, são muito próximas na fala de homens e de mulheres. No que tange à *faixa etária*, também são observadas frequências de alçamento bastante próximas nos falares dos mais jovens (de 19 a 30 anos) e dos mais velhos (de 40 a 70 anos).

Segundo os autores, a divisão de Nascentes (1953 [1922]), em seu aspecto geral, continua sendo válida nos dias atuais, mas devem ser consideradas algumas localidades que funcionam como espécies de *ilhas* em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas. Por fim, os autores propõem uma revisão do mapa, pois “o Pará, possuindo norma de pronúncia *fechada* das vogais médias pretônicas, não pode ser agrupado aos estados do nordeste brasileiro, como imaginava Nascentes” (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012, p. 310).

Especificamente sobre a variedade falada no município paraense de **Breves**, há o estudo de base variacionista de Cassique *et al* (2009). Os autores analisam 78 relatos de experiência. Como variáveis independentes linguísticas, consideram: (i) *fonema vocálico da tônica e da pretônica no vocábulo, quando oral ou nasal*; (ii) *atonicidade*; (iii) *consoante do onset*; (iv) *consoante do onset da sílaba seguinte*; (v) *peso silábico*; (vi) *vogal pré-pretônica*; (vii) *distância relativa à sílaba tônica*; e (viii) *sufixo*. Como variáveis independentes sociais, são investigados: (i) *faixa etária*; (ii) *escolaridade*; (iii) *sexo/gênero*; e (iv) *procedência*.

Diferentemente da maioria dos estudos sobre vogais médias pretônicas em variedades do PB, Cassique *et al* (2009) tomam a análise variacionista a partir da *não-aplicação* do alçamento, por esta ter maior frequência e significância na variedade de Breves, segundo os autores.

Por meio da utilização do pacote estatístico VARBRUL, obtém-se o índice de 33% de aplicação do fenômeno. Vale destacar que essa porcentagem, assim como a maioria dos resultados elencados pelos autores, diz respeito às vogais médias pretônicas /e/ e /o/, conjuntamente.

Quanto à variável *fonema vocálico da tônica, quando oral*, os autores observam que o não-alçamento é altamente favorecido quando a vogal tônica é a alta /u/ (PRs 0.94 para /e/ e 0.91 para /o/) ou /i/ (PRs 0.89 para a pretônica /e/ e 0.68 para /o/). O contexto menos desfavorecedor (PR 0.30) corresponde à presença de vogal tônica /e/, quando a pretônica também é /e/. Os autores explicam haver, portanto, um fenômeno de *dissimilação* entre as vogais médias pretônicas e as vogais tônicas na variedade do município de Breves, o que justificam pela interferência do Ensino Formal. No entanto, quando considerada a variável *vogal contígua*, os resultados comprovam a influência da presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo para a aplicação do alçamento, já que o PR de não-aplicação do fenômeno foi extremamente baixo (0.01). Já a presença de uma vogal alta não-imediata é apontada como a mais favorecedora da não-realização do fenômeno (PR 0.92). Quanto ao fator *presença de uma vogal não-alta na sílaba seguinte*, observa-se também o favorecimento da não-aplicação do fenômeno (PR 0.78).

Em relação à *distância relativa à sílaba tônica*, os autores constataam que quanto maior a distância entre a sílaba tônica e a pretônica, menor a probabilidade de o alçamento ocorrer (PRs 0.46 para a distância 1, 0.64 para a distância 2 e 0.72 para as distâncias 3 ou 4).

No que diz respeito à *atonicidade*, os resultados encontrados pelos autores indicam maior probabilidade de não-aplicação (PR 0.61) quando a atonicidade acontece apenas na forma derivada do vocábulo, seguida da natureza *variável* da vogal pretônica (PR 0.57) e, por fim, desfavorecendo levemente a não-aplicação do processo, a natureza *permanente* da vogal átona (PR 0.46).

Quanto ao grupo de fatores *sufixo*, os autores verificam que o sufixo sem vogal alta favorece levemente a não-aplicação do alçamento (PR 0.56), ao passo que o sufixo com vogal alta desfavorece a não-aplicação do fenômeno (PR 0.46), ou seja, este tipo de sufixo favorece a aplicação do alçamento. A ausência de sufixo, por sua vez, é o fator que mais favorece o alçamento (PR 0.23).

Quando observadas as consoantes, constataam-se resultados semelhantes para o *onset da sílaba em que a pretônica-alvo está presente* e para o *onset da sílaba seguinte à da pretônica-alvo*. O *onset* ramificado mostra-se favorecedor da não-aplicação do alçamento (PRs 0.79 e 0.62, para a sílaba da pretônica e a sílaba seguinte, respectivamente). Já a presença de um *onset* vazio mostra um favorecimento da aplicação do processo, já que os PRs da não-aplicação são baixos (0.14 e 0.05, para, respectivamente, a sílaba da pretônica-alvo e a sílaba seguinte).

Em relação às variáveis sociais, os autores constataam, a partir dos resultados quantitativos, que quanto maior a escolaridade do informante, maior a probabilidade de o alçamento não ser realizado (PRs 0.57 para o *Ensino Médio*, 0.54 para o *Ensino Fundamental* e 0.40 para os informantes *analfabetos*). Por fim, quanto à *procedência*, verifica-se probabilidade maior de o alçamento não ser realizado caso o falante seja oriundo da área *urbana* do município paraense (PR 0.70). Já na área *rural*, a ocorrência de alçamento mostra-se mais provável (PR 0.26). Os autores justificam esse resultado por haver, na área urbana, maior presença de escolas e maior veiculação de mídias de massa, indicando um possível estigma dos falantes de Breves ao alçamento vocálico das vogais médias pretônicas.

2.7 As vogais médias pretônicas no PB: um primeiro olhar comparativo

Como apresentado na subseção 2.1 deste trabalho, Nascentes (1953 [1922]) realiza uma divisão geolinguística das variedades do PB em grupos *norte* e *sul* com base na aplicação do fenômeno de abaixamento vocálico, dentre outros fatores. Esses dois grandes grupos, por sua vez, são divididos em diferentes subfalares.

Alguns estudos mencionados nas subseções anteriores (2.2 – 2.6) citam as porcentagens de abaixamento para a variedade descrita. Essas porcentagens e as classificações de cada dialeto de acordo com a proposta de Nascentes (1953 [1922]) podem ser visualizadas a partir do seguinte quadro:

Quadro 7 – Porcentagens de abaixamento em diferentes variedades do PB

Variedade	Classificação segundo Nascentes (1953 [1922])	/e/	/o/
Uberaba (MG) (BORGES, 2008)	Sulista	5,95%	11,01%
Norte de MG (GUIMARÃES, 2006)	Baiano	13,5%	
Sul de MG (GUIMARÃES, 2006)	Sulista	1,5%	
Nova Venécia (ES) (CELIA, 2004)	Fluminense	16%	23%
Formosa (GO) (GRAEBIN, 2008) ³³	Baiano	12,1%	14,7%
		20,5%	21,5%
Salvador (BA) (SILVA, 1989)	Baiano	62%	57,8%
João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2010)	Nordestino	44%	42%
Fortaleza (CE) (ARAÚJO, 2007)	Nordestino	58%	64%
Estado do Pará (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012)	Amazônico	35%	26%

Fonte: Elaboração própria.

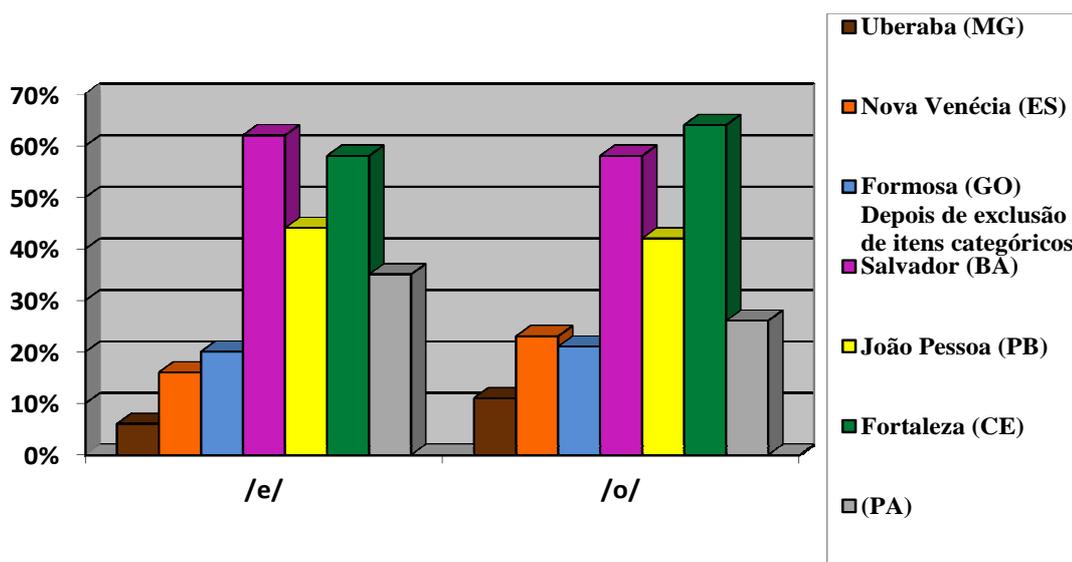
Em relação aos subfalares propostos por Nascentes (1953 [1922]), o falar sulista, representado pelas variedades de Uberaba e do sul de Minas Gerais, é o que menos apresenta o abaixamento vocálico. Os subfalares nordestinos (João Pessoa e Fortaleza) são os que mais apresentam o fenômeno. Deve-se destacar o comportamento irregular do subfalar baiano, já que as taxas de abaixamento da variedade de Salvador são bem discrepantes das apresentadas nas variedades do norte de Minas Gerais e do município goiano de Formosa. Esse resultado se

³³ Para a variedade goiana de Formosa, as porcentagens na linha superior dizem respeito aos índices de abaixamento *antes* da exclusão dos itens categóricos, ao passo que os índices na linha inferior correspondem às taxas do fenômeno *depois* da exclusão desses itens.

relaciona intimamente ao problema apontado por Silva (1989) acerca da classificação de Nascentes (1953 [1922]), que ora aglomera o subfalar baiano ao grupo *norte*, ora ao grupo *sul*. As porcentagens de abaixamento aproximam a variedade de Salvador às variedades do subfalar nordestino, portanto ao grupo *norte*. Já os índices de abaixamento das variedades do norte de Minas Gerais e de Formosa assemelham-se às porcentagens dos subfalares do grupo *sul*. Isso corrobora o caráter intermediário do subfalar baiano mencionado por Silva (1989).

Em relação aos Estados e regiões geopolíticas, verifica-se que as menores porcentagens de abaixamento se encontram em Minas Gerais, especialmente no sul do Estado. Também apresentam baixos índices de abaixamento as variedades de Nova Venécia (ES) e de Formosa (GO). Os dialetos do Norte e principalmente do Nordeste do país apresentam taxas maiores de abaixamento vocálico, como pode ser visualizado no gráfico seguinte:

Gráfico 1 – Porcentagens de abaixamento em diferentes variedades do PB



Fonte: Elaboração própria.

Para o abaixamento da vogal pretônica /e/, destacam-se, em ordem decrescente, as variedades de Salvador (BA), de Fortaleza (CE) e de João Pessoa (PB). Para o abaixamento de /o/, as variedades nordestinas são as que mais apresentam o fenômeno, porém divergem os dois primeiros colocados: Fortaleza (CE), Salvador (BA) e João Pessoa (PB). Vale notar que, no que tange à vogal pretônica /o/, a variedade do Pará (região Norte) assemelha-se mais às variedades do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil do que com o Nordeste brasileiro, como descrito por Razky, Lima e Oliveira (2012).

Em relação à variedade do noroeste paulista, o abaixamento vocálico não é encontrado. Esse fato aproxima essa variedade dos dialetos da região sul de Minas Gerais e do município de Uberaba, localizado no Triângulo Mineiro, a cerca de 250 quilômetros de São José do Rio Preto.

A partir da descrição de diferentes variedades do PB na presente seção, busca-se comparar os resultados obtidos por esses estudos com os referentes ao alçamento das vogais médias pretônicas no dialeto do interior paulista a serem apresentados. Destaca-se, todavia, que os diferentes trabalhos arrolados nesta seção, como pôde ser observado, utilizam-se de diferentes arcabouços teóricos (*Teoria da Variação e Mudança Linguística e Teoria da Otimidade*) e procedimentos metodológicos (delimitando, inclusive, contextos segmentais distintos na análise), o que dificulta uma análise comparativa rigorosa acerca das vogais médias pretônicas do PB. No entanto, a presente pesquisa, com o intuito de atingir um dos objetivos inicialmente propostos e de contribuir com as pesquisas sobre o tema examinado, tece comparações que se mostraram possíveis na seção 4 deste trabalho.

Por ora, sintetizam-se, nos quadros a seguir, os resultados passíveis de comparação com aqueles obtidos nesta pesquisa segundo uma perspectiva variacionista.³⁴ Deve-se destacar que são apresentados os estudos que tratam do fenômeno do alçamento vocálico, e não especificamente de um ou de outro processo fonológico: *harmonização* (SCHWINDT, 1995, 2002) ou *redução vocálica* (KLUNCK, 2007), já que esses estudos delimitam seu córpis ao contexto favorável da aplicação de cada processo, o que não é feito na presente pesquisa. Além disso, ressalta-se que esses quadros meramente ilustram uma panorama geral da realização variável das vogais médias pretônicas em diversas variedades do PB. As pesquisas realizadas controlam diferentes grupos de fatores, o que, como citado, dificulta uma análise comparativa exaustiva das vogais médias pretônicas em diferentes variedades do PB.³⁵

³⁴ Desse modo, são descartados desses quadros comparativos os estudos de Alves (2011a, 2011b) e de Guimarães (2006), que se valem do arcabouço teórico da OT.

³⁵ Nos quadros 8 e 9, a cor *azul* representa os resultados referentes à vogal pretônica /e/, a cor *vermelha* indica os resultados relacionados à pretônica /o/ e, por fim, a cor *preta* é utilizada para os resultados compartilhados por ambas as vogais. O símbolo “---” indica que a variável foi considerada, mas o resultado não foi selecionado e/ou não se mostrou importante para a aplicação do alçamento. Já o símbolo “/” indica que a variável não foi controlada ou que não houve contexto excluído.

Quadro 8 – Quadro comparativo entre diferentes variedades do PB: informações gerais e variáveis extralinguísticas

	Percentuais de alçamento		Classes gramaticais consideradas	Contextos excluídos	Variáveis extralinguísticas/sociais			
	/e/	/o/			Sexo/gênero	Faixa etária	Escolaridade	Outra(s)
Rio Grande do Sul (BISOL, 1981)	Fala popular: 22%	Fala popular: 32%	Nome e verbo	Hiato, vogal inicial e prefixo	---	Mais velhos	---	Etnia: metropolitanos (fala popular) Fala espontânea
	Fala culta: 21%	Fala culta: 22%						
Interior paulista (SILVEIRA, 2008)	13%	14%	Nome	Hiato, vogal inicial e prefixo	/	---	/	/
Interior paulista (CARMO, 2009)	16%	10%	Verbo	Ditongo, hiato, vogal inicial e prefixo	/	Mais jovens	/	/
Belo Horizonte (MG) (VIEGAS, 1987)	40%	22%	Todas	Ditongo e hiato	---	Mais jovens	/	Grupo social mais baixo
Uberlândia (MG) (FELICE, 2012)	11,9%	15,8%	Nome	Ditongo, hiato, vogal inicial (seguido de /N/ ou /S) e prefixo	Feminino	---	Menor escolaridade	/
Uberaba (MG) (BORGES, 2008)	35,04%	25,10%	Todas	/	---	---	---	/
Nova Venécia (ES) (CELIA, 2004)	14%	20%	Todas	Vogal inicial, item frequente e prefixo <i>des-</i>	/	---	/	/
Dourados (MS) (CARVALHO; BUENO, 2011)	78,5%	60,7%	Todas	/	Masculino	Mais jovens	Alfabetizados	/
Brasília (DF) (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992) ³⁶	---	---	Todas	/	/	/	/	/
Formosa (GO) (GRAEBIN, 2008)	26,4%	23,2%	Todas	/	Feminino	/	Menor escolaridade	Informalidade Menor contato com Brasília
	13,1%	12,9%		Item categórico				
Salvador (BA) (SILVA, 1989)	25%	24,9%	Todas	Ditongo, hiato, vogal inicial, item categórico e frequente, nome próprio, prefixo, sequência <i>des(z)-</i> , sigla e sufixos de grau e <i>-mente</i>	---	---	/	/
João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2010)	34%	35%	Todas	Hiato, vogal inicial, item categórico, nasal, nome próprio, prefixo e sigla	---	---	---	/
Fortaleza (CE) (ARAÚJO, 2007)	10%	12%	Todas	Ditongo, hiato, vogal inicial, item categórico e frequente, nasal, nome próprio, prefixo, sequência <i>des(z)-</i> , sigla, sufixos <i>-inho</i> , <i>-zinho</i> , <i>-mente</i> e <i>-ão</i>	---	Mais velhos	Menor escolaridade	/
Breves (PA) (CASSIQUE <i>et al</i> , 2009)	33%		Todas	/	---	---	Analfabetos	Procedência de área rural

³⁶ O trabalho de Bortoni, Gomes e Malvar (1992) não divulga as porcentagens de alçamento na variedade de Brasília.

Quadro 9 – Quadro comparativo entre diferentes variedades do PB: variáveis linguísticas

Variedades	Variáveis linguísticas/estruturais						
	Natureza da vogal gatilho	Grau de atonicidade da pretônica-alvo	Ponto de articulação da C precedente	Ponto de articulação da C subsequente	Estrutura da sílaba	Classe gramatical	Outra(s)
Rio Grande do Sul (BISOL, 1981)	[i] contígua [u] contígua	Átona permanente Casual variável	Velar Labial	Palatal Velar Labial	Nasalidade	/	Sufixo verbal Ausência de sufixo
Interior paulista (SILVEIRA, 2008)	[i] contígua [u] contígua	Átona permanente	Labial Velar	Velar, Labial, Palatal	CV CVC	/	/
Interior paulista (CARMO, 2009)	Alta contígua	/	Dorsal	Labial	CCV, CV, CVC	/	3ª conjugação verbal Sufixos /-i/ e /-ia/
Belo Horizonte (MG) (VIEGAS, 1987)	Tônica alta contígua	Vogal sem alternância [o] ~ [ɔ] no paradigma	---	---	Sílaba travada por fricativa CV	---	C seguinte sonorante, obstruente e nasal C precedente obstruente
Uberlândia (MG) (FELICE, 2012)	Tônica alta Tônica contígua	/	Labial, Dorsal	Dorsal	Sílaba leve Nasalidade	/	C não-contínua precedente/seguinte
Uberaba (MG) (BORGES, 2008)	Alta contígua	/	Ausência, Dental /d/, Labial, Velar	R retroflexo, Alveolar /s/, Nasal	Nasalidade	/	/
Nova Venécia (ES) (CELIA, 2004)	Tônica [i], Tônica [u] Átona [i] contígua Átona [u] contígua Tônica contígua	Átona permanente Casual variável	Palatal Ausência Bilabial Velar	Ausência Velar Labiodental	Sílaba aberta Nasalidade Oralidade	/	/
Dourados (MS) (CARVALHO; BUENO, 2011)	/	/	/	/	/	Substantivo Outros (que não verbo, advérbio e nome)	/
Brasília (DF) (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992)	[i], [u], [ĩ] [ũ] [e], [ɛ], [ɔ]	Átona permanente	Palatal Ausência Velar, Labial	Ausência, Labial, Velar, /S/, Palatal	/	/	/
Formosa (GO) (GRAEBIN, 2008)	[i], [ũ], [ĩ], [õ], [ɔ], [u], [e], [ɛ] Tônica contígua	/	Alveolar, Bilabial, Dental, Velar, Ausência, Vogal	Palatal, /S/, /N/, Vogal, Alveolar, Velar, Bilabial, Labiodental, Glotal	/	Não-verbo	/
Salvador (BA) (SILVA, 1989)	Alta contígua	Átona casual (tônica alta)	Labial, Alveolar não- lateral, Velar	Labial	/	/	/
João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2010)	[i], [ĩ], [ũ]	---	Labial	Sibilante	/	---	/
Fortaleza (CE) (ARAÚJO, 2007)	Alta	Átona permanente Casual variável	Velar, Palatal, Labial	Labial, Palatal, Velar	---	/	Sufixo verbal
Breves (PA) (CASSIQUE <i>et al.</i> , 2009) ³⁷	Alta contígua Tônica contígua	Átona permanente	Ausência	Ausência	/	/	Ausência de sufixo Vogal alta em sufixo

Fonte dos quadros 8 e 9: Elaboração própria.

³⁷ Como já mencionado neste trabalho, Cassique *et al.* (2009) não diferenciam /e/ e /o/ no momento da apresentação dos resultados acerca das vogais médias pretônicas na variedade paraense de Breves, considerando essas vogais como um conjunto. O mesmo vale para o trabalho de Borges (2008) sobre o falar mineiro de Uberaba.

Os quadros 8 e 9 resumem os principais resultados acerca do alicamento vocálico descritos nesta seção. Após a análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista (subseção 4.1), esses quadros são retomados, passando a fundamentar a análise comparativa e o mapeamento geral das vogais médias pretônicas em diferentes variedades do PB (subseção 4.2).

2.8 Resumo

Nesta seção, foram apresentadas as descrições gerais sobre vogais médias pretônicas no PB elaboradas por Nascentes (1953 [1922]) e Cardoso (1999) (subseção 2.1). Em seguida, foram resumidos os trabalhos referentes às seguintes variedades do PB, organizadas por regiões geopolíticas brasileiras:

SUL (subseção 2.2)

- Estado do Rio Grande do Sul (BISOL, 1981; SCHWINDT, 2002; KLUNCK, 2007);
- Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR) (SCHWINDT, 1995).

SUDESTE (subseção 2.3)

- Interior do Estado de São Paulo (SILVEIRA, 2008; CARMO, 2009);
- Estado de Minas Gerais (VIEGAS, 1987; FELICE, 2012; BORGES, 2008; ALVES, 2008, 2011a, 2011b; GUIMARÃES, 2006);
- Nova Venécia (ES) (CELIA, 2004).

CENTRO-OESTE (subseção 2.4)

- Dourados (MS) (CARVALHO; BUENO, 2011);
- Brasília (DF) (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992);
- Formosa (GO) (GRAEBIN, 2008).

NORDESTE (subseção 2.5)

- Salvador (BA) (SILVA, 1989);
- João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2010); e
- Fortaleza (CE) (ARAÚJO, 2007).

NORTE (subseção 2.6)

- Estado do Pará (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012; CASSIQUE *et al.*, 2009).

Por fim, os resultados principais desses trabalhos foram brevemente comparados (subseção 2.7), como uma introdução à análise comparativa a ser feita entre os resultados

dessas variedades e os obtidos por meio da presente pesquisa, a qual almeja contribuir com o mapeamento das vogais médias pretônicas do PB, tendo em vista seu vínculo ao Projeto Nacional PROBRAVO.

3 CÓRPUS E METODOLOGIA

No início desta seção, são apresentados aspectos geográficos e socioeconômicos da comunidade de fala do noroeste paulista (subseção 3.1) e detalhes acerca do *cópus* desta pesquisa, que corresponde a amostras de fala espontânea de indivíduos dessa região, retiradas do Banco de Dados IBORUNA (subseção 3.2). Em seguida (subseção 3.3), são discutidas as variáveis linguísticas e sociais investigadas em relação ao *alçamento* vocálico das vogais médias pretônicas na variedade estudada. Os passos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa são também explicitados (subseção 3.4), incluindo descrições acerca dos contextos linguísticos descartados da análise (subseção 3.4.1) e uma síntese sobre as rodadas executadas pelo pacote estatístico Goldvarb X (subseção 3.4.2).

3.1 Comunidade de fala

O *cópus* da presente pesquisa provém do Banco de Dados IBORUNA (a ser descrito na subseção 3.2 do presente trabalho), que conta com amostras de fala espontânea de informantes oriundos do noroeste paulista, mais precisamente de São José do Rio Preto e de seis cidades circunvizinhas: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde.

São José do Rio Preto, que dista cerca de 450 quilômetros da capital do Estado paulista, São Paulo, apresenta uma área de aproximadamente 430 km² e aproximadamente 400 mil habitantes. Esse município surgiu do desbravamento do sertão brasileiro nas décadas de 1840 e de 1850, quando mineiros fixaram-se na terra que hoje corresponde à cidade para a exploração agrícola e a criação de animais domésticos.³⁸

De acordo com dados do IBGE,³⁹ São José do Rio Preto teve seu nome simplificado para Rio Preto entre os anos de 1906 a 1944. Por haver um município homônimo em Minas Gerais, o Centro Geográfico do Rio de Janeiro propôs, em 1944, a alteração de seu nome para Iboruna (que, seis décadas depois, nomeou o banco de dados resultante do Projeto ALIP – IBILCE/UNESP –, utilizado nesta pesquisa). Com a recusa de seus habitantes a adotar o novo

³⁸ Segundo o *site* da Prefeitura da cidade <<http://www.riopreto.sp.gov.br/>>. Acesso em: 2 jul. 2013.

³⁹ Retirados do *site* <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=354980>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

nome, o município voltou a ser denominado São José do Rio Preto, mediante Decreto Estadual.

Atualmente, essa cidade constitui a sede da região administrativa que leva seu nome. Conforme os últimos dados publicados pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), relativos ao ano de 2010,⁴⁰ a região administrativa de São José do Rio Preto, composta por 96 municípios, apresenta uma área de cerca 25.430 km² e população que se aproxima a 1,4 milhão de habitantes, dos quais 91,8% em área urbana. Sua localização pode ser visualizada por meio do mapa 2, apresentado a seguir:

Mapa 2 – Localização da região administrativa de São José do Rio Preto⁴¹



Fonte: Fundação SEADE. Destaque nosso.

⁴⁰ Acesso em: 26 jun. 2013.

⁴¹ Retirado de: <<http://www.seade.gov.br/projetos/iprs/ajuda/2008/sintese.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

Segundo dados da Fundação SEADE, a região administrativa de São José do Rio Preto se destaca economicamente pela produção agroindustrial, com ênfase na bovinocultura, na produção de cana-de-açúcar e de laranja, no cultivo de mudas de seringueiras e na produção de látex. O município-sede representa um importante pólo médico-hospitalar (destacando-se nas áreas de transplante de fígado, tratamento de Aids, procedimentos cardiológicos e produção de equipamentos) e de joias, e constitui um pólo educacional, devido a suas instituições de ensino superior. O turismo de esportes náuticos e de águas termais é atraído pelos grandes lagos presentes na região⁴² e o turismo de eventos, pelos rodeios, feiras agropecuárias e pelo *Festival Internacional de Teatro*, realizado anualmente.

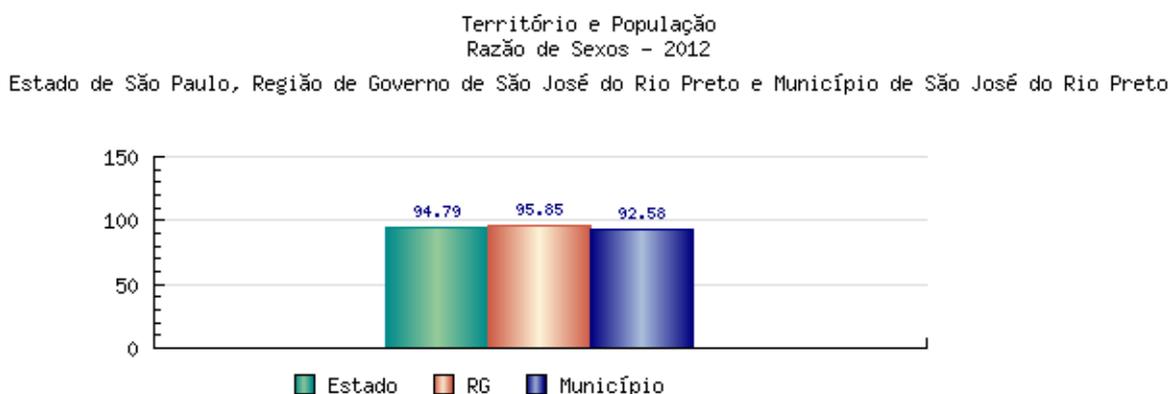
Em relação ao IPRS – *Índice Paulista de Responsabilidade Social* –, resultante de índices que avaliam riqueza, longevidade e escolaridade e utilizado pela Fundação SEADE para analisar as condições de vida da população de diferentes regiões administrativas do Estado, a região de São José do Rio Preto ocupa a 10ª posição no *ranking* de riqueza, porém ocupa a 1ª posição em longevidade e em escolaridade, superando, nesses índices, a média do Estado. Segundo os resultados da Fundação, aproximadamente 73% dos municípios dessa região pertencem aos três primeiros grupos do IPRS, os quais apresentam bons níveis de riqueza e/ou de longevidade e escolaridade, e apenas cinco municípios (aproximadamente 5,2% do total) pertencem ao Grupo 5, que apresenta níveis baixos nos três indicadores considerados. A classificação dos municípios da região administrativa de São José do Rio Preto segundo o IPRS pode ser observada por meio do mapa seguinte:

⁴² Maiores informações em:
<http://antigo.sp.sebrae.com.br/principal/sebrae%20no%20estado/ersaojosedoriopreto/conheca_regiao.aspx>.
Acesso em: 26 jun. 2013.

Como pode ser observado, os municípios dessa região se concentram, sobretudo, no Grupo 3 do IPRS, correspondente a municípios com baixa riqueza, mas com bons índices sociais (longevidade e escolaridade). Dos 96 municípios dessa região administrativa, 55 (correspondentes a 57,3% do total) pertencem ao Grupo 3. Verifica-se que São José do Rio Preto é uma das doze cidades da região que pertencem ao Grupo 1, o qual apresenta bons índices de riqueza e bons indicadores sociais. De acordo com os resultados de 2010 publicados pela Fundação SEADE, o município registrou avanços em todos os índices quando comparados aos resultados referentes ao ano de 2008. Em relação às cidades circunvizinhas a São José do Rio Preto, pode-se verificar pelo mapa 3 que Onda Verde também pertence ao Grupo 1. Mirassol e Bady Bassit classificam-se no Grupo 3 (baixo nível de riqueza, mas bons níveis de escolaridade e longevidade) e Cedral, Guapiaçu e Ipiguá, no Grupo 4 (pouca riqueza e níveis intermediários de escolaridade e/ou longevidade).

Quanto à distribuição populacional segundo o *sexo/gênero*, predomina nessa área a presença de mulheres, como demonstra o gráfico a seguir, relativo à *razão de sexos*, isto é, ao número de homens a cada 100 mulheres na população.

Gráfico 2 – Razão de sexos no Estado de São Paulo, na região administrativa de São José do Rio Preto e em seu município-sede



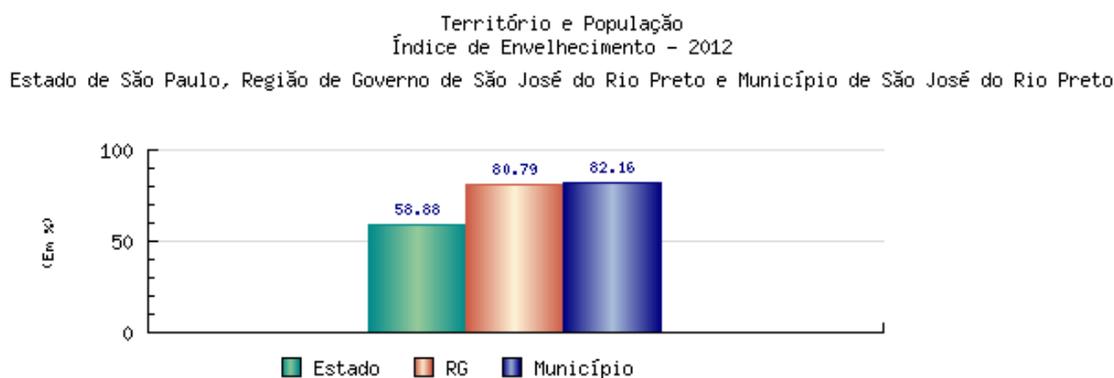
Fonte: Fundação Seade.

Como pode ser observado a partir desses resultados do ano de 2012, as três áreas (Estado de São Paulo, região administrativa de São José do Rio Preto e município-sede) apresentam maior população feminina do que masculina, principalmente no município de São José do Rio Preto, onde há aproximadamente 93 homens para cada 100 mulheres.

Como apresentado na subseção 1.4 desta tese, a literatura sociolinguística relata que o sexo/gênero feminino tende a ser mais conservador em relação à aplicação de fenômenos linguísticos. Dessa maneira, apesar de este trabalho analisar amostras de fala de um mesmo número de homens e de mulheres (19 informantes por sexo/gênero), a presença maior de população feminina do que masculina na comunidade de fala pode resultar em uma frequência baixa do alçamento vocálico na variedade estudada, especialmente na fala de mulheres.

Em relação à distribuição segundo a *faixa etária* da população, o gráfico de 2012 a seguir expõe os índices de envelhecimento dos paulistas. Segundo o *site* da Fundação SEADE, por *índice de envelhecimento*, entende-se a proporção de indivíduos com mais de 60 anos para cada grupo de 100 pessoas de 0 a 14 anos.

Gráfico 3 – Índice de envelhecimento no Estado de São Paulo, na região administrativa de São José do Rio Preto e em seu município-sede



Fonte: Fundação Seade.

O município de São José do Rio Preto e sua região administrativa apresentam índices de envelhecimento maiores do que a média do Estado de São Paulo. Vale lembrar que a região administrativa de São José do Rio Preto ocupa a primeira posição no *ranking* estadual no que tange à longevidade. No entanto, nessa comunidade de fala, ainda prevalece a faixa etária das crianças, pois, a cada 100 indivíduos com até 14 anos, há 81 ou 82 pessoas (na região administrativa e no município de São José do Rio Preto, respectivamente) com idade superior a 60 anos.

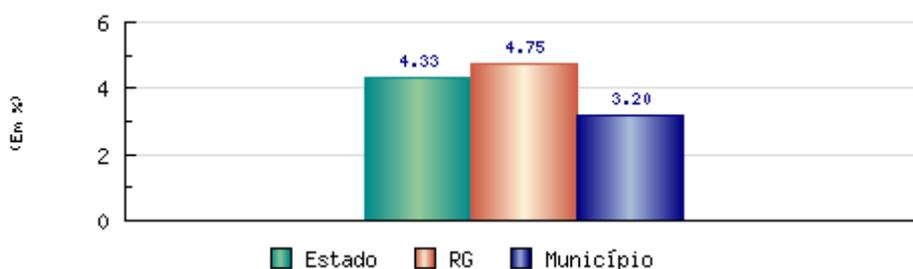
Nesta pesquisa, essa caracterização jovem da comunidade de fala pode resultar em uma aplicação maior do alçamento vocálico, especialmente por parte das crianças, que tendem a usar as formas inovadoras mais frequentemente do que os adultos e, principalmente, do que os idosos, os quais, por sua vez, costumam evitar a produção dessas formas, como

relatado na subseção 1.4 desta tese. Desse modo, a presente pesquisa considera também a variável social *faixa etária* para a análise dos dados das vogais médias pretônicas.

Por fim, no tocante à *escolaridade* na comunidade de fala do noroeste paulista, como já citado, a região administrativa de São José do Rio Preto ocupa a primeira posição no *ranking* de escolaridade do Estado de São Paulo, de acordo com a Fundação SEADE. Os municípios dessa região administrativa classificam-se sobretudo no Grupo 3, com bons índices de indicadores sociais, sendo um deles a *escolaridade*. Em relação ao município-sede, os níveis de escolaridade são ainda mais altos do que a média regional, como provam os dois gráficos a seguir:

Gráfico 4 – Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais no Estado de São Paulo, na região administrativa de São José do Rio Preto e no município-sede

Educação
Taxa de Analfabetismo da População de 15 Anos e Mais - 2010
Estado de São Paulo, Região de Governo de São José do Rio Preto e Município de São José do Rio Preto



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo Demográfico. Resultados do Universo. Fundação Seade.

Gráfico 5 – População de 18 a 24 anos com Ensino Médio completo no Estado de São Paulo, na região administrativa de São José do Rio Preto e no município-sede



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo Demográfico. Fundação Seade.

O primeiro gráfico corresponde às taxas de analfabetismo de indivíduos a partir de 15 anos de idade em 2010. Esse gráfico mostra um índice menor de analfabetismo no município de São José do Rio Preto quando comparado ao Estado de São Paulo e à região administrativa da qual é sede. O segundo gráfico retrata os indivíduos de 18 a 24 anos com Ensino Médio completo, com dados referentes também ao ano de 2010. Observa-se uma porcentagem maior no município de São José do Rio Preto do que em sua região administrativa e em seu Estado. Em suma, é atestado pela Fundação SEADE que a região administrativa de São José do Rio Preto apresenta os melhores índices de escolaridade do Estado e, quando observado especificamente o município-sede dessa região, os índices de escolaridade são ainda mais altos, como constatado por meio dos resultados relacionados à taxa de analfabetismo e ao número de jovens com Ensino Médio completo. A partir da escolaridade alta na região, esse comportamento geral pode refletir nos resultados da variável social *escolaridade* sobre o alicamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, por exemplo, com baixo percentual de aplicação do fenômeno, principalmente na fala de informantes mais escolarizados.

Feita a descrição da comunidade de fala da região de São José do Rio Preto, com detalhes sobre a distribuição populacional em relação ao *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade* – variáveis sociais investigadas nesta pesquisa –, apresenta-se o corpus utilizado, que conta com amostras de fala de informantes provenientes dessa região.

3.2 Córpus de pesquisa

Neste trabalho, como córpus, foram consideradas 38 entrevistas⁴⁴ retiradas do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP (FAPESP 03/08058-6),⁴⁵ sediado no IBILCE/UNESP, sob a coordenação do Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. Esse banco de dados, disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>, conta com amostras de fala espontânea de informantes de São José do Rio Preto e de suas seis cidades circunvizinhas, apresentadas na subseção 3.1 deste trabalho.

O banco de dados é composto por dois tipos de amostras de fala: (i) *Amostra Censo*; e (ii) *Amostra de Interação Dialógica*.⁴⁶ No primeiro tipo, foram coletadas amostras de fala espontânea de 152 informantes, com controle de perfis sociais. No segundo tipo, foram coletadas amostras de fala em situações de interação, sem controle prévio de perfis sociais. No total, o banco de dados IBORUNA contém aproximadamente 130 horas de gravação, com uma média aproximada de 50 minutos por inquérito da Amostra Censo e 20 minutos por gravação da Amostra de Interação Dialógica (GONÇALVES, 2007).

Para este estudo, são utilizadas entrevistas pertencentes à Amostra Censo, por ser aquela que controla os perfis sociais, relevantes para esta pesquisa por resultarem nas variáveis sociais investigadas. Na Amostra Censo, são consideradas as seguintes variáveis sociais: (i) *sexo/gênero* (feminino/masculino); (ii) *faixa etária* (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos e acima de 55 anos); (iii) *escolaridade* (1º ciclo do Ensino Fundamental; 2º ciclo do Ensino Fundamental; Ensino Médio e Ensino Superior); e (iv) *renda familiar* (até 5 salários-mínimos; de 6 a 10 salários-mínimos; de 11 a 24 salários-mínimos; e acima de 25 salários-mínimos).⁴⁷

De cada um dos informantes, foram colhidos cinco tipos de relatos, sendo eles: (i) *narrativa de experiência pessoal*; (ii) *narrativa de experiência recontada*; (iii) *descrição*; (iv)

⁴⁴ No presente trabalho, são analisadas as falas de informantes de 2 sexos/gêneros, 5 faixas etárias e 4 graus de escolaridade, o que totalizaria 40 entrevistas (2 x 5 x 4). Deve-se ressaltar, porém, que não há informantes – tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino – pertencentes à faixa etária de 7 a 15 anos que estejam cursando ou que tenham completado o Ensino Superior. Desse modo, são 38 os inquéritos analisados nesta pesquisa.

⁴⁵ A autora deste trabalho fez parte do Projeto ALIP como bolsista de Capacitação Técnica (FAPESP – Proc. 04/02962-5), integrando a equipe técnica responsável pelas gravações e transcrições ortográficas dos materiais coletados.

⁴⁶ Para cada gravação, existem uma ficha social do informante e um diário de campo, bem como a transcrição ortográfica da entrevista em questão. As transcrições ortográficas foram realizadas a partir de um *Manual do Sistema de Transcrição*, elaborado pelos coordenadores do projeto com base em algumas normas de anotação de córpus já conhecidas, como a do Projeto NURC.

⁴⁷ Dessas variáveis, na presente pesquisa, são consideradas apenas três: (i) *sexo/gênero*; (ii) *faixa etária*; e (iii) *escolaridade*. A exclusão da variável *renda familiar* é justificada na subseção 3.3.2 deste trabalho.

procedimento; e (v) *opinião*. Para a presente pesquisa, foram consideradas apenas as narrativas de experiência pessoal, por se tratar de um gênero em que o informante desvia sua atenção para *o quê* fala, ao invés do *modo* como fala. Labov (1991 [1972]) destaca a importância de serem obtidos dados que se aproximem o máximo possível do vernáculo do informante. Ao ser entrevistado, o falante tende a usar um estilo linguístico mais policiado, utilizando o estilo mais casual em outras situações, quando discute com os amigos, por exemplo. Segundo Labov (1991 [1972], 2003), uma das técnicas para obter fala casual em uma situação de entrevista é fazer com que o informante seja envolvido emocionalmente por meio de perguntas que recriem o que vivenciou, pois, ao se envolver com o assunto sobre o qual está falando, deixa de monitorar sua fala. Desse modo,

a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma (TARALLO, 2003 [1985], p. 23).

Feita a apresentação do *cópus*, trata-se, agora, das variáveis a serem utilizadas nesta pesquisa.

3.3 Variáveis

Este trabalho apresenta, como variável dependente, a realização variável do fenômeno de alçamento vocálico das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Quanto às variáveis independentes, são consideradas dez de natureza linguística (*altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo, tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo, distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo, grau de atonicidade da pretônica-alvo, conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre, ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo, ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo, estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre, classe gramatical e vogal pretônica-alvo* – as duas últimas, apenas para a rodada com todas as ocorrências) e três sociais (*sexo/gênero, faixa etária e escolaridade*).

Os motivos e hipóteses que justificam a consideração de cada variável são explicitados a seguir.

3.3.1 Variáveis independentes linguísticas

3.3.1.1 *Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*

Por meio dessa variável, busca-se verificar a atuação da altura da vogal presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo em relação ao fenômeno de alçamento. A hipótese é a de que as vogais altas, como em *m[i]ntira* e *pr[u]curava*, por meio do processo de harmonização vocálica, favoreçam o alçamento, ao passo que vogais médias-altas, como em *p[e]guei* e *desc[o]ntrolado*, médias-baixas, como em *env[e]lhece* e *polv[o]rosa*, e baixa, como em *s[e]ntada* e *b[o]tava*, tendam a inibi-lo.

3.3.1.2 *Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*

A variável *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* é considerada, neste estudo, com o propósito de ser cruzada com a *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*. Por meio desse cruzamento, observam-se os resultados que podem contribuir para a discussão de Câmara Jr. (2007 [1970]) e de Bisol (1981) sobre em que medida a tonicidade da vogal alta gatilho à harmonização é relevante para a aplicação do processo, isto é, se a presença de vogal alta *átônica* na sílaba seguinte à da pretônica, como em *m[o]bilidade* e *pr[o]curar*, exerce a mesma influência a favor do alçamento que a presença de uma vogal alta *tônica* na sílaba seguinte, como em *p[i]dido* e *d[u]rmia*.

3.3.1.3 *Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*

Por meio da variável *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*, verifica-se a relação da contiguidade entre a vogal pretônica-alvo e a vogal alta que atua como gatilho na aplicação do processo da harmonização vocálica, buscando corroborar a afirmação de Bisol (1981) de que esse processo não dá saltos, por envolver articulações sucessivas. Desse modo, para as vogais que apresentam vogal alta em sílaba posterior à da pretônica, os fatores são: (i) presença de vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *a.cr[e].di.ta.va* e *c[o]ns.tru.ir*; (ii) distância de uma sílaba entre as sílabas da vogal alta e da pretônica-alvo, como em *p[e]r.ce.bi* e *c[o].nhe.ci*; e (iii) distância de duas sílabas entre as sílabas da vogal alta e da pretônica-alvo, como em

r[e]s.pon.sa.bi.li.da.de. Vocábulos como *c[u]nh[e]cendo*, que não apresentam vogal alta, foram computados como *não se aplica*. Desse modo, como será observado na seção 4 deste trabalho, o número de ocorrências investigadas em relação a essa variável é menor do que o total de vogais médias pretônicas analisadas.

3.3.1.4 *Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*

Para essa variável, busca-se confirmar os resultados da pesquisa de Carmo (2009) sobre o falar do interior paulista que apontam que vogais médias pretônicas em verbos de terceira conjugação, como *c[u]brindo* e *cons[i]guia*, apresentam maiores taxas de alçamento e maior probabilidade de realização do fenômeno, como também foi constatado por Collischonn e Schwindt (2004) para as vogais médias pretônicas nas variedades faladas nas três capitais do Sul do Brasil. Como justificativa para esse comportamento dos verbos de terceira conjugação, tem-se, por exemplo, o fato de apresentarem vogal temática /i/ e sufixos que apresentam vogal alta. Como apontam os resultados de Carmo (2009), para as vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista, os sufixos /-i/ e /-ia/, como em *d[i]sisti* e *d[u]rmia*, mostram-se favorecedores do alçamento de /e/ (PRs 0.59 e 0.69, respectivamente) e neutros em relação a /o/ (PRs, respectivamente, 0.50 e 0.51). Apesar de esses sufixos verbais serem compartilhados com verbos de segunda conjugação, como em *c[o]mi* e *apar[i]cia*, o que resultaria em índices altos de realização do alçamento também para verbos de segunda conjugação, a hipótese é a de que os verbos de terceira conjugação apresentam as maiores taxas, pois, conforme Bisol (1981), bem como Collischonn e Schwindt (2004), além do fato de a vogal temática característica dessa conjugação ser alta, a pretônica-alvo em certas formas verbais é uma vogal do radical que se apresenta, por meio do processo de harmonia vocálica, como categoricamente alta em outras formas do paradigma, como em *rep[i]tir – repito* e *c[u]brindo – cubro*.

3.3.1.5 *Grau de atonicidade da pretônica-alvo*

Em relação à variável *grau de atonicidade da pretônica-alvo*, pretende-se observar: (i) se essa vogal sempre mantém seu caráter de átona, como, por exemplo, em *p[e]rigo – p[e]riculosidade*; (ii) se consiste em uma vogal que, em outras formas do mesmo paradigma, apresenta-se como tônica, como em *ad[o]rar – ad[ɔ]ro*; ou (iii) se, mais especificamente,

essa tônica pode ser uma vogal alta, como ocorre em certas formas verbais de terceira conjugação que apresentam harmonia vocálica na raiz verbal, como *d[u]rmia – durmo*. A hipótese é a de que as vogais que permanecem átonas – primeiro caso apresentado – têm maiores índices de alçamento vocálico do que as do segundo tipo, ou seja, aquelas que apresentam atonicidade variável, mas sem alternância com uma vogal alta. Isso se justifica justamente pelo fato de, conforme afirma Bisol (1981), terem um caráter permanentemente átono e, assim, estarem sujeitas a alterações.

No entanto, espera-se que o terceiro tipo, correspondente à atonicidade variável sendo a tônica uma vogal alta, seja o contexto mais favorecedor do alçamento, devido à influência da harmonia vocálica na raiz verbal que ocorre em outras formas do mesmo paradigma. Para a variedade gaúcha, Bisol (1981) observou que esse caso (PRs 0.71 e 0.59 para /e/ e /o/, respectivamente) e a atonicidade permanente (PRs 0.71 e 0.68 para, respectivamente, /e/ e /o/) são as condições mais satisfatórias para o alçamento vocálico. Para os nomes na variedade do interior paulista, Silveira (2008) considerou essa variável e observou que, nos casos em que há atonicidade permanente, há uma probabilidade de aplicação do alçamento levemente maior (PRs 0.56 para /e/ e 0.58 para /o/, enquanto o fator *átona casual* – denominado, pela autora, de *átona secundária* – apresentou PRs 0.14 e 0.10 para /e/ e /o/, respectivamente). Para esta pesquisa, considera-se essa variável também para os verbos, observando, com mais rigor, uma possível atuação da regra categórica de harmonia vocálica na raiz de verbos de terceira conjugação, o que não foi feito por Carmo (2009), avançando-se, então, em relação a esse estudo.

3.3.1.6 Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo

Na literatura sobre o tema, é consenso que, em posição adjacente à pretônica-alvo, consoantes com ponto de articulação alto, como, por exemplo, as velares, como em *[ki]ria* e *[ku]meçou*, tendem a favorecer o alçamento dessa vogal, ao passo que consoantes com baixo ponto de articulação, como as alveolares, como em *di[re]tora* e *[so]ssegado*, tendem a inibi-lo. De acordo com Bisol (1981, p. 92-93), “é de esperar-se que as consoantes caracterizadas por uma articulação alta venham a funcionar como elementos condicionadores [...], enquanto as demais [...] inversamente atuem”.

No presente estudo, visando a outro tipo de olhar em relação à influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo – não mais à altura do

corpo da língua, mas à sua posição ântero-posterior –, classificam-se esses segmentos segundo os seguintes pontos de articulação: (i) *coronal*, como em *pro[te]ção*; (ii) *dorsal*, como em *[ko]rrendo*; e (iii) *labial*, como em *[po]legadas*.

A escolha pela utilização dos traços [labial], [coronal] e [dorsal] baseia-se no estudo de Matzenauer e Miranda (2009), que demonstram serem esses os três traços de *ponto de articulação* presentes na estrutura interna das vogais do PB (cf. diagrama 3 deste trabalho). As autoras apontam que os traços [labial], [coronal] e [dorsal] estão presentes já no primeiro estágio do processo de aquisição do sistema vocálico do PB, em que o falante, ao produzir /a/, /i/ e /u/, indicia a aquisição total do contraste entre os três traços de ponto, que permanecerão inalterados durante os dois estágios seguintes.⁴⁸

O Princípio de Similaridade (HUTCHESON, 1973), apresentado na primeira seção deste trabalho, fundamenta a hipótese de a redução vocálica ocorrer por parte de uma informação de homorganicidade em relação aos segmentos consonantais e a vogal pretônica-alvo, conforme mostra Carmo (2009) para as vogais médias pretônicas dos verbos na variedade estudada.⁴⁹ Desse modo, a hipótese é a de que a pretônica /e/, vogal coronal, tenha seu alçamento propiciado por consoante(s) coronal(is), ao passo que a vogal /o/, dorsal e labial, tenha seu alçamento favorecido por consoante(s) que apresentam esses pontos de articulação. Bisol (1981, p. 95), apesar de considerar a classificação das consoantes como *alveolar*, *palatal*, *velar* e *labial* em seu estudo sobre o falar gaúcho, também aponta para os resultados esperados nesta pesquisa ao constatar que:

Por não estar em jogo, na articulação de uma labial, a altura da língua em que o processo de assimilação que governa a harmonia se fundamenta, esperava-se da labial um comportamento indiferente. De fato, ela assim se revela na elevação de /e/, o mais das vezes mostrando-se um fator não atuante. Sua ação positiva diz respeito à elevação de /o/, vogal com que está aparentada pelo traço da labialidade.

⁴⁸ Segundo as autoras, em relação aos traços de altura, têm-se, no primeiro estágio, os traços monovalentes [baixo] e [alto], os quais sofrerão alterações no decorrer dos dois estágios posteriores, com, por exemplo, a ativação de seu valor binário, ocorrida no segundo estágio. Com base na proposta de Lee e Oliveira (2003), acerca da representação dos níveis de *altura* do sistema vocálico, as autoras afirmam que, no fim do processo, os traços de altura que o falante terá adquirido serão [+/- alto, +/-baixo, +/-ATR].

⁴⁹ Para as vogais médias pretônicas dos nomes nessa variedade, tanto no que diz respeito à consoante precedente quanto à seguinte, Silveira (2008) considerou os mesmos fatores que Bisol (1981): (i) *alveolar*, como em *[t]errível* e *catogo[r]ia*; (ii) *palatal*, como em *ob[ʒ]etivo* e *co[A]er*; (iii) *velar*, como em *[x]otina* e *se[g]urança*; e (iv) *labial*, como em *[p]ossível* e *re[v]ista*.

3.3.1.7 Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo

Como no que tange à variável *ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*, o ponto de articulação da consoante *seguinte* à pretônica-alvo é classificado como: (i) *coronal*, como em *p[iç]iu*; (ii) *dorsal*, como em *n[eg]ócio*; e (iii) *labial*, como em *desc[ub]rir*.

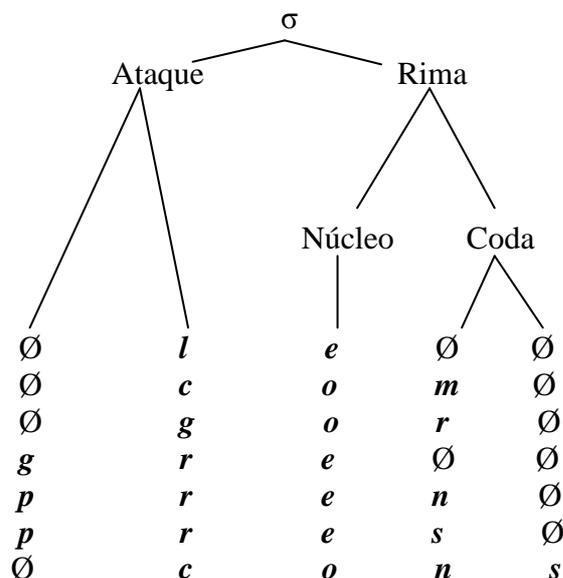
3.3.1.8 Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre

No que diz respeito à variável *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*, utiliza-se a noção de sílaba proposta por Collischonn (1999) para o Português, baseada nas considerações de Selkirk (1982). Segundo a autora, a sílaba é constituída, necessariamente, por rima (núcleo) e, geralmente – mas não necessariamente –, por um ataque, ambos podendo ser ramificados. A rima consiste em um núcleo e, quando ramificada, em uma coda. A partir dos dados levantados, consideram-se, então, as seguintes classificações de estruturas silábicas:⁵⁰

1. *ataque + rima (núcleo)*, como em **l[e]vou**;
2. *ataque + rima (núcleo + coda nasal)*, como em **c[u]mpadre**;
3. *ataque + rima (núcleo + coda sem ser nasal)*, como em **eng[o]rdei**;
4. *ataque complexo + rima (núcleo)*, como em **agr[e]ssões**;
5. *ataque complexo + rima (núcleo + coda nasal)*, como em **apr[e]ndendo**;
6. *ataque complexo + rima (núcleo + coda sem ser nasal)*, como em **empr[e]stada**; e
7. *ataque + rima complexa (núcleo + coda complexa)*, como em **c[o]nstrangedor**.

No diagrama a seguir, são representadas as estruturas das sílabas destacadas em negrito dos exemplos acima elencados:

⁵⁰ Ressalta-se que este trabalho analisa o comportamento das vogais médias pretônicas *internas*, ou seja, descarta as ocorrências de vogais médias pretônicas em início de vocábulo, como em *entrou* e *omisso*. Dessa forma, como pode ser observado no diagrama 6, todas as estruturas silábicas consideradas apresentam *ataque*.

Diagrama 6 – Representação de estruturas silábicas

Fonte: Elaboração própria, com base em Collischonn (1999) e Selkirk (1982).

Uma das hipóteses que se investiga é se a estrutura da sílaba com coda apresenta comportamento diferente de sílaba sem coda na realização do alçamento. Carmo (2009) relata que, para as vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista, o alçamento da pretônica /e/ é desfavorecido quando a sílaba em que está contida apresenta coda – seja ela nasal, como em *difer[e]ncia* (PR 0.39), ou não-nasal (PR 0.44), como em *p[e]rcebia*. Já para a pretônica /o/, sílaba com coda nasal, como em *c[o]mprei*, mostra-se altamente desfavorecedora da realização do alçamento (PR 0.07), enquanto sílaba com coda sem ser nasal, como em *c[u]stuma*, é favorecedora (PR 0.87). Para o dialeto gaúcho, Bisol (1981) observou que a nasalidade é favorável ao alçamento de /e/ (PR 0.70) e inibidora do fenômeno para /o/ (PR 0.39). É com base nesses resultados que é proposta a classificação das sílabas anteriormente apresentada.

3.3.1.9 Classe gramatical

Silveira (2008) e Carmo (2009) encontraram diferentes comportamentos entre as vogais médias pretônicas de, respectivamente, nomes e verbos na variedade do interior paulista no que diz respeito ao alçamento vocálico. Como já citado, para os nomes, Silveira (2008) identificou a redução vocálica como o processo mais atuante em favor da realização do alçamento. Para os verbos, Carmo (2009) apontou a harmonização vocálica como o processo

mais relevante. Na presente pesquisa, considera-se a *classe gramatical* como uma variável, a fim de se observar se eventuais diferenças no que tange ao acento das vogais médias pretônicas de diferentes classes gramaticais – nomes e verbos – na variedade do interior paulista são significativas e, em caso positivo, especificar em que consistem essas diferenças. Vale ressaltar que, para corroborar os resultados obtidos nas rodadas iniciais – em que a classe gramatical é considerada uma variável –, também são efetuadas rodadas separadas para nomes e verbos.

3.3.1.10 Vogal pretônica-alvo

Por meio da variável *vogal pretônica-alvo*, objetiva-se verificar indícios de diferenças em relação ao comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ em relação ao acento. Na literatura acerca do tema, geralmente, são feitas rodadas separadas para /e/ e /o/ e as porcentagens de aplicação do fenômeno tendem a ser próximas. Silveira (2008), por exemplo, encontrou 13% de acento para a vogal pretônica /e/ e 14% para a vogal /o/ de nomes na variedade do interior paulista. Carmo (2009) constatou 16% para /e/ e 10% para /o/ no acento aos verbos na mesma variedade. Faz-se necessária uma rodada que considere ocorrências de ambas as vogais pretônicas, classificadas e organizadas segundo a variável *vogal pretônica-alvo*, a fim de se observar possíveis indícios de comportamentos diferenciados por parte dessas vogais, motivando, assim, a realização de rodadas distintas para cada vogal.

3.3.2 Variáveis independentes sociais

Antes da apresentação das variáveis sociais investigadas nesta pesquisa, cabe justificar a exclusão da variável *renda familiar*, intimamente ligada à *classe social*, variável destacada na subseção 1.4 como uma das mais recorrentes nas pesquisas sociolinguísticas.⁵¹

No decorrer da constituição do banco de dados IBORUNA, houve certa dificuldade de localizar informantes correspondentes a determinados perfis sociais. A princípio, suspeitou-se que essa dificuldade resultava do entrecruzamento das variáveis *renda familiar* e *escolaridade*, o que fez com que a Coordenação do Projeto ALIP decidisse *afrouxar* os

⁵¹ Chambers (2009 [1995]) aponta que tanto a estratificação geral da sociedade com base em características socioeconômicas quanto os laços sociais mais próximos do indivíduo (organizados em *redes* ou *networks*) podem ter consequências linguísticas.

fatores referentes à variável *renda familiar*. Posteriormente, verificou-se que, na verdade, a dificuldade de localização dos informantes era consequência do entrecruzamento das variáveis *escolaridade* e *faixa etária*, pois os perfis dos falantes correspondiam a indivíduos de faixas etárias intermediárias (de 16 a 25 anos e de 26 a 35 anos) e com baixo nível de escolaridade (1º ciclo do Ensino Fundamental) e, como apresentado na subseção 3.1, a região de São José do Rio Preto apresenta um índice alto de escolaridade. De qualquer maneira, pelo *afrouxamento* inicial da *renda familiar*, optou-se pela não-consideração dessa variável no presente estudo.

Em relação às variáveis sociais analisadas no presente trabalho, são consideradas três: (i) *sexo/gênero*; (ii) *faixa etária*; e (iii) *escolaridade*, brevemente detalhadas nas subseções a seguir.

3.3.2.1 *Sexo/gênero*

Sobre o *sexo/gênero*, Chambers (2009 [1995]) e Labov (2003) afirmam que as pesquisas sociolinguísticas têm constatado que as mulheres usam variantes estigmatizadas e não-padrão com menos frequência do que os homens do mesmo grupo social a que pertencem. Segundo Chambers (2009 [1995]), essa observação é antiga, chegando a aparecer em 55 a.C. na obra *De Oratore*, de Cícero, em que a personagem Crassus, em determinado diálogo, defende a língua padrão ao diferenciar o falar *elegante* de sua sogra do falar de seu interlocutor. Nessa obra, afirma-se que as mulheres costumavam preservar a língua antiga, pelo fato de não terem o hábito de conversar com muitas pessoas e, assim, conservavam o que aprenderam originalmente.

Bisol (1981, p. 30) afirma que o alçamento vocálico é um fenômeno que, na língua falada, não é estigmatizado: “essa variação [...] espalhou-se, não obstante, pela fala popular e culta, ao que tudo indica sem estigmatismo social, configurada aos falares locais pela gradação de uso”. Viegas (1987), por sua vez, defende que tal fenômeno é estigmatizado socialmente.

De modo geral, nos estudos sobre vogais médias pretônicas em diferentes variedades do PB, não se tem constatado grande diferença na fala de homens e de mulheres em relação ao fenômeno do alçamento (cf. CELIA, 2004). De qualquer forma, a variável *sexo/gênero* é considerada na presente pesquisa, a fim de se verificar: (i) a validade desse resultado para o dialeto do interior paulista e (ii) algum eventual indício de estigma desse fenômeno na variedade considerada, já que, na ausência de testes de avaliação social das formas variantes,

os resultados referentes à variável social *sexo/gênero*, assim como *escolaridade* e *faixa etária*, a serem apresentados a seguir, podem funcionar como indicadores indiretos da avaliação das formas alternantes.

3.3.2.2 *Faixa etária*

Por meio da consideração da variável *faixa etária*, é possível a averiguação do *status* do fenômeno variável como estável ou como mudança em progresso. Segundo Chambers (2009 [1995]), verifica-se, desde a infância do falante, uma maior influência linguística por parte de colegas pertencentes à sua faixa etária do que de seus pais, de professores, ou seja, de pessoas mais velhas. Nos casos de mudança linguística, o autor afirma ocorrer quando gerações mais novas apresentam frequências maiores no uso de uma variante, que, com o passar do tempo, passa a ocorrer categoricamente, eliminando a outra variante.

A consideração da *faixa etária* se justifica por ser uma variável capaz de apontar diferentes manifestações das vogais médias pretônicas de acordo com a idade do falante, sendo, assim, a principal variável que indicia mudança linguística (*em tempo aparente*, como descrito na subseção 1.4 deste trabalho). Segundo Chambers (2009 [1995]), diferentes faixas etárias que apresentam usos relativamente similares de determinada variante indicam variação estável. Se os mais jovens são os que mais apresentam o alçamento vocálico, há então um indício de mudança em progresso.

3.3.2.3 *Escolaridade*

Quanto à *escolaridade*, alguns estudos sobre vogais médias pretônicas, como o de Cassique *et al* (2009), sobre a variedade paraense do município de Breves, apontam a relevância do grau de escolaridade do informante na aplicação do alçamento. Segundo esses estudos, quanto maior a escolaridade do informante, menor a aplicação do fenômeno. A partir desse resultado encontrado para vogais médias pretônicas em algumas variedades do PB, a *escolaridade* também é considerada no presente trabalho, a fim de se verificar se a influência dessa variável também ocorre na variedade do interior paulista. Caso, por exemplo, a aplicação do alçamento seja maior no grupo de falantes menos escolarizados e diminua conforme os maiores níveis de escolaridade, esse resultado consistirá em um indicativo de que o alçamento vocálico das vogais médias pretônicas é um fenômeno estigmatizado socialmente na variedade do interior paulista.

3.4 Passos metodológicos

Após a seleção do *cópus* e extração de cada ocorrência de vogal média pretônica, foram identificados os contextos em que estava inserida e seu comportamento em relação ao alicamento vocálico. No entanto, deve-se destacar que ocorrências de vogais médias pretônicas presentes em determinados contextos foram excluídas, como mostra a subseção a seguir.

3.4.1 Contextos excluídos

As vogais médias pretônicas presentes em início de vocábulo, ditongo, hiato e prefixo foram descartadas da análise dos dados pelos motivos explicitados nas subseções seguintes.

3.4.1.1 Início de vocábulo

Foram excluídas as vogais médias pretônicas presentes em início de palavra, como em *[i]scritório* e *[o]perou*, com base na afirmação de Bisol (1981) de que os princípios que regem o alicamento da vogal inicial não se identificam com aqueles referentes ao alicamento da pretônica interna. Investigações acerca de vogais médias pretônicas iniciais em diferentes variedades do PB – por exemplo, Battisti (1993), sobre o falar gaúcho, e Brandão, Rocha e Santos (2012), sobre a variedade de Nova Iguaçu (RJ) – de modo geral, parecem compartilhar dois resultados. O primeiro diz respeito à frequência alta de alicamento em vogais médias pretônicas /e/ iniciais seguidas por /S/ ou /N/ em coda silábica, como em *[i]special* e *[i]mprego*. O segundo é a manutenção da vogal média /o/ inicial, como em *[o]lhou* e *[o]portunidade*. Na presente pesquisa, são encontrados resultados semelhantes e, dessa forma, a consideração das vogais médias pretônicas em início de vocábulo poderia enviesar os resultados quantitativos desta pesquisa, já que os resultados referentes às vogais médias pretônicas iniciais se diferem daqueles geralmente obtidos em relação às pretônicas internas. O fato de a fronteira entre palavras consistir em um contexto de aplicação de processos fonológicos como o *sândi vocálico externo*, processo de ressilabificação motivada por choque dos núcleos de sílabas de vocábulos diferentes (BISOL, 2002; TENANI, 2002) pode justificar o comportamento diferenciado por parte das vogais pretônicas iniciais quando comparadas às pretônicas internas. Portanto, dada a complexidade desse contexto fonológico, o estudo das vogais médias pretônicas em início de vocábulo é deixado para futuras pesquisas. Cabe ressaltar que vogais presentes em início de palavra, a qual fora acrescida de um prefixo, como

em *des[i]nvolvendo* e *des[i]spero* também foram excluídas, por também apresentarem taxa de alçamento alta: das 17 ocorrências presentes nesse contexto, 15 alçaram,⁵² o que corresponde a 88,2% do total.

3.4.1.2 Ditongo

Nesse contexto, as vogais médias pretônicas são seguidas por semivogais, como em *tr[e]inamento* e *s[o]ubesse*, as quais não têm as mesmas propriedades de vogais *plenas* e, por isso, não devem ser analisadas como gatilho da harmonização vocálica da mesma forma que as demais vogais altas que eventualmente estejam presentes no vocábulo. Vale destacar também que, em algumas ocorrências de vogais médias pretônicas em ditongo, é encontrado outro processo fonológico: a *monotongação*, por meio da qual a semivogal do ditongo é apagada, como em *d[e]xou* e *d[o]tor*, fazendo com que esse contexto mereça um estudo à parte e mais aprofundado.

3.4.1.3 Hiato

Para os dados do dialeto gaúcho, Bisol (1981) verificou que o alçamento da vogal presente em hiato, como em *apr[ie]nsivas* e *j[ue]lho*, sobrepuja ao da vogal pretônica entre consoantes. Tal fato também foi verificado no tangente às vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, especialmente quando essa vogal é seguida de /a/ tônico, como em *massag[i]ando* e *raz[u]áveis*, contexto destacado por Câmara Jr. (2007 [1970]), por, nele, a aplicação do alçamento ser favorecida. Para que os resultados quantitativos da presente análise não sejam enviesados pela frequência alta de alçamento em vogais pretônicas presentes em hiato, esse contexto foi excluído desta análise. A especificidade e a complexidade das vogais médias pretônicas em *hiato* e/ou em *ditongo* demandam uma intensa discussão teórica acerca de estrutura silábica; logo, a descrição das vogais médias pretônicas nesse(s) contexto(s) na variedade do interior paulista é deixada para futuros estudos.

⁵² Os dois vocábulos que *não* apresentaram alçamento da vogal pretônica nesse contexto foram *des[e]quilibrado* e *in[e]sperada*.

3.4.1.4 Prefixo⁵³

Segundo Bisol (1981), certos prefixos não se incorporam totalmente ao vocábulo com que combinam, possuindo traços de composição, que, conforme a autora, consiste em um ambiente pouco propício para o alçamento decorrente de harmonização vocálica. De acordo com a autora, o fato da existência de vocábulos como *pr[ε]-requisito*, por exemplo, em que há uma vogal que não existe fonemicamente em posição pretônica, fornece indícios de que a vogal prefixal não está sujeita ao processo de harmonização. Collischonn (2006) corrobora a ideia, afirmando que não sofre harmonização a vogal do prefixo que constitui palavra prosódica independente, como em *m[o]nocultura*, nem a vogal que pertence à palavra precedente em compostos, como em *d[e]do-duro*. Além disso, Bisol (1981) aponta o fato de a vogal presente em prefixo poder, em muitos casos, ser elidida, como, por exemplo, em *dscolou* e *dsfez*. Por esses motivos, deixa-se esse contexto para outras pesquisas, como a realizada por Marcato (2010).

* * * * *

Após a exclusão das ocorrências presentes nesses contextos, foi feita a análise do conjunto de dados restante, procedendo à análise de oitiva⁵⁴ e a uma quantificação dos resultados obtidos. A análise estatística dos dados foi feita por programas do pacote estatístico Goldvarb X e as rodadas realizadas são descritas na subseção a seguir.

3.4.2 Rodadas executadas

Em uma rodada inicial, foram consideradas, conjuntamente, todas as ocorrências de vogais médias pretônicas, ou seja, essa primeira rodada englobou tanto os casos de vogal pretônica /e/ quanto de pretônica /o/ em nomes e em verbos.

⁵³ Para a identificação/categorização dos prefixos, utilizou-se a seção de etimologia do dicionário *Houaiss*. Foram mantidos os casos em que, no latim, determinada forma já havia sido incorporada a outro vocábulo.

⁵⁴ Cabe destacar que as gravações provenientes do banco de dados IBORUNA não apresentam qualidade que possibilite uma análise acústica por meio de recursos específicos, como o programa PRAAT. Nelas, são encontrados muitos ruídos, decorrentes, principalmente, do fato de as entrevistas não terem sido realizadas em cabines com isolamento acústico, o que justifica a não-realização de análise acústica dos dados.

Apesar de essa primeira rodada vislumbrar um panorama geral do alçamento vocálico na variedade do interior paulista, não permitia a observação das diferenças existentes entre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ nem entre as classes gramaticais nomes e verbos.

Dessa maneira, em seguida, foram realizadas quatro rodadas, as quais serão, de agora em diante, denominadas *rodadas principais*, por delas resultarem as principais constatações acerca do comportamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, a serem expostas na seção a seguir. As quatro rodadas principais analisaram, separadamente:

- ✓ Pretônica /e/ em nomes;
- ✓ Pretônica /e/ em verbos;
- ✓ Pretônica /o/ em nomes; e
- ✓ Pretônica /o/ em verbos.

O cruzamento entre as variáveis *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* e *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* motivou a realização de novas rodadas, a partir das quatro rodadas principais. Com o cruzamento, houve nocautes⁵⁵ distintos para cada rodada. A resolução desses nocautes por meio de exclusão e/ou de amálgamas de fatores provocava resultados enviesados. Como o objetivo desse cruzamento de variáveis era justamente o de investigar a informação da tonicidade das vogais *altas*, optou-se por considerar apenas os fatores referentes a essas vogais (*alta anterior tônica*, *alta anterior átona*, *alta posterior tônica* e *alta posterior átona*) e excluir os demais fatores (como, por exemplo, *vogal média-alta tônica* e *vogal média-alta átona*). Nessa rodada só com vogais altas, foram obtidos resultados mais consistentes e, assim, são provenientes dessa rodada os resultados que se referem ao cruzamento da *altura* e da *tonicidade* da vogal presente na sílaba seguinte.

Especificamente para as vogais médias pretônicas dos *verbos*, foram realizadas rodadas extras que consideraram a variável *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*. Essa variável não está contemplada nas quatro rodadas principais devido à necessidade de se realizar uma comparação sistemática dos resultados de nomes e verbos. Dessa maneira, fazia-se necessária a consideração das mesmas variáveis linguísticas e sociais para as rodadas principais. Portanto, para os verbos, além das rodadas principais, houve duas rodadas *extras* que permitiram a avaliação do papel da variável *conjugação do verbo em que a*

⁵⁵ Conforme apontam Guy e Zilles (2007), o nocaute ocorre quando um fator corresponde à frequência de 0% ou de 100% para um dos valores da variável dependente. De acordo com os autores, para que a análise estatística possa prosseguir e efetuar o cálculo dos pesos relativos, todo nocaute deve ser eliminado.

pretônica-alvo ocorre em relação aos outros grupos de fatores investigados. Os resultados da variável *conjugação* registrados na seção 4 desta tese provêm dessas duas rodadas extras.

Em suma, foram realizadas onze rodadas mais importantes (sendo quatro principais):

- ✓ Rodada geral com todas as ocorrências;
- ✓ *Rodada principal* para pretônica /e/ em nomes;
- ✓ *Rodada principal* para pretônica /e/ em verbos;
- ✓ *Rodada principal* para pretônica /o/ em nomes;
- ✓ *Rodada principal* para pretônica /o/ em verbos;
- ✓ Rodada com cruzamento entre *altura* e *tonicidade* – pretônica /e/ em nomes;
- ✓ Rodada com cruzamento entre *altura* e *tonicidade* – pretônica /e/ em verbos;
- ✓ Rodada com cruzamento entre *altura* e *tonicidade* – pretônica /o/ em nomes;
- ✓ Rodada com cruzamento entre *altura* e *tonicidade* – pretônica /o/ em verbos;
- ✓ Rodada com variável *conjugação* – pretônica /e/ em verbos;
- ✓ Rodada com variável *conjugação* – pretônica /o/ em verbos.

Após nocautes, outras rodadas, secundárias, foram realizadas para a confirmação de determinadas escolhas por exclusões ou amálgamas de fatores. Pela natureza meramente confirmatória dessas rodadas, seus resultados não são apresentados nesta tese, a qual foca a exposição dos resultados finais que auxiliam na descrição do comportamento das vogais médias pretônicas no interior paulista.

Os resultados obtidos a partir das onze rodadas listadas, especialmente das quatro principais, são descritos e analisados na seção 4.

3.5 Resumo

Esta seção tratou do *córpus* desta pesquisa e da metodologia empregada na análise dos dados. Em 3.1, foram apresentados aspectos geográficos e socioeconômicos da comunidade de fala da região de São José do Rio Preto (SP), com destaque a esse município, que nomeia a região administrativa da qual é sede.

Em seguida (subseção 3.2), abordou-se o *córpus* analisado, sendo fornecidas informações sobre o banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP (IBILCE/UNESP).

A subseção seguinte (3.3) discorreu acerca da variável dependente, das dez variáveis independentes linguísticas (*altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo; tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-*

alvo; distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo; grau de atonicidade da pretônica-alvo; conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre; ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo; ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo; estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre; classe gramatical; e vogal pretônica-alvo) e das três variáveis independentes sociais (sexo/gênero; faixa etária; e escolaridade). Foram elucidadas as justificativas e hipóteses para a consideração de cada variável.

Finalmente, na subseção 3.4, foram apresentados os procedimentos metodológicos adotados neste estudo, incluindo as justificativas para exclusão de determinados contextos de vogais médias pretônicas (*início de vocábulo, ditongo, hiato e prefixo*), bem como a descrição das rodadas feitas com a utilização do pacote estatístico Goldvarb X.

Por meio da metodologia exposta, procedeu-se à análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, retratada na seção a seguir.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos a partir da metodologia descrita na seção anterior. Em 4.1, são expostos os resultados e a análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista segundo a *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (LABOV, 1991 [1972]). Na subseção 4.2, compara-se o comportamento dessas vogais com o das vogais pretônicas em diversos dialetos brasileiros, apresentados na seção 2 desta tese. Em 4.3, são analisadas as vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista de acordo com a *Teoria da Otimalidade*, sendo testadas duas de suas abordagens não-clássicas: o *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e o *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006).

4.1 Análise segundo a Teoria da Variação e Mudança Linguística

A partir de uma observação inicial dos dados desta pesquisa,⁵⁶ pôde-se constatar que: (i) certos vocábulos sempre apresentam o alçamento, como *m[i]nino* (18 casos de alçamento nas 18 ocorrências totais) e *c[u]mida* (4/4); (ii) alguns vocábulos ora apresentam o fenômeno, ora não,⁵⁷ como *prof[i]ssor ~ prof[e]ssor* (2/5) e *c[u]lega ~ c[o]lega* (4/18); e (iii) certos vocábulos nunca sofrem o alçamento, como *f[e]chou* (0/10) e *c[o]r[o]nel* (0/6).

Como descrito na subseção 3.4.2 deste trabalho, a primeira rodada investigou todas as ocorrências de vogais médias pretônicas conjuntamente. O resultado geral pode ser observado a partir da tabela a seguir:

Tabela 1 – Aplicação geral do alçamento

Aplicação do alçamento	Não-aplicação do alçamento	Total
16,3% (811/4967)	83,7% (4156/4967)	100% (4967/4967)

Fonte: Elaboração própria.

⁵⁶ A lista completa de dados levantados e analisados se encontra no ANEXO A do presente estudo.

⁵⁷ O comportamento variável do alçamento em um mesmo item lexical pode ocorrer, inclusive, na fala de um(a) mesmo(a) informante.

Como mostra a tabela 1, foram encontradas 4967 ocorrências totais de vogais pretônicas, das quais 811 apresentam o fenômeno de alçamento vocálico, o que corresponde a 16,3% dos dados levantados. Dessa forma, observa-se uma taxa relativamente baixa de aplicação do fenômeno, porém, bastante próxima das frequências observadas por Silveira (2008) – 13% para /e/ e 14% para /o/ – e por Carmo (2009) – 16% para /e/ e 10% para /o/ –, para as vogais médias pretônicas de, respectivamente, nomes e verbos na variedade do interior paulista.

Para essa rodada com todas as ocorrências, as variáveis apontadas pelo programa estatístico como mais relevantes foram, em ordem decrescente:

1. *Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo;*
2. *Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre;*
3. *Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre;*
4. *Grau de atonicidade da pretônica-alvo;*
5. *Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo;*
6. *Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo;*
7. *Vogal pretônica-alvo;*
8. *Escolaridade;*
9. *Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo; e*
10. *Sexo/gênero.*

Por ora, deve ser destacada a variável selecionada como a sétima mais relevante: *vogal pretônica-alvo*. Para essa variável, os resultados podem ser visualizados a partir da seguinte tabela:

Tabela 2 – Aplicação do alçamento em relação à *vogal pretônica-alvo*

	Frequência	PR
<i>/e/</i>	16,1% (474/2936)	0.456
<i>/o/</i>	16,6% (337/2031)	0.563
Total	16,3% (811/4967)	

Input: 0.125
Signif.: 0.009

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, constata-se uma frequência de aplicação do alçamento ligeiramente maior no que diz respeito à vogal /o/ (16,6%) quando comparada à vogal /e/ (16,1%). Verifica-se, também, que o fato de a vogal pretônica-alvo ser /e/, como em *arr[e]galado* e *t[e]ntar*, mostra-se levemente desfavorecedor do alçamento (PR 0.456), ao passo que a vogal pretônica-alvo /o/, como em *p[u]ssível* e *s[u]fri*, é levemente favorecedora da aplicação do fenômeno (PR 0.563). Tendo em vista as porcentagens bastante similares e os pesos relativos próximos ao ponto neutro, não parece haver, a princípio, diferença significativa do alçamento em relação à variável *vogal pretônica-alvo*. Porém, como citado, essa variável foi selecionada como relevante à aplicação do alçamento, o que justifica a necessidade de realização de rodadas distintas para cada vogal. Além disso, quando efetuadas essas rodadas, foram comprovados comportamentos diferenciados por parte de /e/ e de /o/ em relação à aplicação do fenômeno, como pode ser observado no quadro 10, apresentado mais adiante.

Antes da exposição dos resultados das rodadas para cada vogal pretônica, cabe ressaltar que, ainda no que tange à rodada com todas as ocorrências, o programa estatístico descartou as seguintes variáveis, em ordem decrescente:

1. *Faixa etária;*
2. *Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo; e*
3. *Classe gramatical.*

Deve-se destacar, neste momento, a eliminação da variável *classe gramatical*. Desse descarte, pode-se inferir que o fato de a vogal média pretônica pertencer a um nome ou a um verbo não apresenta diferença significativa em relação à aplicação ou não do alçamento dessa vogal. Apesar desse resultado, optou-se pela realização de rodadas distintas para nomes e verbos, a fim de se investigar sistematicamente se, de fato, não há comportamento diferenciado no que diz respeito ao comportamento das vogais médias pretônicas em cada classe gramatical, atingindo, desse modo, um dos objetivos iniciais desta pesquisa.

Dessa forma, as quatro rodadas seguintes analisaram, separadamente, as ocorrências de vogais pretônicas /e/ e /o/ em nomes e verbos (cf. subseção 3.4.2 desta tese). O resultado referente à aplicação geral do alçamento vocálico em cada rodada pode ser observado a partir da tabela a seguir:

Tabela 3 – Aplicação do alçamento em relação à vogal *pretônica-alvo* e à *classe gramatical*

Pretônica /e/		Pretônica /o/	
Nomes	Verbos	Nomes	Verbos
14,7%	17,3%	16,1%	16,9%
(193/1315)	(281/1621)	(125/774)	(212/1257)
Total	16,1% (474/2936)	16,6% (337/2031)	

Fonte: Elaboração própria.

De modo geral, verificam-se índices percentuais de alçamento relativamente semelhantes para cada rodada, especialmente no que diz respeito à pretônica /o/: 16,1% para em nomes e 16,9% em verbos. A diferença entre as porcentagens de alçamento da vogal /e/ em nomes e verbos é maior, havendo taxa de alçamento maior em verbos (17,3%) do que em nomes (14,7%). A existência de porcentagens de alçamento maiores em verbos do que em nomes pode ser justificada pelas características morfofonológicas da classe gramatical dos verbos, com destaque aos de terceira conjugação, que apresentam vogal temática /i/, sufixos verbais com vogal alta e o processo de harmonia vocálica (apresentado na subseção 1.1 desta tese) na raiz de algumas de suas formas.

Essas quatro rodadas, no que tange às variáveis consideradas e suas seleções pelo programa estatístico, propiciam a realização do seguinte quadro:

Quadro 10 – Seleção de variáveis pelo programa estatístico

Variáveis	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Nomes	Verbos	Nomes	Verbos
<i>Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	1 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a
<i>Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	2 ^a	NS (não selecionada) (1 ^a)	3 ^a	NS (3 ^a)
<i>Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i>	5 ^a	2 ^a	NS (4 ^a)	6 ^a
<i>Grau de atonicidade da pretônica-alvo</i>	3 ^a	4 ^a	4 ^a	NS (1 ^a)
<i>Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i>	NS (5 ^a)	NS (3 ^a)	2 ^a	4 ^a
<i>Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo</i>	4 ^a	5 ^a	NS (2 ^a)	3 ^a
<i>Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i>	NS (3 ^a)	3 ^a	---	2 ^a
<i>Sexo/gênero</i>	NS (2 ^a)	NS (2 ^a)	NS (3 ^a)	5 ^a
<i>Faixa etária</i>	NS (4 ^a)	7 ^a	---	NS (2 ^a)
<i>Escolaridade</i>	NS (1 ^a)	6 ^a	NS (1 ^a)	NS (4 ^a)

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, a *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* foi considerada, tanto para /e/ quanto para /o/, a variável mais relevante para a aplicação do alçamento. Tal resultado indicia a importância do processo de harmonização vocálica na realização do alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, o que será corroborado pelos resultados dos fatores referentes às vogais altas, exibidos mais adiante (cf. tabelas 4 e 5).

A partir da segunda variável, as vogais médias /e/ e /o/ em nomes e verbos tiveram comportamentos diferenciados. Para a vogal pretônica /e/ em nomes, selecionou-se a variável *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* e, para /e/ em verbos, a *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*. Para esta vogal, portanto, continua sendo relevante o processo de harmonização vocálica. Para /o/, percebe-se a influência de variáveis de outras naturezas: em nomes, do *ponto de articulação da consoante precedente*, que indica a atuação do processo de redução vocálica, e, em verbos, da *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*.

Quando comparadas as vogais pretônicas /e/ e /o/, verifica-se que *o ponto de articulação da consoante precedente* é selecionado como relevante apenas para a vogal /o/ (2ª posição em nomes e 4ª em verbos), o que corrobora, para /e/, a informação de que o processo de harmonização vocálica é o mais atuante.

Quando comparadas as classes gramaticais, observa-se que a *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* é importante apenas para o alçamento das vogais pretônicas em nomes (2ª variável para /e/ e 3ª para /o/). A *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*, por sua vez, é relevante para o alçamento das pretônicas em verbos (3ª para /e/ e 2ª para /o/).

Um fato que deve ser destacado é a influência relativamente baixa que as variáveis extralinguísticas exercem em relação ao alçamento vocálico nessa variedade. Para as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em nomes, as variáveis sociais não foram selecionadas. Para /e/ em verbos, apenas a *escolaridade* e a *faixa etária* foram selecionadas, ocupando as últimas posições em grau de importância (respectivamente, 6ª e 7ª, de 7). Para /o/ em verbos, apenas o *sexo/gênero* foi apontado como relevante, estando na penúltima (5ª, de 6) posição como variável mais relevante ao alçamento dessa vogal.

Dessa forma, pode-se afirmar que o alçamento vocálico ocorrido nas vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista é um fenômeno relacionado, sobretudo, a informações linguísticas. Outro resultado importante que diz respeito a variável social é o fato de a *faixa etária* não ter sido selecionada para a vogal pretônica /e/ em nomes e para a pretônica /o/ em nomes e verbos, o que mostra que, para essas vogais, tal fenômeno se encontra em variação estável.

Após a apresentação dos resultados mais gerais do trabalho, trata-se, nas subseções seguintes, dos resultados relativos a cada variável investigada.

4.1.1 *Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*

Como já mencionado, a *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* foi a variável apontada como a mais relevante à aplicação do alçamento vocálico tanto de /e/ quanto de /o/, em nomes e em verbos, o que fornece indícios sobre a influência do processo de harmonização vocálica no alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Essa informação é corroborada quando observados os resultados dos fatores relacionados à presença de vogal *alta* na sílaba seguinte à da pretônica-alvo. Para a vogal /e/, esses resultados podem ser verificados na tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação à altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo

	Pretônica /e/ - Nomes		Pretônica /e/ - Verbos	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Alta anterior	34,2% (117/342)	0.876	61,1% (232/380)	0.967
Alta posterior	12% (6/50)	0.319	32,5% (13/40)	0.928
Média-alta	11,2% (54/480)	0.514	4,3% (35/805)	0.385
Média-baixa ou Baixa	3,6% (16/443)	0.185	0,3% (1/396)	0.072
Total	14,7% (193/1315)		17,3% (281/1621)	
	Input: 0.104 Signif.: 0.001		Input: 0.052 Signif.: 0.007	

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à pretônica /e/, a vogal alta anterior favorece o alçamento em nomes (PR 0.876), como em *v[i]sícula*, e em verbos (PR 0.967), como em *rep[i]tiu*. Em relação ao fator vogal alta posterior, observam-se resultados aparentemente diferentes para nomes e verbos. Nos nomes, como em *j[e]jum*, a vogal alta é apontada como desfavorecedora do alçamento (PR 0.319), ao passo que, nos verbos, como em *s[i]gurar*, essa vogal é altamente favorecedora (PR 0.928). A princípio, esperava-se que a vogal alta posterior favorecesse o alçamento também em nomes, por atuar como gatilho no processo de harmonização vocálica, independentemente da classe gramatical do vocábulo. Desse modo, eram esperados resultados semelhantes para nomes e verbos.

A partir desse resultado inesperado, foram verificados os dados alçados seguidos de vogal alta posterior em cada classe gramatical, os quais podem ser visualizados no quadro a seguir:

Quadro 11 – Ocorrências de alçamento de /e/ com vogal alta posterior na sílaba seguinte

Nomes		Verbos	
Vocábulo	Ocorrências de alçamento	Vocábulo	Ocorrências de alçamento
<i>S[i]gunda(-feira)</i>	4	<i>D[i]rrubar</i>	1
<i>S[i]gura</i>	1	<i>D[i]rrubou</i>	1
<i>S[i]gurança</i>	1	<i>P[i]ndurava</i>	1
Total	6	<i>S[i]gurando</i>	1
		<i>S[i]gurar</i>	5
		<i>S[i]gurasse</i>	1
		<i>S[i]gurei</i>	1
		<i>S[i]gurou</i>	2
		Total	13

Fonte: Elaboração própria.

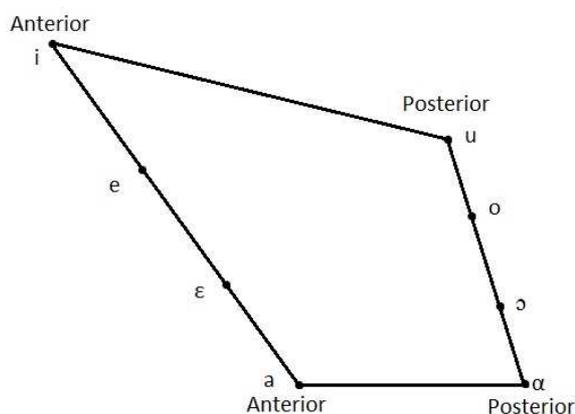
Observa-se que as 6 ocorrências de alçamento de /e/ em nomes e 10 dos 13 casos de alçamento de /e/ em verbos correspondem a um mesmo contexto fonológico: a vogal pretônica é antecedida pela consoante coronal /s/ e seguida pela dorsal /g/. Como será mostrado mais adiante (cf. subseção 4.1.8), a consoante dorsal em posição subsequente favorece o alçamento de /e/ em nomes e em verbos e, portanto, a redução vocálica pode explicar o alçamento nesses casos e, ainda, nos vocábulos *d[i]rrubar* e *d[i]rrubou*. O alçamento no vocábulo *p[i]ndurava*, por sua vez, pode ser explicado pela presença de consoante coronal em posição subsequente, contexto que, como será apresentado, também é favorecedor do alçamento de /e/ em verbos.

Além de a maioria dos dados compartilhar de um mesmo contexto fonológico, deve-se destacar que se trata basicamente de um mesmo paradigma. Das 6 ocorrências de alçamento de /e/ em nomes, 2 correspondem a vocábulos de um único paradigma: *s[i]gura* e *s[i]gurança*. Das 13 ocorrências de alçamento de /e/ em verbos, 10 correspondem ao paradigma verbal correspondente: *s[i]gurando*, *s[i]gurar* (5 ocorrências), *s[i]gurasse*, *s[i]gurei* e *s[i]gurou* (2 ocorrências). Esses resultados apontam para a explicação difusionista do fenômeno, já que o alçamento dessas formas parece estar vinculado a um conjunto específico de vocábulos.

De modo geral, as ocorrências de alçamento de /e/ com vogal /u/ na sílaba seguinte em nomes e verbos correspondem a contextos semelhantes e, portanto, não se pode afirmar que a vogal alta posterior desfavorece o alçamento em uma classe gramatical e o desfavorece em outro, como indicado na tabela 4.

Foram observados, também, maiores pesos relativos concernentes à vogal alta anterior, quando comparada à vogal alta posterior. Essa diferença de comportamento por parte de /i/ e de /u/ em relação ao alçamento de /e/ pode ser justificada pela posição mais alta da língua na cavidade bucal durante a realização da vogal alta anterior, como mostra o diagrama abaixo (JONES, 1957 apud BISOL, 1981, p. 114):

Diagrama 7 – Vogais cardinais



Fonte: Jones (1957 apud BISOL, 1981, p. 114).

Conforme mostra o diagrama 7, a posição mais alta da língua corresponde à emissão de /i/, enquanto /u/ se encontra em altura relativamente próxima à de /e/. De acordo com Bisol (1981), isso se deve ao fato de o espaço na cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores ser maior do que o espaço destinado à realização das posteriores e, assim, a vogal alta posterior não ser tão alta quanto a anterior. Como afirma Bisol (1981, p. 114), pelo fato de /u/ ser menos alta do que /i/, “é natural que não exerça sua força atrativa sobre /e/, pois convertê-la em /i/ seria provocar uma articulação mais alta que a própria”. Justifica-se, dessa forma, o favorecimento do alçamento de /e/ principalmente por parte da vogal alta /i/ na variedade do interior paulista.

O fator *vogal média-alta presente na sílaba seguinte à da pretônica /e/*, em nomes, como em *prot[e]tora*, é identificado como neutro em relação ao alçamento (PR 0.514) e, em verbos, como em *p[e]nsei*, é desfavorecedor do fenômeno (PR 0.385). Já o fator *vogal média-baixa ou baixa na sílaba seguinte à da pretônica-alvo* é desfavorecedor do alçamento de /e/,

com PRs significativamente baixos: 0.185 e 0.072, respectivamente para nomes, como em *v[e]lório*, e verbos, como em *esp[e]rar*.

Para as rodadas relativas à pretônica /o/, observam-se os resultados a seguir.

Tabela 5 – Alçamento de /o/ em nomes e verbos em relação à *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*

	Pretônica /o/ - Nomes		Pretônica /o/ - Verbos	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Alta anterior	33,9% (61/180)	0.866	41,6% (52/125)	0.915
Alta posterior	15,8% (6/38)	0.666	54,5% (12/22)	0.994
Média-alta	6,2% (14/226)	0.418	16,2% (103/634)	0.649
Média-baixa	44% (40/91)	0.809	5,4% (2/37)	0.327
Baixa	2% (4/199)	0.109	1% (4/400)	0.127
Total	17% (125/734)		14,2% (173/1218)	
	Input: 0.066 Signif.: 0.000		Input: 0.050 Signif.: 0.048	

Fonte: Elaboração própria.

Para /o/, verifica-se, novamente, grande influência da vogal alta anterior na realização do alçamento em nomes (PR 0.866), como em *d[u]mingo*, e em verbos (PR 0.915), como em *c[u]zinhar*. O fator *vogal alta posterior na sílaba seguinte à da pretônica-alvo* também é apontado como favorecedor do alçamento de /e/ em nomes (PR 0.666), como em *op[u]rtunidade*, e, principalmente, em verbos (PR 0.994), como em *pr[u]curar*. Apesar de o resultado ir ao encontro do esperado, indicando o fator *vogal alta posterior* como favorecedor do alçamento (por meio de harmonização vocálica) em ambas as classes gramaticais, observam-se, como feito para a vogal pretônica /e/, as ocorrências de alçamento da pretônica /o/ com vogal alta posterior na sílaba subsequente.

Quadro 12 – Ocorrências de alçamento de /o/ com vogal alta posterior na sílaba seguinte

Vocábulo	Ocorrências de alçamento	Vocábulo	Ocorrências de alçamento
<i>C[u]mputação</i>	1	<i>Ac[u]stumei</i>	1
<i>C[u]stureira</i>	1	<i>C[u]stumo</i>	1
<i>G[u]rdura</i>	2	<i>C[u]sturando</i>	1
<i>Op[u]rtunidade</i>	2	<i>C[u]sturar</i>	3
Total	6	<i>C[u]sturava</i>	1
		<i>Pr[u]curando</i>	1
		<i>Pr[u]curar</i>	1
		<i>Pr[u]curava</i>	2
		<i>Pr[u]curei</i>	1
		Total	12

Fonte: Elaboração própria.

Além da vogal alta na sílaba seguinte, todas as ocorrências podem ser explicadas pela adjacência de uma consoante dorsal, como em *c[u]stureira* e *pr[u]curar*, e/ou labial, como em *op[u]rtunidade* e *c[u]mputação*. Portanto, nesses casos, o alçamento também pode ser explicado pelo processo de redução vocálica. No entanto, não se nega a influência da vogal alta posterior na aplicação do alçamento de /o/, dados os pesos relativos altos apresentados para nomes e verbos.

De certo modo, em relação ao processo de harmonização vocálica, pode-se comparar a variedade do interior paulista com o falar do Estado do Rio Grande do Sul. No falar gaúcho, Bisol (1981) verificou que a vogal /u/ favorece o alçamento de /o/, mas exerce comportamento inibidor da realização da harmonização vocálica de /e/ (PR 0.39), como apontado pelo programa estatístico para a vogal pretônica /e/ em nomes no dialeto do interior paulista (PR 0.319). A partir desse resultado, Bisol (1981, p. 61) afirma que “não se pode atribuir indiscriminadamente o papel de condicionador da regra da harmonização vocálica à vogal alta, pois tudo indica que o assimilador por excelência da regra de /e/ é a vogal /i/, enquanto na regra de /o/, ambas as vogais desempenham este papel”.

No que tange à presença de vogal média-alta na sílaba subsequente à da pretônica-alvo, em nomes, como em *c[o]ntrole*, esse fator é desfavorecedor do alçamento (PR 0.418) e, em verbos, como em *c[u]nheceu*, favorece a realização do fenômeno (PR 0.649). O resultado obtido na rodada dos verbos não era esperado, pois as vogais médias-altas não funcionam como gatilho ao alçamento. Dessa forma, foram verificados os 103 casos de alçamento de vogal pretônica /o/ seguida por vogal média-alta, arrolados no quadro 13.

Quadro 13 – Ocorrências de alçamento de /o/ com vogal média-alta na sílaba seguinte

Vocábulo	Ocorrências de alçamento	Vocábulo	Ocorrências de alçamento
<i>Alm[u]cei</i>	4	<i>C[u]nheceu</i>	1
<i>Alm[u]çou</i>	1	<i>C[u]nheci</i>	5
<i>B[u]tei</i>	1	<i>C[u]nhecia</i>	4
<i>Ch[u]rei</i>	2	<i>C[u]nserir</i>	1
<i>C[u]meçamos</i>	2	<i>C[u]nversando</i>	1
<i>C[u]meçaram</i>	3	<i>C[u]nversar</i>	3
<i>C[u]meçava</i>	3	<i>C[u]nversava</i>	1
<i>C[u]mecei</i>	30	<i>C[u]nversei</i>	1
<i>C[u]meçou</i>	22	<i>C[u]nversou</i>	1
<i>C[u]mendo</i>	2	<i>C[u]rrendo</i>	1
<i>C[u]mentei</i>	1	<i>Esc[u]rregou</i>	1
<i>C[u]mer</i>	2	<i>P[u]der</i>	2
<i>C[u]mpreende</i>	1	<i>P[u]deria</i>	2
<i>C[u]nhecendo</i>	1	<i>Pr[u]metia</i>	1
<i>C[u]nhecer</i>	3	Total	103

Fonte: Elaboração própria.

Inicialmente, buscou-se observar se essas vogais médias-altas na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, no caso de serem átonas, foram pronunciadas alçadas, o que poderia acarretar o alçamento por meio de harmonização vocálica. No entanto, das 103 ocorrências, houve apenas 7 casos de vogal pretônica /o/ seguida por vogal pretônica alçada: *c[u]m[i]çou* (1 ocorrência), *c[u]nh[i]ci* (2 ocorrências), *c[u]nh[i]cia* (3 ocorrências) e *pr[u]m[i]tia* (1 ocorrência). Nesses casos, o alçamento pode ser explicado por harmonização vocálica.

Todavia, restam 96 ocorrências que não podem ser explicadas por esse processo. Como pode ser constatado a partir do quadro 13, essas ocorrências, bem como as 7 supracitadas, podem ter o alçamento explicado por redução vocálica, já que há uma consoante dorsal e/ou uma consoante labial em posição adjacente à pretônica-alvo. A exceção é o vocábulo *ch[u]rei*, cuja vogal pretônica é antecedida e seguida por consoantes coronais. Entretanto, deve-se notar que, nesse vocábulo, a consoante precedente à pretônica-alvo /o/ é a alveopalatal [ʃ], que apresenta ponto de articulação alto e que, dessa forma, engatilha o processo de redução vocálica da pretônica. Também vale destacar, para os verbos do

paradigma verbal de *c[u]nhecer*, a influência da consoante subsequente palatal, que apresenta ponto de articulação alto.⁵⁸

Portanto, os resultados que apontam as vogais médias-altas como favorecedoras do alçamento de /o/ estão enviesados pela realização de redução vocálica decorrente da influência do(s) ponto(s) de articulação de consoante(s) adjacente(s).

Outro resultado não esperado é o favorecimento do alçamento de /o/ por parte das vogais médias-baixas em nomes, como em *c[u]lega* (PR 0.809). Por consistirem em vogais mais baixas do que as médias-altas, esperava-se que esse contexto fosse desfavorecedor da aplicação do alçamento. Como explicação para esse resultado, verifica-se que, das 40 ocorrências de alçamento de /o/, 31 (77,5%) dizem respeito somente a dois itens (de um mesmo paradigma): *m[u]leque* e *m[u]lequinho*. Esses itens lexicais podem ter seu alçamento explicado por redução vocálica, já que se observa a influência da consoante precedente labial, que, como será apresentado na subseção 4.1.7 deste trabalho, favorece o alçamento de /o/. Dessa maneira, esses itens lexicais enviesam os resultados, que mostram as vogais médias-baixas na sílaba seguinte à da pretônica-alvo como favorecedoras do alçamento de /o/ em nomes.

Quanto à vogal /o/ em verbos, a presença de vogal média-baixa na sílaba subsequente, como em *ac[o]ntece*, desfavorece o alçamento (PR 0.327). Também desfavorece o alçamento da vogal pretônica posterior a presença de vogal baixa em nomes, como em *j[o]rnal* (PR 0.109), e em verbos, como em *pr[o]var* (PR 0.127).

Para se observar a atuação da *tonicidade* da vogal alta que engatilha a aplicação da harmonização vocálica, foi considerada a variável *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, cujos resultados são elucidados a seguir.

4.1.2 Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo

Inicialmente, a variável *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* foi considerada apenas para ser cruzada com a *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, pois não se esperava que a tonicidade por si só – isto é, sem a consideração da altura da vogal – exercesse qualquer tipo de influência na aplicação do alçamento. De qualquer forma, essa variável foi investigada e selecionada pelo

⁵⁸ Além disso, a consoante palatal é considerada um segmento complexo à luz da Fonologia Autossegmental por apresentar um nó de raiz e duas articulações orais de níveis diferentes, com traços vocálicos (nó *vocálico*), ligados sob o nó *pontos de consoante* (MATZENAUER, 1999), o que também pode favorecer o alçamento.

programa estatístico no que tange às pretônicas /e/ e /o/ em nomes, apresentando os resultados expostos nas tabelas 6 e 7:

Tabela 6 – Alçamento de /e/ em nomes em relação à *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*

Pretônica /e/ - Nomes		
	Frequência	PR
Tônica	16,7% (153/914)	0.633
Átona	10% (40/401)	0.225
Total	14,7% (193/1315)	

Input: 0.104
Signif.: 0.001

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que, para /e/, o fator *vogal tônica presente na sílaba seguinte*, como em *dir[e]tora*, mostra-se favorecedor (PR 0.633) do alçamento vocálico. Já a presença de outra vogal átona na sílaba seguinte à da pretônica, como em *dir[e]toria*, mostra-se desfavorecedora (PR 0.225) da aplicação do fenômeno.

Para /o/, foram obtidos resultados semelhantes, como prova a tabela a seguir:

Tabela 7 – Alçamento de /o/ em nomes em relação à *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*

Pretônica /o/ - Nomes		
	Frequência	PR
Tônica	22% (102/464)	0.619
Átona	8,5% (23/270)	0.303
Total	17% (125/734)	

Input: 0.066
Signif.: 0.000

Fonte: Elaboração própria.

A presença de uma vogal tônica na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *c[u]mpridas*, é favorecedora do alçamento (PR 0.619), ao passo que a presença de uma vogal

átona na sílaba subsequente, como em *c[o]mplicado*, desfavorece a aplicação do fenômeno (PR 0.303).

Os resultados dão indícios da importância da tonicidade da vogal alta presente na sílaba seguinte para o alçamento da pretônica /e/ e /o/ em nomes. Resultados mais precisos, porém, são encontrados a partir do cruzamento da *tonicidade* com a variável *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, exibidos na subseção a seguir.

4.1.3 Cruzamento entre *altura e tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*

Para o cruzamento das variáveis *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* e *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, foram realizadas novas rodadas para as vogais médias pretônicas em nomes e em verbos, separadamente. A princípio, foram considerados todos os fatores da variável *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*. Todavia, houve nocautes em todas as rodadas. Após o amálgama de fatores a fim de serem resolvidos esses nocautes, foram observados resultados enviesados pelo maior número de ocorrências em certos fatores e, além disso, a ausência de outros fatores dificultava a realização de uma análise comparativa dos resultados das quatro rodadas. Tendo em vista o objetivo inicial de se observar a (a)tonicidade de vogais *altas*, optou-se, com base nos fatos apresentados, por excluir os fatores referentes às demais alturas das vogais (médias-altas, médias-baixas e baixa).

Deve-se destacar que a variável resultante do cruzamento *altura e tonicidade* foi selecionada nas quatro novas rodadas e, sendo assim, seus resultados são apresentados nas tabelas 8 e 9.

Tabela 8 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação ao cruzamento das variáveis *altura* e *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*⁵⁹

	Pretônica /e/ - Nomes		Pretônica /e/ - Verbos	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Alta anterior tônica	49,5% (91/184)	0.736	62,8% (184/293)	0.609
Alta anterior átona	16,5% (26/158)	0.330	55,2% (48/87)	0.283
Alta posterior tônica	11,9% (5/42)	0.184	/	/
Alta posterior átona	12,5% (1/8)	0.140	34,2% (13/38)	0.214
Total	31,4% (123/392)		58,6% (245/418)	
	Input: 0.264 Signif.: 0.006		Input: 0.505 Signif.: 0.008	

Fonte: Elaboração própria.

Para a vogal pretônica /e/, o fato de ser tônica a vogal /i/ que engatilha o alçamento é bastante relevante, pois foram encontrados pesos relativos altos para a *alta anterior tônica* em nomes, como em *f[i]rída* (PR 0.736), e em verbos, como em *s[i]guía* (PR 0.609), ao passo que foram obtidos pesos relativos baixos para o fator *alta anterior átona* também em nomes, como em *int[e]ligente* (PR 0.330), e em verbos, como em *r[e]gistro* (PR 0.283).

No que diz respeito à vogal-gatilho /u/, sua tonicidade não se mostra relevante para o alçamento de /e/ em nomes, já que tanto o fator *alta posterior tônica*, como em *p[e]rgunta*, quanto o fator *alta posterior átona*, como em *r[e]cuperação*, obtiveram pesos relativos baixos (0.184 e 0.140, respectivamente). Para verbos, essa informação não pode ser avaliada com exatidão, devido à escassez de dados para o fator *vogal alta posterior tônica*. Para esse fator, houve apenas duas ocorrências (formas verbais *p[e]rgunta* e *p[e]rguntam*), sendo que nenhuma apresentou alçamento, resultando em nocaute. Por esse motivo, essas ocorrências foram descartadas. De qualquer maneira, observa-se que a vogal *alta posterior átona*, como em *p[e]rguntou*, mostra-se desfavorecedora do alçamento de /e/ em verbos (PR 0.214).

Em relação à vogal pretônica /o/, os resultados constam na tabela a seguir:

⁵⁹ Nas tabelas 8 e 9, o símbolo “/” indica que as ocorrências previamente existentes foram descartadas devido a nocaute.

Tabela 9 – Alçamento de /o/ em nomes e verbos em relação ao cruzamento das variáveis *altura* e *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*

	Pretônica /o/ - Nomes		Pretônica /o/ - Verbos	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Alta anterior tônica	48,1% (52/108)	0.751	59,3% (48/81)	0.717
Alta anterior átona	12,5% (9/72)	0.226	9,1% (4/44)	0.075
Alta posterior tônica	11,8% (2/17)	0.310	/	/
Alta posterior átona	19% (4/21)	0.310	52,4% (11/21)	0.843
Total	30,7% (67/218)		43,2% (63/146)	
	Input: 0.120 Signif.: 0.047		Input: 0.280 Signif.: 0.003	

Fonte: Elaboração própria.

Para a vogal pretônica /o/, foi encontrado resultado semelhante ao apresentado para a pretônica /e/ no que tange à influência da vogal-gatilho /i/: quando tônica, essa vogal favorece o alçamento em nomes, como em *c[u]mpridas* (PR 0.751), e em verbos, como em *desc[u]brir* (PR 0.717). Quando átona, desfavorece o alçamento também em nomes, como em *m[o]vimento* (PR 0.226), e em verbos, como em *c[o]nsiderava* (PR 0.075).

No que diz respeito à vogal /u/ como gatilho do alçamento da pretônica /o/, para os nomes, a tonicidade dessa vogal não consiste em uma informação relevante, pois o peso relativo do fator *alta posterior tônica*, como em *v[o]lume*, é exatamente o mesmo do fator *alta posterior átona*, como em *c[o]mputador* (PR 0.310). Para os verbos, um resultado que não se esperava encontrar é o grande favorecimento (PR 0.843) da vogal *alta posterior átona* para o alçamento de /o/ em verbos. No entanto, quando observadas as 11 ocorrências, 1 corresponde ao vocábulo *ac[u]stumei*, 5 a verbos do paradigma de *c[u]sturar* e 5 a formas verbais do paradigma de *pr[u]curar*. Todas as ocorrências podem ser explicadas pela influência de consoante adjacente dorsal /k/, ou seja, pelo processo de redução vocálica. Além disso, os 10 últimos dados parecem corroborar a proposta da difusão lexical, pelo fato de o alçamento ocorrer, sobretudo, em vocábulos que apresentam paradigmas em comum. De qualquer forma, o descarte do fator *alta posterior tônica* – pelo nocaute decorrente da existência de apenas 1 ocorrência (alçada): *c[u]stumo* – impossibilita a análise sistemática da tonicidade da vogal /u/ como relevante para a harmonização vocálica da pretônica /o/ em verbos.

Em resumo, constata-se que:

- Os resultados são muito similares para as pretônicas /e/ e /o/;
- A tonicidade da vogal-gatilho /i/ é relevante para a harmonização vocálica;
- Para a vogal-gatilho /u/:
 - a tonicidade não é importante para a harmonização em nomes; e
 - a análise é impossibilitada devido à escassez de dados e consequente eliminação de fatores em verbos.

Sendo a harmonização da vogal pretônica /e/ resultante, sobretudo, da atuação de /i/, como apontado na subseção 4.1.1 deste trabalho, conclui-se que a tonicidade da vogal alta é uma informação importante para a harmonização dessa vogal pretônica. Para ambas as vogais médias pretônicas, no entanto, a tonicidade da vogal alta não é determinante para a realização do processo no interior paulista, visto que há ocorrências de alçamento engatilhado por vogal alta *átona*, o que vai ao encontro das constatações de Bisol (1981) para a variedade gaúcha.

Outra afirmação de Bisol (1981) é a de que a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é um fator obrigatório para a aplicação da harmonização vocálica. Desse modo, investigou-se, neste trabalho, a variável *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*.

4.1.4 Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo

Para essa variável, a princípio, foram considerados três fatores, sendo eles: (i) *vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo*; (ii) *uma sílaba entre as sílabas da vogal pretônica-alvo e a da vogal alta*; e (iii) *duas sílabas entre as sílabas da vogal pretônica e a da vogal alta*. No entanto, não houve ocorrências de /e/ e de /o/ em verbos com distância de duas sílabas entre a pretônica-alvo e a vogal alta. Quanto aos nomes, nas rodadas de /e/ e /o/, foi necessário o amálgama de fatores, por ter sido apontado nocaute no fator *duas sílabas entre a vogal pretônica-alvo e a alta*. Para /e/, houve cinco casos que distavam duas sílabas, a saber: *d[e]legacia*, *irr[e]sponsabilidade*, *pr[e]ferencial*, *r[e]sponsabilidade* e *v[e]getativo*. Para /o/, houve apenas uma única ocorrência, sendo ela: *c[o]leçãozinha*. Nenhuma dessas seis ocorrências apresentou alçamento, resultando, portanto, em nocaute. Dessa maneira, nas rodadas dos nomes, esse fator foi amalgamado com o fator *uma sílaba entre as sílabas da vogal pretônica-alvo e a da vogal alta*. Os resultados dessa variável são apresentados a seguir.

Tabela 10 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação à *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*

	Pretônica /e/ - Nomes		Pretônica /e/ - Verbos	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo	31,4% (123/392)	0.440	58,6% (245/418)	0.420
Uma ou duas sílabas entre a vogal pretônica-alvo e a vogal alta	11,1% (10/90)	0.742	39,5% (17/43)	0.958
Total	27,6% (133/482)		56,8% (262/461)	
	Input: 0.104 Signif.: 0.001		Input: 0.052 Signif.: 0.007	

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à distância, pode-se verificar que o fator *uma ou duas sílabas entre a sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo*, como em *esp[e]táculo* e *d[e]veria*, é o favorecedor do alçamento da pretônica /e/ em nomes (PR 0.742) e, principalmente, em verbos (PR 0.958). Esses resultados são diferentes do esperado e estão enviesados pela pouca quantidade de dados nesse contexto (90 nomes e 43 verbos) em comparação com o maior número de ocorrências de vogal pretônica que apresenta vogal alta na sílaba imediatamente seguinte (392 nomes e 418 verbos), como em *j[e]jum* e *acr[e]dito*.

De qualquer forma, observa-se que as porcentagens de alçamento não apresentam tendência semelhante à das probabilidades. No fator que considera a contiguidade da vogal alta, as porcentagens (31,4% para nomes e 58,56% para verbos) são maiores do que as encontradas para a vogal pretônica que dista uma ou duas sílabas em relação à sílaba da vogal alta (11,1% para nomes e 39,5% para verbos).

Quanto à pretônica /o/, essa variável foi selecionada apenas para os verbos. No que diz respeito a essa classe gramatical, foram obtidos resultados similares aos de /e/, como pode ser verificado por meio da tabela seguinte:

Tabela 11 – Alçamento de /o/ em verbos em relação à *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*

	Pretônica /o/ - Verbos	
	Frequência	PR
Vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo	43,5% (64/147)	0.450
Uma ou duas sílabas entre a vogal pretônica-alvo e a vogal alta	17,1% (12/70)	0.604
Total	35% (76/217)	

Input: 0.050
Signif.: 0.048

Fonte: Elaboração própria.

Assim como nas rodadas da pretônica /e/ em nomes e em verbos, na rodada de /o/ em verbos, o fator *uma ou duas sílabas entre a sílaba da vogal pretônica-alvo e a da vogal alta*, como em *c[o]nheci*, é o fator favorecedor da aplicação do alçamento (PR 0.604), ao passo que a presença de vogal alta na sílaba seguinte, como em *m[o]rri*, é levemente desfavorecedora do fenômeno (PR 0.450). No entanto, a porcentagem maior corresponde ao fator que considera a vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo (43,5%), ao passo que o índice percentual menor corresponde à distância maior entre essas vogais (17,1%).

Bisol (1981) aponta a obrigatoriedade da contiguidade da vogal alta em relação à pretônica-alvo para a aplicação da harmonização vocálica, o que os resultados presentes nas tabelas 10 e 11 parecem, a princípio, refutar. Entretanto, considerando-se as ocorrências de alçamento em vocábulos que apresentam uma sílaba de distância entre a sílaba da pretônica-alvo e a da vogal alta, pode-se observar o seguinte quadro:

Quadro 14 – Ocorrências de vogais pretônicas que distam uma sílaba em relação à sílaba da vogal alta

/e/ - Nomes	Ocorrências	/e/ - Verbos	Ocorrências	/o/ - Verbos	Ocorrências
<i>D[i]spedida</i>	1	<i>D[i]scobri</i>	7	<i>C[u]nheci</i>	5
<i>D[i]spedido</i>	1	<i>D[i]scobrimos</i>	1	<i>C[u]nhecia</i>	4
<i>P[i]queninha</i>	3	<i>D[i]scobrindo</i>	1	<i>P[u]deria</i>	2
<i>P[i]queninho</i>	3	<i>D[i]scobrir</i>	3	<i>Pr[u]metia</i>	1
<i>Pr[i]ferível</i>	1	<i>D[i]scobriram</i>	1		
<i>Trav[i]sseirinho</i>	1	<i>D[i]scobriu</i>	1		
		<i>D[i]sconfiar</i>	1		
		<i>Ob[i]decia</i>	2		
Total	10	Total	17	Total	12

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que, no caso da vogal pretônica /o/ em verbos, todas as ocorrências podem ser explicadas por redução vocálica, por meio da influência de consoante(s) adjacente(s).⁶⁰ Em *c[u]nheci* e *c[u]nhecia*, a consoante dorsal [k] ocupa posição precedente à pretônica-alvo, assim como a consoante labial [p] em *p[u]deria*. Como será visto na subseção 4.1.7, as consoantes dorsais e labiais, em contexto precedente à pretônica /o/ em verbos, exercem influência em prol do alçamento dessa vogal. Em *pr[u]metia*, a consoante labial [m] ocupa a posição imediatamente seguinte à pretônica-alvo, contexto que, como mostrado mais adiante (subseção 4.1.8), também é favorecedor da aplicação do fenômeno. Ainda em contexto seguinte, deve-se destacar a palatal em *c[u]nheci* e *c[u]nhecia*, que, por seu ponto de articulação alto, também pode exercer influência na aplicação do alçamento.

Quanto à vogal pretônica /e/, das 27 ocorrências totais (10 nomes e 17 verbos), 25 apresentam vogais alçadas – ou seja, pronunciadas como alta – na sílaba imediatamente seguinte (destacadas, no quadro, por negrito). Essas vogais alçadas passam a servir de gatilho à aplicação do alçamento da vogal pretônica. As únicas exceções são *trav[i]sseirinho* e *d[i]sconfiar*.

Quanto ao substantivo *trav[i]sseirinho*, Bisol (1981) aponta que, para o dialeto gaúcho, o sufixo *-inho(a)* tende a inibir a realização da harmonização vocálica,⁶¹ por atuar no âmbito da fronteira do vocábulo. Segundo a autora, “não se tratando de mera adjunção de um

⁶⁰ Para a vogal pretônica /o/ em nomes, verifica-se resultado semelhante. Há apenas três ocorrências de um único vocábulo, *m[u]lequinho*, cujo alçamento é explicado pela influência da consoante precedente labial [m].

⁶¹ O sufixo *-zinho(a)*, por sua vez, bloqueia o processo.

sufixo, a harmonização vocálica que só atua no nível da palavra, fica bloqueada pela junção de limite de vocábulo que esses sufixos levam à esquerda” (BISOL, 1981, p. 104-105). Além disso, apesar de não estar presente nos dados levantados por esta pesquisa, a forma *trav[i]sseiro* é encontrada na variedade do interior paulista.

Quanto ao verbo *d[i]sconfiar*, essa ocorrência foi considerada por, no latim, existir *descōfiar*, conforme aponta o dicionário Houaiss, critério utilizado nesta pesquisa no momento da exclusão de ocorrências de vogal pretônica presente em prefixo (cf. subseção 3.4.1.4). Na forma /des-/, consistindo ou não em um prefixo, o alçamento da pretônica /e/ ocorre recorrentemente, mesmo quando não há vogal alta na sílaba seguinte (ou sequer no vocábulo), como em *d[i]spesa*, *d[i]screver* e *d[i]spertou*.

Esses fatos mostram que o alçamento em *trav[i]sseirinho* e *d[i]sconfiar* não ocorre por influência da vogal alta e, portanto, não se trata de harmonização vocálica, mas de redução vocálica.

Desse modo, verifica-se que as 39 ocorrências (10 de /e/ em nomes, 17 de /e/ em verbos e 12 de /o/ em verbos) do quadro 14 apresentam alçamento por outros motivos que não a influência direta da altura da vogal presente com uma sílaba de distância, o que corrobora a afirmação de Bisol (1981) de ser essencial, para a aplicação da harmonização vocálica, a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo.

Apresentam-se, na subseção seguinte, os resultados relativos à variável *grau de atonicidade da pretônica-alvo*.

4.1.5 Grau de atonicidade da pretônica-alvo

Por meio dessa variável, buscou-se testar a hipótese de que a vogal pretônica que se apresenta como tônica em determinadas formas do mesmo paradigma desfavorece o alçamento, enquanto a vogal que permanece átona favorece a aplicação do fenômeno na variedade do interior paulista, como constatado por Bisol (1981) para o dialeto gaúcho.

Os resultados referentes à atuação dos fatores dessa variável no alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 12 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação ao *grau de atonicidade da pretônica-alvo*⁶²

	Pretônica /e/ - Nomes		Pretônica /e/ - Verbos	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Atonicidade permanente	16,6% (182/1099)	0.579	31,3% (99/316)	0.531
Atonicidade variável	5,1% (11/216)	0.166	10,6% (132/1242)	0.473
Atonicidade variável (vogal alta)	---	---	79,4% (50/63)	0.817
Total	14,7% (193/1315)		17,3% (281/1621)	
	Input: 0.104 Signif.: 0.001		Input: 0.052 Signif.: 0.007	

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, essa hipótese foi corroborada: para /e/ em nomes, o fator *aticidade variável*, como em *c[e]rteza*, é desfavorecedor do alçamento (PR 0.166). Para /e/ em verbos, como em *ap[e]lou*, esse fator mostra-se ligeiramente desfavorecedor (PR 0.473). O fator *aticidade permanente*, por outro lado, apresenta comportamento favorecedor da aplicação do fenômeno para /e/ em nomes (PR 0.579), como em *m[i]lhor*, e levemente favorecedor em verbos (PR 0.531), como em *pr[i]cisou*. Na classe gramatical dos verbos, a maior influência a favor do alçamento (PR 0.817) é observada no que tange ao fator *aticidade variável com vogal alta*, como em *m[i]ntia (minto)*, que se relaciona à harmonia vocálica presente em algumas formas verbais de terceira conjugação, processo apresentado na subseção 1.1 deste trabalho.

Para /o/ em verbos, o fator *aticidade variável com vogal alta*, como em *c[u]brindo (cubro)*, apresentou nocaute, pois, das 39 ocorrências, todas alçaram. Possivelmente pela exclusão desse fator, a variável *grau de atonicidade* não foi selecionada como relevante à aplicação do alçamento de /o/ em verbos. Apesar da necessidade de exclusão desse fator e da consequente não-seleção da variável *grau de atonicidade*, a frequência de 100% de alçamento nas 39 ocorrências de pretônica /o/ que se alterna com /u/ tônica em outras formas do mesmo paradigma verbal indica que a presença de harmonia vocálica na raiz favorece a aplicação do alçamento de /o/, assim como ocorre para /e/.

⁶² Nas tabelas 12 e 13, o símbolo “---” indica a ausência de ocorrências.

Trata-se, a partir da tabela seguinte, dos resultados referentes à pretônica /o/ em nomes.

Tabela 13 – Alçamento de /o/ em nomes em relação ao grau de atonicidade da pretônica-alvo

Pretônica /o/ - Nomes		
	Frequência	PR
Atonicidade permanente	20% (118/591)	0.577
Atonicidade variável	4,9% (7/143)	0.217
Atonicidade variável (vogal alta)	---	---
Total	17% (125/734)	

Input: 0.066
Signif.: 0.000

Fonte: Elaboração própria.

O fato de a vogal pretônica ser permanentemente átona, como em *c[u]lega*, é favorecedor do alçamento de /o/ em nomes (PR 0.577). Já o fato de a vogal pretônica poder aparecer como tônica em outras formas do mesmo paradigma, como em *fl[o]rido*, é desfavorecedor do fenômeno (PR 0.217), o que corrobora, também para /o/ na variedade do interior paulista, os resultados de Bisol (1981) sobre essa variável, relativos ao dialeto gaúcho.

O fator *aticidade variável com vogal alta*, que favorece o alçamento de /e/ (79,4% de alçamento e PR 0.817) e de /o/ (100% de alçamento) em verbos, está intimamente ligado à variável *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*, como demonstra a subseção a seguir.

4.1.6 Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre

Como mencionado na subseção 3.4.2 deste trabalho, foi realizada uma rodada extra para cada vogal média pretônica (/e/ e /o/) em verbo, com o intuito de se analisar uma variável relacionada apenas a essa classe gramatical: a *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*.

Tanto na rodada da vogal pretônica /e/ quanto na da pretônica /o/, essa variável foi apontada pelo programa estatístico como relevante à aplicação do alçamento. Portanto, seus resultados são aqui expostos.

Na rodada de /e/, a *conjugação do verbo* foi selecionada como a segunda mais relevante, atrás apenas da variável *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*.⁶³ Na rodada de /o/, a variável *conjugação do verbo* perde importância: foi selecionada como a sexta – e última – variável mais importante, atrás da *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*, *ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo*, *ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo* e *sexo/gênero*.

Para /e/, os resultados desse grupo de fatores constam na tabela 14:

Tabela 14 – Alçamento de /e/ em verbos em relação à *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*

Pretônica /e/ - Verbos		
	Frequência	PR
1ª conjugação	7,9% (80/1014)	0.400
2ª conjugação	20,6% (100/485)	0.493
3ª conjugação	82,8% (101/122)	0.970
Total	17,3% (281/1621)	

Input: 0.042
Signif.: 0.036

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, a terceira conjugação, como em *p[i]dir*, é altamente favorecedora do alçamento da vogal /e/, com PR 0.970. Por sua vez, a segunda conjugação, como em *m[i]xiam*, é neutra em relação à aplicação do fenômeno, com PR 0.493. Finalmente, a primeira conjugação, como em *com[e]cei*, mostra-se desfavorecedora do alçamento, com PR 0.400. Explicam o comportamento de verbos de terceira conjugação: (i) a presença de vogal temática /i/; (ii) a presença de sufixos verbais /-i/ e /-ia/, os quais, como apontado por Carmo (2009), são favorecedores do alçamento na variedade do interior paulista;⁶⁴ e (iii) o

⁶³ As outras variáveis selecionadas para o alçamento de /e/, nessa rodada, foram, em ordem decrescente: *ponto de articulação da consoante precedente*, *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*, *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*, *escolaridade*, *ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo*, *faixa etária* e *grau de atonicidade da pretônica-alvo*.

⁶⁴ Segundo a autora, o sufixo modo-temporal de futuro do pretérito /-ria/, por sua vez, mostra-se fortemente desfavorecedor da aplicação do alçamento vocálico nas vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do

fato de alguns verbos de terceira conjugação sofrerem harmonia vocálica na raiz verbal. Tais informações parecem exercer grande influência em prol da aplicação do alçamento vocálico, dado o resultado relativo à terceira conjugação.

No que diz respeito à vogal pretônica /o/, houve nocaute no fator *terceira conjugação*, pois nenhuma das 41 ocorrências alçou. Vale lembrar que, na rodada anterior (sem a variável *conjugação do verbo*), houve nocaute no fator *atonicidade variável com vogal alta* da variável *grau de atonicidade da pretônica-alvo*, pois houve 39 ocorrências, todas alçadas. Como citado na subseção 4.1.5, esse fator relaciona-se à presença de harmonia vocálica na raiz verbal de terceira conjugação; logo, essas 39 ocorrências correspondem a verbos de terceira conjugação, mais precisamente a formas de apenas três paradigmas: *c[u]brir*, *desc[u]brir* e *d[u]rmir*. Dessa maneira, não se pode interpretar a ausência de alçamento nas 41 ocorrências de verbos de terceira conjugação como indício de desfavorecimento do alçamento por parte desse fator, já que 39 ocorrências de terceira conjugação, todas alçadas, haviam sido previamente excluídas devido a nocaute em fator de outra variável. Por ora, vale notar que, a partir dessas 80 ocorrências totais de pretônica /o/ em verbos de terceira conjugação, sendo 39 com alçamento e 41 sem alçamento, a porcentagem de aplicação do fenômeno para o fator referente a essa conjugação seria de 48,75%.

Após a exclusão do fator *terceira conjugação*, a rodada pôde prosseguir, proporcionando os seguintes resultados para a pretônica /o/:

Tabela 15 – Alçamento de /o/ em verbos em relação à *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*

Pretônica /o/ - Verbos		
	Frequência	PR
1ª conjugação	11,2% (100/892)	0.449
2ª conjugação	25,6% (73/285)	0.656
Total	14,7% (173/1177)	

Input: 0.028

Signif.: 0.004

Fonte: Elaboração própria.

A segunda conjugação verbal favorece o alçamento da pretônica /o/ (PR 0.656), o que pode ser explicado pela presença, também nessa conjugação, de sufixos verbais que apresentam vogal alta, como em *p[u]dia* e *s[u]fri*. A primeira conjugação, como em *pr[o]gramou*, é ligeiramente desfavorecedora do alçamento de /o/ (PR 0.449).

Cabe ressaltar, porém, que a porcentagem de alçamento da terceira conjugação (48,75%) é maior do que as porcentagens de alçamento em verbos de segunda (25,6%) e de primeira (11,2%) conjugações, o que fornece indícios de a terceira conjugação ser a verdadeira favorecedora do alçamento de /o/, assim como ocorre em relação à pretônica /e/.

Após a apresentação dos resultados das variáveis vinculadas aos processos de *harmonização* e/ou *harmonia vocálica*, apresentam-se, nas duas subseções seguintes, variáveis que fornecem evidências acerca do processo de redução vocálica: *ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo* e *ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo*.

4.1.7 Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo

Em relação ao ponto de articulação da consoante *precedente* à vogal pretônica, essa variável foi selecionada como relevante apenas à pretônica /o/, em nomes e em verbos. Os resultados tangentes a essa variável são apresentados a seguir:

Tabela 16 – Alçamento de /o/ em nomes e verbos em relação ao *ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo*

	Pretônica /o/ - Nomes		Pretônica /o/ - Verbos	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Coronal	7% (18/258)	0.248	4,1% (11/266)	0.122
Dorsal	13,5% (35/260)	0.505	16,8% (112/667)	0.596
Labial	33,3% (72/216)	0.786	17,5% (50/285)	0.717
Total	17% (125/734)		14,2% (173/1218)	
	Input: 0.066 Signif.: 0.000		Input: 0.050 Signif.: 0.048	

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que a presença de consoante labial, como em *b[u]né* e *alm[u]çar*, mostra-se favorecedora da aplicação do alçamento de /o/ em nomes e verbos (PRs 0.786 e 0.717, respectivamente). Já a consoante dorsal favorece o alçamento apenas em verbos (PR 0.596), como em *c[u]meçamos*, e é neutra em nomes (PR 0.505), como em *g[o]verno*. Por fim, a consoante coronal, como em *n[o]rma* e *s[o]correr*, mostra-se desfavorecedora em ambas as classes gramaticais (PRs 0.248 para nomes e 0.122 para verbos).

A influência das consoantes labial e dorsal a favor do alçamento já era esperada, pelo fato de a vogal /o/ consistir em uma vogal labial e dorsal e, por esse motivo, as consoantes com esses pontos de articulação atuarem como contextos favorecedores do alçamento vocálico, segundo o Princípio de Similaridade proposto por Hucheson (1973), que, como apresentado neste trabalho, afirma que os processos de assimilação tendem a ocorrer entre segmentos similares em relação à composição de traços.

A seguir, verifica-se a influência do ponto de articulação da consoante *seguinte* à pretônica-alvo.

4.1.8 Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo

Os resultados obtidos para a pretônica /e/ em relação ao ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo constam na tabela 17:

Tabela 17 – Alçamento de /e/ em nomes e verbos em relação ao *ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo*

	Pretônica /e/ - Nomes		Pretônica /e/ - Verbos	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Coronal	14,1% (134/951)	0.479	21,4% (226/1054)	0.542
Dorsal	28,3% (43/152)	0.804	12,1% (46/380)	0.562
Labial	7,5% (16/212)	0.347	4,8% (9/187)	0.190
Total	14,7% (193/1315)		17,3% (281/1621)	
	Input: 0.104 Signif.: 0.001		Input: 0.052 Signif.: 0.007	

Fonte: Elaboração própria.

Primeiramente, deve-se destacar o resultado apontado pelo programa estatístico de apenas a consoante *seguinte* influenciar a aplicação do alçamento de /e/. Dessa constatação e diante dos resultados concernentes à harmonização vocálica apresentados em subseções anteriores, pode-se inferir que o alçamento da vogal pretônica /e/ é resultado, sobretudo, de harmonização vocálica e, nos casos de redução, verifica-se a influência da consoante *subsequente*.

Nessa posição, constata-se que a consoante coronal, como em *n[e]nê*, mostra-se neutra em relação ao alçamento para nomes, por apresentar um PR próximo ao ponto neutro (0.479). Para /e/ em verbos, como em *com[i]çou*, a consoante coronal seguinte é ligeiramente favorecedora do fenômeno (PR 0.542).

A consoante seguinte dorsal tanto em nomes, como em *p[i]queno*, quanto em verbos, como em *ap[i]guei*, é favorecedora do alçamento (PRs 0.804 e 0.562, respectivamente), apesar de a vogal /e/ não constituir uma vogal dorsal e, portanto, não estar em jogo o Princípio de Similaridade (HUTCHESON, 1973). Esse resultado pode ser justificado pelo fato de, dentre as consoantes dorsais, estarem presentes as velares, que apresentam um ponto de articulação alto, favorecendo, assim, a realização do alçamento.

Já a consoante labial, como em *r[e]ública* e *l[e]vou*, é desfavorecedora do alçamento de /e/ em nomes e em verbos, com PRs 0.347 e 0.190, respectivamente. Esse resultado era esperado, pelo fato de a vogal /e/ não apresentar o traço de labialidade.

Para a pretônica /o/, selecionada apenas na rodada dos verbos, os resultados são apresentados na tabela seguinte:

Tabela 18 – Alçamento de /o/ em verbos em relação ao *ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo*

Pretônica /o/ - Verbos		
	Frequência	PR
Coronal	11,3% (81/717)	0.464
Dorsal	7,6% (11/144)	0.149
Labial	22,7% (81/357)	0.730
Total	14,2% (173/1218)	

Input: 0.050

Signif.: 0.048

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à pretônica /o/ em verbos, a consoante coronal, como em *ch[o]rando*, mostra-se neutra em relação à realização do alçamento (PR 0.464).

A consoante labial, como em *c[u]meçou*, por sua vez, é favorecedora da aplicação do fenômeno (PR 0.730), o que era esperado, pois, conforme afirma Bisol (1981), consoantes labiais favorecem o alçamento de /o/ por /u/ ser mais labializado do que /o/, o que vai ao encontro, novamente, do Princípio de Similaridade (HUTCHESON, 1973).

No entanto, com base nesse mesmo princípio, não se esperava que a consoante dorsal, como em *j[o]gar*, apresentasse comportamento desfavorecedor do alçamento (PR 0.149). Esse resultado parece estar enviesado pelo fato de haver apenas 144 ocorrências totais de vogal pretônica /o/ seguida por consoante dorsal, o que corresponde a menos de 11,8% do total de casos (1218).

Cabe ressaltar que, do modo como foram organizadas, sem a exclusão dos contextos em que há vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica, as variáveis referentes ao ponto de articulação das consoantes revelam a influência desses segmentos não somente sobre as vogais pretônicas que não apresentam vogal alta na sílaba seguinte, como em *par[i]cendo*, mas também sobre as pretônicas que estão sujeitas à harmonização vocálica por meio da presença de uma vogal alta na sílaba subsequente, como em *qu[i]ria*.

Buscando-se verificar, especificamente, o modo de atuação do processo de *redução vocálica*, ou seja, dos casos de alçamento que não podem ser explicados por harmonização vocálica, foram excluídos, de todos os dados de alçamento levantados, aqueles em que havia (i) uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica alçada, como em *p[i]rigo* e *c[u]sturar*, ou (ii) outra vogal alçada na sílaba seguinte, como em *ob[i]d[i]cia* e *pr[u]m[i]tia*. Inicia-se essa exposição com os dados correspondentes à vogal pretônica /e/:

Quadro 15 – Ocorrências de alçamento de /e/ que não podem ser explicadas por harmonização vocálica

Vocábulo	Alçamento	Total
<i>Acont[i]ceu</i>	7	43
<i>Ap[i]guei</i>	1	3
<i>Com[i]çou</i>	1	52
<i>Conh[i]cendo</i>	1	2
<i>D[i]sconfiar</i>	1	1
<i>D[i]scontar</i>	2	2
<i>D[i]screver</i>	1	1
<i>D[i]smaiei</i>	1	1
<i>D[i]spertou</i>	3	3
<i>D[i]spesa</i>	2	2
<i>D[i]spesas</i>	1	1
<i>Fut[i]bol</i>	2	2
<i>M[i]lhor</i>	2	18

<i>Par[i]cendo</i>	1	1
<i>P[i]quena</i>	9	9
<i>P[i]quenas</i>	1	1
<i>P[i]queno</i>	9	9
<i>P[i]quenos</i>	1	1
<i>Perc[i]besse</i>	1	1
<i>Prof[i]ssor</i>	2	5
<i>Prof[i]ssora</i>	5	10
<i>S[i]nhor</i>	11	18
<i>S[i]nhora</i>	11	11
<i>S[i]nhoras</i>	1	1
<i>T[i]soura</i>	1	1
<i>T[i]soureiro</i>	3	3
<i>Trav[i]sseirinho</i>	1	1

Fonte: Elaboração própria.

Vale lembrar que, estatisticamente, apenas o ponto de articulação da consoante *seguinte* à pretônica-alvo /e/ (em nomes e verbos) foi selecionado como relevante à aplicação do alçamento. Os PRs – apresentados na Tabela 17 – mostram uma atuação favorecedora por parte da consoante dorsal, que, como citado, engloba as consoantes velares, com ponto de articulação alto.

Todavia, analisados os 27 dados cuja explicação se baseia apenas na redução vocálica (não englobando os casos de harmonização), nota-se uma influência maior por parte das consoantes *coronais* (destacadas em amarelo) tanto em posição precedente quanto seguinte, o que confirma o Princípio de Similaridade proposto por Hatcheson (1973), tendo em vista o fato de /e/ ser uma vogal coronal. Verifica-se que, dos 27 vocábulos (correspondentes a 82 ocorrências de alçamento) do quadro, 22 (61 ocorrências, ou seja, 74,4% do total) podem ter o alçamento da pretônica anterior influenciado por uma ou mais consoantes coronais adjacentes a essa vogal.⁶⁵ Apenas 5 vocábulos (que correspondem a 21 ocorrências ou 25,6% do total) não podem ter seu alçamento influenciado pela presença dessa consoante, a saber: *ap[i]guei*,

⁶⁵ Cabe destacar que, desses 22 vocábulos, 5 (correspondentes a 26 ocorrências) apresentam também uma consoante adjacente coronal *palatal*, que tem ponto de articulação alto. Além disso, segundo a Fonologia Autossegmental, trata-se de um segmento complexo, apresentando o nó vocálico, o que pode favorecer o alçamento.

p[i]quena, p[i]quenas, p[i]queno e p[i]quenos. Esses casos podem ser explicados pela presença de consoante seguinte velar [g] ou [k], que apresenta ponto de articulação alto.

O quadro a seguir apresenta as vogais médias pretônicas /o/ alçadas cujo fenômeno não pode ser explicado por harmonização vocálica:

Quadro 16 – Ocorrências de alçamento de /o/ que não podem ser explicadas por harmonização vocálica

Vocábulo	Alçamento	Total			
A <u>[u]</u> mpanhar	1	2	C[u]nhecer	3	7
A <u>[u]</u> nchego	1	1	C[u]nheceu	1	1
Al <u>[u]</u> çado	1	1	C[u]nhecia	1	5
Al <u>[u]</u> çar	1	1	C[u]nserir	1	1
Al <u>[u]</u> cei	4	4	C[u]nserto	2	2
Al <u>[u]</u> çou	1	1	C[u]nversando	1	15
B <u>[u]</u> né	1	3	C[u]nversar	3	22
B <u>[u]</u> tei	1	1	C[u]nversava	1	6
Ch <u>[u]</u> rei	2	7	C[u]nversei	1	4
C[u]bertor	2	2	C[u]nversou	1	12
C[u]lega	4	18	C[u]rrendo	1	19
C[u]meça	1	7	Cot[u]velo	1	1
C[u]meçamos	2	3	Esc[u]regou	1	1
C[u]meçaram	3	6	J[u]sé	4	4
C[u]meçava	3	7	M[u]lecada	2	2
C[u]mecei	30	51	M[u]leque	28	28
C[u]meço	1	6	M[u]lequinho	3	3
C[u]meçou	21	52	M[u]mento	1	10
C[u]mendo	2	2	Nam[u]rado	1	5
C[u]mentei	1	5	Nam[u]rar	1	18
C[u]mer	2	11	P[u]der	2	8
C[u]mpadre	2	2	P[u]deria	2	5
C[u]nhece	1	4	P[u]lenta	1	1
			S[u]ssegado	2	2

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se verificar que, assim como atestado para a vogal pretônica /e/, para /o/, a maioria dos dados de redução vocálica é favorecida por consoante que apresenta o mesmo ponto de articulação da vogal, ou seja, no caso da vogal /o/, labial (destacado em verde) ou dorsal (destacado em vermelho), o que vai ao encontro do Princípio de Similaridade (HUTCHESON, 1973).

O quadro 16 mostra 47 vocábulos com alçamento (correspondentes a 153 ocorrências), dos quais 44 (145 ocorrências, ou seja, 94,8% do total) podem ser explicados pela presença de

uma ou mais consoantes adjacentes labial(is), como *m[u]mento*, dorsal(is), como *c[u]rrendo*, ou ambas, como *c[u]mer*. Em 10 desses 44 itens lexicais, as consoantes dorsais são as únicas favorecedoras da redução vocálica, como em *c[u]nserir*, não somente pelo Princípio de Similaridade (HUTCHESON, 1973), mas também pelo ponto de articulação alto das velares. Apesar disso, o ponto de articulação em termos de posição ântero-posterior atua com frequência maior, o que pode ser constatado pela influência da consoante labial, como em *b[u]né*, que engatilha o alçamento em um número maior de ocorrências (16). Por fim, 18 dados podem ser explicados pela influência concomitante de consoante dorsal (precedente) e de consoante labial (seguinte), como em *c[u]bertor*.

Confirma-se, portanto, para a vogal pretônica /o/, o resultado do programa estatístico Goldvarb X que aponta a consoante *labial* como a mais favorecedora da aplicação do alçamento, tanto em posição precedente (PRs 0.786 para nomes e 0.717 para verbos) quanto subsequente (PR 0.730 para verbos). A consoante dorsal, por sua vez, apresenta resultados estatísticos mais irregulares: em posição precedente, é neutra em nomes (PR 0.505) e favorecedora em verbos (PR 0.596). Em posição seguinte, é desfavorecedora em verbos (PR 0.149), resultado justificado pelo número baixo de ocorrências de pretônica /o/ nesse contexto.

Dos 47 vocábulos apresentados no quadro 16, restam 3 (8 ocorrências), que apresentam pretônica /o/ alçada e consoantes coronais adjacentes a essa vogal: *ch[u]rei*, *J[u]sé* e *s[u]ssegado*. Como já observado, consoantes coronais não favorecem a aplicação do alçamento da vogal pretônica posterior. Porém, em *ch[u]rei* e *J[u]sé*, o alçamento pode ser motivado pela presença de consoante precedente alveopalatal ([ʃ] ou [ʒ], respectivamente), que apresenta ponto de articulação alto. *S[u]ssegado*, com 2 ocorrências, com consoante coronal alveolar em posição adjacente à pretônica posterior alçada, consiste em um item lexical que não tem elementos estruturais favorecedores da aplicação do alçamento, vide a presença de consoantes com ponto de articulação baixo e ausência de vogal alta na sílaba seguinte.⁶⁶ Esse dado indicia que a hipótese neogramática não consegue elucidar todos os casos de alçamento vocálico, apontando para a abordagem difusionista para a explicação dos dados. Corrobora essa afirmação o fato de que, apesar de não constarem no conjunto de ocorrências levantadas nesta pesquisa, vocábulos do mesmo paradigma, como *sossego*,

⁶⁶ Ressalta-se que a vogal pretônica /e/ seguinte é realizada como média-alta – *s[u]ss[e]gado* – e, portanto, não constitui gatilho para harmonização vocálica do /o/ precedente.

sossegar e *sossegando*, também são encontrados na variedade do interior paulista com suas vogais médias pretônicas /o/ alçadas, ou seja, *s[u]ssego*, *s[u]ssegar* e *s[u]ssegando*.

Nos quadros 15 e 16, notam-se muitos casos de alçamento em itens lexicais que compartilham um mesmo paradigma. Seguindo o exemplo de Klunck (2007) para a variedade de Porto Alegre, pode-se separar esses casos de redução da vogal média pretônica na variedade do interior paulista em *grupos de palavras* e *palavras isoladas*.⁶⁷ Como já apresentado, na variedade gaúcha, a autora aponta que o alçamento de /e/ ocorre de forma esporádica, ao passo que o fenômeno em /o/ ocorre em palavras do mesmo paradigma, o que indica difusão lexical. Para a variedade do interior paulista (cf. ANEXO B), pode-se afirmar que, da mesma forma que para o dialeto gaúcho, o processo de redução vocálica se dá predominantemente em vocábulos de um mesmo paradigma (classificados como *Grupos*), especialmente para a pretônica /o/, em que foram observados 16 itens lexicais classificados como *palavras isoladas* e 31 classificados em 9 *grupos* de acordo com os paradigmas aos quais pertencem. Esse resultado assemelha-se aos obtidos na variedade gaúcha, indicando que o processo de redução da vogal média pretônica também na variedade do interior paulista pode ser explicado de acordo com os princípios teóricos da difusão lexical, como constatado por Bisol (2009) para a variedade gaúcha. Como mencionado neste trabalho, a autora defende que a redução vocálica é um processo difusionista, pois não apresenta um condicionador fonético específico.

Descritos os resultados referentes ao processo de redução vocálica, descrevem-se, na subseção que se inicia, os resultados relativos à estrutura da sílaba.

4.1.9 Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre

Apesar de, a princípio, serem considerados sete fatores para a variável *estrutura da sílaba* (apresentados na subseção 3.3.1.8 deste trabalho), foram necessários alguns amálgamas, o que resultou na consideração final de apenas quatro fatores, apresentados logo adiante.

Nos dados levantados, foram encontradas 15 ocorrências de /e/ (em verbos) presentes em sílaba com estrutura *ataque complexo + rima (núcleo + coda nasal)*, bem como 4 casos de /e/ (3 em nomes e 1 em verbo) e 8 casos de /o/ (3 em nomes e 5 em verbos) em sílaba com

⁶⁷ As ocorrências organizadas de acordo com suas classificações são apresentadas no ANEXO B do presente trabalho.

ataque + rima complexa (núcleo + coda complexa) que não apresentam alçamento, resultando, portanto, em nocautes durante a rodada no programa estatístico. Por contarem com um elemento nasal em coda, foram amalgamados com as ocorrências presentes em sílaba com *ataque + rima (núcleo + coda nasal)*.

Verificaram-se, também, 6 ocorrências de /e/ (2 em nomes e 4 em verbos) em sílaba com *ataque complexo + rima (núcleo + coda sem ser nasal)*, as quais não apresentam alçamento. Essa estrutura silábica, portanto, foi amalgamada com *ataque + rima (núcleo + coda sem ser nasal)*, por ambas apresentarem sílaba travada por elemento não-nasal.

Na rodada de /o/ em nomes, houve 110 ocorrências do fator *ataque complexo + rima (núcleo)*, sendo que nenhuma apresentou alçamento. Amalgamou-se, então, esse fator ao *ataque + rima (núcleo)*, pois ambos correspondem a sílabas sem preenchimento de coda.

Realizados os amálgamas, as rodadas puderam prosseguir. Essa variável foi selecionada apenas para os verbos. Os resultados são expressos nas tabelas 19 e 20.

Tabela 19 – Alçamento de /e/ em verbos em relação à *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*

	Pretônica /e/ - Verbos	
	Frequência	PR
<i>ataque + rima (núcleo)</i>	16,6% (182/1097)	0.608
<i>ataque (complexo ou não) + rima (núcleo + coda nasal ou coda complexa apresentando elemento nasal)</i>	7% (14/199)	0.171
<i>ataque (complexo ou não)+ rima (núcleo + coda sem ser nasal)</i>	13,4% (27/201)	0.256
<i>ataque complexo + rima (núcleo)</i>	46,8% (58/124)	0.592
Total	17,3% (281/1621)	

Input: 0.052
Signif.: 0.007

Fonte: Elaboração própria.

No que tange à *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*, verifica-se que, para /e/ em verbos, sílaba travada desfavorece o alçamento, especialmente a travada por elemento nasal (PR 0.171), como em *ent[e]ndia*. Sílaba aberta, seja sem ataque complexo, como em *par[i]cia*, ou com ataque complexo, como em *pr[i]cisava*, mostra-se favorecedora da aplicação do alçamento (PRs 0.608 e 0.592, respectivamente).

Os resultados referentes à vogal /o/ em verbos são similares, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 20 – Alçamento de /o/ em verbos em relação à *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*

	Pretônica /o/ - Verbos	
	Frequência	PR
<i>ataque + rima (núcleo)</i>	21,4% (145/677)	0.758
<i>ataque (complexo ou não) + rima (núcleo + coda nasal ou coda complexa apresentando elemento nasal)</i>	4,6% (15/323)	0.147
<i>ataque (complexo ou não) + rima (núcleo + coda sem ser nasal)</i>	3,9% (7/181)	0.194
<i>ataque complexo + rima (núcleo)</i>	16,2% (6/37)	0.813
Total	14,2% (173/1218)	

Input: 0.050
Signif.: 0.048

Fonte: Elaboração própria.

Como, para /e/ e para /o/, a *estrutura da sílaba* foi selecionada apenas para os verbos, pode-se dizer que essa variável não desempenha papel relevante no alçamento das vogais médias pretônicas na classe gramatical dos nomes.

Assim como para /e/, para /o/, sílabas com elemento em coda são desfavorecedoras do alçamento, seja esse elemento não-nasal (PR 0.194), como em *ac[o]rdei*, ou (e principalmente) nasal (PR 0.147), como em *ac[o]ntece*. A sílaba constituída por *ataque + rima (núcleo)*, como em *s[u]fri*, é favorecedora do alçamento (PR 0.758), assim como a sílaba que contém *ataque complexo + rima (núcleo)*, como em *patr[o]cine* (PR 0.813).

* * * * *

Foram expostos os resultados das variáveis *linguísticas* selecionadas como relevantes para o comportamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. As variáveis *sociais*, de modo geral, não se mostraram tão importantes quanto as variáveis linguísticas para o alçamento das vogais médias pretônicas. De qualquer forma, alguns resultados relativos às variáveis sociais foram selecionados pelo programa estatístico e passam, agora, a ser exibidos.

4.1.10 *Sexo/gênero*

No tangente à variável *sexo/gênero*, selecionada apenas para a vogal pretônica /o/ em verbos, mostra-se a tabela a seguir:

Tabela 21 – Alçamento de /o/ em verbos em relação ao *sexo/gênero*

Pretônica /o/ - Verbos		
	Frequência	PR
Feminino	11,8% (79/668)	0.422
Masculino	17,1% (94/550)	0.595
Total	14,2% (173/1218)	

Input: 0.050
Signif.: 0.048

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 21 mostra que os homens aplicam mais frequentemente o alçamento (17,1%) da pretônica /o/ em verbos do que as mulheres (11,8%). Em termos de probabilidade, verifica-se que o alçamento é favorecido pelo fator *sexo/gênero masculino* (PR 0.595), ao passo que é desfavorecido pelo fator *sexo/gênero feminino* (PR 0.422).

Como mencionado na subseção 1.4 deste trabalho, as pesquisas sociolinguísticas têm observado um padrão de comportamento distinto por parte de homens e de mulheres. De modo geral, as mulheres evitam o uso da forma estigmatizada (CHAMBERS, 2009 [1995]; LABOV, 2003), enquanto os homens apresentam maior probabilidade de utilização dessa variante. Dessa forma, o fato de o alçamento da vogal pretônica /o/ em verbos na variedade do

interior paulista ocorrer com maior probabilidade na fala de homens do que na de mulheres parece indicar que o alçamento de /o/ em verbos é estigmatizado socialmente.

Apesar disso, essa afirmação deve ser feita de forma cautelosa, pelo fato de ambos os PRs serem relativamente próximos a 0.5. A análise desse resultado poderia ser refinada por meio da consideração da variável *classe social* ou *renda familiar*, tendo em vista a afirmação de Labov (2003) de que as mulheres pertencentes especificamente à segunda classe social mais elevada são as mais conservadoras no que diz respeito à utilização da forma inovadora – no caso deste trabalho, o alçamento da vogal pretônica.

Por ora, destaca-se a seleção da variável *sexo/gênero* somente para /o/ em verbos, resultado que fornece indícios de que não há estigma em relação ao alçamento da vogal pretônica /e/ (seja em nomes ou verbos), tampouco no que diz respeito ao alçamento da vogal pretônica /o/ em nomes.

Outra variável social considerada foi a *faixa etária*, cujos resultados são mostrados na subseção seguinte.

4.1.11 Faixa etária

Os resultados relativos a essa variável, selecionada apenas para a vogal /e/ em verbos, são registrados na seguinte tabela:

Tabela 22 – Alçamento de /e/ em verbos em verbos em relação à *faixa etária*

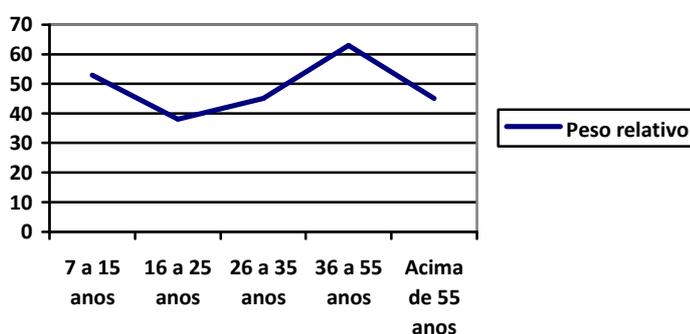
	Pretônica /e/ - Verbos	
	Frequência	PR
7 a 15 anos	15,4% (50/325)	0.534
16 a 25 anos	14,9% (47/315)	0.378
26 a 35 anos	12% (30/249)	0.446
36 a 55 anos	21,3% (90/423)	0.633
Acima de 55 anos	20,7% (64/309)	0.449
Total	17,3% (281/1621)	

Input: 0.052
Signif.: 0.007

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, a faixa etária que mais favorece o alçamento é a de 36 a 55 anos (PR 0.633). Em segundo lugar, favorece levemente o alçamento a faixa etária mais jovem, ou seja, dos 7 aos 15 anos (PR 0.534). As outras faixas etárias mostram-se levemente desfavorecedoras do alçamento, com PRs 0.378, 0.446 e 0.449 para, respectivamente, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos e acima de 55 anos. De modo geral, as diferentes faixas etárias apresentam PRs relativamente próximos de 0.5 (50, no gráfico 6), como representado a seguir:

Gráfico 6 – Peso relativo de acordo com a faixa etária



Fonte: Elaboração própria.

Pode-se dizer que, com a oscilação do valor do PR próxima ao ponto neutro, os resultados obtidos não permitem a afirmação de que o fenômeno de alçamento vocálico da vogal /e/ em verbos se encontre em mudança. A ausência de um padrão linear de alçamento de acordo com a faixa etária indica ser esse fenômeno um caso de *variação estável*, já que jovens e velhos apresentam comportamentos semelhantes e divergem das faixas etárias intermediárias.

Quanto à vogal /e/ em nomes e à vogal /o/ em nomes e verbos, como já comentado neste trabalho, o fato de a variável *faixa etária* não ter sido selecionada como relevante à realização do alçamento aponta que esse fenômeno, nesses casos, também se encontra em *variação estável*.

4.1.12 Escolaridade

Por fim, no que tange à variável social *escolaridade*, são apresentados os resultados na tabela 23:

Tabela 23 – Alçamento de /e/ em verbos em relação à *escolaridade do informante*

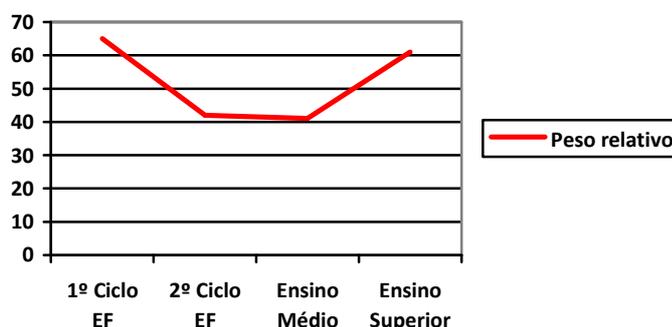
Pretônica /e/ - Verbos		
	Frequência	PR
1º Ciclo do Ensino Fundamental	21,1% (43/204)	0.647
2º Ciclo do Ensino Fundamental	12,8% (63/494)	0.421
Ensino Médio	17,1% (81/475)	0.412
Ensino Superior	21% (94/448)	0.612
Total	17,3% (281/1621)	

Input: 0.052
Signif.: 0.007

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que o grau de escolaridade considerado mais baixo – o 1º ciclo do Ensino Fundamental – é o mais favorecedor da aplicação do alçamento, com PR 0.647. O grau de escolaridade mais alto – o Ensino Superior – também favorece o alçamento, com PR 0.612. Os níveis intermediários de escolaridade – o 2º ciclo do Ensino Fundamental e o Ensino Médio – mostram-se desfavorecedores da realização do fenômeno (PR 0.421 e 0.412).

Os diferentes pesos relativos de acordo com cada nível de escolaridade podem ser visualizados a partir do gráfico 7:

Gráfico 7 – Peso relativo de acordo com a escolaridade

Fonte: Elaboração própria.

Por meio do gráfico, constata-se que os pesos relativos para cada grau de escolaridade não apresentam um padrão linear, visto que não diminuem nem aumentam uniformemente com o decorrer da escolaridade. Sendo assim, não se pode afirmar que os anos de estudo formal exercem influência na aplicação do alçamento da pretônica /e/ em verbos na variedade do interior paulista, mesmo com a seleção efetuada pelo programa estatístico.

Na subseção seguinte, são retomados os resultados principais da análise quantitativa das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista.

4.1.13 Considerações: as vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista segundo a Teoria da Variação e Mudança Linguística

Em estudos anteriores acerca das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, Silveira (2008) e Carmo (2009) observaram diferentes comportamentos dessas vogais respectivamente em nomes e em verbos. Para os *nomes*, foi apontada a *redução vocálica* como o processo mais importante para a aplicação do alçamento, enquanto a *harmonização* atuava apenas em alguns casos (SILVEIRA, 2008). Para o alçamento das vogais médias pretônicas em *verbos*, de modo distinto, verificou-se que a maioria dos casos de alçamento era explicada pela *harmonização vocálica* (CARMO, 2009).

A partir dos resultados obtidos pelas autoras, a presente pesquisa objetivou a realização de uma investigação sistemática das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, considerando ambas as classes gramaticais e analisando-as de acordo com os mesmos grupos de fatores, o que não foi realizado nos estudos anteriores. Um dos propósitos desta pesquisa era confirmar ou, eventualmente, refutar essa constatação inicial de que há um

comportamento diferenciado por parte das vogais médias pretônicas conforme a classe gramatical.

Uma rodada inicial dos dados, com todas as ocorrências, revelou a não-seleção da variável *classe gramatical* pelo programa estatístico, fornecendo indício de que esta não é uma informação importante para a realização do alçamento vocálico. Para a confirmação desse resultado, foram efetuadas quatro rodadas distintas:

- ✓ Pretônica /e/ em nomes;
- ✓ Pretônica /e/ em verbos;
- ✓ Pretônica /o/ em nomes; e
- ✓ Pretônica /o/ em verbos.

Excluídos os contextos listados na subseção 3.4.1 desta tese, as taxas de alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista observadas no presente trabalho são relativamente baixas: 16,1% para /e/ e 16,6% para /o/. Possíveis justificativas para esses baixos índices de alçamento são a escolaridade alta dos indivíduos da região de São José do Rio Preto e a presença numericamente maior de falantes do sexo feminino nessa comunidade de fala, que tendem a evitar o uso de formas linguísticas estigmatizadas (cf. subseção 1.4).

No entanto, deve-se ressaltar que, quando verificadas as variáveis sociais *escolaridade* e *sexo/gênero*, assim como a *faixa etária*, não foi observada influência significativa desses grupos de fatores em relação ao alçamento das vogais médias pretônicas no interior paulista. Quando selecionadas como relevantes para a aplicação do fenômeno, essas variáveis ocupam as últimas posições e os pesos relativos de seus fatores são próximos ao ponto neutro. Portanto, pode-se afirmar que o alçamento das vogais médias pretônicas no falar do interior paulista é um fenômeno de natureza linguística. De modo geral, na ausência de testes de avaliação social, esses resultados propiciam indícios de que esse fenômeno não é estigmatizado socialmente no que diz respeito à variedade estudada. Os resultados referentes à variável social *faixa etária*, a qual possibilitou a verificação do *status* da mudança em tempo aparente, revelam que o alçamento se encontra em variação estável na variedade analisada.

Quando observadas as taxas de alçamento de acordo com a classe gramatical (cf. tabela 3), constata-se que as porcentagens de alçamento em verbos são ligeiramente maiores, especialmente para a vogal pretônica /e/. Isso pode ser explicado por determinadas características morfofonológicas dos verbos, tais quais a vogal temática /i/, os sufixos verbais que apresentam vogal alta e a presença do processo de harmonia vocálica em certas formas verbais de terceira conjugação.

Em relação à lista completa de variáveis selecionadas para o alçamento vocálico, verifica-se que a *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* foi a variável selecionada como a mais relevante em todas as rodadas. Esse resultado corrobora a informação de que não há comportamento diferenciado das vogais médias pretônicas em nomes e em verbos no que diz respeito ao alçamento vocálico.

Nas quatro rodadas, foram obtidos pesos relativos altos para a vogal gatilho anterior, que é justamente a vogal relacionada a verbos de terceira conjugação. De fato, os maiores pesos relativos correspondem à presença da vogal gatilho em verbos, mas, em nomes, essa vogal também se mostra altamente favorecedora do alçamento.

Os resultados que apontam a vogal posterior /u/ como favorecedora do alçamento de /e/ apenas em verbos são refutados quando observadas e comparadas as ocorrências de vogal pretônica /e/ alçada que apresenta vogal /u/ na sílaba seguinte em nomes e verbos. A maioria dessas ocorrências pode ser explicada por redução vocálica pela influência do ponto de articulação de consoante(s) adjacente(s) e, muitas vezes, essas ocorrências pertencem a um mesmo paradigma.

De modo geral, esses resultados indicam que a harmonização vocálica (principalmente quando engatilhada pela vogal /i/) é o processo mais atuante para o alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na variedade do interior paulista, independentemente da classe gramatical.

Em relação à *tonicidade* da vogal gatilho à harmonização vocálica, observa-se que a tonicidade de /i/ é relevante para o alçamento de /e/ e de /o/, enquanto a tonicidade de /u/ revela-se indiferente em nomes. Em verbos, a escassez de dados provocou nocaute, o que impossibilitou a análise probabilística dos dados.

Já a *contiguidade* da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é obrigatória para a harmonização vocálica. A princípio, os resultados quantitativos apontam o favorecimento do alçamento pela maior distância entre a pretônica-alvo e a vogal gatilho. Entretanto, quando verificados os dados, observa-se que os casos de alçamento em que a vogal média pretônica dista uma ou mais sílabas em relação à sílaba da vogal gatilho podem ser explicados por redução vocálica. Desse modo, confirma-se, para a variedade do interior paulista, a afirmação de Bisol (1981) de que a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é informação essencial para a harmonização vocálica, ao passo que a tonicidade da vogal alta não necessariamente determina a aplicação do processo.

O fato de a vogal pretônica se apresentar como tônica em outras formas do paradigma é desfavorecedor do alçamento na variedade do interior paulista, ao passo que a constante

atonicidade dessa vogal favorece a realização do fenômeno. Já a atonicidade variável em que a pretônica se apresenta como tônica alta, caso presente em alguns verbos de terceira conjugação, favorece o fenômeno. A consideração da variável *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre* revela exatamente que a vogal média pretônica presente em verbo de terceira conjugação é mais suscetível ao alçamento.

Como observado, pode-se dizer que as variáveis relacionadas à harmonização vocálica e à harmonia vocálica (*altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, cruzamento entre *altura* e *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo* e *grau de atonicidade da pretônica-alvo*) não mostram diferenças significativas em nomes e em verbos. Na variedade do interior paulista, a harmonização vocálica de /e/ resulta, sobretudo, da atuação de /i/ em sílaba contígua, principalmente quando tônica. Já a harmonização de /o/ resulta da atuação de /i/ ou de /u/ em sílaba contígua, tônica ou átona.

No tangente ao processo de *redução vocálica*, a consoante labial favorece o alçamento de /o/ tanto em posição *precedente* quanto em posição *seguinte*. Já a consoante dorsal é a favorecedora do alçamento de /e/, porém apenas em posição *subsequente*. A redução vocálica ocorre majoritariamente em vocábulos de um mesmo paradigma, o que fornece suporte à afirmação de Bisol (2009) de que esse processo consiste em um caso de difusão lexical, ao contrário da harmonização vocálica, que é explicada de acordo com a abordagem neogramática, por apresentar um condicionador fonético específico.

A *estrutura da sílaba*, selecionada apenas para os verbos, mostra que a sílaba aberta, isto é, sem elemento em posição de coda, favorece o alçamento, ao passo que a sílaba fechada, especialmente quando a coda é preenchida por elemento nasal, desfavorece o fenômeno. Apesar do fato de essa variável ter sido selecionada somente para a classe gramatical dos verbos, não se pode afirmar que há diferenças morfofonológicas entre as classes gramaticais dos nomes e dos verbos que motivam uma possível diferença de aplicação do alçamento de acordo com a estrutura da sílaba em que a vogal pretônica-alvo está contida. Ademais, como essa variável não está vinculada ao processo de harmonização vocálica, não afeta os resultados que apontam ser este o processo mais atuante em prol do alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, independentemente da classe gramatical do vocábulo.

Analisadas as vogais médias pretônicas no dialeto do interior paulista segundo a *Teoria da Variação e Mudança*, passa-se, agora, à comparação dos resultados com os

descritos em outros trabalhos sobre vogais médias pretônicas no PB, apresentados na seção 2 deste trabalho.

4.2 As vogais médias pretônicas no PB

Nesta subseção, é feito um mapeamento geral das vogais médias pretônicas no PB, a partir da comparação do dialeto do interior paulista e das variedades descritas na segunda seção desta tese. Ressalva-se que esta subseção delimita a comparação de diferentes variedades do PB em relação ao *alçamento vocálico*, por ser o fenômeno presente na variedade do interior paulista. Considerações acerca do *abaixamento vocálico* constam na subseção 2.7 deste trabalho.

Retomam-se os quadros comparativos 8 e 9,⁶⁸ incluindo-se, agora, os resultados correspondentes à variedade do interior paulista apresentados na subseção 4.1, os quais são destacados em amarelo.

⁶⁸ Assim como nos quadros 8 e 9, a cor *azul* representa os resultados relativos à vogal pretônica /e/, a *vermelha* indica os resultados referentes a /o/ e a *preta* representa os resultados de ambas as vogais. O símbolo “---” indica que a variável foi considerada, mas o resultado não foi selecionado ou foi irrelevante para o alçamento. O símbolo “/” indica variável não-controlada ou ausência de contexto excluído.

Quadro 17 – Quadro comparativo entre variedade do interior paulista e outras variedades do PB: informações gerais e variáveis extralinguísticas

	Percentuais de alçamento		Classes gramaticais consideradas	Contextos excluídos	Variáveis extralinguísticas/sociais			
	/e/	/o/			Sexo/gênero	Faixa etária	Escolaridade	Outra(s)
Rio Grande do Sul (BISOL, 1981)	Fala popular: 22%	Fala popular: 32%	Nome e verbo	Hiato, vogal inicial e prefixo	---	Mais velhos	---	Etnia: metropolitanos (fala popular) Fala espontânea
	Fala culta: 21%	Fala culta: 22%						
INTERIOR PAULISTA	16,1%	16,6%	Nome e verbo	Ditongo, hiato, vogal inicial e prefixo	---	---	---	/
Interior paulista (SILVEIRA, 2008)	13%	14%	Nome	Hiato, vogal inicial e prefixo	/	---	/	/
Interior paulista (CARMO, 2009)	16%	10%	Verbo	Ditongo, hiato, vogal inicial e prefixo	/	Mais jovens	/	/
Belo Horizonte (MG) (VIEGAS, 1987)	40%	22%	Todas	Ditongo e hiato	---	Mais jovens	/	Grupo social mais baixo
Uberlândia (MG) (FELICE, 2012)	11,9%	15,8%	Nome	Ditongo, hiato, vogal inicial (seguido de /N/ ou /S) e prefixo	Feminino	---	Menor escolaridade	/
Uberaba (MG) (BORGES, 2008)	35,04%	25,10%	Todas	/	---	---	---	/
Nova Venécia (ES) (CELIA, 2004)	14%	20%	Todas	Vogal inicial, item frequente e prefixo <i>des-</i>	/	---	/	/
Dourados (MS) (CARVALHO; BUENO, 2011)	78,5%	60,7%	Todas	/	Masculino	Mais jovens	Alfabetizados	/
Brasília (DF) (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992)	---	---	Todas	/	/	/	/	/
Formosa (GO) (GRAEBIN, 2008)	26,4%	23,2%	Todas	/	Feminino	/	Menor escolaridade	Informalidade Menor contato com Brasília
	13,1%	12,9%		Item categórico				
Salvador (BA) (SILVA, 1989)	25%	24,9%	Todas	Ditongo, hiato, vogal inicial, item categórico e frequente, nome próprio, prefixo, sequência <i>des(z)-</i> , sigla e sufixos de grau e <i>-mente</i>	---	---	/	/
João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2010)	34%	35%	Todas	Hiato, vogal inicial, item categórico, nasal, nome próprio, prefixo e sigla	---	---	---	/
Fortaleza (CE) (ARAÚJO, 2007)	10%	12%	Todas	Ditongo, hiato, vogal inicial, item categórico e frequente, nasal, nome próprio, prefixo, sequência <i>des(z)-</i> , sigla, sufixos <i>-inho</i> , <i>-zinho</i> , <i>-mente</i> e <i>-ão</i>	---	Mais velhos	Menor escolaridade	/
Breves (PA) (CASSIQUE <i>et al</i> , 2009)	33%		Todas	/	---	---	Analfabetos	Procedência de área rural

Quadro 18 – Quadro comparativo entre variedade do interior paulista e outras variedades do PB: variáveis linguísticas

Variedades	Variáveis linguísticas/estruturais						
	Natureza da vogal gatilho	Grau de atonicidade da pretônica-alvo	Ponto de articulação da C precedente	Ponto de articulação da C subsequente	Estrutura da sílaba	Classe gramatical	Outra(s)
Rio Grande do Sul (BISOL, 1981)	[i] contígua [u] contígua	Átona permanente Casual variável	Velar Labial	Palatal Velar Labial	Nasalidade	/	Sufixo verbal Ausência de sufixo
INTERIOR PAULISTA	[i] contígua [u] contígua	Átona permanente Atonicidade variável com vogal alta	Labial	Dorsal Labial	Sílaba aberta	---	3ª conjugação
Interior paulista (SILVEIRA, 2008)	[i] contígua [u] contígua	Átona permanente	Labial Velar	Velar, Labial, Palatal	CV CVC	/	/
Interior paulista (CARMO, 2009)	Alta contígua	/	Dorsal	Labial	CCV, CV, CVC	/	3ª conjugação verbal Sufixos /-i/ e /-ia/
Belo Horizonte (MG) (VIEGAS, 1987)	Tônica alta contígua	Vogal sem alternância [o] ~ [ɔ] no paradigma	---	---	Sílaba travada por fricativa CV	---	C seguinte sonorante, obstruinte e nasal C precedente obstruinte
Uberlândia (MG) (FELICE, 2012)	Tônica alta Tônica contígua	/	Labial, Dorsal	Dorsal	Sílaba leve Nasalidade	/	C não-contínua precedente/seguinte
Uberaba (MG) (BORGES, 2008)	Alta contígua	/	Ausência, Dental /d/, Labial, Velar	R retroflexo, Alveolar /s/, Nasal	Nasalidade	/	/
Nova Venécia (ES) (CELIA, 2004)	Tônica [i], Tônica [u] Átona [i] contígua Átona [u] contígua Tônica contígua	Átona permanente Casual variável	Palatal Ausência Bilabial Velar	Ausência Velar Labiodental	Sílaba aberta Nasalidade Oralidade	/	/
Dourados (MS) (CARVALHO; BUENO, 2011)	/	/	/	/	/	Substantivo Outros (que não verbo, advérbio e nome)	/
Brasília (DF) (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992)	[i], [u], [ĩ] [ũ] [e], [ɛ], [ɔ]	Átona permanente	Palatal Ausência Velar, Labial	Ausência, Labial, Velar, /S/, Palatal	/	/	/
Formosa (GO) (GRAEBIN, 2008)	[i], [ũ], [ĩ], [õ], [ɔ], [u], [e], [ɛ] Tônica contígua	/	Alveolar, Bilabial, Dental, Velar, Ausência, Vogal	Palatal, /S/, /N/, Vogal, Alveolar, /N/, Bilabial, Labiodental, Glotal	/	Não-verbo	/
Salvador (BA) (SILVA, 1989)	Alta contígua	Átona casual (tônica alta)	Labial, Alveolar não-lateral, Velar	Labial	/	/	/
João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2010)	[i], [ĩ], [ũ]	---	Labial	Sibilante	/	---	/
Fortaleza (CE) (ARAÚJO, 2007)	Alta	Átona permanente Casual variável	Velar, Palatal, Labial	Labial, Palatal, Velar	---	/	Sufixo verbal
Breves (PA) (CASSIQUE <i>et al</i> , 2009)	Alta contígua Tônica contígua	Átona permanente	Ausência	Ausência	/	/	Ausência de sufixo Vogal alta em sufixo

Fonte dos quadros 17 e 18: Elaboração própria.

Inicialmente, comparam-se os resultados do presente trabalho com os resultados obtidos por Silveira (2008) e Carmo (2009), que tratam do comportamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista em *nomes* e *verbos*, respectivamente.

Quanto à *natureza da vogal gatilho à harmonização vocálica*, são confirmados os resultados obtidos por Silveira (2008) de que a vogal /i/ favorece o alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/, ao passo que a vogal gatilho /u/ é mais atuante no que tange ao alçamento da vogal média posterior, especificamente.

O presente estudo também corrobora o resultado que mostra o favorecimento do alçamento na variedade do interior paulista pelo fator *atonicidade permanente*. No entanto, acrescenta o resultado de que favorece o alçamento nos verbos a presença de harmonia vocálica na raiz verbal em outras formas do mesmo paradigma, identificada pelo fator *atonicidade variável com vogal alta*. A variável *grau de atonicidade da pretônica-alvo* não foi considerada na pesquisa de Carmo (2009) sobre vogais médias pretônicas dos verbos no interior paulista.

Este trabalho também confirma o fato de a *consoante precedente* atuar no alçamento apenas da vogal /o/. Para /e/, não foi verificada influência da consoante precedente neste trabalho e nos estudos de Silveira (2008) e de Carmo (2009). Quanto à pretônica /o/, os resultados da presente pesquisa vão ao encontro daqueles obtidos por Silveira (2008) que mostram que a consoante labial favorece o alçamento. Por outro lado, esta pesquisa minimiza a importância da consoante dorsal/velar, apontada nos estudos anteriores como favorecedora do alçamento de /o/ na variedade do interior paulista.

Quanto à influência da *consoante subsequente*, este trabalho confirma os resultados de Silveira (2008) sobre o favorecimento do alçamento de /e/ por parte da consoante dorsal/velar e de /o/ pela consoante labial, resultado também encontrado no trabalho de Carmo (2009) acerca dos verbos.

Sobre a *estrutura da sílaba*, a presente pesquisa aponta a sílaba aberta como favorecedora do alçamento, ao passo que a sílaba com elemento em posição de coda é desfavorecedora do fenômeno, contrariando os resultados de Silveira (2008) e de Carmo (2009) de que a sílaba com elemento em coda favorece o alçamento da vogal pretônica /o/ tanto em nomes quanto em verbos.

Em relação aos verbos, confirma-se o resultado de Carmo (2009) de que *verbos de terceira conjugação* são propícios à realização do alçamento de /e/. O presente trabalho, porém, estende essa afirmação também para a vogal pretônica /o/.

Finalmente, no que tange à *faixa etária*, o alçamento vocálico na variedade do interior paulista consiste em um fenômeno em variação estável, tanto para /e/ quanto para /o/, o que contraria a constatação de Carmo (2009) de que, quanto menor a faixa etária, maior a aplicação do fenômeno em /e/ em verbos. O resultado da autora indicaria um caso de mudança em progresso para essa vogal, o que não foi verificado no presente estudo, que mostra que o alçamento de ambas as vogais médias pretônicas se encontra em variação estável no interior paulista.

Um dos principais avanços desta pesquisa em relação às de Silveira (2008) e de Carmo (2009) consiste na investigação de outras variáveis sociais que não apenas a *faixa etária*. Dessa maneira, foram considerados o *sexo/gênero* e a *escolaridade*. Entretanto, de modo geral, os fatores sociais não se mostram atuantes em relação ao alçamento vocálico na variedade analisada.

Esta pesquisa propiciou uma comparação mais rigorosa das vogais médias pretônicas em nomes e em verbos na variedade do interior paulista, investigando os mesmos grupos de fatores para ambas as classes gramaticais. Como resultado, verificou-se que o alçamento das vogais médias pretônicas não apresenta diferenças significativas em nomes e em verbos nessa variedade, resultado também encontrado nos dialetos de Belo Horizonte e de João Pessoa. Em Dourados e em Formosa, essa informação é apontada como relevante (cf. quadro 18), constatando-se, nessas variedades, que os verbos não favorecem a aplicação do alçamento.

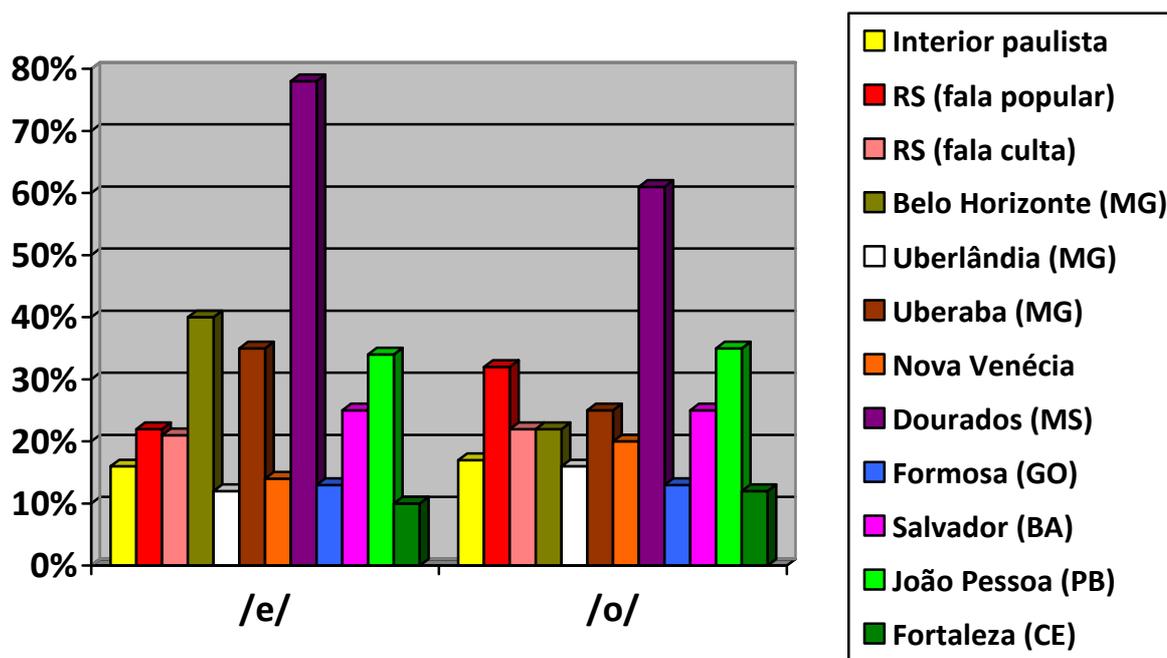
Quando comparada a variedade do interior paulista às diferentes variedades apresentadas neste trabalho (cf. seção 2), podem ser feitas outras constatações.

Como mostra o quadro 17, de modo geral, as variedades que apresentam os percentuais de alçamento maiores são aquelas que não excluem contextos fonológicos de suas análises, como o estudo de Carvalho e Bueno (2011), sobre a variedade de Dourados, de Borges (2008), sobre a variedade de Uberaba, e de Viegas (1987), que exclui os contextos de ditongo e hiato, mas não o de vogal em início de vocábulo, em seu estudo sobre o falar de Belo Horizonte.

A diferença de índices percentuais em relação ao descarte de contextos específicos é explicitada no trabalho de Graebin (2008) acerca do dialeto de Formosa. Sem exclusão de contexto algum, as taxas de alçamento são de 26,4% para /e/ e 23,2% para /o/. Quando excluídos os itens com alçamento categórico, as taxas diminuem para 13,1% para /e/ e 12,9% para /o/. A variedade de João Pessoa, todavia, apresenta índices de alçamento relativamente altos mesmo após a exclusão de vários contextos fonológicos e de itens categóricos.

De qualquer modo, observa-se que as porcentagens de aplicação do alçamento na variedade do interior paulista se encontram entre as mais baixas, aproximando-se principalmente dos índices observados no Rio Grande do Sul (especialmente no que se refere à fala culta), Uberlândia, Nova Venécia e Formosa (quando excluídos os itens categóricos). A variedade geograficamente mais próxima a São José do Rio Preto, correspondente ao município de Uberaba, apresenta índices percentuais maiores. No entanto, ressalta-se, mais uma vez, que o estudo sobre o falar de Uberaba não eliminou contextos fonológicos, o que pode justificar a discrepância entre os percentuais de alçamento das duas variedades. As porcentagens de alçamento de acordo com diferentes variedades do PB são ilustradas no gráfico a seguir:

Gráfico 8 – Porcentagens de alçamento em diferentes variedades do PB



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 8 mostra que os percentuais de alçamento colocam o dialeto do interior paulista dentre as variedades que menos aplicam o fenômeno. Todavia, não se pode chegar a conclusões nítidas, pois cada estudo apresenta determinadas (e, muitas vezes, diferentes) escolhas metodológicas que alteram os valores gerais referentes à aplicação do alçamento vocálico.

Deve-se destacar, também, que o fato de as variedades estarem em uma mesma região geopolítica ou em um mesmo Estado não garante que o comportamento das vogais médias pretônicas seja semelhante. Quando observada a região Nordeste, por exemplo, mesmo com muitos contextos excluídos nos três estudos representativos dessa região, as taxas de alçamento variam de 10% e 12% para, respectivamente, /e/ e /o/ na variedade de Fortaleza a 34% e 35% para essas vogais na variedade de João Pessoa. Em posição intermediária, encontra-se a variedade de Salvador, capital do Estado geograficamente mais ao Sul da região, com 25% de alçamento para /e/ e 24,9% para /o/.

Para além de comparar as taxas de alçamento, interessa considerar os fenômenos e processos identificados nas vogais médias pretônicas no PB. Dentre os dialetos considerados neste trabalho, a variedade do interior paulista assemelha-se à gaúcha pela ausência do fenômeno de abaixamento vocálico. Na variedade nordestina falada em João Pessoa, por exemplo, as formas médias-baixas em posição pretônica chegam a ser mais frequentes do que as vogais médias-altas e altas.

Em relação ao alçamento vocálico resultante do processo de *harmonização vocálica*, a presença de vogal alta é um fator bastante relevante para a aplicação do fenômeno, sendo destacada em todas as pesquisas que consideram essa informação. Na variedade de Belo Horizonte, no entanto, essa informação se restringe ao alçamento da vogal pretônica /e/, sendo o alçamento da pretônica /o/ decorrente do processo de redução vocálica.

Quanto às vogais que funcionam como gatilho à harmonização vocálica, Bisol (1981) afirma que, na variedade gaúcha, a vogal alta posterior /u/ não favorece o alçamento da média anterior /e/, resultado obtido também no que tange às vogais médias pretônicas do interior paulista.

Em algumas variedades, como as de Belo Horizonte e Uberlândia, a *tonicidade* e a *contiguidade* da vogal alta são apontadas como relevantes à aplicação do alçamento. A contiguidade, no entanto, é informação mais importante do que a tonicidade, já que alguns estudos destacam somente a atuação da primeira ou, ainda, apresentam a vogal alta átona como gatilho ao alçamento, minimizando a atuação da tonicidade. Esse é o caso dos estudos sobre as variedades do interior paulista, Rio Grande do Sul, Uberaba, Nova Venécia e Salvador. Essas pesquisas corroboram a afirmação de Bisol (1981) de que a contiguidade é fator essencial à aplicação da harmonização vocálica, sendo a tonicidade uma informação relevante, mas secundária para a realização do processo.

Sobre o *grau de atonicidade da pretônica-alvo*, a permanência de seu caráter átono em todas as formas do paradigma atua em favor do alçamento das vogais médias pretônicas no

PB. Esse resultado foi atestado em variedades representativas das cinco regiões brasileiras: Rio Grande do Sul (região Sul), interior paulista e Nova Venécia (Sudeste), Brasília (Centro-Oeste), Fortaleza (Nordeste) e Breves (Norte). O resultado desta pesquisa sobre vogais médias pretônicas que mostra o favorecimento do alçamento pela *atonicidade variável com vogal alta*, fator relacionado ao processo de harmonia vocálica na raiz verbal, também foi encontrado na variedade de Salvador.

O *ponto de articulação das consoantes precedente e seguinte* também se destaca como relevante à aplicação do alçamento nas variedades do PB. O dialeto de Belo Horizonte serve como exceção a essa afirmação, pois é constatada influência maior por parte do *modo* de articulação dessas consoantes na capital mineira.

A influência da consoante *precedente* labial para o alçamento da pretônica /o/ foi encontrada não só no que diz respeito ao interior paulista, mas também nas seguintes variedades: Rio Grande do Sul, Uberlândia, Brasília, Fortaleza, Uberaba, Formosa, Salvador e João Pessoa (nas quatro últimas variedades, resultado encontrado também para /e/). Em Nova Venécia, a consoante bilabial favorece o alçamento apenas de /e/. Para outras variedades do PB que não o interior paulista, deve-se destacar o comportamento da consoante precedente velar, verificada como favorecedora do alçamento de /o/ em Uberlândia, Nova Venécia, Brasília e Salvador, e de ambas as vogais médias pretônicas no Rio Grande do Sul, Uberaba, Formosa e Fortaleza. Destaca-se ainda a influência da consoante precedente palatal para o alçamento de /e/ na variedade de Fortaleza e de /e/ e /o/ em Nova Venécia e Brasília. Por fim, vale ressaltar que alguns estudos consideram a ausência de consoante em posição precedente como um fator em suas investigações e observam que tal contexto é favorecedor do alçamento; em alguns casos, da vogal pretônica /e/ (Brasília e Formosa) e, em outros casos, de ambas as vogais pretônicas (Uberaba, Nova Venécia e Breves).

Em posição *seguinte* à da pretônica-alvo, na variedade do interior paulista, observa-se o favorecimento do alçamento de /e/ pelas consoantes dorsais/velares, resultado também observado nas variedades do Rio Grande do Sul, Uberlândia, Nova Venécia, Brasília, Formosa e Fortaleza. A consoante labial atua em prol do alçamento de /o/ na variedade do interior paulista, Rio Grande do Sul, Formosa e Salvador e de /e/ e de /o/ em Brasília e Fortaleza. A consoante labiodental favorece o alçamento de /o/ em Nova Venécia e Formosa. Deve-se destacar, também, o favorecimento do alçamento de /e/ e de /o/ por parte da consoante palatal no Rio Grande do Sul, Formosa e Fortaleza e de somente /o/ em Brasília.

A ausência de consoante em posição subsequente à pretônica-alvo favorece o alçamento das vogais médias pretônicas em Nova Venécia, Brasília e Breves. Por fim, alguns

estudos, como os que descrevem as variedades de Uberaba e de Formosa, observam também a atuação da alveolar /s/ e/ou de consoante nasal em posição subsequente. Esses estudos consideram o contexto de início de vocábulo, que apresenta alta taxa de alçamento de /e/, especialmente quando essa vogal é seguida por /S/ ou /N/ em coda silábica, como em [i]scola e [i]ntende.

O processo de redução vocálica ocorre com baixa frequência nas variedades do interior paulista, gaúcha e capixaba, sendo o alçamento resultado, sobretudo, de harmonização vocálica. Nas variedades paraense e paraibana, também se destaca a harmonização vocálica, tanto para a aplicação do alçamento quanto para a aplicação do abaixamento vocálico. Para as variedades de Belo Horizonte e de Brasília, por exemplo, o alçamento de /e/ é resultado de harmonização, enquanto o alçamento de /o/ resulta, sobretudo, do processo de redução.

Em relação à *estrutura silábica*, os resultados mostram-se heterogêneos. No falar de Fortaleza, essa variável não foi selecionada como relevante ao alçamento vocálico. Nas variedades do interior paulista e de Belo Horizonte, a estrutura silábica é uma variável importante para o alçamento, o qual é desfavorecido por sílaba travada por elemento nasal. Já na variedade de Uberaba, a nasalidade favorece o alçamento tanto de /e/ quanto de /o/. Exclusivamente para o alçamento de /e/, a nasalidade é favorecedora nas variedades do Rio Grande do Sul, Uberlândia e Nova Venécia (sendo que, na última variedade, a oralidade favorece o alçamento de /o/). Como apresentado na segunda seção deste trabalho, Bisol (1981) justifica o favorecimento do alçamento de /e/ por parte da nasalidade com base na afirmação de que, no processo de nasalização, aumentam-se as frequências dos formantes 2 e 3 e, assim, a vogal média anterior vai na direção da alta, ao passo que a vogal média posterior se aproxima da região das vogais baixas. Para a variedade do interior paulista e de Belo Horizonte, essa explicação de ordem fonética não procede, tendo em vista o resultado diferente obtido para a pretônica /e/, a qual, como mencionado, tem seu alçamento desfavorecido nesse contexto. Considerando tratar-se de efeitos fonéticos idênticos em anatomias semelhantes, o fato de o alçamento vocálico apresentar comportamentos antagônicos em determinados contextos em diferentes variedades do PB enfraquece a concepção neogramática do fenômeno.

A ausência de segmento em coda favorece o alçamento das vogais médias pretônicas no interior paulista, em Uberlândia e em Nova Venécia e especificamente de /o/ na variedade de Belo Horizonte. Na variedade da capital mineira, sílaba travada por fricativa favorece o alçamento de /e/ e de /o/.

De qualquer maneira, constata-se que a variável *estrutura silábica* não é investigada com frequência nos estudos sobre vogais médias pretônicas, o que dificulta eventuais conclusões sobre a influência da sílaba na aplicação do alçamento.

Os *sufixos* também parecem influenciar o comportamento das vogais médias pretônicas, como mostra o quadro 18. A ausência de sufixo é favorecedora do alçamento de /e/ e de /o/ no Rio Grande do Sul e em Breves. A presença de sufixo verbal favorece o alçamento das vogais médias pretônicas no Rio Grande do Sul, Fortaleza e na variedade do interior paulista (nesta, somente para /e/). O sufixo com vogal alta, recorrente em sufixos verbais de terceira conjugação, é também destacado como favorecedor do alçamento em Breves. A *terceira conjugação* favorece o alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista.

Por meio do quadro 17, nota-se que as variáveis sociais são menos atuantes do que as variáveis linguísticas. O *sexo/gênero*, a *faixa etária* e a *escolaridade* não se mostram relevantes para o alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. O mesmo resultado foi encontrado nas variedades de Uberaba, João Pessoa e Salvador (na última, foram investigadas apenas as variáveis *sexo/gênero* e *faixa etária*). No entanto, quando as variáveis sociais atuam, parecem exercer maior influência sobre a vogal pretônica /e/ do que sobre a pretônica /o/, o que vai ao encontro da constatação que Bisol (1981) faz acerca do dialeto gaúcho, de que o falante tem consciência do alçamento somente da pretônica /e/, pois, em seu estudo, a fala espontânea favorece o alçamento de /e/ enquanto a fala-teste, mais formal, desfavorece o fenômeno nessa vogal.

Especificamente sobre o *sexo/gênero*, os únicos estudos que mostram alguma influência dessa variável são os que tratam dos falares de Dourados, Uberlândia e Formosa. No primeiro, o alçamento das vogais médias pretônicas é favorecido pelo *sexo/gênero* masculino. Nas duas últimas cidades, as mulheres favorecem o alçamento da pretônica /e/. Essa variável não se mostra relevante no alçamento das vogais médias pretônicas do interior paulista, Rio Grande do Sul, Belo Horizonte, Uberaba, Salvador, João Pessoa, Fortaleza e Breves.

Quanto à *faixa etária*, os mais velhos são os mais propensos a realizar o alçamento no Rio Grande do Sul e em Fortaleza. Por outro lado, os mais jovens realizam o fenômeno com maior probabilidade do que os mais velhos em Dourados e em Belo Horizonte (nesta cidade, apenas para /e/). Nos dialetos do interior paulista, Uberlândia, Uberaba, Nova Venécia, Salvador, João Pessoa e Breves, o alçamento se encontra em variação estável.

Observa-se, quanto à *escolaridade*, que os indivíduos menos escolarizados (ou analfabetos, no caso do município de Breves) apresentam o alçamento vocálico com maior probabilidade nas variedades de Fortaleza, Uberlândia e Formosa (nas duas últimas, apenas para a pretônica /e/). Em Dourados, os indivíduos alfabetizados, quando comparados aos analfabetos, apresentam maior propensão à aplicação o alçamento vocálico. Vale ressaltar que a escolaridade não se mostra relevante nas variedades do Rio Grande do Sul, interior paulista, Uberaba e João Pessoa.

O maior grau de *informalidade* é favorecedor do alçamento no Rio Grande do Sul e em Formosa. Em Belo Horizonte, o *grupo social* mais baixo é o mais propício a alçar a pretônica /o/ e, em Breves, a realização do alçamento é mais frequente quando o falante provém da área rural do município.

A partir dessas constatações, são observadas algumas tendências gerais acerca do alçamento vocálico nas vogais médias pretônicas do PB. Em geral, há pouca atuação de variáveis extralinguísticas para a realização do alçamento vocálico, o qual sofre maior influência de fatores linguísticos, dos quais podem ser destacados:

- Presença de vogal alta (principalmente quando tônica) na sílaba seguinte;
- Caráter permanentemente átono da pretônica;
- Atonicidade casual com tônica alta (relacionada à harmonia vocálica na raiz verbal);
- Consoante precedente:
 - Palatal e ausência de consoante, principalmente para /e/;
 - Labial e dorsal/velar, principalmente para /o/;
- Consoante seguinte:
 - Dorsal/velar, apenas para /e/;
 - Labial e palatal, principalmente para /o/;
 - Alveolar /S/, nasal e ausência de consoante, para /e/ e /o/;
- Ausência de sufixo; e
- Presença de sufixo verbal.

Segundo Nascentes (1953 [1922]), o falar do PB pode ser dividido em grupos *norte* e *sul* (cf. subseção 2.1 deste trabalho). Como observado, os Estados do Espírito Santo (CELIA, 2004) e de Minas Gerais (GUIMARÃES, 2006) correspondem a divisores linguísticos entre os grupos *norte* e *sul* em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas. Dada a ausência do fenômeno de *abaixamento vocálico* na variedade do interior paulista, confirma-se que esse dialeto pertence ao subfalar sulista, do grupo *sul*.

Dentre as variedades listadas no presente estudo, a variedade do interior paulista em muitos aspectos se assemelha à gaúcha em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas. Em ambos os dialetos, além da ausência do *abaixamento vocálico*, verifica-se a atuação da harmonização vocálica como principal processo para a realização do alçamento. A harmonização atua de modo semelhante nas duas variedades: a vogal /i/ engatilha o alçamento de /e/ e de /o/, mas a vogal /u/ atua principalmente em prol do alçamento da vogal média posterior. Para a aplicação da harmonização vocálica, a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é obrigatória, ao passo que a tonicidade da vogal gatilho é informação relevante, mas não determinante. A natureza permanentemente átona da pretônica também favorece o alçamento nas variedades gaúcha e do interior de São Paulo. Quanto ao processo de redução vocálica, os resultados obtidos para a variedade do interior paulista (consoante labial precedente e seguinte favorece o alçamento de /o/ e consoante dorsal/velar subsequente favorece o alçamento de /e/) também foram encontrados no falar gaúcho, que, por sua vez, também apresenta favorecimento do alçamento de ambas as vogais médias pretônicas por parte das consoantes velar e palatal em posição precedente e seguinte, respectivamente.

Após a exposição do mapeamento geral das vogais médias pretônicas em diferentes variedades do PB, segue-se à análise dos dados referentes ao interior paulista à luz da Teoria da Otimalidade.

4.3 Análise segundo a Teoria da Otimalidade

Como mencionado neste trabalho, a Teoria da Otimalidade em sua versão clássica não consegue explicar casos de variação linguística intradialetal. Isso ocorre por conta do *princípio de dominação estrita*, o qual delimita apenas um candidato ótimo para cada hierarquia de restrições. Em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas no interior paulista, por exemplo, há duas formas possíveis, ou seja, há dois candidatos ótimos: (i) vogal média-alta, como em *s[e]ringueira* e *c[o]zinhar*; e (ii) vogal alta, como em *s[i]ringueira* e *c[u]zinhar*. Dada a dificuldade da OT clássica de lidar com casos de variação, surgiram algumas abordagens não-clássicas que buscam explicar a variação linguística, dentre as quais o *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e o *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006). Com base nessas abordagens e também nos trabalhos de Guimarães (2006) e de Alves (2008, 2011a, 2011b), que descrevem

o comportamento de vogais médias pretônicas em variedades mineiras segundo esse mesmo arcabouço teórico, faz-se, agora, a análise fonológica dos dados da variedade do interior paulista.

4.3.1 Análise segundo o Ordenamento parcial de restrições

Como apresentado na subseção 1.5.1 do presente estudo, o *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) concebe a existência de hierarquia entre as restrições, mas, diferentemente da OT clássica, possibilita rearranjos de determinadas restrições, desde que ao menos uma relação hierárquica entre duas restrições seja permanente.

Em sua representação, verifica-se a presença de mais de um *tableau*, sendo um para cada candidato ótimo. No caso de variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, por exemplo, há, segundo essa proposta, dois *tableaux* para cada processo fonológico: um para a manutenção da vogal média-alta, ou seja, para a não realização do alçamento vocálico, e outra para a vogal alta, isto é, para a realização do fenômeno.

Quanto ao traço constitutivo das vogais, opta-se pela consideração do traço de abertura, com base na constatação de Alves (2008, 2011b) de que, quando utilizado esse traço, há uma economia de informações. Isso ocorre pois uma restrição como AGREE[Ab] em posição superior no ordenamento de restrições favorece a harmonização vocálica, ao passo que, se considerados os traços [alto] e [ATR], fazem-se necessárias duas restrições da família de AGREE, uma para cada traço. Como afirma Alves (2008, p. 221):

a principal vantagem em assumir esta abordagem é a possibilidade de tratar da classificação dos segmentos vocálicos por um único traço, deixando a hierarquia de restrições mais uniforme e coesa com os resultados apresentados conforme a língua específica estudada.

Assim, com um único traço fonológico, consegue-se diferenciar as vogais em variação. Alves (2008, p. 220) define a restrição AGREE[Ab] para o dialeto mineiro da seguinte forma:

AGREE[Ab] – “o grau de abertura da vogal pretônica é idêntico ao da vogal em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte”.

Na variedade do interior paulista, todavia, verifica-se que a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é condição necessária para a aplicação da harmonização vocálica (cf. subseção 4.1.4). Desse modo, deve-se reformular a restrição AGREE[Ab], neste trabalho, para:

AGREE[Ab] – o grau de abertura da pretônica é idêntico ao da vogal presente na sílaba subsequente.

Segundo Alves (2008), como o traço de abertura é gradual, não é necessário estabelecer o grau específico de abertura da vogal.

Outras duas restrições são necessárias para a análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista:

IDENT[Ab] – os traços de abertura do *output* devem ser idênticos ao do *input*;

*MID – as vogais médias devem ser evitadas.⁶⁹

Das restrições apresentadas, IDENT[Ab] consiste em uma restrição de fidelidade e *MID, de marcação. A primeira garante que o *output* tenha os mesmos traços de abertura que o *input*, favorecendo, desse modo, a manutenção da vogal média-alta. Nos casos de não-alçamento, portanto, essa restrição ocupa posição superior na hierarquia de restrições. Por sua vez, *MID proíbe a presença de vogais médias (médias-altas e médias-baixas), favorecendo, assim, os casos de redução vocálica.

Para o comportamento variável das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista à luz do Ordenamento parcial de restrições, observam-se os seguintes ranqueamentos parciais:

- a) IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID
- b) AGREE[Ab] >> IDENT[Ab] >> *MID
- c) *MID >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab]

O primeiro ordenamento, dominado por uma restrição de fidelidade, explica os casos de manutenção da vogal média-alta, ou seja, ocorrências em que não há alçamento. O segundo

⁶⁹ Além das restrições utilizadas neste trabalho, deve-se destacar a indispensabilidade do uso de uma restrição de fidelidade posicional (BECKMAN, 1998) como IDENT_{st}(HEIGHT/ATR) para mostrar a direção do processo fonológico. Essa restrição mantém fiel a vogal tônica e, conseqüentemente, a neutralização ou a assimilação tem, como alvo, a vogal pretônica. Pelo fato de essa restrição não ser violada, não é apresentada nos *tableaux* deste estudo.

ranqueamento, cuja posição superior é ocupada pela restrição de marcação AGREE[Ab], descreve os casos de harmonização vocálica. Por fim, a hierarquia em que a posição superior é ocupada pela restrição de marcação *MID trata das ocorrências de redução vocálica.

No que diz respeito ao processo de *harmonização vocálica*, verificam-se os seguintes *tableaux*:

Tableau 16 – Não-ocorrência de alçamento IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID⁷⁰

acr/e/ditava	IDENT[Ab]	AGREE[Ab]	*MID
☞acr[e]ditava		*	*
acr[i]ditava	*!		
acr[ɛ]ditava	*!	*	*

Fonte: Elaboração própria.

Tableau 17 – Alçamento por harmonização vocálica AGREE[Ab] >> IDENT[Ab] >> *MID

acr/e/ditava	AGREE[Ab]	IDENT[Ab]	*MID
acr[e]ditava	*!		*
☞acr[i]ditava		*	
acr[ɛ]ditava	*!	*	*

Fonte: Elaboração própria.

No *tableau* 16, observa-se a manutenção da vogal média, tendo em vista o candidato apontado como ótimo (*acr[e]ditava*). Nesse *tableau*, a restrição dominante é IDENT[Ab], violada fatalmente pelos candidatos com vogal alta e média-baixa. Como mencionado anteriormente, essa restrição exige que o *output* apresente os mesmos traços de abertura que o *input* e, dessa forma, o item lexical considerado ótimo é aquele que apresenta a vogal média-alta. A linha pontilhada entre AGREE[Ab] e *MID, restrições em posição inferior na hierarquia, ocorre pelo fato de não haver relação de dominância entre essas restrições, já que cada uma é ativada para a realização de um processo distinto. Apesar de o candidato com vogal média-alta violar essas restrições, é o candidato selecionado como ótimo por ser o único

⁷⁰ Deve-se ressaltar que, nos *tableaux* 16 e 17, a restrição *MID apresenta o mesmo efeito da restrição AGREE[Ab], pois a primeira resulta de um encapsulamento das restrições *[+Ab2] e *[+Ab3]. No entanto, essa restrição é mantida, pois, nos *tableaux* 18 e 19, tem efeito diferente daquele apresentado pela restrição AGREE[Ab].

a apresentar os mesmos traços de abertura da vogal presente no *input* e, portanto, não violar a restrição de fidelidade ranqueada acima das outras restrições.

No *tableau* 17, verifica-se o processo de harmonização vocálica, com a dominância da restrição de marcação AGREE[Ab]. Havendo uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, o candidato ótimo consiste naquele que apresenta também uma vogal alta (*acr[i]ditava*). Os outros candidatos, que apresentam vogais média-alta e média-baixa, violam fatalmente essa restrição e são, assim, eliminados da análise.

Em relação à *redução vocálica*, observam-se os *tableaux* a seguir:

Tableau 18 – Não-ocorrência de alçamento IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID

c/o/nhece	IDENT[Ab]	AGREE[Ab]	*MID
☞ c[o]nhece		*	*
c[u]nhece	*!	*	
c[ɔ]nhece	*!		*

Fonte: Elaboração própria.

Tableau 19 – Alçamento por redução vocálica *MID >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab]

c/o/nhece	*MID	IDENT[Ab]	AGREE[Ab]
c[o]nhece	*!		*
☞ c[u]nhece		*	*
c[ɔ]nhece	*!	*	

Fonte: Elaboração própria.

No *tableau* 18, observa-se, mais uma vez, a não-realização do alçamento. Verifica-se a dominância da restrição de fidelidade IDENT[Ab], violada pelos itens lexicais com vogal alta e vogal média-baixa, que não têm os mesmos traços de abertura quando comparados ao *input* com vogal média-alta. Esses candidatos, por violarem IDENT[Ab], são eliminados. A violação do candidato com vogal média-alta (*c[o]nhece*) às restrições de marcação AGREE[Ab] (por não ocorrer o espriamento do nó de abertura da vogal alta da sílaba seguinte) e *MID (por se tratar de vogal média) não eliminam o candidato, pois ele não viola a restrição de fidelidade (já que são mantidos os traços de abertura da vogal média-alta presente no *input*), ranqueada em posição mais alta, o que o torna o candidato ótimo.

No *tableau* 19, pode-se observar a representação do processo de redução vocálica. Os candidatos com vogais média-alta e média-baixa são eliminados pois apresentam vogal média e, dessa maneira, violam a restrição de marcação *MID, restrição dominante na hierarquia. O candidato com vogal alta (*c[u]nhece*) é apontado como ótimo por não violar a restrição *MID, já que não apresenta vogal média. Ocupa a segunda posição na hierarquia a restrição IDENT[Ab], restrição de fidelidade que separa a restrição dominante, de marcação, à também restrição de marcação AGREE[Ab]. Apesar de violar ambas as restrições, o candidato com vogal alta é considerado ótimo por, como mencionado, não violar a restrição dominante (*MID).

Dessa forma, retomam-se as hierarquias de restrições apresentadas:

- a) IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID (manutenção da vogal média-alta);
- b) AGREE[Ab] >> IDENT[Ab] >> *MID (aplicação da harmonização vocálica); e
- c) *MID >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab] (aplicação da redução vocálica).

Quando comparados os processos fonológicos de harmonização e de redução vocálica, verifica-se que, na harmonização, há dominância por parte da restrição AGREE[Ab], enquanto, na redução, a restrição dominante é *MID. O ranqueamento parcial se dá exclusivamente quando comparada a ocorrência de cada processo em relação à sua não-ocorrência. Por exemplo, tanto na ocorrência quanto na não-ocorrência da harmonização vocálica, verifica-se o ranqueamento IDENT[Ab] >> *MID e, para a redução, IDENT[Ab] domina AGREE[Ab], independentemente da aplicação ou não do processo. O que varia (e acarreta a aplicação ou não do processo) é a posição da restrição de marcação ativa (AGREE[Ab] para harmonização e *MID para redução) em relação à restrição de fidelidade IDENT[Ab].

Dessa forma, a proposta do Ordenamento parcial de restrições explica a variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista apontando dois ranqueamentos para cada processo investigado (harmonização e redução vocálica), sendo um para sua realização e outro para sua não-realização.

No que diz respeito à variedade de Belo Horizonte, Alves (2008, 2011a) afirma ser a proposta do Ordenamento parcial de restrições (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) a mais adequada para elucidar a variação das vogais médias pretônicas (cf. subseção 2.3.2 desta tese), pois esse modelo estabelece uma cofonologia para cada variante, o que é considerado por Alves (2008, 2011a) como uma vantagem. Ao produzir a vogal, o falante opta por determinado mapeamento, ativando um ordenamento específico. Dessa forma, Alves (2008, p. 228) concebe a variedade da capital mineira como “uma língua específica contendo uma única

gramática representada por três ranqueamentos parciais ativos para explicar os casos relacionados à variação das vogais médias pretônicas”.

No entanto, Alves (2008) aponta que a existência de dois ranqueamentos parciais por processo indica que a produção de cada variante é de 50%. Segundo a autora, a frequência de produção da vogal, na verdade, depende do item lexical. Na variedade do interior paulista, a frequência de aplicação do fenômeno também varia conforme o vocábulo. Das 18 ocorrências do item *m/e/lhor*, por exemplo, apenas 2 apresentam alçamento, ao passo que todos os 18 casos do vocábulo *m/e/nino* sofrem a aplicação do fenômeno.

Coetzee (2004) expõe outros problemas da abordagem de Anttila (1997) e de Anttila e Cho (1998) relativos à questão da frequência absoluta das variantes. Para conseguir explicar as porcentagens exatas de aplicação do alçamento, as quais são diferentes de acordo com cada variedade (cf. quadros 8 e 17), a proposta do Ordenamento parcial de restrições deve incluir restrições novas a depender do dialeto e da frequência observada, já que, segundo a concepção dessa teoria, a variação está alocada dentro da gramática. Segundo Coetzee (2004), a utilização de restrições distintas não captura o fato de se tratar de um mesmo processo e de uma mesma língua. Esse problema não ocorre com o Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006), como será visto na próxima subseção.

Finalmente, outra desvantagem do Ordenamento parcial de restrições (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) é o fato de essa proposta ferir o *princípio de dominação estrita* da OT clássica, por haver mais de um ordenamento para explicar a variação das vogais médias pretônicas. De acordo com Alves (2008), esse fato enfraquece a noção de gramática da língua e se distancia de um dos preceitos básicos da OT.

A partir das questões expostas, também é examinada a abordagem não-clássica *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006), que mantém o princípio básico da OT padrão referente à *dominação estrita*.

4.3.2 Análise segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL

A abordagem não-clássica da OT denominada *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006), como apresentado na subseção 1.5.2 deste trabalho, inova ao expandir as funções de EVAL, que passa a avaliar todo o conjunto de candidatos.

Diferentemente do modelo do Ordenamento parcial de restrições, a proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL defende a existência de uma única hierarquia de restrições, cuja relação com os candidatos é representada pela utilização de somente um

tableau. Para a seleção apurada dos candidatos, essa abordagem teórica prevê a existência de um *ponto de corte*, que separa as restrições violáveis e aquelas que a língua tende a não violar.

Para as vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, são utilizadas as três restrições consideradas na análise segundo o Ordenamento parcial de restrições: IDENT[Ab], AGREE[Ab] e *MID. Porém, outra restrição é utilizada para a análise dos dados à luz do Ranqueamento ordenado por EVAL, relacionada ao fato de que, nessa variedade, a vogal média-baixa não é selecionada como *output*:

*[+Ab3] – vogais com valor positivo do traço [aberto3] devem ser evitadas.

Para eliminar o candidato com vogal média-baixa, a restrição incluída deve estar acima do ponto de corte. Como pode ser observado por meio do quadro 6 deste trabalho, é o valor do traço [aberto3] que vai diferenciar as vogais médias-baixas das vogais médias-altas e altas.

Tendo em vista as porcentagens baixas de alçamento das vogais médias pretônicas na variedade considerada, 16,1% para /e/ e 16,6% para /o/, observa-se que a manutenção da vogal média-alta é a ocorrência mais frequente nesse dialeto. Dessa forma, EVAL deve classificar o candidato sem alçamento como primeiro candidato ótimo e o candidato alçado como segundo. Para isso, a restrição que desfavorece o candidato alçado (IDENT[Ab]) precisa estar ranqueada acima das restrições que desfavorecem a manutenção da média-alta (AGREE[Ab] e *MID).

Para as vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista segundo o Ranqueamento ordenado por EVAL, é necessário apenas um ranqueamento de restrições: *[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID. Esse ranqueamento é capaz de elucidar os processos variáveis de harmonização e de redução vocálica. Por apontar o candidato mais frequente (manutenção da vogal média-alta) como primeiro candidato ótimo e o segundo candidato mais frequente (vogal alçada) como segundo candidato ótimo, essa hierarquia de restrições abarca as ocorrências e não-ocorrências dos processos, como demonstra o *tableau* a seguir:

Tableau 20 – Aplicação ou não do alçamento, por harmonização vocálica *[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID

acr/e/ditava	*[+Ab3]	IDENT[Ab]	AGREE[Ab]	*MID
1. acr[e]ditava			*	*
2. acr[i]ditava		*		
acr[ɛ]ditava	*!	*	*	*

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado por meio do *tableau* 20, o candidato com vogal média-baixa (e, portanto, com traço [+Ab3]) é agramatical por violar a restrição *[+Ab3], ranqueada acima do ponto de corte. Desse modo, é eliminado da análise. Abaixo do ponto de corte, a análise segue, e a restrição de fidelidade IDENT[Ab] é ranqueada acima das outras duas por ser a única não violada pelo candidato com vogal média-alta (*acr[e]ditava*), que consiste no *melhor* candidato ótimo, isto é, o mais frequente. Verifica-se que o melhor candidato viola apenas as restrições ranqueadas em posição inferior da hierarquia, AGREE[Ab] (pelo fato de a pretônica não apresentar o mesmo grau de abertura da vogal presente na sílaba seguinte) e *MID (por se tratar de uma vogal média). O segundo melhor candidato, menos frequente do que o primeiro, consiste na forma que apresenta a vogal alta (*acr[i]ditava*). Esse candidato viola a restrição de fidelidade IDENT[Ab] por não manter os mesmos traços de abertura da vogal presente no *input*. As restrições AGREE[Ab] e *MID não são ranqueadas uma em relação à outra, pois não desempenham papel ativo na seleção dos candidatos ótimos. Observa-se, portanto, o ranqueamento: *[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID.

No que diz respeito ao processo de redução vocálica, utiliza-se o mesmo ordenamento de restrições, como prova o *tableau* a seguir:

Tableau 21 – Aplicação ou não do alçamento, por redução vocálica *[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> *MID, AGREE[Ab]

c/o/nhece	*[+Ab3]	IDENT[Ab]	*MID	AGREE[Ab]
1. c[o]nhece			*	*
2. c[u]nhece		*		*
c[ɔ]nhece	*!	*	*	

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser verificado, a violação do candidato com vogal média-baixa (que apresenta o traço [+Ab3]) à restrição de marcação *[+Ab3], ranqueada acima do ponto de corte, elimina-o da análise. Restam, então, dois candidatos ótimos, um com vogal média-alta, outro com vogal alta. Para o candidato ótimo com vogal média-alta (*c[o]nhece*) ser o *melhor*, mais frequente, IDENT[Ab] deve estar em posição superior a *MID e AGREE[Ab], já que esse candidato não viola a restrição de fidelidade mencionada (por manter os traços de abertura do *input*), ao passo que o candidato ótimo com vogal alta (*c[u]nhece*) comete essa violação (por não manter os traços de abertura do *input*). Desse modo, constata-se, novamente, o ranqueamento *[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> *MID, AGREE[Ab].

Portanto, a proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL explica a ocorrência e não-ocorrência de processos fonológicos nas vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista com a utilização de um único ranqueamento de restrições.

Quanto à abordagem do Ranqueamento ordenado por EVAL, Alves (2008) critica a necessidade de inclusão de novas restrições na análise à luz desse modelo teórico. Como já citado, a inclusão de *[+Ab3] no presente estudo justifica-se pela necessidade de se excluir formas com vogal média-baixa. Alves (2008) afirma que esse aumento do número de restrições pode dificultar o entendimento da variação. Isso seria ainda mais problemático para a variedade de Belo Horizonte, analisada pela autora, tendo em vista a necessidade de se incluir não só a restrição que proíbe vogal média-baixa (*[-ATR], no trabalho da autora), mas também uma restrição que exclui formas com vogal alta nos casos de abaixamento vocálico (*[+alto]), como **m[i]rcado*.

Alves (2008, 2011a) afirma também que a abordagem do Ranqueamento ordenado por EVAL não consegue estipular em somente uma hierarquia a variação das vogais médias pretônicas na variedade de Belo Horizonte (cf. *tableaux* 10 e 11 deste trabalho), ao contrário do que ocorre na variedade do interior paulista, como demonstrado na presente pesquisa (cf. *tableaux* 20 e 21). Em face a esses resultados, a autora defende a proposta do Ordenamento parcial de restrições (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) como a mais satisfatória para a elucidação do comportamento dessas vogais, já que, nessa abordagem, o usuário da língua ativa um ordenamento parcial para a produção de cada mapeamento fiel ou infiel.

Por outro lado, dentre os méritos da proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL, Coetzee (2004) destaca o fato de o *locus* da variação estar situado fora da gramática. Como já apresentado, um dos problemas da abordagem do Ordenamento parcial de restrições relaciona-se ao fato de diferentes variedades apresentarem frequências distintas de um mesmo

processo, o que é resolvido na proposta do Ranqueamento ordenado por EVAL pelo fato de as frequências diferentes para cada variedade serem influenciadas por fatores extralinguísticos. Dessa forma, dentre os dois modelos não-clássicos da OT considerados nesta pesquisa, o Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006) é o que mais se relaciona com a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1991 [1972]), dada a maior relevância atribuída a fatores sociais.

De modo geral, constata-se que o Ranqueamento ordenado por EVAL é a abordagem que explica mais satisfatoriamente a variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Deve-se destacar, mais uma vez, que esse modelo não-clássico da OT capta os diferentes processos variáveis que ocorrem com essas vogais com apenas uma hierarquia de restrições. Segundo Coetzee (2004), essa abordagem é também a proposta mais fiel aos pressupostos teóricos da OT, por não requerer mudança formal da arquitetura de EVAL e por não ferir o *princípio de dominação estrita*, pois cada restrição continua tendo prioridade absoluta em relação às restrições em posição inferior no ordenamento.

Portanto, a variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista pode ser explicada por uma única hierarquia de restrições (*[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID). O usuário da língua é capaz de acessar os dois candidatos ótimos (vogal média-alta e vogal alçada, seja por harmonização, seja por redução vocálica) que violam apenas restrições ranqueadas abaixo do ponto de corte. Por não violar a restrição de fidelidade IDENT[Ab], ranqueada acima de AGREE[Ab] e de *MID, o candidato com vogal média-alta será acessado como *output* com frequência maior do que o candidato com vogal alta, que viola essa restrição de fidelidade. Isso explica as porcentagens maiores (83,9% para /e/ e 83,4% para /o/) correspondentes à não-aplicação do alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Frequências diferentes de alçamento das pretônicas nesse dialeto em relação a outras variedades do PB podem ser explicadas pela atuação de fatores extralinguísticos, tendo em vista o fato de a variação estar alocada fora da gramática.

No que diz respeito às variedades do PB que apresentam o fenômeno de abaixamento vocálico em suas vogais médias pretônicas, como mostra Alves (2008, 2011a) para o dialeto de Belo Horizonte, a restrição que proíbe vogal média-baixa (*[-ATR], no trabalho da autora) deve ser ranqueada abaixo do ponto de corte, já que o candidato com essa vogal é gramatical e, portanto, selecionado como *output*. Conseqüentemente, de acordo com essa abordagem não-clássica da OT, variedades com abaixamento vocálico consistem em uma gramática

particular *distinta* daquela de variedades que não apresentam esse fenômeno, como, por exemplo, o dialeto do interior paulista.

Por fim, como apontado por Guimarães (2006) e Alves (2008), deve-se ressaltar que o Ranqueamento ordenado por EVAL (COETZEE, 2004, 2006) falha por não conseguir lidar com a questão da frequência de aplicação do processo em relação ao item lexical. Na variedade do interior paulista, certos vocábulos apresentam taxas altas de alçamento vocálico, como, por exemplo, *c[u]mecei*, alçado em 30 das 51 ocorrências totais (58,8% de aplicação do alçamento). Outros itens chegam a alçar categoricamente, como *m[i]nino*, com alçamento em suas 18 ocorrências (100% de alçamento). Evidentemente, isso ocorre mesmo quando considerada a fala de um único informante, o que mostra que a explanação dessa questão em específico não pode ser vinculada a fatores extralinguísticos. Cabe lembrar, porém, que a proposta do *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) apresenta o mesmo problema, com o agravante de essa abordagem lidar com as frequências absolutas – e não relativas, como na proposta de Coetzee (2004, 2006) – de aplicação dos processos fonológicos. Por esse motivo, mantém-se a conclusão de que o Ranqueamento ordenado por EVAL explica os dados de variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista de modo mais adequado do que o modelo do Ordenamento parcial de restrições. Todavia, faz-se necessário o teste de outros modelos não-clássicos da OT que eventualmente elucidem o comportamento variável dessas vogais de forma mais satisfatória, o que é deixado para estudos futuros.

Na subseção seguinte, resumem-se os resultados obtidos a partir da análise das vogais médias pretônicas no dialeto do interior paulista exposta nesta seção.

4.4 Resumo

No início da presente seção (subseção 4.1), foi feita a análise dos dados das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista de acordo com a perspectiva sociolinguística. Em seguida (subseção 4.2), os resultados foram comparados aos referentes a outras variedades do PB. Por fim (subseção 4.3), fez-se a análise à luz de duas abordagens não-clássicas da OT. Alguns dos resultados são destacados na presente subseção.

Na variedade do interior paulista, foram observados percentuais de *alçamento vocálico* baixos (16,1% para /e/ e 16,6% para /o/), o que coloca essa variedade dentre as mais conservadoras em relação à aplicação do fenômeno.

Um resultado que merece ser destacado é o descarte da *classe gramatical* pelo programa estatístico, tanto na rodada com ocorrências totais de vogais pretônicas /e/ e /o/ quanto nas rodadas específicas para cada vogal. Esse resultado indica que, na variedade do noroeste paulista, a classe gramatical – *nome* ou *verbo* – do vocábulo em que a pretônica está presente não exerce influência no alçamento dessa vogal. Para confirmar esse resultado, foram efetuadas rodadas distintas de acordo não somente com a vogal média pretônica, mas também com cada classe gramatical.

Em todas as rodadas, constatou-se a *harmonização vocálica* como o processo mais atuante em prol do alçamento, engatilhado principalmente pela vogal alta /i/. Esse resultado semelhante para todas as rodadas corrobora a informação de que não há comportamento diferenciado das vogais médias pretônicas em nomes e em verbos no tocante ao alçamento vocálico.

Para a realização da harmonização vocálica nas vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, é essencial a contiguidade da sílaba em que a vogal alta está contida em relação à sílaba da pretônica-alvo. Já a tonicidade da vogal alta não determina a aplicação do processo.

Outro resultado que merece ser destacado é o fato de a atonicidade permanente consistir em um fator favorecedor do alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista.

Em relação à influência das consoantes para a realização do alçamento, a consoante dorsal subsequente favorece o alçamento de /e/ pelo ponto de articulação alto das velares e a consoante labial precedente ou subsequente favorece o alçamento de /o/, com base no Princípio de Similaridade (HUTCHESON, 1973). Especificamente para os dados de redução vocálica (que não tinham contexto para aplicação da harmonização), foram atestadas atuações significativas também da consoante coronal para o alçamento de /e/ e das consoantes labial e dorsal para /o/. De modo geral, pode-se dizer, também, que a redução vocálica das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista ocorre, sobretudo, em vocábulos do mesmo paradigma, especialmente em relação à pretônica /o/, como encontrado para a variedade gaúcha de Porto Alegre (KLUNCK, 2007).

Quanto às sílabas, de modo geral, são desfavorecedoras do alçamento aquelas que apresentam elemento em coda, principalmente se nasal.

Observou-se pouca influência das variáveis sociais na aplicação do alçamento, o que indica que esse fenômeno, na variedade estudada, é resultado da influência de variáveis linguísticas. Há uma probabilidade ligeiramente maior de o alçamento de /o/ em verbos

ocorrer na fala de homens do que de mulheres. Constatou-se, também, pouca diferença entre os níveis de escolaridade em relação ao alçamento de /e/ em verbos e irrelevância da variável para o alçamento de /o/ em nomes e verbos. Por fim, os resultados referentes à faixa etária indicam que o alçamento, nessa variedade, encontra-se em variação estável.

A partir desses resultados sobre as vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, foi realizada uma análise comparativa com os resultados de Silveira (2008) e de Carmo (2009), que discorrem acerca do comportamento das vogais médias pretônicas, respectivamente, em nomes e verbos na mesma variedade.

Os resultados desta pesquisa confirmam o comportamento das vogais-gatilho descrito por Silveira (2008) para os nomes, que afirma que a vogal alta /i/ engatilha o alçamento de /e/ e de /o/, mas que a vogal /u/ atua principalmente no que diz respeito ao alçamento da pretônica /o/. Também corroboram os resultados de Silveira (2008) que apontam a influência da natureza permanentemente átona da pretônica e da consoante seguinte dorsal/velar (para /e/) em prol do alçamento. Assim como o estudo de Carmo (2009), a presente pesquisa afirma ser a terceira conjugação a mais propensa à realização do alçamento vocálico de /e/. No entanto, esta pesquisa estende esse resultado também para a pretônica /o/. Além disso, acrescenta que a *atonicidade variável (com vogal alta)*, fator relacionado à harmonia vocálica na raiz verbal, favorece o alçamento das vogais médias pretônicas no interior paulista.

Um resultado *semelhante* obtido nas três pesquisas aponta que a consoante precedente favorece o alçamento apenas da vogal pretônica /o/. Outro resultado encontrado nesses estudos afirma que a consoante labial seguinte favorece o alçamento de /o/. Por fim, são obtidos resultados *divergentes* no que diz respeito à *estrutura silábica*, à atuação da consoante dorsal precedente para o alçamento de /o/ e à variável social *faixa etária* para o alçamento de /e/.

Em seguida, realizou-se a comparação dos resultados desta pesquisa com as descrições de outras variedades do PB. Verificou-se que o comportamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista se assemelha em muitos aspectos ao comportamento dessas vogais na variedade gaúcha. Nas duas variedades, verifica-se, por exemplo, a ausência do fenômeno de abaixamento vocálico e a atuação similar da harmonização vocálica. Dada a ausência do abaixamento na variedade do interior paulista, confirma-se a classificação de Nascentes (1953 [1922]) de que essa variedade pertence ao subfalar sulista, do grupo *sul*.

Em relação aos fatores linguísticos e extralinguísticos investigados, foram observadas as seguintes tendências gerais de favorecimento do fenômeno nas vogais médias pretônicas do PB:

- Presença de vogal alta (principalmente quando tônica) na sílaba seguinte;
- Caráter permanentemente átono da pretônica;
- Atonicidade casual com tônica alta (relacionada à harmonia vocálica na raiz verbal);
- Consoante precedente:
 - Palatal e ausência de consoante, principalmente para /e/;
 - Labial e dorsal/velar, principalmente para /o/;
- Consoante seguinte:
 - Dorsal/velar, apenas para /e/;
 - Labial e palatal, principalmente para /o/;
 - Alveolar /S/, nasal e ausência de consoante, para /e/ e /o/;
- Ausência de sufixo; e
- Presença de sufixo verbal.

Após o mapeamento geral das vogais médias pretônicas do PB, realizado a partir da comparação dessas vogais na variedade do interior paulista com outras variedades do PB resumidas na seção 2 do presente estudo, foi feita a análise dos dados segundo dois modelos não-clássicos da OT: *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006).

A primeira abordagem propõe a existência de ranqueamentos *parciais* e, conseqüentemente, fere o *princípio de dominação estrita* postulado pela OT clássica. Além disso, essa proposta não consegue explicar a existência de frequências absolutas distintas para um mesmo processo em variedades diferentes, pois concebe a variação alocada dentro da gramática.

Esses problemas não ocorrem na análise referente à segunda proposta. Nela, o *princípio de dominação estrita* é mantido e o que acontece é uma maior atribuição de funções a EVAL, que passa a avaliar os candidatos perdedores também entre si. Esse modelo não-clássico da OT concebe a variação alocada fora da gramática e, sendo assim, índices percentuais diferentes de aplicação de um mesmo processo em variedades distintas podem ser explicados pela influência de fatores extralinguísticos. Dessa forma, essa proposta dialoga com a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1991 [1972]).

De modo geral, observa-se que a abordagem do *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006) elucida a variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista mais adequadamente. Segundo essa proposta, essa variedade é composta por uma gramática com um único ranqueamento (*[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID), que consegue explicar a ocorrência e a não-ocorrência de harmonização

e de redução vocálica. O falante possui acesso aos dois candidatos ótimos, que não violam a restrição ranqueada acima do ponto de corte (*[+Ab3]): a vogal média-alta e a vogal alta. A primeira vogal é acessada com maior frequência do que a segunda, pois esta viola a restrição de fidelidade IDENT[Ab].

No entanto, um problema compartilhado entre o *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006) e o *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) é o fato de ambos não conseguirem explicar as ocorrências de determinados itens lexicais cuja aplicação do alçamento é mais frequente do que sua não-aplicação. Por esse motivo, são necessários trabalhos futuros, que testem outros modelos não-clássicos da OT em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista.

Após a exposição da análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, passa-se, agora, às conclusões do presente estudo.

CONCLUSÕES

Este trabalho analisou o comportamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Nessas vogais, identifica-se o fenômeno variável denominado *alçamento vocálico*. O ponto de partida para a condução desta pesquisa foi o estudo de Silveira (2008) e de Carmo (2009) sobre as vogais médias pretônicas em, respectivamente, nomes e verbos na mesma variedade. De modo geral, esses estudos observaram comportamentos diferenciados das vogais médias pretônicas em diferentes classes gramaticais: nos nomes, o processo mais atuante em prol do alçamento é a redução vocálica e, nos verbos, a harmonização vocálica.

Com a presente pesquisa, objetivou-se avançar em relação a esses trabalhos, por meio da comparação sistemática das vogais médias pretônicas em nomes e em verbos. Para isso, foi feita a análise de amostras de fala de um mesmo conjunto de informantes, com a consideração dos mesmos grupos de fatores e a inclusão de duas variáveis sociais não investigadas por Silveira (2008) e Carmo (2009): o *sexo/gênero* e a *escolaridade*.

De modo geral, os resultados obtidos pela presente pesquisa demonstram que as vogais médias pretônicas não apresentam comportamentos diferentes de acordo com a classe gramatical. Inicialmente, em uma rodada que contou com todos os dados levantados, a variável *classe gramatical* não foi selecionada como relevante pelo programa estatístico para a aplicação do alçamento. Com o objetivo de corroborar ou refutar esse primeiro resultado, procedeu-se à execução de rodadas distintas para as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em cada classe gramatical. O resultado foi confirmado, pois a variável *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* foi selecionada como a mais relevante para todas as rodadas principais (vogal /e/ em nomes, vogal /e/ em verbos, vogal /o/ em nomes e vogal /o/ em verbos). Quando a variável foi selecionada para apenas uma classe gramatical (caso da *tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* no tocante aos nomes e da *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre* no que tange aos verbos), o grupo de fatores não estava diretamente relacionado ao processo de harmonização ou de redução vocálica,⁷¹ nem apresentava informações morfofonológicas específicas para

⁷¹ Como seria o caso da variável *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo* ou do *ponto de articulação da consoante adjacente à pretônica-alvo*, respectivamente.

nomes ou verbos que poderiam resultar em comportamentos distintos das vogais médias pretônicas a depender da classe gramatical.⁷²

Conseqüentemente, pode-se afirmar que o comportamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista não é diferenciado para nomes e verbos. Nessa variedade, o alçamento dessas vogais em ambas as classes gramaticais é resultado principalmente do processo de harmonização vocálica.

Em relação a esse processo, observa-se a seguinte atuação: a vogal alta /i/, especialmente quando tônica, em sílaba seguinte à da pretônica-alvo engatilha o alçamento das pretônicas /e/ e /o/. A vogal alta /u/, tônica ou átona, engatilha o alçamento da pretônica /o/. Por meio da comparação dos resultados desta pesquisa com descrições concernentes a outras variedades do PB, verifica-se que essa atuação da harmonização vocálica no falar do interior paulista é semelhante à encontrada na variedade gaúcha (BISOL, 1981).

O alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista também é favorecido pelo caráter permanentemente átono dessa vogal. Isso ocorre, também, para quase todos os estudos que analisaram a variável *grau de atonicidade da pretônica-alvo*. Ainda sobre essa variável, verificou-se que a alternância da pretônica com tônica alta em outras formas do mesmo paradigma favorece o alçamento das pretônicas em verbos. Desse modo, comprova-se que o processo categórico de harmonia vocálica na raiz verbal é relevante para o alçamento nessa classe gramatical. Ademais, a terceira conjugação verbal, que apresenta vogal temática /i/ e os sufixos verbais /-i/ e /-ia/ – que, de acordo com Carmo (2009), favorecem o alçamento na variedade do interior paulista –, é a mais suscetível à aplicação do fenômeno.

Quanto às consoantes adjacentes à pretônica-alvo, o presente estudo apontou que o alçamento da vogal pretônica /e/ é favorecido por consoante dorsal/velar em posição seguinte, o que pode ser explicado pelo ponto de articulação alto da consoante. Em relação à pretônica /o/, constatou-se que a consoante labial é a grande favorecedora do alçamento, conforme o Princípio de Similaridade (HUTCHESON, 1973), segundo o qual a assimilação tende a se aplicar entre segmentos que compartilham características semelhantes no que diz respeito à composição de traços. Para a variedade gaúcha, Bisol (1981) também observou a influência da consoante labial para o alçamento da vogal média posterior, afirmando que a vogal alta /u/, por ser mais labializada do que /o/, tem sua realização favorecida pela consoante labial.

⁷² O que seria o caso do grupo de fatores *grau de atonicidade da pretônica-alvo*, que, em seu fator *tonicidade variável com vogal alta*, engloba as ocorrências do processo categórico de harmonia vocálica na raiz, relacionado aos verbos.

No que tange à estrutura da sílaba, a sílaba travada desfavorece o alçamento das vogais médias pretônicas no falar do interior paulista, especialmente se a coda é preenchida por elemento nasal. A sílaba aberta, por sua vez, favorece a aplicação do fenômeno.

Verificou-se pouca influência das variáveis sociais para a realização do alçamento das vogais médias pretônicas no noroeste paulista, o que indica que, nessa variedade, o alçamento resulta, sobretudo, de informações de natureza linguística. Os resultados referentes à *faixa etária* apontam que o alçamento se encontra em variação estável na variedade analisada, constatação possível por meio da verificação da mudança em tempo aparente. Os resultados relativos ao *sexo/gênero* e à *escolaridade*, por sua vez, indicam que o alçamento das pretônicas na variedade investigada não é um fenômeno estigmatizado. Por meio (i) da realização de testes de avaliação social acerca das formas variantes e (ii) da consideração da variável *renda familiar* ou *classe social*,⁷³ esses resultados podem ser confirmados, o que é deixado para futuras pesquisas.

Tomando-se os Estados brasileiros de Espírito Santo e Minas Gerais como espécie de divisores linguísticos entre os grupos *sul* e *norte* do PB em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas (CELIA, 2004; GUIMARÃES, 2006), confirma-se a classificação de Nascentes (1953 [1922]) de que a variedade do Estado de São Paulo pertence ao subfalar sulista, do grupo *sul*, dada a ausência do fenômeno de *abaixamento vocálico*. Mais uma vez, a variedade do interior paulista pode ser aproximada ao dialeto gaúcho quanto à variação fonológica das vogais médias pretônicas.

Dentre os dialetos apresentados na seção 2 deste trabalho, o do município de Uberaba (BORGES, 2008), localizado no Triângulo Mineiro, é o mais próximo geograficamente de São José do Rio Preto, do qual dista cerca de 250 quilômetros. Nessa variedade, Borges (2008) encontrou 5,95% de abaixamento da vogal pretônica /e/ e 11,01% de /o/, o que evidencia que o noroeste paulista está relativamente próximo a uma região de transição, onde pode ser verificado o abaixamento vocálico das vogais médias pretônicas.

Quando comparadas as diferentes variedades do PB em relação ao *alçamento vocálico*, observa-se uma tendência geral de favorecimento por parte da presença de uma vogal alta na sílaba seguinte, que engatilha a harmonização vocálica principalmente quando tônica. No tangente às consoantes adjacentes, para a pretônica /e/, verifica-se a influência de consoantes com ponto de articulação alto (palatal e dorsal/velar) e, para /o/, além do ponto de articulação

⁷³ Pois, como citado neste trabalho, são as mulheres pertencentes à *segunda classe social mais alta* as mais conservadoras no que concerne à realização de variantes inovadoras.

alto das mesmas consoantes (palatal e dorsal/velar), observa-se a atuação do Princípio de Similaridade (HUTCHESON, 1973) no caso da consoante dorsal. Também favorece o alçamento a presença de consoante nasal subsequente à pretônica-alvo.

Além disso, a vogal pretônica – principalmente quando /e/ – em início de vocábulo seguida por /S/ em coda silábica tende a alçar, assim como a pretônica seguida imediatamente por outra vogal, com a qual forma sequência vocálica. Como verificado na subseção 3.4.1 desta pesquisa, os contextos de vogal pretônica em início de vocábulo, ditongo e hiato foram descartados desta análise, dentre outros motivos, por apresentarem frequências altas de alçamento vocálico, o que poderia enviesar os resultados quantitativos das vogais médias pretônicas.

No que tange à *Teoria da Otimalidade*, mais precisamente às duas abordagens não-clássicas consideradas neste trabalho – o *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e o *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006) –, considerou-se a harmonização e a redução vocálica como processos que apresentam determinadas diferenças, ao mesmo tempo em que atuam em favor de um mesmo fenômeno. Bisol (2009), por exemplo, afirma ser a harmonização vocálica um processo de *assimilação*, enquanto a redução consiste em um processo de *neutralização*. Como apresentado em 1.3, tais processos são formalmente explicados pela Teoria Autossegmental (e representados pela Geometria de Traços) de modos distintos. Na harmonização vocálica (HERNANDORENA, 1999), a vogal pretônica *assimila* o nó de abertura da vogal seguinte, passando a ser realizada como vogal alta. Por sua vez, na redução vocálica (BISOL, 2009), os traços de abertura da vogal média pretônica são *desligados*, sendo preenchidos pelos traços de uma vogal alta. Além disso, Bisol (2009) defende (i) a concepção da harmonização vocálica como uma regra neogramática, tendo em vista a existência da vogal alta condicionadora na sílaba subsequente; e (ii) a redução vocálica como um processo difusionista, por contar com propriedades da própria vogal pretônica e não de um condicionador fonético específico. Essa proposta também é defendida por Klunck (2007), que constatou que, na variedade da capital gaúcha, a redução vocálica ocorre, sobretudo, em grupos de itens lexicais com mesmo paradigma. A variedade do noroeste paulista parece corroborar essas afirmações. Nesse dialeto, a harmonização vocálica é mais recorrente e a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é um fator altamente favorecedor do alçamento, como apontado pelo programa estatístico. A redução vocálica, por sua vez, é menos frequente, e os dados mostram que esse processo, especialmente no que diz respeito à pretônica /o/, tende a atingir vocábulos do mesmo paradigma.

Na análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista segundo as abordagens não-clássicas da OT, verificou-se uma explicação mais satisfatória por parte da proposta do *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006), por conseguir explicar a variação das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista com um único ranqueamento de restrições (*[+Ab3] >> ponto de corte >> IDENT[Ab] >> AGREE[Ab], *MID) sem ferir o *princípio de dominação estrita* da OT clássica. Essa proposta também apresenta a vantagem de conseguir explicar as frequências relativas de alçamento diferentes para cada variedade do PB, por conceber a variação situada fora da gramática e, portanto, influenciada por fatores extralinguísticos, dialogando, assim, com a proposta da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1991 [1972]). À gramática, por meio da noção de *ponto de corte* proposta por esse modelo teórico, cabe o papel de moldar os limites dentro dos quais a variação pode ocorrer.

Quanto ao *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998), são necessários dois ranqueamentos parciais para cada processo analisado, o que fere o *princípio de dominação estrita*. Segundo Alves (2008), a existência de dois ranqueamentos prevê que a realização da vogal alta seja de 50%, o que nem sempre corresponde ao número indicado nos dados. O fato de essa proposta lidar com a frequência absoluta do processo acarreta problemas na análise dos dados, tendo em vista as diferentes porcentagens de alçamento para cada variedade. Para conseguir vislumbrar as frequências absolutas de todas as variedades, seriam necessárias novas e diferentes restrições, o que, segundo Coetzee (2004) não captura o fato de se tratar de um único processo em uma mesma língua. Vale destacar que, nessa teoria, a variação está situada na gramática, então não pode ser explicada pela influência de fatores sociais, mas sim pelo ordenamento de restrições.

Segundo Guimarães (2006) e Alves (2008), o *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) e o *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006) não conseguem elucidar as diferentes taxas de alçamento a depender do item lexical. Porém, no caso da primeira abordagem, essa desvantagem é maior, pois o modelo precisa prever a frequência *absoluta*, e não *relativa*, como na segunda proposta.

Essa desvantagem presente tanto na proposta do *Ordenamento parcial de restrições* (ANTTILA, 1997; ANTTILA; CHO, 1998) quanto no *Ranqueamento ordenado por EVAL* (COETZEE, 2004, 2006) na análise das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista pode motivar o desenvolvimento de investigações futuras acerca dessas vogais segundo outros modelos não-clássicos da OT, como, por exemplo, as abordagens que concebem a existência de uma gramática da *percepção*, noção introduzida pela OT

Estocástica (BOERSMA; HAYES, 2001) e que ganha maior destaque na abordagem da *Variação linguística alocada na gramática da percepção* (LEE; OLIVEIRA, 2006a, 2006b). De qualquer modo, espera-se que a presente pesquisa possa fornecer contribuições a estudos futuros sobre vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista e, de modo mais abrangente, ao mapeamento vocálico do PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 2, p. 23-44, 1981.

ALVES, M. M. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da Teoria da Otimalidade*. 2008. 340 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

_____. As vogais médias pretônicas no dialeto de Belo Horizonte segundo a Teoria da Otimalidade: análise via o ranqueamento ordenado por EVAL e o ranqueamento parcial de restrições. In: *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba: 2011a, p. 3222-3236.

_____. Harmonia vocálica e redução vocálica à luz da Teoria da Otimalidade. In: *Anais do SILEL*. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011b.

ANTTILA, A. *Variation in Finnish Phonology and Morphology*. 1997. 161 f. Tese (Doutorado) – Department of Linguistics, Stanford University. Palo Alto, 1997.

ANTTILA, A.; CHO, Y. Y. Variation and Change in Optimality Theory. *Lingua*, n.104. 1998.

ARAÚJO, A. A. *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ARCHANGELI, D. Optimality Theory: an Introductory to Linguistics in the 1990s. In: ARCHANGELLI, D.; LANGENDOEN, D. T. *Optimality Theory: an Overview*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 1-32.

BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

_____. Variação. In: BISOL, L.; SCHWINDT, L. C. (Org.) *Teoria da Otimalidade: Fonologia*. Campinas: Pontes Editores, 2010, p. 271-290.

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do Português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 159-194.

BECKMAN, J. N. *Positional Faithfulness*. 1998. 270 f. Tese (Doutorado). University of Massachusetts, Amherst, 1998.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. 280 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 231-250.

_____. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.) *Português do Sul do Brasil – variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 73-92.

BISOL, L.; SCHWINDT, L. C. (Org.) *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

BOERSMA, P.; HAYES, B. Empirical Tests of the Gradual Learning Algorithm. *Linguistic Inquiry*, v. 32, n. 1, p. 45-86, 2001.

BORGES, G. L. Uma análise sobre as vogais pretônicas no município de Uberaba/MG. *A MARGem*. Uberlândia, ano 1, n. 2, p. 79-93, 2008.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-30, 1992.

BRANDÃO, S. F.; ROCHA, F. M. V.; SANTOS, E. R. Vogais médias pretônicas em início de vocábulo na fala do Rio de Janeiro. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 28, n. 1, p. 273-288, jan.-jun. 2012.

BYBEE, J. Word Frequency and Context of Use in the Lexical Diffusion of Phonetically Conditioned Sound Change. *Language Variation and Change*, v. 14, p. 261-290, 2002.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. (Primeira edição em 1970).

CARDOSO, S. A. M. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, V. A. (Org.) *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Editora UEL, 1999, p. 93-108.

CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

CARVALHO, M. P.; BUENO, E. S. S. Variação no uso das vogais pretônicas [e] e [o] no Português popular falado em Dourados – MS. *Web-Revista Sociodialeto*, Campo Grande, v. 1, n. 4, 2011.

CASSIQUE, O., *et al.* Análise do processo de alteamento das vogais médias pretônicas no Português falado em Breves (PA). In: HORA, D. (Org.) *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 111-132.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. (Rev. Ed.). Singapore: Wiley-Blackwell, 2009. (Primeira edição em 1995).

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, 2, p. 225-252, 1985.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Structure of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.) *Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995, p. 245-306.

COETZEE, A. W. *What It Means To Be a Loser: Non-Optimal Candidates in Optimality Theory*. 2004. 494 f. Tese (Doutorado). University of Massachusetts, Amherst, 2004.

_____. *Variation as Accessing “Non-optimal” Candidates – a Rank-Ordering Model of EVAL*. Draft: 2006. Rutgers Optimality Archive #863-0906. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/863-0906/863-COETZEE-0-0.PDF>>.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 91-119.

_____. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2006.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Estudos de Fonologia e de Morfologia*. Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 73-82, 2004.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 14-90.

FELICE, A. C. G. L. *Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense*. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FONTE, J. S. *O sistema vocálico do Português Arcaico visto a partir das Cantigas de Santa Maria*. 2010. 236 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010a.

_____. *Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do Português Arcaico por meio da poesia medieval*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010b.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. *O estado dos municípios 2006-2008: Índice Paulista de Responsabilidade Social*. 2010. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/projetos/iprs/ajuda/2008/sintese.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

_____. *Região administrativa de São José do Rio Preto*. 2012. Disponível em: <<http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/iprs/reg689.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

GONÇALVES, S. C. L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório científico final apresentado à FAPESP. 2007. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatoriofinal>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

_____. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

GRAEBIN, G. S. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GUIMARÃES, R. V. M. *Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade*. 2006. 212 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

GUIOTTI, L. P. *O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto*. 2002. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HARRIS, J. W. Evidence from Portuguese for the “Elsewhere Condition”. *Linguistic Inquiry*, v. 5, n. 1, p. 61-80, 1974.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-79.

HUTCHESON, J. W. Remarks on the Nature of Complete Consonantal Assimilations. In: *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: University of Chicago, 1973, p. 215-222.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades@: São José do Rio Preto*. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=354980>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KENT, R. D.; READ, C. Teoria acústica da produção da fala. In: _____. *The Acoustic Analysis of Speech*. Tradução de Alexsandro R. Meireles. San Diego: Singular, 1992.

KIPARSKY, P. “Elsewhere” in Phonology. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. (Ed.) *Festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1973.

_____. Some Consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook*, 2, p. 85-138, 1985.

KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LABOV, W. The Social Origins of Sound Change. In: _____. (Ed.) *Locating Language in Time and Space*. New York: Academic Press, 1980, p. 251-266.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. 11th printing. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991. (Primeira edição em 1972).

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.) *Sociolinguistics: the Essential Readings*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 234-250.

LEE, S-H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 1995. 189 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

LEE, S-H.; OLIVEIRA, M. A. Variação inter- e intra-dialetal no Português Brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: COLLISCHONN, G.; DA HORA, D. *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 67-91.

_____. Teorias Fonológicas e Variação Linguística. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 3, p. 41-67, 2006a.

_____. *Phonological Theory and Language Variation in BP Mid Vowel Alternation*. In: The Seoul International Conference on Linguistics, 2006, Seoul. Proceeding of SICOL 2006. Seoul: The Linguistic Society of Korea, 2006b, v.1.

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Primeira edição em 2002).

MARCATO, F. *A realização das vogais mediais de prefixos na variedade do noroeste paulista*. Relatório de Iniciação Científica. 2010. 98 f. Relatório final (Iniciação Científica) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

MATZENAUER, C. L. B. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-82.

MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M. Traços distintivos e a aquisição das vogais do PB. In: HORA, D. (Org.) *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 45-63.

MCCARTHY, J. J. *A Thematic Guide to Optimality Theory*. New York: Cambridge University Press, 2002.

_____. *Doing Optimality Theory: Applying Theory to Data*. Hong Kong: Blackwell Publishing, 2008.

MCCARTHY, J. J.; PRINCE, A. Generalized Alignment. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. van (Ed.). *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993. p. 79-153.

MOTA, J. A. *Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE*. 1979. 287 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

NARO, A. J. A história do *e* e do *o* em Português – Um estudo de deriva linguística. In: _____. *Estudos diacrônicos*. Tradução de Lais Campos e Katia Elisabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 9-51.

_____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 43-50.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953. (Primeira edição em 1922).

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 179-190.

PEREIRA, R. C. M. *Uma análise variacionista das vogais médias pretônicas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Ms., Rutgers University, New Brunswick and University of Colorado, Boulder, 1993.

QUICOLI, A. C. Harmony, Lowering and Nasalization in Brazilian Portuguese. *Lingua* 80, p. 295-331, 1990.

RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B. As vogais médias pretônicas no falar paraense. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/1, p. 293-310, jun. 2012.

REYNOLDS, W. T. *Variation and Phonological Theory*. 1994. 246 f. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, 1994.

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

SCHWINDT, L. C. *A harmonia vocálica em dialetos do Sul do País: uma análise variacionista*. 1995. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

_____. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (Ed.). *The Structure of Phonological Representations* (Part II). Dordrecht: Foris, 1982, p. 337-383.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Conheça a região: São José do Rio Preto, a Capital da Região dos Grandes Lagos*. 2004. Disponível em: <http://antigo.sp.sebrae.com.br/principal/sebrae%20no%20estado/ersaojosedoriopreto/conhec_a_regiao.aspx>. Acesso em: 26 jun. 2013.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. 371 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. (Primeira edição em 1985).

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 231 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

_____. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 281 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Primeira edição em 1968).

WETZELS, W. L. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do Português: uma análise auto-segmental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 21, p. 25-58, 1991.

_____. Mid-vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 19-55, 1992.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABAURRE, M. B. M. Fonologia e Fonética. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Org.) *Introdução às Ciências da Linguagem – A palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006, p. 39-74.
- BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 20, p. 75-90, 1991.
- CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. (Primeira edição em 1971).
- CLEMENTS, G. N. *A Unified Set of Features for Consonants and Vowels*. [S.l.]: Ms. Cornell University, 1989.
- _____. Representational Economy in Constraint-based Phonology. In: HALL, T. A. (Ed.) *Distinctive Feature Theory (Phonology and Phonetics, 2)*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001, p. 71-146.
- HORA, D. (Org.) *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Malden: Blackwell Publishers, 2001, p. 415-465.
- LEE, S-H. Vowel Coalescence in Brazilian Portuguese. *The Proceedings of the 2002 LSK International Summer Conference*. 417-425, 2002.
- MAGALHÃES, J. S. A redução vocálica no Português Brasileiro por diferentes modelos fonológicos. In: HORA, D. (Org.) *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 65-87.
- MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M. Nominal Metaphony and Vocalic Harmony in Brazilian Portuguese: a Constraint-based Approach. In: FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; FREITAS, M. J. (Ed.) *Prosodies: with Special Reference to Iberian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, p. 339-360.
- MCCARTHY, J. J. *Introductory OT on CD-ROM*. Version 1.0. GLSA. [S.l.]: Amherst, 1999.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do Português – roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

ANEXOS

ANEXO A – Ocorrências de vogais pretônicas /e/ e /o/⁷⁴

⁷⁴ As ocorrências são seguidas, respectivamente, pelo número de casos de alçamento e pelo número total de ocorrências.

Vogal /e/

<i>aborrecimento</i>	0	1	<i>apeguei</i>	1	3
<i>academia</i>	0	2	<i>apelar</i>	0	1
<i>acendendo</i>	0	1	<i>apelido</i>	1	1
<i>acenderam</i>	0	1	<i>apelou</i>	0	1
<i>acertar</i>	0	1	<i>apertar</i>	0	1
<i>acontecendo</i>	0	7	<i>apertava</i>	0	1
<i>acontecer</i>	0	5	<i>aprendendo</i>	0	5
<i>aconteceu</i>	7	43	<i>aprender</i>	0	5
<i>acontecia</i>	0	3	<i>aprendi</i>	0	4
<i>acontecido</i>	1	3	<i>aprendido</i>	0	1
<i>acontecimento</i>	0	1	<i>apresentei</i>	0	1
<i>acredita</i>	2	3	<i>apresentei</i>	0	1
<i>acreditar</i>	0	1	<i>apresentou</i>	0	2
<i>acreditava</i>	1	5	<i>apresentou</i>	0	2
<i>acreditei</i>	1	1	<i>Argentina</i>	0	1
<i>acredito</i>	1	3	<i>arrebentado</i>	0	1
<i>acreditou</i>	0	3	<i>arrebentado</i>	0	1
<i>acrescentou</i>	0	2	<i>arregalado</i>	0	1
<i>acrescentou</i>	0	2	<i>arrendei</i>	0	2
<i>adolescente</i>	0	2	<i>arrepente</i>	0	1
<i>agredir</i>	0	1	<i>arrepinado</i>	1	1
<i>agressões</i>	0	1	<i>atenção</i>	0	8
<i>aguentando</i>	0	1	<i>atendendo</i>	0	3
<i>aguentar</i>	0	1	<i>atendente</i>	0	1
<i>aguentava</i>	0	6	<i>atender</i>	0	1
<i>aguentei</i>	0	1	<i>atendeu</i>	0	1
<i>aguentou</i>	0	1	<i>atendi</i>	0	1
<i>alegria</i>	2	2	<i>atendia</i>	0	1
<i>alimentação</i>	0	3	<i>atendido</i>	0	1
<i>alimentar</i>	0	1	<i>atendido</i>	0	1
<i>Alternativo</i>	0	3	<i>atormenação</i>	0	1
<i>amadurecendo</i>	0	1	<i>atravessado</i>	0	1
<i>amadurecer</i>	0	1	<i>atravessar</i>	0	6
<i>amadureci</i>	0	2	<i>atravessou</i>	0	2
<i>amamentação</i>	0	1	<i>aumentando</i>	0	2
<i>amamentou</i>	0	1	<i>avenida</i>	6	7
<i>amenizou</i>	0	1	<i>bebê</i>	0	1
<i>anemia</i>	2	4	<i>bebendo</i>	0	3
<i>anestesia</i>	0	6	<i>beber</i>	0	10
<i>anestesia</i>	0	6	<i>bebi</i>	2	2
<i>anestesista</i>	0	1	<i>bebia</i>	0	1
<i>anestesista</i>	0	1	<i>bebida</i>	0	8
<i>aniversário</i>	0	5	<i>beleza</i>	0	4
<i>anterior</i>	0	2	<i>Belina</i>	0	3
<i>apareceu</i>	0	4	<i>bendito</i>	0	1
<i>aparecia</i>	1	1	<i>Beneficência</i>	1	2
<i>Aparecida</i>	4	5	<i>Beneficência</i>	0	2
<i>apegado</i>	0	1	<i>benignos</i>	0	1

<i>Benjamin</i>	0	2	<i>comentando</i>	0	1
<i>bermuda</i>	0	1	<i>comentava</i>	0	1
<i>brinquedinho</i>	1	1	<i>comentei</i>	0	5
<i>cabecinha</i>	0	1	<i>comentou</i>	0	1
<i>cabecote</i>	0	1	<i>comercial</i>	0	2
<i>cafezal</i>	0	1	<i>condenada</i>	0	1
<i>camelô</i>	0	1	<i>confecção</i>	0	2
<i>características</i>	0	1	<i>conhecemos</i>	0	2
<i>cedeu</i>	0	2	<i>conhecendo</i>	1	2
<i>cedinho</i>	0	1	<i>conhecer</i>	0	7
<i>cemitério</i>	9	9	<i>conheceu</i>	0	1
<i>Centauros</i>	0	4	<i>conheci</i>	5	11
<i>centavo</i>	0	1	<i>conhecia</i>	3	5
<i>centavos</i>	0	1	<i>conhecido</i>	1	1
<i>centímetros</i>	0	3	<i>conhecido</i>	0	2
<i>Central</i>	0	3	<i>conhecimento</i>	0	2
<i>cerebral</i>	0	1	<i>consegui</i>	5	5
<i>cerebral</i>	0	1	<i>conseguia</i>	8	9
<i>cerejeira</i>	0	2	<i>conseguido</i>	1	1
<i>cerejeira</i>	0	2	<i>conseguimos</i>	2	2
<i>cerimônia</i>	0	1	<i>conseguindo</i>	3	3
<i>certeza</i>	0	8	<i>conseguir</i>	7	7
<i>cerveja</i>	0	3	<i>conseguisse</i>	1	1
<i>cervejinha</i>	0	1	<i>conseguiu</i>	2	2
<i>cervejinha</i>	0	1	<i>consertar</i>	0	1
<i>cesárea</i>	0	2	<i>conservação</i>	0	1
<i>cesariana</i>	0	2	<i>considerava</i>	0	1
<i>chegado</i>	0	5	<i>constrangedor</i>	0	1
<i>chegamos</i>	0	10	<i>conversamos</i>	0	4
<i>chegando</i>	0	8	<i>conversando</i>	0	15
<i>chegar</i>	0	14	<i>conversar</i>	0	22
<i>chegasse</i>	0	1	<i>conversava</i>	0	6
<i>chegava</i>	0	14	<i>conversavam</i>	0	1
<i>chegou</i>	0	58	<i>conversei</i>	0	4
<i>cheguei</i>	0	48	<i>conversou</i>	0	12
<i>cobertor</i>	0	2	<i>coordenar</i>	0	2
<i>coleção</i>	0	2	<i>corredor</i>	0	1
<i>coleçãozinha</i>	0	1	<i>correnteza</i>	0	1
<i>coleccionando</i>	0	1	<i>correspondeu</i>	0	1
<i>colegial</i>	0	3	<i>correspondido</i>	0	2
<i>colesterol</i>	0	1	<i>crescendo</i>	0	4
<i>colesterol</i>	0	1	<i>crescer</i>	0	4
<i>coletava</i>	0	1	<i>crecesse</i>	0	1
<i>começamos</i>	0	4	<i>creeceu</i>	0	1
<i>começando</i>	0	1	<i>cresci</i>	0	2
<i>começar</i>	0	7	<i>crescimento</i>	0	1
<i>começaram</i>	0	6	<i>cumprimentei</i>	0	1
<i>começava</i>	0	7	<i>debitamos</i>	0	1
<i>comecei</i>	0	51	<i>decepção</i>	0	2
<i>começou</i>	1	52	<i>decepção</i>	0	2

<i>decidi</i>	0	2	<i>deseja</i>	0	1
<i>decolava</i>	0	1	<i>desempregada</i>	0	1
<i>decolei</i>	0	1	<i>desempregado</i>	0	1
<i>decorar</i>	0	1	<i>desenho</i>	0	1
<i>decretou</i>	0	1	<i>desenho</i>	0	1
<i>decretou</i>	0	1	<i>deserto</i>	0	1
<i>dedicação</i>	0	1	<i>desesperada</i>	0	3
<i>dedico</i>	0	1	<i>desesperado</i>	0	1
<i>deduzi</i>	0	1	<i>desesperar</i>	0	1
<i>defeitos</i>	0	1	<i>designado</i>	0	1
<i>delegacia</i>	0	1	<i>desisti</i>	1	1
<i>delegacia</i>	0	1	<i>desistido</i>	1	1
<i>delícia</i>	0	2	<i>desistir</i>	2	2
<i>demissão</i>	0	2	<i>desmaiei</i>	1	1
<i>demora</i>	0	1	<i>despedida</i>	1	1
<i>demorar</i>	0	1	<i>despedida</i>	1	1
<i>demorava</i>	0	1	<i>despedido</i>	1	1
<i>demorou</i>	0	2	<i>despedido</i>	1	1
<i>denominado</i>	0	1	<i>despertou</i>	3	3
<i>dentista</i>	0	5	<i>despertou</i>	0	3
<i>departamento</i>	0	2	<i>despesa</i>	2	2
<i>depende</i>	0	1	<i>despesas</i>	1	1
<i>dependendo</i>	0	1	<i>destino</i>	2	2
<i>dependendo</i>	0	1	<i>detalhe</i>	0	1
<i>depender</i>	0	1	<i>determinadas</i>	0	1
<i>depender</i>	0	1	<i>determinadas</i>	0	1
<i>dependia</i>	0	1	<i>determinado</i>	0	2
<i>dependia</i>	0	1	<i>determinado</i>	0	2
<i>depósitos</i>	0	1	<i>devendo</i>	0	1
<i>depressão</i>	0	1	<i>deveria</i>	0	2
<i>depressão</i>	0	1	<i>deveria</i>	0	2
<i>derrame</i>	0	8	<i>devia</i>	5	9
<i>derrubar</i>	1	1	<i>devolve</i>	0	1
<i>derrubou</i>	1	1	<i>devolveram</i>	0	1
<i>desacreditava</i>	0	1	<i>dezembro</i>	0	3
<i>descendo</i>	0	5	<i>diferença</i>	0	3
<i>descer</i>	0	2	<i>diferente</i>	0	7
<i>desceu</i>	0	4	<i>diferentes</i>	0	1
<i>desci</i>	0	3	<i>direção</i>	0	3
<i>descia</i>	0	2	<i>diretor</i>	0	4
<i>descobri</i>	7	7	<i>diretora</i>	0	8
<i>descobrimos</i>	1	1	<i>diretoria</i>	0	5
<i>descobrimo</i>	1	1	<i>dispensado</i>	0	1
<i>descobrir</i>	3	3	<i>dispensado</i>	0	1
<i>descobriram</i>	1	1	<i>dispensar</i>	0	1
<i>descobriu</i>	1	1	<i>diversão</i>	0	1
<i>desconfiar</i>	1	1	<i>diverti</i>	0	1
<i>descontar</i>	2	2	<i>divertir</i>	0	1
<i>descrever</i>	1	1	<i>elegia</i>	0	1
<i>descrever</i>	0	1	<i>elementos</i>	0	1

<i>elevada</i>	0	1	<i>esquecia</i>	1	1
<i>elevador</i>	0	5	<i>esquecido</i>	0	1
<i>emagrecer</i>	0	1	<i>esquentou</i>	0	1
<i>emagreceu</i>	0	1	<i>estabelecer</i>	0	1
<i>emagreci</i>	0	1	<i>estabelecer</i>	0	1
<i>emendado</i>	0	1	<i>eternidade</i>	0	2
<i>emergência</i>	0	4	<i>exceção</i>	0	1
<i>empresários</i>	0	1	<i>exemplares</i>	0	3
<i>emprestada</i>	0	2	<i>exercer</i>	0	1
<i>emprestaram</i>	0	1	<i>exerceu</i>	0	1
<i>enfermagem</i>	0	3	<i>exercia</i>	0	1
<i>enfermeira</i>	0	1	<i>expectativa</i>	0	1
<i>engessado</i>	0	1	<i>experiência</i>	0	10
<i>engessado</i>	0	1	<i>falecendo</i>	0	1
<i>engessou</i>	0	1	<i>falecer</i>	0	2
<i>entendendo</i>	0	4	<i>faleceu</i>	0	6
<i>entendeu</i>	0	25	<i>falecido</i>	2	2
<i>entendia</i>	0	2	<i>fechada</i>	0	8
<i>entorpecente</i>	0	1	<i>fechado</i>	0	2
<i>entregado</i>	0	1	<i>fechamos</i>	0	1
<i>entregando</i>	0	1	<i>fechando</i>	0	1
<i>entregar</i>	0	1	<i>fechei</i>	0	2
<i>entregaram</i>	0	1	<i>fechou</i>	0	10
<i>entregou</i>	0	3	<i>federal</i>	0	1
<i>entreguei</i>	0	1	<i>federal</i>	0	1
<i>envelhece</i>	0	1	<i>fedor</i>	0	2
<i>envelhecer</i>	0	1	<i>felicidade</i>	0	2
<i>envelhecer</i>	0	1	<i>feliz</i>	0	8
<i>envelhecida</i>	0	1	<i>feriado</i>	0	1
<i>envelhecida</i>	0	1	<i>ferida</i>	1	1
<i>enxergando</i>	0	1	<i>ferragens</i>	0	1
<i>enxergar</i>	0	2	<i>ferrei</i>	0	1
<i>enxergava</i>	0	1	<i>ferroviário</i>	0	1
<i>esclareci</i>	1	1	<i>fervorosa</i>	0	1
<i>esclerosada</i>	0	1	<i>fevereiro</i>	0	2
<i>esclerose</i>	0	1	<i>fevereiro</i>	0	2
<i>escorregou</i>	0	1	<i>fisioterapeuta</i>	0	1
<i>escrevendo</i>	0	1	<i>frequenta</i>	0	1
<i>escrever</i>	0	2	<i>frequentar</i>	0	1
<i>especial</i>	0	2	<i>frequentar</i>	0	1
<i>esperado</i>	0	1	<i>frequentava</i>	0	1
<i>esperando</i>	0	13	<i>frequentava</i>	0	1
<i>esperar</i>	0	3	<i>frequento</i>	0	1
<i>esperava</i>	0	3	<i>futebol</i>	2	2
<i>esperei</i>	0	1	<i>gelar</i>	0	1
<i>esperou</i>	0	1	<i>gelei</i>	0	1
<i>espessura</i>	0	1	<i>geração</i>	0	2
<i>espetáculo</i>	0	1	<i>geral</i>	0	2
<i>esquecer</i>	0	3	<i>gerando</i>	0	1
<i>esqueci</i>	1	2	<i>gerente</i>	0	2

<i>g<u>e</u>sticulando</i>	0	1	<i>l<u>e</u>vantar</i>	0	7
<i>Getúlio</i>	0	1	<i>l<u>e</u>vantava</i>	0	4
<i>g<u>o</u>vernador</i>	0	2	<i>l<u>e</u>vantei</i>	0	6
<i>h<u>o</u>menageado</i>	0	1	<i>l<u>e</u>vantou</i>	0	1
<i>im<u>p</u>edia</i>	1	1	<i>l<u>e</u>var</i>	0	12
<i>im<u>p</u>ressionou</i>	0	1	<i>l<u>e</u>varam</i>	0	2
<i>in<u>e</u>sperada</i>	0	1	<i>l<u>e</u>varem</i>	0	1
<i>in<u>f</u>eriores</i>	0	1	<i>l<u>e</u>varia</i>	0	1
<i>in<u>i</u>njeção</i>	0	1	<i>l<u>e</u>vava</i>	0	10
<i>in<u>i</u>njeções</i>	0	1	<i>l<u>e</u>vei</i>	0	8
<i>in<u>s</u>creviam</i>	0	1	<i>l<u>e</u>vou</i>	0	19
<i>in<u>s</u>petor</i>	0	1	<i>lib<u>e</u>ração</i>	0	2
<i>in<u>s</u>petora</i>	0	1	<i>lib<u>e</u>rdade</i>	0	1
<i>in<u>t</u>egrar</i>	0	1	<i>M<u>a</u>rchal</i>	0	3
<i>in<u>t</u>electuais</i>	0	1	<i>mat<u>e</u>rial</i>	0	4
<i>in<u>t</u>electuais</i>	0	1	<i>med<u>a</u>lha</i>	0	1
<i>in<u>t</u>eligente</i>	0	1	<i>med<u>i</u>cação</i>	0	4
<i>in<u>t</u>enção</i>	0	2	<i>med<u>i</u>camento</i>	0	1
<i>in<u>t</u>eressando</i>	0	1	<i>med<u>i</u>camentos</i>	0	3
<i>in<u>t</u>eressando</i>	0	1	<i>med<u>i</u>cina</i>	0	1
<i>in<u>t</u>eressante</i>	0	9	<i>med<u>i</u>da</i>	1	1
<i>in<u>t</u>eressante</i>	0	9	<i>mel<u>h</u>or</i>	2	18
<i>in<u>t</u>eressantes</i>	0	2	<i>mel<u>h</u>orando</i>	0	5
<i>in<u>t</u>eressantes</i>	0	2	<i>mel<u>h</u>orar</i>	0	1
<i>in<u>t</u>eressa</i>	0	1	<i>mel<u>h</u>orei</i>	0	2
<i>in<u>t</u>erior</i>	0	3	<i>mel<u>h</u>ores</i>	0	1
<i>in<u>t</u>ernada</i>	0	3	<i>men<u>i</u>na</i>	18	18
<i>in<u>t</u>ernado</i>	0	1	<i>men<u>i</u>nas</i>	3	3
<i>in<u>t</u>ernei</i>	0	2	<i>men<u>i</u>ngite</i>	2	2
<i>in<u>t</u>ernet</i>	0	8	<i>men<u>i</u>no</i>	18	18
<i>in<u>t</u>ervalo</i>	0	2	<i>men<u>i</u>nos</i>	2	2
<i>in<u>t</u>estino</i>	1	1	<i>men<u>o</u>r</i>	0	1
<i>in<u>v</u>entar</i>	0	1	<i>men<u>s</u>agem</i>	0	1
<i>in<u>v</u>entou</i>	0	2	<i>men<u>s</u>al</i>	0	1
<i>in<u>v</u>esti</i>	1	1	<i>men<u>s</u>trual</i>	0	2
<i>in<u>v</u>estido</i>	0	1	<i>men<u>s</u>truava</i>	0	1
<i>ir<u>r</u>esponsabilidade</i>	0	1	<i>men<u>t</u>al</i>	0	1
<i>is<u>q</u>uemia</i>	0	1	<i>men<u>t</u>ia</i>	1	1
<i>je<u>j</u>um</i>	0	2	<i>men<u>t</u>ira</i>	5	5
<i>Je<u>s</u>us</i>	0	20	<i>men<u>t</u>irosa</i>	0	1
<i>leg<u>a</u>is</i>	0	2	<i>mer<u>c</u>ado</i>	0	2
<i>leg<u>a</u>l</i>	0	25	<i>mes<u>t</u>iço</i>	1	1
<i>lem<u>br</u>ar</i>	0	2	<i>met<u>a</u>de</i>	0	4
<i>lem<u>br</u>ava</i>	0	4	<i>met<u>a</u>l</i>	0	1
<i>les<u>a</u>do</i>	0	1	<i>me<u>x</u>endo</i>	0	1
<i>les<u>a</u>o</i>	0	9	<i>me<u>x</u>er</i>	0	7
<i>l<u>e</u>vada</i>	0	2	<i>me<u>x</u>ia</i>	1	1
<i>l<u>e</u>vado</i>	0	1	<i>me<u>x</u>iam</i>	1	1
<i>l<u>e</u>vamos</i>	0	3	<i>me<u>x</u>ido</i>	0	1
<i>l<u>e</u>vando</i>	0	5	<i>mo<u>l</u>ecada</i>	0	2

<i>movim<u>e</u>ntado</i>	0	1	<i>pe<u>g</u>ando</i>	0	2
<i>movim<u>e</u>ntava</i>	0	1	<i>pe<u>g</u>ar</i>	0	22
<i>ne<u>n</u>ecessidade</i>	0	4	<i>pe<u>g</u>aram</i>	0	2
<i>ne<u>n</u>ecessidade</i>	0	4	<i>pe<u>g</u>ava</i>	0	11
<i>ne<u>n</u>gaiada</i>	0	1	<i>pe<u>g</u>ou</i>	0	43
<i>ne<u>n</u>gócio</i>	0	20	<i>pe<u>g</u>uei</i>	0	56
<i>ne<u>n</u>ê</i>	0	4	<i>pe<u>g</u>uemos</i>	0	1
<i>ne<u>n</u>ezinho</i>	0	1	<i>pe<u>n</u>durava</i>	1	1
<i>nene<u>z</u>inho</i>	0	1	<i>pe<u>n</u>eira</i>	0	1
<i>ne<u>r</u>vosa</i>	0	12	<i>pe<u>n</u>sado</i>	0	2
<i>ne<u>r</u>voso</i>	0	4	<i>pe<u>n</u>samentos</i>	0	1
<i>N<u>e</u>stlé</i>	0	1	<i>pe<u>n</u>sando</i>	0	7
<i>ob<u>e</u>cada</i>	0	2	<i>pe<u>n</u>são</i>	0	2
<i>ob<u>e</u>dece</i>	0	1	<i>pe<u>n</u>sar</i>	0	6
<i>ob<u>e</u>decer</i>	0	1	<i>pe<u>n</u>sei</i>	0	5
<i>ob<u>e</u>de<u>c</u>er</i>	0	1	<i>pe<u>n</u>sou</i>	0	1
<i>ob<u>e</u>decia</i>	2	3	<i>pe<u>q</u>uena</i>	9	9
<i>ob<u>e</u>decia</i>	2	3	<i>pe<u>q</u>uenas</i>	1	1
<i>ob<u>e</u>sidade</i>	0	1	<i>pe<u>q</u>uenininha</i>	3	3
<i>Ob<u>o</u>servatório</i>	0	1	<i>pe<u>q</u>uenininha</i>	3	3
<i>of<u>e</u>recer</i>	0	1	<i>pe<u>q</u>uenininho</i>	3	3
<i>of<u>e</u>re<u>c</u>er</i>	0	1	<i>pe<u>q</u>ueno</i>	9	9
<i>of<u>e</u>re<u>c</u>eu</i>	0	1	<i>pe<u>q</u>uenos</i>	1	1
<i>of<u>e</u>re<u>c</u>eu</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>cebesse</i>	1	1
<i>op<u>e</u>ração</i>	0	4	<i>pe<u>r</u>cebesse</i>	0	1
<i>op<u>e</u>rações</i>	0	2	<i>pe<u>r</u>cebi</i>	1	4
<i>op<u>e</u>rada</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>cebi</i>	0	4
<i>op<u>e</u>rar</i>	0	7	<i>pe<u>r</u>cebido</i>	0	1
<i>op<u>e</u>rou</i>	0	2	<i>pe<u>r</u>cebido</i>	0	1
<i>ore<u>l</u>hão</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>cebo</i>	0	2
<i>Pale<u>s</u>tina</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>dão</i>	0	1
<i>pa<u>q</u>u<u>e</u>rar</i>	0	3	<i>pe<u>r</u>demos</i>	0	3
<i>par<u>c</u>eria</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>dendo</i>	0	3
<i>pare<u>c</u>endo</i>	1	1	<i>pe<u>r</u>der</i>	0	3
<i>pare<u>c</u>ia</i>	5	5	<i>pe<u>r</u>desse</i>	0	2
<i>pe<u>d</u>acinho</i>	0	2	<i>pe<u>r</u>deu</i>	0	5
<i>pe<u>d</u>aço</i>	0	7	<i>pe<u>r</u>di</i>	1	8
<i>pe<u>d</u>alada</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>dia</i>	1	3
<i>pe<u>d</u>alar</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>dido</i>	1	3
<i>pe<u>d</u>i</i>	3	3	<i>pe<u>r</u>dido</i>	0	2
<i>pe<u>d</u>ia</i>	4	4	<i>pe<u>r</u>doar</i>	0	1
<i>pe<u>d</u>iatría</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>feito</i>	0	3
<i>pe<u>d</u>ido</i>	1	1	<i>pe<u>r</u>fume</i>	0	1
<i>pe<u>d</u>indo</i>	3	3	<i>pe<u>r</u>gunta</i>	0	1
<i>pe<u>d</u>ir</i>	9	9	<i>pe<u>r</u>guntam</i>	0	1
<i>pe<u>d</u>iram</i>	2	2	<i>pe<u>r</u>guntando</i>	0	1
<i>pe<u>d</u>iu</i>	11	11	<i>pe<u>r</u>guntar</i>	0	2
<i>pe<u>d</u>reiro</i>	0	1	<i>pe<u>r</u>guntaram</i>	0	1
<i>pe<u>g</u>ado</i>	0	2	<i>pe<u>r</u>guntas</i>	0	2
<i>pe<u>g</u>amos</i>	0	6	<i>pe<u>r</u>guntava</i>	0	1

<i>perguntavam</i>	0	1	<i>pre_senciar</i>	0	1
<i>perguntei</i>	0	8	<i>presenciar</i>	0	1
<i>perguntou</i>	0	7	<i>pre_sente</i>	0	1
<i>perigo</i>	1	1	<i>pre_sidência</i>	0	1
<i>perigoso</i>	2	2	<i>pre_s_são</i>	0	3
<i>período</i>	0	1	<i>pre_star</i>	0	2
<i>permitido</i>	0	1	<i>pre_staram</i>	0	1
<i>persegue</i>	0	1	<i>pre_tendo</i>	0	2
<i>perspectiva</i>	0	1	<i>privilegiada</i>	0	1
<i>perspectiva</i>	0	1	<i>probleminha</i>	0	2
<i>pertence</i>	0	1	<i>procedimento</i>	0	3
<i>pesada</i>	0	3	<i>professor</i>	2	5
<i>pescando</i>	0	2	<i>professora</i>	5	10
<i>pescoço</i>	0	2	<i>professores</i>	0	3
<i>pesquisadores</i>	0	1	<i>progredir</i>	0	1
<i>pessoa</i>	0	59	<i>projecção</i>	0	4
<i>pessoal</i>	0	15	<i>projetando</i>	0	1
<i>pessoas</i>	0	25	<i>prometeu</i>	0	1
<i>planejado</i>	0	1	<i>prometia</i>	1	1
<i>planejando</i>	0	1	<i>protetora</i>	0	1
<i>poderia</i>	0	5	<i>protetores</i>	0	1
<i>polegadas</i>	0	1	<i>quebrado</i>	0	1
<i>potencial</i>	0	2	<i>quebrado</i>	0	3
<i>precisa</i>	9	10	<i>quebrar</i>	0	1
<i>precisamos</i>	2	2	<i>quebrasse</i>	0	1
<i>precisando</i>	3	3	<i>quebrava</i>	0	1
<i>precisar</i>	3	3	<i>quebrei</i>	0	1
<i>precisasse</i>	2	2	<i>quebrou</i>	0	3
<i>precisava</i>	17	18	<i>querendo</i>	0	7
<i>precisavam</i>	1	1	<i>querer</i>	0	6
<i>precisei</i>	3	3	<i>queria</i>	45	45
<i>preciso</i>	2	2	<i>queriam</i>	5	5
<i>precisou</i>	11	11	<i>questão</i>	0	1
<i>prefeito</i>	0	13	<i>Rebatem</i>	0	1
<i>prefeitura</i>	0	10	<i>rebentou</i>	0	1
<i>preferencial</i>	0	1	<i>rebentou</i>	0	1
<i>preferencial</i>	0	1	<i>receba</i>	0	1
<i>preferível</i>	1	1	<i>receber</i>	0	3
<i>preferível</i>	1	1	<i>receber</i>	0	3
<i>prefiro</i>	0	1	<i>recebia</i>	1	2
<i>pregada</i>	0	1	<i>recebia</i>	0	2
<i>pregar</i>	0	1	<i>receio</i>	0	3
<i>premiada</i>	0	1	<i>recente</i>	0	1
<i>preparando</i>	0	1	<i>recepcionista</i>	0	1
<i>preparar</i>	0	1	<i>recepcionista</i>	0	1
<i>preparo</i>	0	1	<i>reclamar</i>	0	1
<i>preposto</i>	0	4	<i>reconhece</i>	0	1
<i>Presciliano</i>	1	1	<i>reconhecem</i>	0	1
<i>presença</i>	0	2	<i>Record</i>	0	2
			<i>recordei</i>	0	1

<i>re<u>co</u>rdo</i>	0	1	<i>re<u>pre</u>sentantes</i>	0	1
<i>re<u>cre</u>io</i>	0	1	<i>repre<u>se</u>ntantes</i>	0	1
<i>re<u>cu</u>peração</i>	0	1	<i>repre<u>se</u>ntantes</i>	0	1
<i>re<u>cu</u>peração</i>	0	1	<i>re<u>pre</u>sentei</i>	0	1
<i>re<u>cu</u>perar</i>	0	1	<i>repre<u>se</u>ntei</i>	0	1
<i>re<u>cu</u>perar</i>	0	1	<i>repre<u>se</u>ntei</i>	0	1
<i>re<u>cu</u>rso</i>	0	1	<i>re<u>p</u>ública</i>	0	3
<i>Re<u>de</u>ntora</i>	0	1	<i>re<u>pu</u>blicano</i>	0	1
<i>Re<u>de</u>ntora</i>	0	1	<i>re<u>se</u>rva</i>	0	1
<i>re<u>do</u>nda</i>	0	1	<i>re<u>se</u>rvas</i>	0	1
<i>re<u>du</u>zido</i>	0	1	<i>re<u>se</u>lvemos</i>	0	2
<i>re<u>fl</u>exo</i>	0	2	<i>re<u>se</u>lvendo</i>	0	1
<i>re<u>fo</u>rmando</i>	0	2	<i>re<u>se</u>lver</i>	0	3
<i>re<u>fo</u>rmar</i>	0	1	<i>re<u>se</u>olveu</i>	0	4
<i>re<u>fr</u>igerante</i>	0	2	<i>re<u>se</u>lvi</i>	0	9
<i>re<u>fr</u>igerante</i>	0	2	<i>re<u>se</u>peitando</i>	0	1
<i>re<u>ga</u>ço</i>	0	2	<i>re<u>se</u>peito</i>	0	2
<i>re<u>gi</u>ão</i>	0	16	<i>re<u>se</u>pondia</i>	0	1
<i>re<u>gi</u>strado</i>	0	3	<i>re<u>se</u>ponsabilidade</i>	0	1
<i>re<u>gi</u>stro</i>	0	1	<i>re<u>se</u>ponsável</i>	0	1
<i>re<u>gi</u>strou</i>	0	3	<i>re<u>se</u>posta</i>	0	1
<i>re<u>la</u>ção</i>	0	1	<i>re<u>se</u>saca</i>	0	1
<i>re<u>la</u>cionamento</i>	0	3	<i>re<u>se</u>ssonância</i>	0	2
<i>re<u>la</u>cionar</i>	0	1	<i>re<u>se</u>staurante</i>	0	3
<i>re<u>la</u>xa</i>	0	2	<i>re<u>se</u>vendendo</i>	0	1
<i>re<u>la</u>xante</i>	0	3	<i>re<u>se</u>nder</i>	0	1
<i>re<u>la</u>xar</i>	0	1	<i>re<u>se</u>verter</i>	0	1
<i>re<u>la</u>xou</i>	0	1	<i>re<u>se</u>verter</i>	0	1
<i>re<u>le</u>mbrou</i>	0	1	<i>re<u>se</u>vestindo</i>	0	1
<i>re<u>li</u>gião</i>	0	1	<i>re<u>se</u>volta</i>	0	2
<i>re<u>l</u>ógio</i>	0	1	<i>re<u>se</u>voltada</i>	0	1
<i>re<u>me</u>dinho</i>	0	1	<i>re<u>se</u>voltados</i>	0	1
<i>re<u>me</u>dio</i>	0	6	<i>re<u>se</u>voltou</i>	0	1
<i>re<u>me</u>dios</i>	0	6	<i>re<u>se</u>volução</i>	0	2
<i>re<u>me</u>ndado</i>	0	1	<i>re<u>se</u>zando</i>	0	1
<i>re<u>me</u>ovido</i>	0	1	<i>se<u>g</u>mento</i>	1	8
<i>re<u>ne</u>gava</i>	0	2	<i>se<u>g</u>uia</i>	2	2
<i>re<u>ne</u>gava</i>	0	2	<i>se<u>g</u>uinte</i>	8	8
<i>re<u>pa</u>rado</i>	0	1	<i>se<u>g</u>uir</i>	1	1
<i>re<u>pe</u>tindo</i>	1	1	<i>se<u>g</u>unda(-feira)</i>	4	8
<i>re<u>pe</u>tindo</i>	0	1	<i>se<u>g</u>ura</i>	1	2
<i>re<u>pe</u>tir</i>	1	1	<i>se<u>g</u>urado</i>	0	1
<i>re<u>pe</u>tir</i>	0	1	<i>se<u>g</u>urança</i>	1	3
<i>re<u>pe</u>tiu</i>	1	1	<i>se<u>g</u>urando</i>	1	1
<i>re<u>pe</u>tiu</i>	0	1	<i>se<u>g</u>urar</i>	5	5
<i>re<u>po</u>lho</i>	0	4	<i>se<u>g</u>urasse</i>	1	1
<i>re<u>po</u>uso</i>	0	6	<i>se<u>g</u>urei</i>	1	1
<i>re<u>pre</u>sentante</i>	0	8	<i>se<u>g</u>urou</i>	2	2
<i>repre<u>se</u>ntante</i>	0	8	<i>se<u>ma</u>na</i>	0	33
<i>repre<u>se</u>ntante</i>	0	8	<i>se<u>ma</u>nas</i>	0	5

<i>semelhante</i>	0	1	<i>televisão</i>	0	15
<i>semelhante</i>	0	1	<i>tempão</i>	0	1
<i>Senhor</i>	11	18	<i>tempinho</i>	0	2
<i>senhora</i>	11	11	<i>temporão</i>	0	1
<i>senhoras</i>	1	1	<i>tendência</i>	0	1
<i>sensação</i>	0	2	<i>tentando</i>	0	3
<i>sentada</i>	0	8	<i>tentar</i>	0	6
<i>sentadas</i>	0	1	<i>tentaram</i>	0	1
<i>sentado</i>	0	4	<i>tentava</i>	0	1
<i>sentar</i>	0	1	<i>tentei</i>	0	2
<i>sentei</i>	0	6	<i>tentou</i>	0	2
<i>senti</i>	7	8	<i>teria</i>	0	7
<i>sentia</i>	2	3	<i>terminado</i>	0	1
<i>sentido</i>	3	3	<i>terminado</i>	0	1
<i>sentido</i>	1	1	<i>terminal</i>	0	1
<i>sentimental</i>	0	1	<i>terminamos</i>	0	5
<i>sentimental</i>	0	1	<i>terminar</i>	0	2
<i>sentindo</i>	1	1	<i>terminava</i>	0	1
<i>sentir</i>	1	1	<i>terminei</i>	0	3
<i>sentou</i>	0	4	<i>terminou</i>	0	3
<i>separação</i>	0	1	<i>terreno</i>	0	2
<i>separada</i>	0	1	<i>terrível</i>	0	6
<i>separado</i>	0	4	<i>tesoura</i>	1	1
<i>separado</i>	0	2	<i>tesoureiro</i>	3	3
<i>separamos</i>	0	1	<i>tranqueiraiada</i>	0	1
<i>separando</i>	0	1	<i>travesseirinho</i>	1	1
<i>separar</i>	0	5	<i>tremedeira</i>	0	1
<i>separei</i>	0	3	<i>tremedeira</i>	0	1
<i>separou</i>	0	2	<i>tremendo</i>	0	2
<i>sequela</i>	0	2	<i>tremia</i>	0	1
<i>seria</i>	1	6	<i>tropeção</i>	0	1
<i>seringueira</i>	1	2	<i>tropeçou</i>	0	1
<i>servente</i>	0	1	<i>universitários</i>	0	1
<i>serviço</i>	0	16	<i>vegetativo</i>	0	1
<i>serviremos</i>	0	2	<i>vegetativo</i>	0	1
<i>serviu</i>	0	1	<i>vegetou</i>	0	1
<i>setembro</i>	0	6	<i>vegetou</i>	0	1
<i>severa</i>	0	1	<i>velado</i>	0	1
<i>sossegado</i>	0	2	<i>velando</i>	0	1
<i>(bem-)sucedido</i>	0	2	<i>velório</i>	0	7
<i>sugeriram</i>	0	1	<i>vendedor</i>	0	6
<i>sugestivo</i>	0	1	<i>vendedor</i>	0	6
<i>superior</i>	0	1	<i>vendendo</i>	0	1
<i>supermercado</i>	0	1	<i>vender</i>	0	9
<i>superou</i>	0	1	<i>vendesse</i>	0	1
<i>sustentar</i>	0	2	<i>vendeu</i>	0	2
<i>tecido</i>	1	1	<i>vendi</i>	0	5
<i>telefone</i>	0	10	<i>vendia</i>	0	4
<i>telefone</i>	0	10	<i>vendido</i>	0	1
<i>televisão</i>	0	15	<i>vendido</i>	0	1

<i>v<u>e</u>rdade</i>	0	10
<i>v<u>e</u>rdadeiro</i>	0	1
<i>v<u>e</u>reador</i>	0	6
<i>v<u>e</u>readores</i>	0	3
<i>v<u>e</u>rgonha</i>	0	6
<i>v<u>e</u>rgonhoso</i>	0	1
<i>v<u>e</u>sícula</i>	3	3
<i>v<u>e</u>stiário</i>	0	1
<i>v<u>e</u>stida</i>	1	1
<i>v<u>e</u>stidão</i>	1	1

<i>v<u>e</u>stido</i>	1	1
<i>v<u>e</u>stígio</i>	0	1
<i>v<u>e</u>stir</i>	1	1
<i>v<u>e</u>terinário</i>	0	1
<i>v<u>e</u>terinário</i>	0	1
<i>z<u>e</u>brão</i>	0	1

Vogal /o/

<i>aband<u>o</u>nar</i>	0	1	<i>bo<u>t</u>aram</i>	0	1
<i>abo<u>r</u>recimento</i>	0	1	<i>bo<u>t</u>ava</i>	0	1
<i>aco<u>m</u>panhar</i>	1	2	<i>bo<u>t</u>ei</i>	1	1
<i>aco<u>m</u>panhei</i>	0	1	<i>bo<u>t</u>ou</i>	0	1
<i>Aco<u>n</u>chego</i>	1	1	<i>Busco<u>p</u>an</i>	0	1
<i>aco<u>n</u>tece</i>	0	11	<i>caminh<u>o</u>netas</i>	0	1
<i>aco<u>n</u>tecedo</i>	0	7	<i>cardiolo<u>g</u>ista</i>	0	1
<i>aco<u>n</u>tecer</i>	0	5	<i>cat<u>o</u>licismo</i>	0	1
<i>aco<u>n</u>teceu</i>	0	43	<i>cho<u>c</u>ou</i>	0	2
<i>aco<u>n</u>tecia</i>	0	3	<i>cho<u>f</u>er</i>	0	2
<i>aco<u>n</u>tecido</i>	0	3	<i>cho<u>r</u>ando</i>	0	18
<i>aco<u>n</u>tecimento</i>	0	1	<i>cho<u>r</u>ar</i>	0	13
<i>aco<u>r</u>dar</i>	0	2	<i>cho<u>r</u>aram</i>	0	1
<i>aco<u>r</u>dei</i>	0	5	<i>cho<u>r</u>ava</i>	0	14
<i>aco<u>r</u>dou</i>	0	2	<i>cho<u>r</u>ei</i>	2	7
<i>aco<u>s</u>tamento</i>	0	1	<i>cho<u>r</u>ou</i>	0	2
<i>aco<u>s</u>tumei</i>	1	1	<i>cho<u>v</u>er</i>	0	1
<i>ado<u>l</u>escente</i>	0	2	<i>co<u>b</u>alto</i>	0	3
<i>ado<u>r</u>ava</i>	0	1	<i>co<u>b</u>ertor</i>	2	2
<i>ado<u>t</u>aram</i>	0	1	<i>co<u>b</u>rador</i>	0	5
<i>aero<u>p</u>orto</i>	0	12	<i>co<u>b</u>rança</i>	0	1
<i>alg<u>o</u>dão</i>	0	1	<i>co<u>b</u>ranças</i>	0	1
<i>almo<u>ç</u>ado</i>	1	1	<i>co<u>b</u>rava</i>	0	1
<i>almo<u>ç</u>ar</i>	1	1	<i>co<u>b</u>rindo</i>	1	1
<i>almo<u>ç</u>ei</i>	4	4	<i>co<u>c</u>ô</i>	0	1
<i>almo<u>ç</u>ou</i>	1	1	<i>co<u>l</u>chão</i>	0	1
<i>apaix<u>o</u>nante</i>	0	1	<i>co<u>l</u>eção</i>	0	2
<i>apav<u>o</u>rada</i>	0	1	<i>co<u>l</u>eçãozinha</i>	0	1
<i>apav<u>o</u>rados</i>	0	1	<i>co<u>l</u>ecionando</i>	0	1
<i>apro<u>v</u>eitar</i>	0	1	<i>co<u>l</u>ega</i>	4	18
<i>apro<u>v</u>eitava</i>	0	2	<i>co<u>l</u>egas</i>	0	1
<i>apro<u>v</u>eitei</i>	0	1	<i>co<u>l</u>egial</i>	0	3
<i>apro<u>v</u>eitou</i>	0	1	<i>co<u>l</u>égio</i>	0	1
<i>apro<u>x</u>imação</i>	0	1	<i>co<u>l</u>esterol</i>	0	1
<i>arro<u>m</u>bou</i>	0	1	<i>co<u>l</u>eta</i>	0	2
<i>ass<u>o</u>reada</i>	0	1	<i>co<u>l</u>etava</i>	0	1
<i>ato<u>r</u>mentação</i>	0	1	<i>co<u>l</u>heita</i>	0	2
<i>atro<u>f</u>iado</i>	0	1	<i>co<u>l</u>oca</i>	0	2
<i>auto<u>r</u>idade</i>	0	1	<i>co<u>l</u>ocado</i>	0	1
<i>auto<u>r</u>izou</i>	0	1	<i>col<u>o</u>cado</i>	0	1
<i>bo<u>n</u>é</i>	1	3	<i>co<u>l</u>ocam</i>	0	1
<i>Bo<u>n</u>ifácio</i>	1	3	<i>co<u>l</u>ocamos</i>	0	2
<i>bo<u>n</u>ita</i>	1	1	<i>col<u>o</u>camos</i>	0	2
<i>bo<u>n</u>itinho</i>	1	1	<i>co<u>l</u>ocar</i>	0	2
<i>bo<u>n</u>itinhos</i>	1	1	<i>col<u>o</u>car</i>	0	2
<i>bo<u>n</u>ito</i>	4	4	<i>co<u>l</u>ocaram</i>	0	1
<i>bo<u>r</u>rador</i>	0	2	<i>col<u>o</u>caram</i>	0	1
<i>bo<u>s</u>teiro</i>	0	3	<i>col<u>o</u>cava</i>	0	2

<i>colocava</i>	0	2	<i>comprar</i>	0	10
<i>colocavam</i>	0	2	<i>comprava</i>	0	3
<i>colocavam</i>	0	2	<i>compreende</i>	1	2
<i>colocou</i>	0	9	<i>comprei</i>	0	2
<i>colocou</i>	0	9	<i>compridas</i>	1	1
<i>coloquei</i>	0	8	<i>compromisso</i>	0	1
<i>coloquei</i>	0	8	<i>compromisso</i>	0	1
<i>colorido</i>	0	1	<i>compromissos</i>	0	1
<i>colorido</i>	0	1	<i>compromissos</i>	0	1
<i>colostro</i>	0	1	<i>comprou</i>	0	3
<i>coluna</i>	0	1	<i>comprovado</i>	0	1
<i>comandante</i>	0	2	<i>comprovado</i>	0	1
<i>combinado</i>	0	1	<i>comprovados</i>	0	2
<i>combinando</i>	0	2	<i>comprovados</i>	0	2
<i>combinaram</i>	0	1	<i>computação</i>	1	1
<i>combinei</i>	0	1	<i>computador</i>	0	4
<i>combinou</i>	0	1	<i>computadores</i>	0	1
<i>começa</i>	1	7	<i>conclusão</i>	0	1
<i>começamos</i>	2	3	<i>concurso</i>	0	4
<i>começando</i>	0	1	<i>condenada</i>	0	1
<i>começar</i>	0	7	<i>condição</i>	0	3
<i>começaram</i>	3	6	<i>condições</i>	0	6
<i>começava</i>	3	7	<i>conduta</i>	0	3
<i>comecei</i>	30	51	<i>confecção</i>	0	2
<i>começo</i>	1	6	<i>confia</i>	0	1
<i>começo</i>	0	2	<i>confiança</i>	0	2
<i>começou</i>	22	53	<i>confiante</i>	0	1
<i>comédia</i>	0	1	<i>confiar</i>	1	2
<i>comemos</i>	0	2	<i>confio</i>	0	2
<i>comendo</i>	2	2	<i>conflitos</i>	0	1
<i>comentando</i>	0	1	<i>conformar</i>	0	1
<i>comentava</i>	0	1	<i>conformar</i>	0	1
<i>comentei</i>	1	5	<i>conformava</i>	0	1
<i>comentou</i>	0	1	<i>conformava</i>	0	1
<i>comer</i>	2	11	<i>conformo</i>	0	1
<i>comercial</i>	0	2	<i>conhece</i>	1	4
<i>comércio</i>	0	6	<i>conhecemos</i>	0	2
<i>comi</i>	0	1	<i>conhecendo</i>	1	2
<i>comia</i>	1	1	<i>conhecer</i>	3	7
<i>comida</i>	4	4	<i>conheceu</i>	1	1
<i>comissão</i>	0	1	<i>conheci</i>	5	11
<i>comissária</i>	0	1	<i>conhecia</i>	4	5
<i>compadre</i>	2	2	<i>conhecido</i>	0	2
<i>compaixão</i>	0	1	<i>conhecido</i>	0	1
<i>companheiro</i>	0	1	<i>conhecimento</i>	0	2
<i>companhia</i>	0	2	<i>consciência</i>	0	1
<i>completo</i>	0	1	<i>consegue</i>	0	2
<i>complicado</i>	0	2	<i>consegui</i>	0	5
<i>comprado</i>	0	1	<i>conseguiu</i>	0	9
<i>comprando</i>	0	1	<i>conseguido</i>	0	1

<i>con<u>se</u>guimos</i>	0	2	<i>con<u>vers</u>amos</i>	0	4
<i>con<u>se</u>guindo</i>	0	3	<i>con<u>vers</u>ando</i>	1	15
<i>con<u>se</u>guir</i>	0	7	<i>con<u>vers</u>ar</i>	3	22
<i>con<u>se</u>guisse</i>	0	1	<i>con<u>vers</u>ava</i>	1	6
<i>con<u>se</u>guiu</i>	0	2	<i>con<u>vers</u>avam</i>	0	1
<i>con<u>se</u>lho</i>	0	2	<i>con<u>verse</u>i</i>	1	4
<i>con<u>se</u>rtar</i>	1	1	<i>con<u>vers</u>ou</i>	1	12
<i>con<u>se</u>rto</i>	2	2	<i>con<u>vid</u>ou</i>	0	4
<i>con<u>se</u>rvação</i>	0	1	<i>con<u>viv</u>ência</i>	0	2
<i>con<u>se</u>derava</i>	0	1	<i>co<u>ra</u>ção</i>	0	8
<i>con<u>se</u>dero</i>	0	1	<i>co<u>ra</u>gem</i>	0	4
<i>con<u>se</u>gno</i>	0	3	<i>Co<u>ra</u>lina</i>	0	1
<i>Co<u>ns</u>tant</i>	0	1	<i>co<u>rd</u>ão</i>	0	1
<i>con<u>st</u>ante</i>	0	1	<i>co<u>ron</u>el</i>	0	6
<i>con<u>st</u>rangedor</i>	0	1	<i>co<u>ro</u>nel</i>	0	6
<i>con<u>st</u>ruindo</i>	0	1	<i>co<u>rr</u>edor</i>	0	1
<i>con<u>st</u>ruir</i>	0	1	<i>co<u>rr</u>eio</i>	0	2
<i>con<u>st</u>ruiu</i>	0	3	<i>co<u>rr</u>endo</i>	1	19
<i>con<u>ta</u>bilidade</i>	0	20	<i>co<u>rr</u>ente</i>	0	2
<i>con<u>ta</u>bilidades</i>	0	1	<i>co<u>rr</u>enteza</i>	0	1
<i>con<u>ta</u>da</i>	0	1	<i>co<u>rr</u>er</i>	0	1
<i>con<u>ta</u>do</i>	0	1	<i>co<u>rr</u>eram</i>	0	3
<i>con<u>ta</u>dor</i>	0	2	<i>co<u>rr</u>espondeu</i>	0	1
<i>con<u>ta</u>dores</i>	0	1	<i>co<u>rr</u>espondido</i>	0	2
<i>con<u>ta</u>gia</i>	0	1	<i>co<u>rr</u>eu</i>	0	5
<i>con<u>ta</u>mos</i>	0	1	<i>co<u>rr</u>ia</i>	0	3
<i>con<u>ta</u>ndo</i>	0	1	<i>co<u>rt</u>ado</i>	0	2
<i>con<u>ta</u>ntar</i>	0	12	<i>co<u>rt</u>ar</i>	0	4
<i>con<u>ta</u>ntasse</i>	0	2	<i>co<u>rt</u>ava</i>	0	2
<i>con<u>ta</u>nto</i>	0	7	<i>co<u>rt</u>ei</i>	0	1
<i>con<u>te</u>i</i>	0	4	<i>co<u>rt</u>ou</i>	0	4
<i>con<u>te</u>nte</i>	0	4	<i>co<u>st</u>umo</i>	1	1
<i>con<u>ti</u>nua</i>	0	2	<i>co<u>st</u>urando</i>	1	1
<i>con<u>ti</u>nuamos</i>	0	2	<i>co<u>st</u>urar</i>	3	3
<i>con<u>ti</u>nuar</i>	0	2	<i>co<u>st</u>urava</i>	1	1
<i>con<u>ti</u>nuava</i>	0	1	<i>co<u>st</u>ureira</i>	1	1
<i>con<u>ti</u>inuei</i>	0	1	<i>co<u>to</u>velo</i>	1	1
<i>con<u>ti</u>nuidade</i>	0	1	<i>co<u>to</u>velo</i>	1	1
<i>con<u>ti</u>nua</i>	0	2	<i>co<u>z</u>ida</i>	1	1
<i>con<u>ti</u>nuou</i>	1	5	<i>co<u>z</u>idinho</i>	1	1
<i>con<u>to</u>rnar</i>	0	1	<i>co<u>z</u>inha (nome)</i>	1	2
<i>con<u>to</u>u</i>	0	12	<i>co<u>z</u>inhar</i>	2	3
<i>con<u>tr</u>ário</i>	0	2	<i>co<u>z</u>inheira</i>	2	2
<i>con<u>tr</u>atadas</i>	0	1	<i>de<u>co</u>lava</i>	0	1
<i>con<u>tr</u>atando</i>	0	1	<i>de<u>co</u>lei</i>	0	1
<i>con<u>tr</u>atar</i>	0	2	<i>de<u>co</u>rar</i>	0	1
<i>con<u>tr</u>atou</i>	0	3	<i>de<u>mo</u>rar</i>	0	1
<i>con<u>tr</u>ole</i>	0	1	<i>de<u>mo</u>rava</i>	0	1
<i>con<u>u</u>vênio</i>	0	2	<i>de<u>mo</u>rou</i>	0	2
<i>con<u>u</u>versa</i>	0	2	<i>de<u>no</u>minado</i>	0	1

<i>desc<u>o</u>bri</i>	7	7	<i>en<u>f</u>orc<u>a</u>rem</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>brimos</i>	1	1	<i>eng<u>o</u>r<u>d</u>ei</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>brindo</i>	1	1	<i>en<u>r</u>o<u>l</u>ou</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>brir</i>	3	3	<i>en<u>r</u>o<u>s</u>cada</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>briram</i>	1	1	<i>ent<u>o</u>r<u>p</u>ecente</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>briu</i>	1	1	<i>ent<u>o</u>r<u>t</u>ou</i>	0	2
<i>desc<u>o</u>lou</i>	0	2	<i>env<u>o</u>l<u>v</u>er</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>nfiar</i>	0	2	<i>es<u>b</u>orrachou</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>nfiava</i>	0	1	<i>esclero<u>s</u>ada</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>ntar</i>	0	2	<i>escol<u>h</u>eu</i>	0	1
<i>desc<u>o</u>ntrolado</i>	0	1	<i>escol<u>h</u>ia</i>	0	1
<i>descont<u>r</u>olado</i>	0	1	<i>escol<u>h</u>iam</i>	1	1
<i>desc<u>o</u>rçoada</i>	0	1	<i>escol<u>h</u>ida</i>	1	1
<i>desenv<u>o</u>lvendo</i>	0	1	<i>escol<u>h</u>ida</i>	0	1
<i>desenv<u>o</u>lvimento</i>	0	1	<i>escol<u>h</u>ido</i>	1	1
<i>dev<u>o</u>lveram</i>	0	1	<i>escol<u>h</u>ido</i>	1	1
<i>diag<u>o</u>nal</i>	0	1	<i>escol<u>h</u>idos</i>	1	3
<i>dino<u>s</u>sauro</i>	0	1	<i>escon<u>d</u>er</i>	0	1
<i>diret<u>o</u>ria</i>	0	5	<i>escon<u>d</u>eu</i>	0	1
<i>div<u>o</u>rciado</i>	0	1	<i>escon<u>d</u>ia</i>	3	3
<i>do<u>b</u>ramos</i>	0	1	<i>escon<u>d</u>ida</i>	1	1
<i>do<u>b</u>rar</i>	0	1	<i>escon<u>d</u>ando</i>	0	1
<i>do<u>b</u>rou</i>	0	1	<i>escon<u>d</u>regou</i>	1	1
<i>dom<u>é</u>stica</i>	0	1	<i>ferro<u>v</u>iário</i>	0	1
<i>dom<u>í</u>ngo</i>	5	5	<i>fervo<u>r</u>osa</i>	0	1
<i>do<u>r</u>mi</i>	3	3	<i>flor<u>i</u>do</i>	0	1
<i>do<u>r</u>mia</i>	8	8	<i>fo<u>r</u>mado</i>	0	2
<i>do<u>r</u>mando</i>	5	5	<i>fo<u>r</u>madora</i>	0	1
<i>do<u>r</u>mir</i>	7	7	<i>fo<u>r</u>madados</i>	0	1
<i>do<u>r</u>miu</i>	1	1	<i>fo<u>r</u>mat<u>u</u>ra</i>	0	2
<i>dro<u>g</u>ado</i>	0	2	<i>fo<u>r</u>mavam</i>	0	2
<i>econ<u>o</u>mia</i>	0	1	<i>fo<u>r</u>mávamos</i>	0	2
<i>econ<u>o</u>mia</i>	0	1	<i>fo<u>r</u>mei</i>	0	1
<i>econ<u>o</u>mica</i>	0	1	<i>frigor<u>í</u>fico</i>	4	4
<i>elo<u>g</u>iava</i>	0	1	<i>gas<u>o</u>lina</i>	2	2
<i>emo<u>ç</u>ão</i>	0	1	<i>Gol<u>f</u>inho</i>	0	1
<i>emo<u>ç</u>ionado</i>	0	1	<i>gol<u>z</u>inho</i>	0	1
<i>emo<u>ç</u>ionar</i>	0	1	<i>go<u>r</u>dura</i>	2	2
<i>emo<u>ç</u>iono</i>	0	1	<i>go<u>s</u>tando</i>	0	2
<i>emo<u>ç</u>ionou</i>	0	1	<i>go<u>s</u>tar</i>	0	2
<i>enc<u>o</u>lhia</i>	1	1	<i>go<u>s</u>taria</i>	0	5
<i>enc<u>o</u>ntrá-la</i>	0	1	<i>go<u>s</u>tava</i>	0	19
<i>enc<u>o</u>ntramos</i>	0	1	<i>go<u>s</u>tei</i>	0	5
<i>enc<u>o</u>ntrando</i>	0	2	<i>go<u>s</u>tosa</i>	0	2
<i>enc<u>o</u>ntrar</i>	0	5	<i>go<u>s</u>tosos</i>	0	4
<i>enc<u>o</u>ntrava</i>	0	3	<i>go<u>s</u>tou</i>	0	5
<i>enc<u>o</u>ntrei</i>	0	5	<i>go<u>v</u>ernador</i>	0	2
<i>enc<u>o</u>stado</i>	0	1	<i>go<u>v</u>erno</i>	0	2
<i>enc<u>o</u>star</i>	0	1	<i>go<u>z</u>ação</i>	0	1
<i>enc<u>o</u>stou</i>	0	1	<i>hemo<u>r</u>ragia</i>	0	2

<i>humorista</i>	0	1	<i>moral</i>	0	1
<i>importado</i>	0	1	<i>morando</i>	0	5
<i>importante</i>	0	4	<i>morar</i>	0	13
<i>importava</i>	0	1	<i>moratória</i>	0	1
<i>impossível</i>	1	1	<i>morava</i>	0	32
<i>informação</i>	0	2	<i>mordida</i>	0	1
<i>informática</i>	0	7	<i>morei</i>	0	4
<i>insuportável</i>	0	2	<i>moreno</i>	0	4
<i>irresponsabilidade</i>	0	1	<i>morou</i>	0	4
<i>japones</i>	0	2	<i>morrendo</i>	0	4
<i>jogada</i>	0	1	<i>morrer</i>	0	4
<i>jogadores</i>	0	1	<i>morreu</i>	0	8
<i>jogamos</i>	0	1	<i>morri</i>	0	1
<i>jogando</i>	0	1	<i>morrido</i>	3	5
<i>jogar</i>	0	15	<i>mostrando</i>	0	1
<i>jogava</i>	0	2	<i>mostrar</i>	0	2
<i>jogou</i>	0	1	<i>mostrava</i>	0	1
<i>joguei</i>	0	5	<i>mostrou</i>	0	1
<i>jornal</i>	0	2	<i>motivo</i>	2	2
<i>José</i>	4	4	<i>motorista</i>	0	2
<i>laboratório</i>	0	1	<i>motorista</i>	0	2
<i>laboratórios</i>	0	1	<i>motorizado</i>	0	1
<i>locais</i>	0	3	<i>motorizado</i>	0	1
<i>locomoção</i>	0	1	<i>movimentado</i>	0	1
<i>locomoção</i>	0	1	<i>movimentava</i>	0	1
<i>locomoção</i>	0	1	<i>movimento</i>	0	2
<i>lojista</i>	0	1	<i>namorada</i>	0	1
<i>longinho</i>	0	1	<i>namorado</i>	1	5
<i>lotadinho</i>	0	2	<i>namorados</i>	0	3
<i>lotado</i>	0	3	<i>namoramos</i>	0	3
<i>loteamento</i>	0	1	<i>namorando</i>	0	10
<i>maloqueiro</i>	0	2	<i>namorar</i>	1	18
<i>melhorando</i>	0	6	<i>namorasse</i>	0	1
<i>melhorar</i>	0	1	<i>namorava</i>	0	4
<i>melhorei</i>	0	2	<i>namorico</i>	0	1
<i>Mirassolândia</i>	0	2	<i>namorou</i>	0	1
<i>mobilidade</i>	0	1	<i>neurologista</i>	0	7
<i>mocidade</i>	0	2	<i>neurologista</i>	0	7
<i>mocinha</i>	0	1	<i>noção</i>	0	4
<i>modelo</i>	0	1	<i>nomeava</i>	0	1
<i>modificar</i>	0	1	<i>Nordeste</i>	0	1
<i>molecada</i>	2	2	<i>normal</i>	0	18
<i>moleque</i>	28	28	<i>notícia</i>	0	1
<i>molequinho</i>	3	3	<i>noticiário</i>	0	1
<i>momento</i>	1	10	<i>noturnas</i>	0	1
<i>monstrinho</i>	0	1	<i>noturnos</i>	0	1
<i>montamos</i>	0	2	<i>novidade</i>	0	1
<i>montanha-russa</i>	0	7	<i>novilha</i>	1	1
<i>montar</i>	0	6	<i>novinho</i>	0	2
<i>montei</i>	0	5	<i>ocorrência</i>	0	1

<i>ocorrido</i>	0	1	<i>progr<u>a</u>ma</i>	0	5
<i>oportu<u>n</u>idade</i>	2	8	<i>progr<u>a</u>mar</i>	0	1
<i>Pastor<u>i</u>nho</i>	0	2	<i>progr<u>a</u>mas</i>	0	2
<i>patroc<u>i</u>ne</i>	0	1	<i>progr<u>a</u>mou</i>	0	1
<i>p<u>o</u>der</i>	2	8	<i>prog<u>r</u>edir</i>	0	1
<i>p<u>o</u>deria</i>	2	5	<i>proje<u>ç</u>ão</i>	0	2
<i>p<u>o</u>dermos</i>	0	1	<i>projet<u>a</u>ndo</i>	0	1
<i>p<u>o</u>dia</i>	33	33	<i>proj<u>e</u>to</i>	0	9
<i>p<u>o</u>legadas</i>	0	1	<i>prolong<u>a</u>do</i>	0	1
<i>p<u>o</u>lenta</i>	1	1	<i>prolong<u>a</u>do</i>	0	1
<i>p<u>o</u>lícia</i>	10	10	<i>prom<u>e</u>teu</i>	0	1
<i>p<u>o</u>licial</i>	1	1	<i>prom<u>e</u>tia</i>	1	1
<i>p<u>o</u>lítica</i>	4	4	<i>prom<u>o</u>tor</i>	0	1
<i>p<u>o</u>líticas</i>	1	1	<i>prom<u>o</u>tor</i>	0	1
<i>p<u>o</u>lítico</i>	3	3	<i>prop<u>a</u>ganda</i>	0	1
<i>p<u>o</u>lução</i>	0	1	<i>prop<u>o</u>rcionar</i>	0	1
<i>p<u>o</u>lvorosa</i>	0	1	<i>prop<u>o</u>rcionar</i>	0	1
<i>polv<u>o</u>rosa</i>	0	1	<i>prop<u>o</u>s</i>	0	1
<i>p<u>o</u>mada</i>	0	3	<i>prote<u>ç</u>ão</i>	0	2
<i>p<u>o</u>nhava</i>	0	1	<i>prot<u>e</u>tora</i>	0	1
<i>p<u>o</u>ntilhão</i>	1	1	<i>prot<u>e</u>tores</i>	0	1
<i>p<u>o</u>rtão</i>	0	12	<i>prov<u>a</u>r</i>	0	1
<i>p<u>o</u>rteiro</i>	0	2	<i>provid<u>ê</u>ncia</i>	0	1
<i>P<u>o</u>rtuguesa</i>	0	1	<i>prov<u>o</u>ca</i>	0	1
<i>p<u>o</u>sição</i>	0	2	<i>prov<u>o</u>cando</i>	0	1
<i>p<u>o</u>sitivo</i>	0	1	<i>prov<u>o</u>cando</i>	0	1
<i>p<u>o</u>ssível</i>	2	2	<i>prov<u>o</u>cou</i>	0	1
<i>p<u>o</u>star</i>	0	1	<i>prov<u>o</u>cou</i>	0	1
<i>p<u>o</u>stinho</i>	0	1	<i>rec<u>o</u>lhimento</i>	1	1
<i>p<u>o</u>tencial</i>	0	2	<i>recon<u>h</u>ece</i>	0	1
<i>prim<u>o</u>rosa</i>	0	1	<i>recon<u>h</u>ecem</i>	0	1
<i>pro<u>b</u>lema</i>	0	26	<i>reco<u>r</u>dei</i>	0	1
<i>pro<u>b</u>lemas</i>	0	7	<i>refo<u>r</u>mando</i>	0	2
<i>pro<u>b</u>leminha</i>	0	2	<i>refo<u>r</u>mar</i>	0	1
<i>pro<u>c</u>edimento</i>	0	3	<i>remo<u>v</u>ido</i>	0	1
<i>pro<u>c</u>urando</i>	1	1	<i>res<u>o</u>lvemos</i>	0	2
<i>pro<u>c</u>urar</i>	1	4	<i>res<u>o</u>lvendo</i>	0	1
<i>pro<u>c</u>urava</i>	2	2	<i>res<u>o</u>lver</i>	0	3
<i>pro<u>c</u>urei</i>	1	3	<i>res<u>o</u>lveu</i>	0	4
<i>pro<u>d</u>uto</i>	0	3	<i>res<u>o</u>lvi</i>	0	9
<i>pro<u>d</u>utos</i>	0	3	<i>respo<u>n</u>dia</i>	0	1
<i>pro<u>f</u>essor</i>	0	6	<i>respo<u>n</u>sabilidade</i>	0	1
<i>pro<u>f</u>essora</i>	0	10	<i>respo<u>n</u>sável</i>	0	1
<i>pro<u>f</u>essores</i>	0	3	<i>resso<u>n</u>ância</i>	0	2
<i>pro<u>f</u>issão</i>	0	1	<i>rev<u>o</u>ltada</i>	0	1
<i>pro<u>f</u>issional</i>	0	1	<i>rev<u>o</u>ltados</i>	0	1
<i>pro<u>f</u>issões</i>	0	1	<i>rev<u>o</u>ltou</i>	0	1
<i>pro<u>f</u>unda</i>	0	1	<i>rev<u>o</u>lução</i>	0	2
<i>pro<u>f</u>undidade</i>	0	1	<i>rig<u>o</u>roso</i>	0	1
<i>pro<u>f</u>undo</i>	0	1	<i>ro<u>d</u>ar</i>	0	1

<i>rodopiou</i>	0	1	<i>to<u>ca</u>r</i>	0	3
<i>rodopiou</i>	0	1	<i>to<u>ca</u>va</i>	0	2
<i>rodovia</i>	0	5	<i>to<u>co</u></i>	0	1
<i>rodovia</i>	0	5	<i>to<u>di</u>nha</i>	0	1
<i>rodoviária</i>	0	9	<i>To<u>le</u>do</i>	0	1
<i>rodoviária</i>	0	9	<i>to<u>ma</u>do</i>	0	1
<i>rodoviário</i>	0	1	<i>to<u>ma</u>ndo</i>	0	15
<i>rodoviário</i>	0	1	<i>to<u>ma</u>r</i>	0	14
<i>rolado</i>	0	1	<i>to<u>ma</u>va</i>	0	6
<i>rolaram</i>	0	1	<i>to<u>me</u>i</i>	0	5
<i>Rolim</i>	0	2	<i>to<u>mo</u></i>	0	7
<i>Rondon</i>	0	6	<i>to<u>nt</u>inha</i>	0	1
<i>rotina</i>	0	3	<i>to<u>que</u>i</i>	0	1
<i>sobrinha</i>	1	1	<i>to<u>rc</u>endo</i>	0	1
<i>sobrinho</i>	1	1	<i>to<u>rc</u>er</i>	0	1
<i>sobrinhos</i>	1	1	<i>to<u>rm</u>ento</i>	0	2
<i>sociedade</i>	0	2	<i>to<u>rn</u>aria</i>	0	1
<i>socorrer</i>	0	1	<i>to<u>rn</u>ava</i>	0	1
<i>socorrer</i>	0	1	<i>to<u>rne</u>ira</i>	0	2
<i>socorro</i>	0	2	<i>to<u>ta</u></i>	0	1
<i>sofá</i>	0	1	<i>transfo<u>rm</u>ação</i>	0	1
<i>sofisticado</i>	0	1	<i>tro<u>ca</u>do</i>	0	1
<i>sofrendo</i>	0	2	<i>tro<u>ca</u>ndo</i>	0	1
<i>sofrer</i>	0	1	<i>tro<u>ca</u>r</i>	0	3
<i>sofreu</i>	0	1	<i>tro<u>ca</u>vam</i>	0	1
<i>sofri</i>	2	7	<i>tro<u>f</u>éu</i>	0	1
<i>sofria</i>	0	1	<i>tro<u>pe</u>ção</i>	0	1
<i>sofrido</i>	1	1	<i>tro<u>pe</u>çou</i>	0	1
<i>sofrimento</i>	0	1	<i>tro<u>que</u>i</i>	0	1
<i>soldado</i>	0	1	<i>vergo<u>nh</u>oso</i>	0	1
<i>solidão</i>	0	1	<i>vit<u>o</u>riosa</i>	0	1
<i>soltar</i>	0	1	<i>vitro<u>z</u>inho</i>	0	1
<i>soltei</i>	0	2	<i>vo<u>lt</u>ada</i>	0	1
<i>solteiro</i>	0	1	<i>vo<u>lt</u>amos</i>	0	8
<i>solteiros</i>	0	1	<i>vo<u>lt</u>ando</i>	0	4
<i>solução</i>	0	1	<i>vo<u>lt</u>ar</i>	0	16
<i>sondagem</i>	0	1	<i>vo<u>lt</u>aram</i>	0	1
<i>sonhava</i>	0	1	<i>vo<u>lt</u>ava</i>	0	4
<i>sopinha</i>	0	1	<i>vo<u>lte</u>i</i>	0	19
<i>sorriso</i>	0	1	<i>vo<u>lt</u>ou</i>	0	6
<i>sosegado</i>	2	2	<i>vo<u>l</u>ume</i>	0	1
<i>Teleco<u>m</u>unicação</i>	0	1	<i>vo<u>mi</u>ta</i>	1	1
<i>temporão</i>	0	1	<i>vo<u>nt</u>ade</i>	0	9
<i>tocando</i>	0	2			

ANEXO B – Classificação das ocorrências de redução vocálica em *grupos* ou *palavras isoladas*

Vogal /e/

<i>D[i]spesa</i>	2	2
<i>D[i]spesas</i>	1	1

Grupo 1

<i>P[i]quena</i>	9	9
<i>P[i]quenas</i>	1	1
<i>P[i]queno</i>	9	9
<i>P[i]quenos</i>	1	1

Grupo 2

<i>Prof[i]ssor</i>	2	5
<i>Prof[i]ssora</i>	5	10

Grupo 3

<i>S[i]nhor</i>	11	18
<i>S[i]nhora</i>	11	11
<i>S[i]nhoras</i>	1	1

Grupo 4

<i>T[i]soura</i>	1	1
<i>T[i]soureiro</i>	3	3

Grupo 5

<i>Acont[i]ceu</i>	7	43
<i>Ap[i]guei</i>	1	3
<i>Com[i]çou</i>	1	52
<i>Conh[i]cendo</i>	1	2
<i>D[i]sconfiar</i>	1	1
<i>D[i]scontar</i>	2	2
<i>D[i]screver</i>	1	1
<i>D[i]smaiei</i>	1	1
<i>D[i]spertou</i>	3	3
<i>Fut[i]bol</i>	2	2
<i>M[i]lhor</i>	2	18
<i>Par[i]cendo</i>	1	1
<i>Perc[i]besse</i>	1	1
<i>Trav[i]sseirinho</i>	1	1

Palavras isoladas

Vogal /o/

<i>Alm[u]çado</i>	1	1
<i>Alm[u]çar</i>	1	1
<i>Alm[u]cei</i>	4	4
<i>Alm[u]çou</i>	1	1

Grupo 1

<i>C[u]meça</i>	1	7
<i>C[u]meçamos</i>	2	3
<i>C[u]meçaram</i>	3	6
<i>C[u]meçava</i>	3	7
<i>C[u]mecei</i>	30	51
<i>C[u]meço</i>	1	6
<i>C[u]meçou</i>	21	52

Grupo 2

<i>C[u]mendo</i>	2	2
<i>C[u]mer</i>	2	11

Grupo 3

<i>C[u]nhece</i>	1	4
<i>C[u]nhecer</i>	3	7
<i>C[u]nheceu</i>	1	1
<i>C[u]nhecia</i>	1	5

Grupo 4

<i>C[u]nsertar</i>	1	1
<i>C[u]nserto</i>	2	2

Grupo 5

<i>C[u]nversando</i>	1	15
<i>C[u]nversar</i>	3	22
<i>C[u]nversava</i>	1	6
<i>C[u]nversei</i>	1	4
<i>C[u]nversou</i>	1	12

Grupo 6

<i>M[u]lecada</i>	2	2
<i>M[u]leque</i>	28	28
<i>M[u]lequinho</i>	3	3

Grupo 7

<i>Nam[u]rado</i>	1	5
<i>Nam[u]rar</i>	1	18

Grupo 8

<i>P[u]der</i>	2	8
<i>P[u]deria</i>	2	5

Grupo 9

<i>Ac[u]mpanhar</i>	1	2
<i>Ac[u]nchego</i>	1	1
<i>B[u]né</i>	1	3
<i>B[u]tei</i>	1	1
<i>Ch[u]rei</i>	2	7
<i>C[u]bertor</i>	2	2
<i>C[u]lega</i>	4	18
<i>C[u]mentei</i>	1	5
<i>C[u]mpadre</i>	2	2
<i>C[u]rrendo</i>	1	19
<i>Cot[u]velo</i>	1	1
<i>Esc[u]rregou</i>	1	1
<i>J[u]sé</i>	4	4
<i>M[u]mento</i>	1	10
<i>P[u]lenta</i>	1	1
<i>S[u]ssegado</i>	2	2

Palavras isoladas

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, ____/____/____

Assinatura